ROSS PETERSON

O NOVO EDGAR CAYCE

ALLEN SPRAGGETT

Tradução: Amadeu Antônio

ROSS PETERSON

(Peter Weber)
O Novo Edgar Cayce

POR ALLEN SPRAGGETT

Prefácio de F. Logan Stanfield, M.D.

1977

PREFÁCIO

por F. Logan Stanfield,
Licenciado em M.E., M.M.E., M.D.

Como psiquiatra e psicanalista, interesso-me naturalmente por tudo o que possa lançar nova luz sobre o vasto mistério da mente humana.

Este livro notável contribui de forma significativa para a elucidação dos poderes paranormais ocultos da mente e, mais importante ainda, para a compreensão de como esses poderes podem ser manifestados voluntariamente.

Ross Peterson, o protagonista deste relato impressionantemente documentado, é um homem invulgar. Mas é invulgar, estou convencido disso pelos meus estudos pessoais sobre ele, não porque possua dons únicos, mas porque aprendeu a desenvolver potencialidades que muitos — senão todos — nós possuímos.

Para mim, o principal significado deste livro surpreendente reside na clara implicação de que o funcionamento psíquico — no sentido da demonstração consistente de perceção extrasasensorial (ESP) — é essencialmente uma competência humana normal que, como qualquer outra, pode ser adquirida através de motivação adequada, treino e diligência.

Recomendo este livro, como registo fiel do notável percurso pioneiro de realizações psíquicas de um homem, a todos aqueles que, como eu, acreditam no potencial ilimitado do ser humano.

ÍNDICE

ABERTURA

Capítulo Um: TESTADO NA TELEVISÃO
Capítulo Dois: O VIDENTE IMPROVÁVEL
Capítulo Três: A FORMAÇÃO DE UM VIDENTE
Capítulo Quatro: O VIDENTE ENCONTRA UM PSICÓLOGO
Capítulo Cinco: UMA AVALIAÇÃO MÉDICA DO VIDENTE
Capítulo Seis: O GUARDA-LIVROS CÁRMICO
Capítulo Sete: OS SUCESSOS DO VIDENTE: ALGUNS CASOS CLÍNICOS

Capítulo Oito: UMA FARMACOPEIA PSÍQUICA E GUIA PARA A BOA SAÚDE
Capítulo Nove: O INTÉRPRETE DOS SONHOS
Capítulo Dez: LEITURAS SOBRE DEUS E UMA VIDA APÓS A MORTE
Capítulo Onze: O QUE AS LEITURAS ENSINAM SOBRE CASAMENTO, DIVÓRCIO, ABORTO, SEXO E SANTIDADE
Capítulo Doze: A FORMA DAS COISAS QUE FORAM
Capítulo Treze: A FORMA DAS COISAS QUE VIRÃO
Capítulo Catorze: COMO SE TORNAR O SEU PRÓPRIO VIDENTE

ABERTURA

Tudo é perdoado àquele
que possui perfeita franqueza.

— Walt Whitman

Esta é a biografia mais franca alguma vez escrita sobre um médium vivo.

Quando vi Ross Peterson pela primeira vez, o protagonista deste livro (que me fora descrito como nada menos do que “um segundo Edgar Cayce”), tive uma reação visceral imediata. Desconfiei intensamente dele.

Cheguei mesmo a dizer ao meu acompanhante:
— Aposto que o tipo já teve seis mulheres e passou pela prisão.

Afinal, estava certo. Em ambos os casos.

Peterson, vim a saber mais tarde, encontrava-se então no seu sexto casamento (posteriormente viria a casar-se pela sétima vez) e tinha passado por mais de uma cela de prisão, sobretudo, ao que parece, por

pequenos episódios decorrentes de dificuldades com uma das suas várias esposas.

Sim, admito que, nesse primeiro encontro, mesmo antes de falar com o homem, o julguei antecipadamente. E julguei também os seus alegados poderes psíquicos.

— Psíquico? — resmunguei. — Ele é tão psíquico como um ornitorrinco!

No entanto, tive de engolir essas palavras, e é por isso que este livro está a ser escrito.

É a retratação de um antigo herege.

Ross Peterson revelou-se possivelmente o mais notável clarividente em transe existente hoje no mundo.

Sendo eu um apreciador experiente de médiuns, videntes, sensitivos, leitores de chá e de Tarot, astrólogos e outros praticantes de artes divinatórias, confesso que fiquei espantado com a amplitude dos seus poderes paranormais.

Contudo, só após um ano inteiro a verificar e a confirmar repetidamente as suas alegadas capacidades psíquicas é que fui finalmente arrastado — a pontapés e aos gritos — para o campo dos convertidos.

Enquanto biografia de um médium contemporâneo, este livro tem pelo menos uma diferença notável em relação a outros do mesmo género: não glorifica o seu protagonista. Nem ele o deseja.

Tal como Cromwell (ou teria sido Lincoln?), disse:
— Deixem ficar as verrugas.

Ross Peterson não pretende corresponder à imagem de um santo de vitral. Ao contrário do falecido bispo James A. Pike, cuja biografia póstuma revelou que a sua vida privada, repleta de sexo, escândalo, engano e alcoolismo, era uma flagrante contradição da sua imagem pública, Peterson não tem qualquer desejo de parecer diferente daquilo que é.

— Como se costuma dizer, que fique tudo à vista — disse-me quando discutíamos a forma como este livro deveria ser escrito.

Peterson não aspira a ser mais um guru, de túnica branca ou de qualquer outra cor, a pregar iluminação instantânea aos que o veneram. Nem reivindica direitos de autor sobre revelações vindas do alto. Tampouco se arroga, à maneira papal, qualquer espécie de quase-infalibilidade nas suas leituras psíquicas.

— Cada leitura — diz ele — tem de se sustentar por si própria. Tem de ser verificada. A esmagadora maioria prova ser verdadeira e útil para a pessoa a quem é dada. Mas não reclamo uma infalibilidade absoluta para tudo o que digo, em transe ou fora dele.

Ross Peterson é, antes de mais, um ser humano. É terreno, profundamente terreno. Pode ser exasperantemente rude e grosseiro por vezes e, noutras ocasiões, comoventemente bondoso e compassivo.

Após uma travessia muito tempestuosa pelos mares do matrimónio, sagrado e profano, acredita ter finalmente encontrado verdadeira harmonia com a sua sétima esposa, Irva, mas não deseja ocultar o percurso errático que o levou ao seu atual estado de paz interior. (E acredito que encontrou, de facto, uma paz de espírito genuína.)

A par dessa paz interior, aprendeu — a um custo elevado em autodisciplina — a aceder a uma Fonte de conhecimento psíquico tão vasta, tão abrangente, tão praticamente universal no seu alcance, que penso poder ser justamente comparada à do falecido e grande Edgar Cayce.

Numa frase: Ross Peterson, ao longo dos quarenta e sete anos da sua vida, evoluiu, através de uma luta dolorosa, de um vagabundo moral e espiritual para um dos génios psíquicos do nosso tempo.

Realiza feitos que não são apenas espantosos mas que, ao contrário de exibições psíquicas de palco como dobrar colheres e chaves com a mente, trazem ajuda concreta a pessoas necessitadas.

Juntamente com os seus poderes psíquicos, Ross desenvolveu uma rara sabedoria, uma compaixão, uma compreensão da condição humana e um amor pelo próximo que, embora pouco se assemelhem exteriormente à piedade tradicional e beata (ainda consegue praguejar como o camionista que foi), emanam dele como uma espécie de radiação benigna — quando se chega a conhecê-lo.

À primeira vista, ainda causa a algumas pessoas a impressão de parecer “cadavérico” (como um homem o descreveu). Sem dúvida que o seu longo período de alcoolismo, de que fala abertamente neste livro, devastou a sua saúde. No entanto, nos três anos em que o conheço, parece estar a ocorrer uma regeneração constante, tanto física como moral.

A história desta transformação incrível de um mendigo espiritual num dos médiuns mais dotados e dedicados do nosso tempo é o tema deste livro.

Creio que a saga de Ross Peterson — da autoderrota à vitória — é notável e inspiradora. Como ele próprio diz:

— Se eu consegui; se consegui desenvolver as minhas perceções psíquicas e espirituais até ao ponto a que cheguei — bem, qualquer pessoa consegue fazê-lo.

E isso pode significar você, caro leitor…

Capítulo Um

TESTADO NA TELEVISÃO

Era Novembro de 1974 e Ross Peterson era convidado do meu programa semanal, "ESP — Pessoas Extra-Especiais", na Global Television Network do Canadá.

Nessa altura, eu conhecia Peterson havia cerca de um ano. A partir de um ceticismo profundo — e até de uma certa antipatia — comecei a suspeitar (note-se, apenas suspeitar) que ele pudesse afinal ter algo de genuíno.

No nosso primeiro encontro, um ano antes, embora ele devesse ter percebido a minha hostilidade, deu-me uma mini-leitura em transe que incluía a observação notavelmente precisa de que eu tinha quatro cálculos de cálcio no rim esquerdo.

Isto deixou-me algo perturbado, pois radiografias recentes tinham acabado de revelar a presença de quatro pedras no meu rim esquerdo.

Contudo, recuperei rapidamente o meu ceticismo e disse a mim próprio:
— Pode ter sido um palpite feliz — extremamente feliz, sem dúvida, mas possível. Afinal, muitos homens nos seus primeiros quarenta anos têm pedras nos rins; e quanto a escolher o rim correto, o esquerdo, tinha cinquenta por cento de probabilidades. E o número das pedras, quatro? Bem, isso foi pura coincidência.

Não, as pedras nos rins, embora impressionantes à primeira vista, não me convenceram de que Ross Peterson fosse verdadeiramente psíquico.

Além disso, não excluí a possibilidade de ele ter feito investigação prévia sobre mim (por improvável que parecesse) e de ter desenterrado, de algum modo, factos do meu historial médico.

Como coautor de um livro sobre os métodos de médiuns fraudulentos (*The Psychic Mafia*, St. Martin's Press, Nova lorque, 1976), eu sabia quão engenhosas e astutas essas pessoas podem ser a recolher informações obscuras sobre aqueles que desejam impressionar.

Mas, nessa primeira sessão, Peterson disse-me algo mais que, embora não impressionante na altura, viria a abalar-me quatro meses depois. Era mais significativo do que o acerto acerca das pedras nos rins, porque a investigação prévia estava absolutamente excluída, uma vez que o acontecimento em questão ainda pertencia ao futuro.

Dei a Peterson o nome de um conhecido meu, um jornalista, e pedi-lhe uma avaliação de saúde.

— Esta entidade apresenta uma malignidade galopante no trato digestivo inferior e deixará o plano terreno dentro do ciclo de quatro luas.

A sentença de morte foi tão direta e inequívoca quanto isso.

Interpretei o ciclo de quatro luas como o termo retórico de Peterson para quatro meses.

A descrição impressionou-me, mas apenas ligeiramente. É verdade que o meu conhecido tinha sido recentemente operado a um cancro, mas a malignidade, pequena, localizara-se no esófago, não no trato digestivo inferior, e os médicos tinham-lhe garantido que agora estava “perfeitamente bem”. A perspetiva de ele morrer no prazo de quatro meses parecia infinitamente improvável.

O facto de Peterson ter mencionado corretamente o cancro foi por mim descartado como mais uma coincidência. Afinal, infelizmente, a doença não é assim tão rara.

Contudo, confesso que fiquei bastante mais impressionado quando, quatro meses depois, o meu conhecido morreu.
Causa da morte: cancro do cólon, ou seja, do trato digestivo inferior.

Mais um palpite feliz por parte de Peterson?

Bem, raciocinei teimosamente, poderia tê-lo sido. Por outro lado, não consegui deixar de me sentir algo perturbado com a exatidão da coincidência.

Terá Peterson algum poder psíquico, embora provavelmente mínimo e fugaz? Isso passou então a parecer-me uma possibilidade.

Essa possibilidade foi, contudo, enfraquecida quando duas leituras subsequentes de Peterson não produziram qualquer informação verificavelmente exata acerca de nenhum dos indivíduos cujos nomes lhe forneci. Mais uma vez, estava pronto a descartá-lo como um charlatão ou, na melhor das hipóteses, como um médium com dons muito modestos e imprevisíveis. De qualquer modo, não estava interessado em prosseguir qualquer investigação adicional sobre ele.

E, no entanto, ao longo do ano seguinte, continuei a encontrar pessoas que me diziam que Peterson tinha sido extraordinariamente exato no diagnóstico das suas doenças e, muitas vezes, na prescrição de tratamentos. Alguns desses relatos soavam impressionantes.

Por fim, decidi resolver definitivamente a questão dos alegados poderes “à Cayce” de Peterson. Fá-lo-íamos no meu programa de televisão. Peterson seria colocado frente a frente com um médico. O médico forneceria o nome de um paciente conhecido apenas por si. Peterson entraria em transe, receberia o nome do paciente misterioso e tentaria diagnosticar o seu estado de saúde.

Peterson aceitou prontamente os termos do teste. O médico que escolhemos foi o Dr. F. Logan Stanfield, psiquiatra e psicanalista com interesse em fenómenos psíquicos. Escolheu aleatoriamente o nome de um dos seus pacientes e veio para o estúdio de televisão preparado para avaliar a descrição clarividente que Peterson faria das doenças desse paciente.

Para mim, esta era a experiência crucial. Se Peterson passasse neste teste, eu estaria disposto a admitir que aqueles que o aclamavam como um segundo Edgar Cayce talvez não fossem tão ingénuos quanto eu sustentara.

O programa, que foi gravado em vídeo, começou com uma breve entrevista que fiz a Ross Peterson, discutindo os seus alegados poderes. Eis uma parte da transcrição dessa secção do programa.

Spraggett: Ross, em conversas que ouvi, tem sido comparado ao falecido e grande Edgar Cayce. Tal como ele, entra em transe e diagnostica as doenças de pessoas que nunca viu?

Peterson: Essa é uma das áreas em que trabalhamos. No entanto, posso dizer honestamente, no que respeita ao Sr. Cayce, que ele deve ser considerado um mestre, e eu sou praticamente um neófito.

Spraggett: Bem, poderemos dizer que os seus feitos psíquicos foram meticulosamente documentados porque se estenderam ao longo de vários anos, enquanto os seus estão a ser estudados numa fase inicial, exploratória?

Peterson: Começámos a documentação das minhas leituras e queremos a confirmação das que estão certas, mas também queremos saber quando estão erradas. Estamos tão interessados nas imprecisões quanto nas exatidões.

Spraggett: Pois bem, neste programa temos um médico que trouxe o nome de um paciente que lhe é desconhecido e, mais tarde, ele dar-lhe-á o nome dessa pessoa enquanto estiver em transe, e veremos quão exata é a sua leitura. Mas antes disso, diga-nos o que faz quando entra no estado de transe. Como acontece?

Peterson: Fui hipnotizador profissional, com a minha própria clínica no Michigan, durante vários anos, e entrar em transe é basicamente um estado de hipnose profunda. Pode chamar-lhe meditação profunda, se preferir. Pode dar-lhe qualquer rótulo.

Levou-me cerca de quatro anos a desenvolver a auto-hipnose até ao ponto em que me desligo completamente e fico totalmente inconsciente no estado de transe.

Spraggett: Quem ou o que é a personalidade que afirma falar através de si quando está em transe?

Peterson: O meu próprio eu superior. Tenho muita aversão ao que muitos médiuns fazem — isto é, deixar que algum suposto espírito tome conta do seu corpo, seja um chefe índio, um sacerdote egípcio ou qualquer outro alegado sábio. Não descarto que isso funcione muito bem para alguns médiuns.

No entanto, talvez tenha um problema de vaidade, mas, se quero respostas, prefiro ir diretamente ao topo em vez de comunicar com subordinados. E é aí que acredito ir quando estou em transe. Ao topo.

Neste ponto, o programa foi interrompido por um intervalo publicitário e, durante a pausa, Ross Peterson começou a sua autoindução em transe, auxiliado e orientado pela sua "condutora", Irva David (mais tarde Irva Peterson, a sétima esposa de Ross). A condutora inicia a sessão pedindo a Peterson que relaxe, que esvazie a mente, e depois faz uma oração pedindo proteção contra quaisquer forças negativas, seja qual for a sua origem.

Quando o programa regressou após o intervalo, os espectadores viram Ross estendido num sofá, com os olhos fechados e a respiração muito profunda e ritmada.

Apresentei o Dr. Stanfield e informei a audiência de que ele tinha fornecido o nome e a morada do paciente misterioso a Irva David, que o leria a Peterson quando este estivesse em transe. Por razões de "confidencialidade médica", expliquei, o nome do paciente seria ocultado para os telespectadores.

Quando Peterson pareceu ter atingido um nível satisfatório de transe (avaliado sobretudo com base nos movimentos rápidos dos olhos; em transe, os seus olhos deslocam-se continuamente de um lado para o outro sob as pálpebras fechadas, como os de uma pessoa a sonhar), Irva, a condutora, deu-lhe as seguintes instruções:

— Por favor, permita que a sua mente vá a quem, aonde, a quê e a quando for dirigida. Localize, por favor, a forma da Sra. X, que vive em tal e tal morada, e avise-nos quando a tiver localizado.

Houve uma pausa de um minuto. Depois, uma voz oca e estranha entoou:
— Sim, temos a forma.

— Por favor, percorra a sua forma física — orientou Irva — examine-a cuidadosamente e indique quaisquer condições patológicas que encontre, apresentando causas e tratamentos que possam ser úteis.

O que se seguiu, proferido na voz plana e quase mecânica de Peterson em transe, foi, em substância, o seguinte diagnóstico:

— Encontrará nesta entidade, na base do crânio, do lado esquerdo, olhando para a parte posterior da cabeça, um processo degenerativo de natureza orgânica em curso.

— Há aqui uma deterioração do tecido, do próprio cérebro, percebe? Isto faz com que esta pessoa pareça, por vezes, demente e abatida…

— Este corpo está gravemente doente…

— Encontrará uma deterioração da bainha que envolve toda a coluna vertebral, causando neste momento uma ligeira falta de coordenação nos movimentos, no fluxo rítmico do corpo. Os próprios nervos estão a deteriorar-se…

— Existem lesões na hipófise que provocariam sintomas considerados mentais, embora sejam de natureza orgânica. Nenhum órgão é uma ilha em si mesmo, e todo o sistema, todo o corpo, foi aqui profundamente perturbado…

— Aquilo que primeiro deve ser alterado está na mente desta pessoa. Quer ela se aperceba ou não, aquilo a que se chama doença manifesta-se primeiro na mente como pecado. E o pecado que esta pessoa cometeu é a condenação, condenação, condenação. Condenação de si própria, mas sobretudo dos que pertencem ao sexo oposto. O homem. E qualquer pessoa que condene, condene, condene, a si mesma ou aos outros, não

percebendo que cada pessoa é única e, ao mesmo tempo, parte do Todo, tem de sofrer doença. A atitude mental deve ser mudada primeiro.

Peterson prosseguiu depois com a prescrição de vários tratamentos paliativos: massagens na zona lombar, terapia com luz azul, ajustamentos osteopáticos ou quiropráticos de desalinhamentos da coluna (que descreveu com grande detalhe) e a aplicação de calor e de cataplasmas de óleo de rícino na zona dos rins para melhorar a eliminação de toxinas. (As cataplasmas de óleo de rícino eram um remédio favorito de Edgar Cayce, que também atribuía grande importância às subluxações, ou deslocações da coluna, como factor básico na doença.)

No final da leitura, Irva, a condutora, instruiu calmamente:
— Por favor, remova agora todas as influências negativas desta entidade.

Após uma pausa, Peterson disse:
— Está feito.

— Permita que o corpo fique completamente relaxado — instruiu Irva — e permita que qualquer cura que tenha de ocorrer ocorra agora.

— Feito — respondeu Peterson.

— Por favor, desperte agora sentindo-se completamente revigorado e relaxado — concluiu Irva.

Peterson espreguiçou-se, bocejou, coçou o queixo e depois abriu os olhos e perguntou, numa voz sonolenta:
— Então, obtiveram as respostas às vossas perguntas?

Durante toda a atuação de Peterson, mantive o olhar no Dr. Stanfield, tentando perceber, pelas suas reações, se o diagnóstico psíquico era exato ou um disparate. Mas o seu rosto era impenetrável.

— Vamos fazer mais um intervalo publicitário — disse eu aos espectadores — e, quando regressarmos, pediremos ao Dr. Logan Stanfield a sua avaliação médica deste diagnóstico clarividente.

Francamente, pensei que ele iria considerar o diagnóstico totalmente errado. Bem, consolei-me, esperava eu realmente que Peterson fosse capaz de o fazer? De qualquer modo, dará um programa interessante. Expusemos um impostor pelo que ele é.

Contudo, quando o programa regressou e perguntei ao Dr. Stanfield como avaliava a leitura de Peterson, ele deixou-me atónito ao dizer:

— O diagnóstico foi muito, muito exato. Surpreendentemente exato.

— Na verdade, esta paciente sofre de uma doença conhecida como coreia de Huntington. Trata-se de uma das poucas doenças geneticamente transmissíveis, transmitida por um gene autossómico dominante raro, e caracteriza-se por alterações orgânicas reais no cérebro, em contraste com alterações funcionais.

— Esta paciente está, de facto, deprimida, como Ross referiu, e apresenta movimentos coreicos. Notei com interesse que Ross falou de movimentos descoordenados num grau modesto, algo que esta paciente está efetivamente a começar a experienciar neste momento.

— Estou muito impressionado com o facto de Ross se ter mantido essencialmente dentro do sistema nervoso central, onde existe, como ele disse, um dano orgânico real.

Nesse momento, ainda a fazer o papel de advogado do diabo, intervim:

— Permita-me colocar-lhe esta questão. Ross Peterson fez o seu diagnóstico às cegas. Considera concebível que estes acertos se devam apenas a palpites extraordinariamente felizes?

O Dr. Stanfield sorriu, esperou um momento antes de responder e disse calmamente:

— Não. Tenho a certeza de que há muito mais do que isso envolvido. Exatamente porquê ou como Ross possui esta capacidade específica — que, aliás, penso que muitas pessoas possuem potencialmente e podem desenvolver com o treino adequado — fico bastante surpreendido com a singularidade do grau em que ele desenvolveu o seu dom.

— As características de personalidade da paciente que ele descreveu foram-me particularmente fascinantes. Ross falou de uma atitude muito condenatória da parte dela, especialmente em relação aos homens, ao sexo masculino.

— Na verdade, neste momento, esta paciente é vítima de um sistema delirante em que existe uma preocupação obsessiva com impulsos sexuais e agressivos, e sentimentos de perseguição. Todo o conteúdo do seu pensamento é muito mórbido e está cheio de autocondenação.

— Ross disse que a paciente era muito hostil para com os homens, no geral, e isso é definitivamente verdade. Esta atitude foi precedida por um conjunto de acontecimentos traumáticos na vida dela que, muito possivelmente, a levaram ao seu estado mental atual.

— A leitura impressionou-me profundamente. A sua exatidão, no conjunto, foi notável. É difícil conceptualizar como pode existir um poder

como este, mas é evidente que existe e acabámos de testemunhar uma demonstração disso — concluiu o psicanalista.

Pois. Fiquei surpreendido! Peterson tinha mesmo conseguido.

Foi nesse momento, creio eu, que a ideia deste livro me passou pela cabeça pela primeira vez…

Capítulo Dois

O VIDENTE IMPROVÁVEL

Há dez anos, teria sido difícil encontrar um candidato menos provável à condição de vidente do que Ross Peterson.

O acontecimento que mudou a sua existência errante e sem rumo e que acabaria por conduzi-lo ao desenvolvimento de dons psíquicos extraordinários foi suficientemente simples.

Caiu de um camião.

Na queda, lesionou as costas. À procura de ajuda, recorreu a um osteopata. Além de ser um manipulador hábil da coluna, esse osteopata era um hipnotista competente. Usou hipnose em Peterson para amortecer a dor da lesão.

A hipnose, esse sono mágico em que a mente faz desaparecer as dores do corpo e afirma o seu domínio sobre a simples matéria, foi, para Ross Peterson, a maçã que cai e conduz a uma descoberta capaz de abalar a terra.

A descoberta foi a de que trazia dentro de si um poder potencial para mudar não só condições físicas, mas também a sua personalidade, o seu carácter, a sua vida inteira.

Uma segunda descoberta, igualmente importante, foi a de que, sob hipnose, de algum modo sabia coisas que não tinha qualquer forma de saber.

Por exemplo, certa vez, durante um transe hipnótico induzido pelo osteopata, Peterson assustou o homem até ao tutano ao descrever com exatidão uma luta violenta que ele tivera com a mulher, nessa mesma manhã, por causa de outro homem. E Peterson descreveu esse outro homem com grande detalhe.

O osteopata ficou aterrorizado. Tinha criado um monstro! Como podia aquele paciente, sob hipnose, entrar na sua mente e arrancar factos que não podia, de maneira nenhuma, conhecer?

Quanto a Peterson, não ficou minimamente assustado com a estranha experiência. Ficou intrigado com ela, fascinado pelas possibilidades que sugeria.

Se conseguisse controlar esses lampejos furtivos de visão psíquica, poderia então usar a perceção extrassensorial sempre que quisesse?

E para que fins poderia utilizá-la? Descobrir ouro ou petróleo? Localizar pessoas desaparecidas? Subir ao palco e tornar-se o maior leitor de mentes de sempre — um verdadeiro?

Depois, como que providencialmente, Ross Peterson recebeu de um amigo um livro para ler. Era *There Is a River*, de Thomas Sugrue, a biografia do grande profeta adormecido da América, Edgar Cayce.

Peterson, que nunca tinha ouvido falar de Cayce, ficou encantado com o livro. E, a partir dele, teve uma visão.

Poderia sequer sonhar em desenvolver poderes psíquicos como os de Cayce? Teria o potencial para diagnosticar doenças e prescrever tratamentos mesmo quando a medicina ortodoxa falhara?

A simples ideia de poder ajudar pessoas dessa forma, de seguir as veneráveis pegadas de Cayce, foi a experiência mais entusiasmante que Ross Peterson alguma vez teve.

Para compreender o que Peterson se tornou após este ponto de viragem crucial na sua vida — e exatamente como o conseguiu — é preciso primeiro compreender e apreciar aquilo que ele tinha sido, o caminho que tinha percorrido.

Por isso, recuemos no tempo… até à infância.

— Nasci em Flint, Michigan — disse Ross Peterson, enquanto conversávamos um dia e ele recordava para o meu gravador. — O meu pai foi obrigado pelas circunstâncias a aceitar um trabalho que sempre sentiu estar abaixo dele. No entanto, fez esse trabalho e fez um trabalho do caraças!

— Talvez em parte para compensar o seu sentimento de inferioridade em relação ao trabalho, o meu pai era um tirano em casa. Um tirano amoroso, mas um tirano. Tinha de mandar.

— Até ao oitavo ano de escolaridade, fiz o meu melhor para me destacar, para agradar ao meu pai. E consegui. Era aluno de mérito. Depois, durante a adolescência, o rebelde em mim começou a vir ao de cima. Mal acabei o secundário.

— Eu era muito rebelde. Só precisava de duas coisas para fazer o meu mundo girar — álcool e raparigas. Mas não nessa ordem. As raparigas vinham sempre primeiro.

— Tive a minha primeira experiência sexual aos doze anos com uma rapariga um pouco mais velha do que eu. Fizemo-lo numa casa na árvore, lá atrás, junto à nossa casa. Devo dizer que nessa altura eu era mais ágil do que sou agora.

— A minha educação sexual continuou quando, aos quinze anos, eu conduzia um camião a fazer entregas de gelo no bairro dos bordéis em Flint, Michigan.

— Eu era fanaticamente ciumento e possessivo em relação às minhas namoradas e também um mentiroso terrível. Andava “fixo” com três ou quatro raparigas ao mesmo tempo. Desde que vivessem em lados diferentes da cidade ou em cidades diferentes, eu conseguia mantê-las a todas presas ao fio.

— A minha história conjugal começou quando me alistei no Exército pouco depois da Segunda Guerra Mundial e passei dois anos no Japão. Tive um problema com uma rapariga japonesa porque eu gostava muito dela e queria dormir com ela e ela tinha mais fibra moral do que eu. Não dormia comigo a menos que eu me casasse com ela. Queria casar num rito xintoísta.

— Eu disse-lhe que isso não seria reconhecido pelas autoridades americanas, mas ela disse que não queria saber. Por isso, eu disse: “Está bem, casamos.” Mas lembra-te: quando chegar a altura de voltar para casa, para os Estados Unidos, eu vou.

— Deixei-a financeiramente bem, porque eu estava nos serviços especiais do Exército e tinha muito tempo para me envolver ativamente em diferentes aspetos do mercado negro.

Sim, deixei-a muito bem. Enfim, esse foi o meu primeiro casamento, ou quase-casamento.

— Voltei aos Estados Unidos e aproveitei o *GI Bill of Rights* para ir para a universidade. Mas, mais uma vez, como o meu impulso sexual era muito mais forte do que qualquer outra coisa, praticamente a única cadeira

que consegui “passar” na universidade foi a do coito. Era a única coisa que me interessava.

— Conheci uma jovem judia de Detroit e fiquei loucamente apaixonado por ela e ela casou comigo — por pena, acho eu, porque eu estava completamente obcecado por ela.

— Ela ficou grávida e tivemos um bebé.

— O casamento durou pouco mais de um ano. Depois, a minha mulher percebeu que se tinha casado comigo por compaixão mal colocada, e não por amor, e foi para Nova Iorque ficar com uma amiga, numa separação experimental. Nunca voltou. Divorciámo-nos. Esse foi o casamento número dois.

— Fiquei com o bebé, um filho, e criei-o. E o Brit é hoje polícia estadual no Michigan, casado e feliz, e com um filho pequeno. Portanto, agora sou avô.

— Demorou cerca de um ano até o divórcio ficar concluído, por isso a minha terceira aventura conjugal começou cerca de um ano e um dia depois de a minha segunda mulher me deixar.

— Eu chamo à minha terceira mulher “a belga encardida”. Conheci-a num bar em Owosso, Michigan. Eu estava nas primeiras fases do alcoolismo na altura e vivia com os meus pais, que me ajudavam a tomar conta do meu filho.

— A belga encardida satisfazia qualquer coisa em mim. O maior problema da minha vida eram as mulheres e ela tinha uma pitada de ninfomania. Bem, se é um homem ciumento e possessivo, como eu era, acredito sinceramente que só pode ser casado com uma mulher que, mais cedo ou mais tarde, lhe permite “satisfazer” a sua possessividade e o seu ciúme.

— Em suma, temos aquilo que merecemos. E, no meu caso, tive mesmo aquilo que merecia.

— A minha terceira mulher era, digamos, extremamente galanteadora e, ao fim de contas, por contagem real, acabei em tribunal vinte e sete vezes, geralmente por acusações de agressão, quando ela me provocava ao ponto de eu atacar algum tipo a quem ela estava a deitar o olho num bar.

— Os treze anos que esse casamento durou foram ou céu ou inferno; nunca houve meio-termo.

— A minha mulher e eu éramos ambos alcoólicos em estado avançado e, entre os dois, bebíamos em média duas garrafas de uísque por dia. Por

causa da minha bebedeira, perdi um negócio de transportes que tinha conseguido transformar numa coisa boa.

— O alcoolismo ficou tão mau que, com o meu rendimento modesto, não conseguia pagar o vício, por isso começámos a fazer a nossa própria bebida. Fiz um alambique e produzi uma mistura muito potente… 100% de álcool!

— Se pegar em um quilo de levedura e num saco de pano cheio de milho ou outro grão, quarenta libras de açúcar, e misturar tudo num barril de cinquenta e cinco galões, isso produz álcool. Depois aquece-se a mistura a três a cinco libras de pressão numa panela de pressão, a uma temperatura de cerca de 202 a 208 graus, e o que se obtém é álcool puro.

— A primeira remessa que fiz foi num pequeno barracão atrás da nossa casa. Peguei num frasco de conserva cheio — estava a queimar-me as mãos de tão quente — e corri para dentro de casa, pousando-o na mesa da cozinha, e chamei a minha mulher, dizendo-lhe que o elixir mágico estava pronto e que ela podia prová-lo. Tínhamos muito sumo de laranja congelado em casa para usar como mistura.

— Depois voltei ao alambique e passei lá uma hora, mais ou menos, a fazer contas, contente da vida, sobre quantos frascos esta remessa iria encher. Quando voltei a casa, não encontrava a minha mulher, mas reparei que o frasco na mesa da cozinha estava a meio.

— Depois encontrei-a. Estava deitada num canto da sala, inconsciente. Aquilo era assim tão forte!

— Ora, isto foi por volta das quatro da tarde. Tentei acordá-la, mas não consegui. Tive medo de chamar um médico porque ele perceberia por que motivo ela estava “apagada” e provavelmente denunciava-me às autoridades por eu estar a operar uma destilaria ilegal, e a minha mulher e eu iríamos os dois para a prisão.

— Bem, passei uma noite angustiada. Mas por volta do meio-dia do dia seguinte a minha mulher começou a dar sinais de vida e voltou a si.

— Depois disso, fizemos uísque alegremente para sempre, mas já não bebíamos tanto. Um pouco da nossa mistura rendia muito.

— O casamento acabou quando eu deixei a minha mulher e lhe disse que ia pedir o divórcio porque simplesmente não conseguíamos viver juntos com qualquer tipo de harmonia. No entanto, antes de o processo de divórcio começar, ela afogou-se numa banheira. Disseram-me que, estando sozinha em casa — eu, por essa altura, já tinha voltado para casa dos meus pais noutra localidade —, aparentemente se preparava para tomar banho, estava

mais bêbeda do que julgava, caiu, bateu com a cabeça, ficou inconsciente e acabou por se afogar na água da banheira.

— Bem, apesar de eu me estar a preparar para me divorciar, a morte da minha mulher chocou-me e senti-me esmagado, estranhamente, por um sentimento de solidão. Provavelmente foi por isso que iniciei a minha quarta experiência conjugal cerca de dois meses depois de ela morrer.

— Encontrei uma mulher separada com cinco filhos, e eu sempre quis uma família grande, por isso casei com ela e com os cinco miúdos e mudámo-nos todos para uma casa no meio do nada no Michigan. Eu ganhava a vida a recolher e vender sucata.

— Francamente, essa parte — o negócio da sucata — tinha, por alguma razão estranha, imensa piada. Mas viver com a minha viúva e os cinco miúdos não tinha piada nenhuma. Tínhamos apenas oito ou nove meses de casados quando lhe disse: “Olha, desculpa, mas eu cometi um erro. Não sirvo para padrasto. Não estou apaixonado por ti. Quero sair.”

— Ela não ficou propriamente encantada com a ideia de me dar o divórcio, sobretudo porque eu a tinha arrastado, a ela e aos cinco filhos, do seu ambiente familiar para o mato do norte do Michigan. Mas tinha pouca escolha, por isso aceitou divorciar-se.

— A essa altura eu estava nas últimas fases do alcoolismo: subia ao “carro” durante um mês ou coisa assim e depois caía com ainda mais força do que antes. Apesar do meu problema com a bebida, no entanto, eu estava a tentar obter a licença de mediador imobiliário.

— Uma noite, fui a uma taberna na pequena localidade de Gas City, no Indiana, e aquilo era mesmo um “gas” a valer.

— Conheci lá uma dançarina de *go-go* e acho que foi a brevidade do traje dela que me excitou. Seja como for, houve faíscas entre nós e acabámos por ter um caso. Descobri que, embora tivesse apenas vinte e quatro anos, já tinha sido casada duas vezes e tinha um filho pequeno.

— Por má conta, ela engravidou. Eu ofereci-me para pagar um aborto e ela recusou fazer um. Por isso, fiz o que era “honrado” e casei com ela. O casamento aconteceu quando ela estava de oito meses. Eu, de modo nenhum, estava apaixonado por ela.

— Mantive-me casado com essa mulher durante cinco anos e, uma vez por ano, pelo menos, tínhamos separações prolongadas. Eu começava a lidar com os meus próprios problemas, que eram uma legião, e não tinha tempo para a ajudar com os problemas dela.

— Um dos meus problemas era uma obesidade aguda, mas o pior era o alcoolismo — embora, na verdade, fosse um sintoma do meu problema mais profundo: egoísmo, materialismo, viver apenas para mim e para a minha própria gratificação.

— Entrei nos Alcoólicos Anónimos contra a minha vontade. Na realidade, fui obrigado a entrar, condenado a entrar, pelo juiz que me julgou por condução sob o efeito do álcool. Quando apareci na reunião seguinte do AA local, descobri que o próprio juiz era membro!

— Na minha luta contra a bebida aprendi muito sobre mim. Há quatro factores que todo o alcoólico tem de ter no seu padrão de pensamento, e eu era um caso clássico.

— Em primeiro lugar, os alcoólicos têm de ser muito enganadores. Têm mesmo. Como é que se vai esconder a bebida, se não se for mentiroso? Eu era um mentiroso patológico.

— Em segundo lugar, nunca conheci um alcoólico que não fosse sensível — desde sensível até hipersensível — a qualquer forma de crítica. Não têm autocrítica e não a aceitam de mais ninguém, mesmo quando é manifestamente justificada.

— Os alcoólicos também têm imaginações materialistas extremamente ativas e, muitas vezes, ativas demais. Se um clérigo for alcoólico — e supostamente deveria ter uma apreciação mais profunda dos valores espirituais do que outras pessoas — verá que é o tipo de padre que trabalha arduamente para construir uma grande congregação, e a casa que vem com isso, e o carro, e todo o pacote. Tem a cabeça no material.

— O quarto factor que encontramos invariavelmente no alcoólico é um ressentimento profundo, impetuoso, ardente. A vida deu-lhe uma mão de má sorte. E talvez, nalguns casos, tenha mesmo dado. Talvez haja justificação para esse ressentimento. Mas, justificado ou não, ele existe. E, intuitivamente, essas pessoas que ressentem os outros e a vida em geral criam situações onde o ressentimento pode ser expresso. Deliciam-se a mostrar a sua raiva, o seu descontentamento e a sua amargura.

— Eu tinha estes quatro factores a dobrar. E, antes de vencer o alcoolismo, tive de compreender os demónios que me empurravam. Depois, tinha de haver uma “mudança espiritual”.

— Uma ferramenta inestimável para me ajudar a compreender-me foi o estudo da grafologia. Peguei no estudo originalmente porque achei que podia ganhar dinheiro com isso — e acabei por me tornar um grafólogo certificado, do que me orgulho —, mas, ao escrutinar honestamente a minha

própria letra, ao longo do curso, descobri que eu era um ser humano miserável. Um convencido, enganador, hipersensível, um impostor.

— Acredite, eu tinha tão pouca perceção prévia do meu próprio carácter que estas revelações pessoais me atingiram com força. Foram esmagadoras. Houve noites em que chorei até adormecer porque tinha descoberto um novo traço de podridão em mim a que antes eu tinha sido cego. É incrível quão reveladora a grafologia foi para mim.

— Enfim, voltando à minha história conjugal: a minha mulher e eu concordámos mutuamente em divorciar-nos e foi o que fizemos. Ela ficou com a nossa filha. Nos últimos anos, a minha ex-mulher e eu tornámo-nos bons amigos e eu vejo a minha filha muitas vezes.

— Na verdade, a minha quinta mulher foi uma das melhores coisas que alguma vez me aconteceram. Foi através desse casamento e das aventuras ocasionais dela com outros homens que eu ultrapassei o meu ciúme anormal. A perceção crescente que obtive com a grafologia ajudou-me a compreender, finalmente, que eu não era dono de mulher nenhuma, mesmo que fosse minha esposa.

— Ela era uma pessoa, tal como eu, e tinha o direito de ser ela própria, gostasse eu disso ou não. Quando veio o divórcio, não senti amargura, apenas tristeza por não ter conseguido arranjar tempo, longe dos meus próprios problemas, para ajudar a minha mulher a lidar com os dela.

— A minha sexta aventura conjugal aconteceu quando me casei com uma mulher ligeiramente mais velha do que eu, que tinha um trabalho de grande responsabilidade e era muito, muito respeitável. Conhecemo-nos através do nosso interesse comum pela grafologia e, por essa altura, eu estava a aprender algo sobre ESP, o que também a fascinava.

— Sentia uma atração profunda por essa mulher — mental, física e espiritualmente — e casámo-nos.

— Esse casamento desfez-se ao fim de um ano ou pouco mais, sobretudo, creio eu, porque se tornou bastante evidente para mim que a minha mulher estava determinada a refazer-me — e nem a posso censurar por querer tentar — numa imagem mais aceitável. Ensinou-me, ou tentou ensinar-me, as boas maneiras sociais que eu notoriamente não tinha. E também ficou fascinada com a ideia de me lançar para a fama e para a fortuna como médium, quisesse eu isso ou não. Veja, por essa altura, já muita coisa tinha acontecido dentro de mim. Explicarei mais tarde exatamente o quê, mas basta dizer aqui que eu andava metido na auto-hipnose e, em grande medida graças a isso, venci o alcoolismo, reduzi o

peso ao normal, de forma a deixar de me sentir como um balão humano, e o meu ESP também estava a florescer.

— Mas eu não queria ser empurrado para nada para o qual ainda não estivesse preparado. Por isso, a minha mulher e eu divorciámo-nos. Eu simplesmente saí do casamento.

— Eu já tinha desenvolvido o meu estado de transe nessa altura e penso que uma observação que a minha mulher fez foi muito reveladora da sua atitude e, possivelmente, do que estava errado no casamento. Ela disse: “Sabes, em transe és muito mais simpático do que acordado.”

— A minha sétima — e acredito sinceramente que será a última — aventura conjugal começou quando eu precisei de uma condutora, alguém que me pusesse em transe e me tirasse dele. As leituras tinham sublinhado que o papel da condutora nessas sessões psíquicas era tão importante quanto o meu! A pessoa errada, com as “vibrações” erradas, se quiser, deixava-me doente emocional e fisicamente depois de uma leitura.

— Seja como for, conheci uma jovem — vinte e cinco anos mais nova do que eu — em Bloomington, Indiana. Eu tinha desenvolvido a minha sensibilidade psíquica ao ponto de conseguir sentir uma pessoa honesta, uma pessoa amorosa, ou uma farsante. Esta jovem pareceu-me muito especial. Na verdade, parecia boa demais para ser verdade.

— Era estudante na Universidade de Indiana e uma excelente estudante, como sempre tinha sido. Vinha de uma família judia muito abastada.

— Quando nos conhecemos, ela era uma buscadora espiritual. Tinha rejeitado valores materialistas e vivia no campo, cozinhando num fogão a lenha e fazendo trabalho manual que nunca tinha feito na vida. Era uma jovem muito voltada para o espiritual.

— Francamente, pensei que ela me rejeitaria quando lhe pedi para ser a minha condutora e companheira de viagem (porque, por essa altura, eu já realizava sessões psíquicas em muitos sítios diferentes). Para meu espanto e alegria, Irva aceitou juntar-se a mim. Disse que acreditava que as leituras tinham enorme importância para a humanidade e que queria ajudar a espalhar a mensagem.

— Demorei seis meses a ganhar coragem para lhe pedir que casasse comigo. Eu tinha um historial miserável como marido, que lhe contei em detalhe. Havia a diferença de idades, de origens sociais.

— Tinha medo que ela dissesse que não, mas também tinha medo que dissesse que sim. Se dissesse que não, eu sentia que ela se assustaria e

eu perderia a companhia que se tinha tornado tão importante para mim, porque eu a amava profundamente. Mas, se dissesse que sim, eu era atormentado pela possibilidade de lhe fazer mal, como tinha feito às minhas outras mulheres, e de estragar também este casamento. E a ideia disso era insuportável para mim.

— Curiosamente, porém, eu tinha conhecido o famoso médium Peter Hurkos há cerca de seis anos, em Chicago, e ele teve um vislumbre sobre mim e disse: “A tua primeira mulher era judia e a tua última também será.” Bem, a minha primeira esposa legal — legal aos olhos americanos — foi a rapariga judia de Detroit. E agora aqui estava a Irva, outra rapariga judia com quem eu desesperadamente queria casar.

— Talvez a profecia de Hurkos me tenha dado coragem para pedir Irva em casamento, mas, seja como for, pedi. E Irva disse que sim. A diferença de idades não significava nada para ela, disse, e tinha passado a acreditar ainda mais na importância espiritual do meu trabalho psíquico. E acrescentou: amava-me.

— Por isso casámos e pretendemos que seja para sempre. Agora temos uma menina, Zoé, e posso dizer honestamente que nunca conheci tanta paz, tanta alegria, tanta realização como a que encontrei com a minha querida Irva.

Este breve relato da história pessoal de Ross Peterson explica, creio eu, o título do capítulo: “O Vidente Improvável”. Promiscuidade sexual. Alcoolismo. Múltiplos divórcios. Agressão. Isto dificilmente parece ser a matéria de que se fazem os Edgar Cayce.

Mas tão revelador — e ainda mais importante — do que os acontecimentos exteriores que acabou de ler é a odisseia espiritual de Ross Peterson: aquilo que se passava dentro dele durante todo este tempo. Aquilo que transformou um zero humano sem rumo num homem sábio, compassivo e amoroso — e num grande médium.

Agora vem essa parte da história…

Capítulo Três

A FORMAÇÃO DE UM VIDENTE

O osteopata que introduziu Ross Peterson à hipnose também lhe sugeriu ioga.

Essa antiga disciplina oriental da mente e do corpo, disse ele, ajudaria a fortalecer as costas que tinham ficado “irremediavelmente” lesionadas na queda do camião.

Na ioga, Peterson descobriu mais uma ferramenta para mudar o corpo e a mente.

A partir daqui, deixemo-lo retomar a história da sua dramática metamorfose espiritual e psíquica.

— Os exercícios de ioga propriamente ditos melhoraram as minhas costas ao ponto de já não me incomodarem absolutamente nada, embora me tivessem dito que, do ponto de vista médico, eu nunca mais voltaria a ter uma coluna normal. Radiografias recentes mostraram que a minha coluna está agora virtualmente normal.

— Foi também através da ioga que comecei a perder parte das 263 libras, por medida exata, de gordura que eu então arrastava. Em pouco tempo, perdi vinte e cinco libras.

— Mas o que realmente fez cair os quilos — e me permitiu mantê-los fora — foi a continuação do uso da auto-hipnose. Hoje, o meu peso estável é 187 libras, normal para um homem de um metro e oitenta e cinco, de ossatura grande.

— Este sucesso convenceu-me ainda mais de que, através da hipnose, eu podia mudar a minha vida inteira: a forma como pensava, sentia e agia. Que podia dar a volta a uma vida sem rumo e tornar-me um vencedor em vez de um derrotado.

— Depois ocorreu-me: será que eu podia ganhar a vida como hipnotizador? A ideia de usar a magia da mente para ajudar pessoas — e ser pago por isso — entusiasmou-me.

— Procurei informação e descobri que não havia leis estaduais no Michigan a regular o uso da hipnose. Não precisava de licenciatura para me tornar hipnotizador profissional; precisava apenas de formação.

— Frequentei a Minneapolis School of Hypnosis e, mais tarde, fiz cursos avançados em Chicago com a Association for the Advancement of Ethical Hypnosis, da qual me tornei membro.

— Depois abri uma pequena clínica em Lansing, a que chamei Lansing Hypnosis Center. Era uma operação modesta — duas salas, uma rececionista e eu —, mas, desde o início, tive alguns sucessos notáveis com clientes.

— No entanto, não estava propriamente inundado de clientes, o que me dava bastante tempo para prosseguir o meu treino em auto-hipnose.

— Certas experiências tinham-me convencido de que quanto mais fundo eu ia na hipnose, mais psíquico me tornava. Se eu conseguisse atingir o nível de transe profundo auto-hipnótico, suspeitava que os meus poderes psíquicos seriam imensamente ampliados.

— Aliás, enquanto punha os meus clientes sob hipnose, muitas vezes punha-me também a mim, e recebia — além de dar — as sugestões positivas que estava a usar no tratamento.

— Veja, aquilo que a maioria das pessoas não compreende é que uma pessoa habilidosa em auto-hipnose pode entrar no estado hipnótico e continuar a conversar e a agir de forma perfeitamente normal, embora o seu inconsciente esteja escancarado à sugestão.

— Portanto, o que eu fazia era pôr o cliente num estado muito profundo de hipnose e depois deixar-me descer também até ao nível hipnótico. E, enquanto dava sugestões positivas ao cliente, eu também as recebia.

— Foi a fazer isto que, um dia, tive uma perceção psíquica espetacular. Eu tinha colocado em transe profundo uma jovem com problemas de obesidade que, no início das sessões de terapia, se queixara de não ter dinheiro para pagar os meus honorários e depois, de repente, deixou de se queixar e o dinheiro deixou de parecer um problema.

— De repente, a minha mente encheu-se com a imagem dela com a mão numa caixa registadora, a tirar dinheiro da gaveta. A sensação — que eu não consigo descrever — atingiu-me com tanta força por dentro que eu soube que era verdade. Soube, simplesmente.

— Depois da sessão, quando ela me pagou, não consegui evitar e disse: “Sabe, se o seu chefe a apanhar a roubar, não volta para mais hipnose.”

— Ela ficou vermelha, começou a gaguejar e depois desatou a contar a história. Tinha arranjado emprego como caixa numa loja num centro comercial e andava regularmente a furtar dinheiro da caixa.

— Quando ela saiu, eu fiquei a pensar: como é que eu soube isso? Aquilo foi muito mais forte do que um palpite.

— Uns dias depois, tive uma cliente que se queixava de ataques de ansiedade provocados pelas infidelidades sexuais do marido. E a ansiedade levava-a a comer em excesso e ela estava gorda.

— Bem, por volta da segunda sessão, eu tinha-a em hipnose profunda e depois deixei-me cair no meu habitual transe leve — era tudo o que eu conseguia nessa altura, um estado hipnótico leve — e, de repente, tive outro relâmpago psíquico.

— De novo me atingiu com tanta força que eu soube que era verdade. Era mais do que um simples palpite.

— O que eu vi, ou senti, foi que não era o marido dela que lhe era infiel, mas sim ela que lhe era infiel a ele! De facto, por mais incrível que pareça, senti com muita força que ela tinha tido relações sexuais com nada menos do que onze homens nessa mesma semana!

— Era isso possível? Parecia completamente improvável. Mas a sensação era tão forte que eu disse: “Porque é que me está a mentir sobre o seu marido? A causa das suas ansiedades é a sua própria infidelidade sexual, o que equivale a ninfomania.”

— Bem, ela desfez-se e confessou que era verdade — até os onze homens de um quartel militar próximo com quem tinha ido para a cama na semana anterior.

— Eu disse-lhe que o problema dela era demasiado profundo para eu conseguir lidar e instei-a a procurar um psiquiatra. Mas, mais uma vez: como é que eu soube? Desta vez eu sabia que ia muito além de um palpite.

— Noutra ocasião, veio ter comigo uma mulher de uma pequena localidade do Michigan, e ela estava bastante apreensiva com essa treta da hipnose, embora obviamente esperasse que a ajudasse com a insónia. Perguntou se podia trazer uma testemunha. Eu disse, claro.

— Trouxe a filha adolescente e, como se veio a verificar, a filha era um sujeito hipnótico muito melhor do que a mãe. Enquanto a mulher entrou apenas num estado médio de hipnose, a rapariga, sentada a ouvir as sugestões, caiu espontaneamente num transe profundo sonambúlico. Por isso, decidimos que, na visita seguinte, a filha esperaria na sala de receção.

— No entanto, durante a segunda sessão, quando eu tinha a mãe em hipnose média, abri a porta para dar à minha rececionista um recado que

me tinha esquecido antes e lá estava a filha, caída na cadeira, num sono profundo. Um transe sonambúlico.

— Contei isto à mãe e, na visita seguinte, propus uma experiência.

— “Não a vou pôr sob hipnose”, sugeri. “A senhora fica aqui, bem acordada, enquanto eu penso sugestões hipnóticas para a sua filha.”

— Ora, a rapariga — lembre-se — estava sentada fora do consultório, que era insonorizado, e não podia ter ouvido a nossa conversa. Mas, quando abri a porta poucos minutos depois, lá estava ela: profundamente adormecida, em transe sonambúlico.

— Foi então que eu percebi, ou suspeitei fortemente, que estava a hipnotizar a rapariga telepaticamente, apenas pensando as sugestões na mente dela. Para mim, isto foi uma descoberta avassaladora. A mente podia comunicar diretamente com outra mente, sem palavras serem ditas.

— Também notei uma correlação entre a minha profundidade hipnótica — que variava, digamos, de um a quatro numa escala de dez — e a clareza e exatidão dos meus relâmpagos psíquicos. Quanto mais fundo eu estava, mais claros e detalhados eram os relâmpagos.

— Foi isto que me levou a esforçar-me pelo transe auto-hipnótico. Se eu atingisse esse estado, esperava eu, os meus poderes psíquicos poderiam explodir!

— Enfim, os meus relâmpagos, que vinham com frequência crescente, e a minha crescente compreensão de que a mente podia penetrar barreiras físicas e atravessar o espaço — como quando hipnotizei telepaticamente a rapariga noutra sala — tudo isto estava a provocar mudanças radicais no meu modo de pensar.

— De nunca ter pensado que o homem tivesse alma, passei a estar mais do que meio convencido de que o homem era uma alma e tinha um corpo. A mente, comecei a ver, era infinitamente maior do que o corpo.

— Depois veio uma experiência que me introduziu a outra faceta do mundo psíquico que estava destinada a tornar-se muito importante para mim: a reencarnação.

— Eu praticamente nada sabia sobre o assunto nesta altura, mas fui empurrado para ele quando tentei ajudar um paciente a ultrapassar um problema de gaguez ao longo de toda a vida. Consegui muito pouco sucesso com ele. Por fim, decidi tentar uma regressão de idade — levar o jovem, na mente, até à experiência traumática que tinha causado a gaguez. Se a encontrássemos, provavelmente resolveríamos o problema de fundo.

— Por causa da minha relativa inexperiência, perdi o controlo da regressão e o sujeito recuou para lá da infância, até à primeira infância, ao nascimento, e depois continuou a recuar até dizer que estava a flutuar no espaço com um tipo de corpo diferente do físico.

— Eu fiquei assustado e trouxe-o de volta ao presente o mais depressa que pude. E foi o fim de quaisquer regressões de idade para mim, durante bastante tempo.

— Mas a experiência tinha despertado a minha curiosidade. Será que as memórias recuavam não só até ao útero, antes do nascimento, mas para lá disso? E, se sim, para lá até onde? Para uma vida antes da conceção?

— Esta foi outra ideia que me fez estalar a cabeça. Vida antes do nascimento. Vida noutro corpo, diferente do físico. Que espécie de corpo seria esse? Ou teria o sujeito fantasiado tudo?

— Comecei a ler vorazmente e descobri que havia muitas provas de que a memória recua até ao útero, antes do nascimento. E descobri que havia alguns investigadores respeitáveis que acreditavam que a memória inconsciente recuava a vidas anteriores. Por outras palavras, que a reencarnação — viver mais do que uma vida nesta Terra — era verdadeira.

— Entrei em contacto com algumas pessoas da Michigan ESP Research Association, que me puseram a par do que estava a acontecer na parapsicologia. Contei-lhes sobre os meus relâmpagos psíquicos e eles submeteram-me a alguns testes de adivinhação de cartas de ESP, como os que J. B. Rhine usou na Universidade de Duke.

— Fiz os testes “a frio”, não sob hipnose, mas num estado normal de consciência. Indicaram que eu era aquilo a que os investigadores de ESP chamam um “cabra”. Os que pontuam alto nos testes de adivinhação de cartas de ESP são “ovelhas”. As pessoas que me testaram disseram-me que eu devia esquecer a ideia de tentar ser psíquico, porque eu simplesmente não tinha isso. Eu era um “cabra”, se alguma vez houve um.

— Porque é que não repeti os testes no estado hipnótico, não sei bem. Talvez porque achei a adivinhação de cartas um bocado parva e desligada da vida real. Eu não queria adivinhar cartas. Queria ler mentes, viajar no tempo e no espaço, sondar passado, presente e futuro. Achei que as cartas de ESP eram coisa de *Mickey Mouse*.

— Enfim, por esta altura um amigo deu-me um exemplar de um livro intitulado *There Is a River*, de Thomas Sugrue. Era sobre Edgar Cayce.

— Eu tinha-me tornado um leitor voraz, porque percebi o quão ignorante era, e estava a devorar tudo o que encontrava sobre a mente —

livros sobre sugestão, hipnose, ESP e por aí fora. Na verdade, devorava um livro dia sim, dia não.

— Mas o livro de Sugrue atingiu-me com força. Porque tenho um pouco do “homem do Missouri” em mim, como a maioria das pessoas — e, quando li sobre a documentação meticulosa dos poderes de Cayce, fiquei impressionado. Dei por mim a acreditar não só nas suas leituras médicas, mas também em tudo o resto do que ensinava em transe — reencarnação, a lei do carma ou justiça perfeita, a evolução da alma e toda a sua filosofia espiritual. Aquilo fazia sentido para mim. E as suas leituras médicas confirmadas pareciam-me credenciar as suas leituras sobre vidas passadas.

— Por outras palavras, se Cayce estava certo quando diagnosticava uma pessoa desconhecida para ele como tendo leucemia, porque não haveria de estar certo quando atribuía a doença ao facto de o homem ter sido, numa vida anterior, um carrasco sanguinário? Tinha derramado alegremente o sangue de outros homens. Agora voltava para derramar, simbolicamente, o seu próprio sangue. Isso fazia sentido para mim. Explicava porque é que algumas pessoas sofrem mais do que outras. Toda a ideia de carma — de que colhemos numa vida aquilo que semeámos numa anterior — tocou-me. Pareceu-me eminentemente razoável.

— Mas a parte do livro sobre Cayce que mais me marcou, mais do que qualquer outra, e que me ficou na cabeça, foi a própria afirmação de Cayce, repetida vezes sem conta, de que qualquer pessoa podia aprender a fazer o que ele fazia, desde que se aplicasse. Eu não conseguia tirar isto da cabeça.

— Decidi, com Deus por meu ajudante, que eu iria tornar-me alguém capaz de fazer o que Cayce fazia. Tinha três motivos.

— O primeiro era honesto: eu queria ser um melhor conselheiro, ajudar as pessoas de uma forma que fosse muito para além do que eu já estava a fazer. Era uma paixão absolutamente sincera.

— O segundo motivo era menos elevado. Eu tinha necessidade de estar sempre certo e senti que tornar-me como Cayce me faria infalível. Era uma coisa do ego de que eu tinha de me livrar. Foi doloroso, mas finalmente consegui vencê-la, e só então é que as coisas começaram realmente a acontecer.

— O terceiro motivo era materialista: eu podia cobrar honorários mais elevados, porque passaria a conseguir dar às pessoas muito mais do que hipnose. E com mais dinheiro, podia viver melhor.

— Por isso li mais alguns livros sobre o Sr. Cayce. Entrei num grupo de investigação psíquica em Lansing. Comecei a aprender o que era a meditação. Li livros sobre viagem astral, fora do corpo. E, depois de ter lido oitenta ou noventa livros sobre uma variedade de assuntos psíquicos, descobri que todos diziam a mesma coisa: era preciso praticar, trabalhar como o diabo — ou como o céu — para atingir o estado alterado de consciência em que estas coisas maravilhosas aconteciam.

— Então comecei, a sério, a aperfeiçoar a minha auto-hipnose. Esforcei-me desesperadamente por alcançar um transe sonambúlico muito, muito profundo, no qual o ego, a mente consciente, desistia e o inconsciente assumia o comando.

— Foram precisos dois anos de esforço ininterrupto — e muita purga dolorosa de mim próprio — até eu acertar em cheio.

— A primeira coisa que fiz foi dedicar uma hora por dia à auto-hipnose. Eu recostava-me na minha cadeira Lazy Boy. Começava por relaxar o corpo, como tinha aprendido na ioga. Rapidamente cheguei ao ponto de compreender que o corpo pode estar totalmente relaxado e sem tensão e, ainda assim, a mente manter-se plenamente ativa.

— Comecei o relaxamento da cabeça para baixo, começando pelo couro cabeludo, a testa, os olhos, as faces, as mandíbulas, as orelhas… Dividi o corpo no maior número de segmentos que consegui e passava tempo a relaxar cada segmento antes de passar ao seguinte.

— Eu dava as sugestões mentalmente a mim próprio. E, por fim, cheguei a um estado em que, embora soubesse que tinha um corpo, honestamente não teria conseguido dizer — se me perguntassem — onde estava o meu dedo, o joelho ou o abdómen.

— Para chegar a esse estado, foram precisos cerca de sete meses de prática diária.

— Os sete ou oito meses seguintes foram passados a relaxar a mente — eu já tinha o corpo relaxado, mas a mente continuava muito ativa —, e esta parte foi muito, muito mais difícil. Silenciar a mente, aniquilar o ego, era muito mais difícil do que silenciar o corpo.

— Mas eu persisti, com sangue, trabalho, suor e lágrimas. Sempre que um pensamento solto entrava na minha mente, eu limpava-o, apagava-o, como se estivesse a varrer giz de um quadro preto. Tentava concentrar-me naquilo que normalmente vemos quando fechamos os olhos pela primeira vez — um vazio. Eu concentrava-me nesse vazio e procurava entrar nele, ser engolido por ele. Sem pensamentos. Sem imagens. Apenas o vazio.

— Creio que comecei a atingir um estado hipnoide profundo quando, ao fim de um ou dois minutos a ver apenas a escuridão, o vazio, sem pensamentos ou imagens vagabundas a intrometerem-se, de repente a minha visão interior se enchia com um caleidoscópio de cor. Mas sobretudo um azul profundo contornado a dourado, numa forma ovóide. Quase como um embrião.

— Não se movia nem tremeluzia. Estava simplesmente ali: um óvalo azul, circundado de ouro.

— O passo seguinte foi quando percebi que estava a perder a noção do tempo. Eu focava-me nesse embrião dourado-azulado e já não sabia quanto tempo tinha passado.

— Comecei a aperceber-me de que estava a fixar esse óvalo azul contornado a ouro e, depois, a coisa seguinte que eu sabia era que estava a acordar, sem qualquer sensação de tempo decorrido. Por vezes, via que tinha estado "fora" meia hora; outras vezes, cinco minutos. Mas parecia tudo igual. Eu tinha alcançado um estado de intemporalidade.

— Em várias ocasiões, passei até duas horas nesse estado intemporal e não conseguia acreditar quando acordava e percebia quanto tempo tinha estado sob hipnose.

— Depois comecei a usar cassetes de trinta minutos, gravadas com a minha própria voz, para me fazer perguntas enquanto eu estava "lá em baixo" e para me dar a sugestão de acordar.

— Ao início, fazia a mim próprio perguntas egoístas, como sobre a minha saúde física. Depois, pedia prognósticos sobre o que iria acontecer comigo no trabalho, no casamento, e assim por diante.

— Mais tarde, ouvia as cassetes e ficava espantado ao ouvir esta voz — que era eu, mas não soava como eu — a dar respostas às perguntas que eu fazia. Era uma experiência um bocado inquietante. Eu a falar comigo mesmo, a dizer-me coisas que eu não sabia ao nível consciente.

— A minha linguagem no transe profundo não era como a minha fala normal. Era florida, retórica — inglês à King James — muito à maneira como Cayce falava quando estava em transe. Talvez esta seja a linguagem nativa do inconsciente. Seja como for, não soava a mim quando eu estava acordado.

— As respostas que eu obtinha não eram grande coisa ao princípio, por serem tão curtas. Ou abruptas, talvez seja a palavra melhor. Eu descobri que só se obtinha de volta aquilo que se pedia.

— Uma vez perguntei: “A vaidade é o meu grande problema?” e a resposta em transe foi: “Sim.” Bem, isso eu já sabia. O que eu queria era saber o que fazer quanto a isso. Então percebi que tinha de perguntar isso, se era isso que eu queria: “Como posso ultrapassar a minha vaidade?”

— Veja: o inconsciente é como um computador, neste aspeto. Só devolve aquilo que se lhe introduz. Se fizer uma pergunta que pode ser respondida com sim ou não, provavelmente obterá uma resposta sim ou não. Quanto mais complexa for a pergunta, mais rica e completa será a resposta.

— Depois tive dois amigos próximos que começaram a fazer por mim aquilo que a mulher de Cayce fazia por ele: atuavam como meus condutores. Usavam sugestões para me pôr sob hipnose, faziam as perguntas enquanto eu estava em transe e depois traziam-me de volta. Trabalharam comigo durante vários meses e começámos a obter resultados bastante surpreendentes.

— As leituras diziam que o condutor era crucial para o sucesso da sessão. Uma pessoa má, mesquinha, a atuar como condutor — advertiam as leituras — podia deixar-me fisicamente doente quando eu saísse do transe. E houve ocasiões em que isso aconteceu. Por isso, é muito importante ter uma pessoa bondosa, atenta, empática e amorosa como condutor.

— As leituras diziam-me para rezar antes de entrar em transe. A oração, que uso fielmente, era: “Senhor, por favor ajuda-me a ajudar estas pessoas. Não se faça a minha vontade, mas a Tua.”

— Depois, disseram-nos que o condutor devia usar uma oração e uma fórmula fixa para me pôr sob hipnose. Isto nunca varia. É assim: “Senhor, por favor protege esta entidade de todas as influências negativas, seja qual for a sua origem, e dá-nos as respostas que procuramos desta mente inquisidora, através da manifestação da verdade, da inteligência e do amor. Ámen. Permite, por favor, que a tua mente vá a quem, aonde, a quê e a quando for dirigida.”

— Depois, eu podia ser orientado a recuar no tempo dez mil anos até à Atlântida — o que já fiz, e temos uma enorme quantidade de material sobre isso — ou a avançar no tempo para prever o desfecho de um negócio. Ou podia, como acontece na maior parte das vezes, ser simplesmente instruído a localizar a forma de fulano ou sicrano numa determinada morada — parece que preciso da morada para “sintonizar” a pessoa — e relatar a saúde da entidade. A maior parte das leituras são leituras de saúde, mas muitas tocam também em vidas passadas, porque as doenças presentes e

outras condições têm frequentemente raízes em causas anteriores. Quero dizer: causas geradas em vidas terrestres anteriores.

— Sabe, nunca contei isto a ninguém, mas, mesmo antes de mergulhar no vazio da inconsciência total, vejo oito rostos em semicírculo a aproximarem-se de mim.

— São cinco homens e três mulheres. Parecem pessoas comuns. Exceto outro, o nono, que é cerca de cinco vezes maior do que os outros e ergue-se por detrás deles. É um patriarca de aspeto muito velho, com barba branca e uma túnica esvoaçante.

— Sinto amor a irradiar destes nove, mas por vezes também reprovação, se me portei mal ou se não quis entrar em transe. Às vezes, sabe, as leituras dão-me uma descasca por eu não estar à altura de toda a luz que recebi. Mas até a reprimenda tem um sabor de amor.

— Nunca perguntei os nomes destas pessoas — nunca senti que fosse necessário —, mas tenho a sensação de que são os meus guias, os meus anjos.

— O que as leituras têm dito é que são aqueles com quem fiz um pacto, antes de entrar no corpo físico nesta encarnação, para pedir ajuda quando precisasse. A parte deles nesse pacto é fornecer ajuda quando chamados.

— Demorei muito tempo a pedir. Mas isso foi culpa minha.

Capítulo Quatro

O VIDENTE ENCONTRA UM PSICÓLOGO

Ao que parece, o Dr. Lee Pulos já era conhecido de Ross Peterson — psiquicamente — antes de os dois alguma vez se terem encontrado.

Isso, pelo menos, é uma interpretação de uma leitura psíquica que Peterson deu em Toronto, a 22 de Maio de 1974.

Nessa leitura, que era para outra pessoa, o vidente em transe previu que o indivíduo em questão seria ajudado por “alguém com um nome que soa a grego. Ele será um gourmet na preparação de alimentos. E oferecerá a este a oportunidade de mover o corpo na direção geográfica ocidental… Se este aceita a oportunidade, é escolha sua, mas será uma oportunidade para construir aquilo que faz parte do seu destino…”

E, como aconteceu, poucos dias depois Lee Pulos (“alguém com um nome que soa a grego”), que além de professor de ciências do

comportamento é também gestor de restaurante, dirigindo uma cadeia internacional de Spaghetti Factories fabulosa e bem-sucedida (“Ele será um gourmet na preparação de alimentos”), entrou do nada no escritório em Toronto onde Peterson tinha feito a leitura.

O resultado foi que se formou uma parceria de negócios entre Pulos e o indivíduo para quem a leitura tinha sido feita. E essa parceria implicava que esse indivíduo se mudasse de Toronto para Vancouver, na costa ocidental do Canadá (“oferecerá a este a oportunidade de mover o corpo na direção geográfica ocidental”).

Quando Lee Pulos conheceu Peterson pela primeira vez, este lançou-lhe um olhar penetrante e disse friamente:
— Tu e eu vamos trabalhar juntos dentro de doze meses.

— Na altura — recorda Pulos — eu disse para mim: “Quem é este tipo, afinal? Quem é que ele pensa que é, psíquico?”

— Bem — acrescentou o psicólogo com um sorriso irónico — ao fim de oito meses, Ross e eu estávamos a trabalhar muito de perto. Na verdade, ele viveu durante algum tempo em minha casa.

Lee Pulos é um cientista formado (doutoramento em psicologia clínica pela Universidade de Denver) e exerce como professor clínico assistente no departamento de psiquiatria da Universidade da Colúmbia Britânica. As suas especialidades são hipnoterapia e terapia de grupo, ambas exercidas também em prática privada.

Pulos teve várias leituras psíquicas com Ross Peterson e estudou de perto os resultados do seu trabalho. Como avalia ele a exatidão?

— Eu diria que, quando Ross faz leituras físicas, leituras de saúde, está na ordem dos 90 a 95 por cento de exatidão. Falo aqui por experiência pessoal — disse o psicólogo numa entrevista.

— Deixe-me contar-lhe o que aconteceu. É tão incrível que ainda hoje mal consigo acreditar.

— A primeira leitura aconteceu em 1974. Ross, nessa altura, não sabia nada sobre mim. Tínhamo-nos acabado de conhecer.

— Ele entrou no transe — eu chamo-lhe o seu estado “pedrado” — e imediatamente apanhou o facto de eu ter um joelho mau, para o qual eu costumava precisar de usar uma joelheira depois de uma cirurgia ao joelho. Também acertou em cheio numa próstata aumentada, o que era absolutamente verdade, como eu sabia por um exame médico recente.

— Disse que eu tinha uma ligeira curvatura na coluna, o que era verdade. Eu sofria de dores lombares. Além disso, prescreveu exercícios de ioga para corrigir esse problema. As instruções eram bastante específicas. Disseram-me para fazer um exercício que envolvia levar os pés para trás e tocar com os dedos dos pés atrás da cabeça… muito, muito lentamente, trazendo os pés para trás e tocando-os atrás da cabeça. Parece loucura, mas funcionou.

— O outro exercício fazia-me sentar numa espécie de meia posição de lótus, com os braços levantados, e rodar lentamente o tronco para um lado, aumentando gradualmente o grau de rotação, e depois fazer o mesmo na direção oposta.

— Eu segui esses exercícios, e ainda sigo, e as dores nas costas são virtualmente coisa do passado. E jogo *racquetball* melhor do que nunca!

— Mas o detalhe realmente espetacular da leitura de Ross foi quando ele disse: “Este corpo sofreu uma lesão precoce nas gónadas.”

— Bem, para mim isso estava totalmente errado. Mas eu disse ao Ross: “Acertas quatro em cinco, o que não é nada mau.” Fiquei mesmo impressionado com a exatidão global da leitura, mas a observação sobre uma gónada lesionada contei-a como um erro absoluto.

— Até quase um ano depois. Então, tive uma dor no testículo direito. Fui ao médico. Ele disse: “Que idade tem? Operamos amanhã”, o que me assustou como o diabo. Eu pensei: “Olá, adeus”, de certeza.

— Enfim, a coisa seguinte de que me lembro foi de o médico vir ter comigo quando eu acordei da anestesia e ele estava a sorrir.

— Está bem — disse ele. — Não se preocupe, não era cancro. Era um hidrocelo. *(a acumulação anormal de líquido na bolsa escrotal, à volta de um ou de ambos os testículos.)*

— Quando recuperei os sentidos, perguntei: “Mas que raio é um hidrocelo?”

— O urologista disse: “Bem, quando era um embrião, no útero, as gónadas desceram, como acontece no desenvolvimento normal, mas no seu caso, no processo dessa descida, formou-se uma micro-mini bolsa de ar e isso foi o início do hidrocelo.” E, quarenta e sete anos depois, acabei na mesa do cirurgião para corrigir isso.

— Como sei agora, um hidrocelo é uma cavidade no corpo que se enche de líquido seroso. Basicamente, é uma bolsa de líquido que causa

dor e muitas vezes inchaço, e tem de ser drenada para que o problema fique curado.

— Quando disse ao meu urologista que, um ano antes, um médium — Ross Peterson — me tinha falado de uma lesão precoce nas gónadas e insinuado que isso me iria dar problemas… bem, aquele urologista ficou parvo! Não havia maneira de aquilo ser inferência, palpite, dedução, ou outra coisa que não clarividência pura, porque ninguém — nem sequer eu — sabia que essa lesão tinha ocorrido. E quarenta e sete anos antes.

— Mas isto não é o fim das performances incríveis de Ross comigo. A 23 de Dezembro de 1975, desenvolvi outra dor persistente no testículo direito, o mesmo que tinha tido o hidrocelo. E pensei: “Oh, não! Talvez desta vez a sorte tenha acabado.” Porque, lembre-se, já tinha passado quase um ano desde a cirurgia.

— Por isso, liguei ao Ross, no Michigan — eu estava a viajar e estava em Ottawa na altura — e disse: “Olhe, estou mesmo preocupado. É uma dor no mesmo testículo e eu gostava mesmo que verificasse isso. Vou ao médico assim que voltar a Vancouver, mas veja entretanto o que consegue.”

— Então o Ross, naquele jeito frio dele, perguntou-me a minha localização exata e eu dei-lhe a morada onde eu estaria em Ottawa, a uma hora precisa. Ele disse que faria a leitura e que eu voltasse a ligar para saber os resultados.

— Bem, liguei mais tarde e a primeira coisa que a mulher dele, Irva, me disse foi que a leitura começou por me dar uma descasca por eu não beber um pouco de vinho com as refeições.

— “Temos dito a este corpo para beber uma pequena porção de vinho antes de cada refeição, porque precisa disso para ajudar a relaxar e facilitar a digestão.”

— Imagine! Era algo que me tinham dito quase um ano antes e voltou a sair. E estava correto: eu não tinha bebido o vinho.

— E dizia, assim como quem não quer a coisa, que eu não tinha nada com que me preocupar. A dor no testículo estava relacionada com a cirurgia e o Ross usou um termo técnico para isso, que agora não me lembro. Também prescreveu um certo tratamento (que eu não segui) com óleo de cânfora e cataplasmas de óleo de rícino. No entanto, disse que a condição desapareceria completamente por si só.

— Quando voltei a Vancouver e fui ao meu urologista de confiança, ele examinou-me e usou quase exatamente a mesma terminologia que o Ross

tinha usado, e disse que a dor era apenas transitória e estava ligada à cirurgia anterior.

— Portanto, o Ross acertou em outra “mouche”!

Lee Pulos não é o único membro da família a ter tido uma experiência avassaladora com Ross Peterson. A primeira leitura do seu irmão com Peterson foi, se possível, ainda mais extraordinária do que a de Lee.

— O meu irmão, Andy, foi inicialmente ter com o Ross por curiosidade. Era cético. Pediu leituras de vidas passadas para ele e para o filho, que foram muito interessantes. Pareciam encaixar em muitas das idiossincrasias de carácter e personalidade tanto do meu irmão como do meu sobrinho, e explicavam-nas em termos de “transportes” cármicos de vidas anteriores. Tinham um toque de verdade.

— Enfim, o meu irmão também pediu ao Ross que fizesse uma leitura de saúde tanto da mulher como da filha, a Nadine, que tinha dez anos.

— Ross disse que havia algo errado no útero da mulher dele, a Carol. Havia uma condição doentia, embora não grave.

— Bem, o meu irmão Andy disse: “Não, lamento, mas não me parece que isso esteja certo.”

— Depois o Ross disse que a Nadine, a filha, tinha um dente muito doloroso, que estava de facto com um abcesso, e que o veneno se estava a espalhar pela mandíbula e o dente tinha de ser removido.

— E, de novo, o Andy hesitou: “Bem, não me parece que isso esteja certo.”

— Mas o Andy ligou à Carol, a mulher, no dia seguinte. (Ele estava em Toronto em trabalho, penso eu, e ela estava em casa, em Vancouver.)

— Ele disse: “Então, está tudo bem?” E ela respondeu: “Ah, eu devia ter-te dito isto, mas fui ao médico ontem e ele encontrou um pólipo no meu útero que quer remover. Nada de grave.”

— “E a Nadine, como está?”, perguntou Andy.

— Bem — disse a Carol —, ontem tivemos de a tirar da escola porque ela estava a gritar com dores. Afinal, tinha um dente com abcesso e nós corremos para o dentista e ele tirou-o.

— Com isto, o meu irmão ficou quase em choque! Como podia Ross Peterson, em transe, a cerca de três mil milhas de distância, ter captado corretamente as condições físicas tanto da mulher como da filha? E de

forma tão específica! Um dente com abcesso é mais do que uma coincidência banal.

Como empresário, além de cientista do comportamento, Lee Pulos tem usado os dons psíquicos de Ross Peterson para obter aconselhamento prático. E, diz ele, isso revelou-se enormemente útil.

— Perguntámos ao Ross, numa leitura, quais eram as perspetivas de um novo restaurante que estávamos a planear abrir em Toronto, chamado *Organ Grinder*. Era diferente de tudo o que tínhamos feito e tínhamos dúvidas sobre se iria resultar.

— A leitura disse que o *Organ Grinder* seria muito bem-sucedido e que devíamos avançar sem qualquer dúvida.

— Bem, em quatro meses tornou-se a segunda operação mais bem-sucedida de toda a nossa cadeia internacional de restaurantes. Em apenas quatro meses! Isso é fenomenal.

— Também usámos o Ross na seleção de pessoal. Fizemos uma leitura e dissemos ao Ross, em transe, que estávamos a considerar várias pessoas para direção de restaurantes e pedimos-lhe que avaliasse a adequação de cada uma. Depois dei-lhe os nomes e as moradas e ele começou a falar-nos sobre elas.

— Tem sido incrivelmente exato. Numa leitura, disse que um jovem que estávamos a considerar para a direção, mas sobre quem tínhamos sérias dúvidas, era muito honesto, mas precisava de supervisão próxima. O problema, disse o Ross, “é que este não sabe lidar com números. Nem um pouco. Não consegue somar dois mais dois.”

— Verificámos que era absolutamente verdade. O tipo não conseguia somar dois mais dois nem que a vida lhe dependesse disso.

— O Ross também disse que ele tinha dificuldade em trabalhar com mulheres por causa das suas “atitudes chauvinistas”. Bem, ele é de outro país e é muito chauvinista, embora esteja a tentar mudar.

— Não há maneira de este tipo de coisa ser mero palpite. É demasiado estranhamente exato, demasiadas vezes.

— Uma vez, dei ao Ross os nomes de dois funcionários com quem havia alguns problemas e pedimos-lhe que clarificasse a situação. Os dois estavam a milhares de milhas de distância, numa cidade que o Ross nunca tinha visitado, mas ele começou por descrever o aspeto do restaurante, as árvores à frente, tudo. Chegou mesmo a descrever a aparência de um dos homens, que, escusado será dizer, ele nunca tinha visto.

Lee Pulos deu a entender que as leituras de negócios não são tão diretas como as leituras físicas ou de saúde. Há, por vezes, uma certa ambiguidade délfica, disse ele, e nuances que podem ser mal interpretadas.

— Sei de uma empresa que suspeitava que havia marosca numa das suas lojas, porque as percentagens estavam completamente fora. O Ross fez uma leitura e apontou o dedo a duas pessoas na loja.

— A empresa confrontou os dois e houve um grande alvoroço, e as insinuações do Ross pareceram ser imprecisas.

— No entanto, mais tarde, um dos principais envolvidos disse: “Sabe, talvez o Peterson tenha tido razão afinal”, e passou a apontar para um indivíduo na loja que podia estar envolvido em algo censurável, mas não da forma que o Ross tinha indicado. Por outras palavras: sim, podia haver coisas a sair pela porta de trás, mas não de forma desonesta. Era incompetência, não conluio. O Ross tinha usado uma metáfora e era preciso lê-la da forma certa para chegar à resposta certa.

— Portanto, em certas áreas, as leituras falam de modo metafórico, críptico, quase surrealista. E, se as tomarmos de forma literal e concreta, vamos interpretá-las mal.

Outro problema ao avaliar a exatidão das leituras de negócios ou económicas de Peterson é que grande parte delas diz respeito a acontecimentos ainda no futuro.

— Por exemplo — disse Lee Pulos —, o Ross deu-nos prognósticos sobre tendências de negócios a longo prazo, uma ferrugem do trigo que supostamente afetará a produção de esparguete e uma futura escassez de tomates. Tudo isso ainda está no futuro. Teremos de esperar para ver o que acontece.

— Sei de uma previsão em que ele esteve 100 por cento errado. Absolutamente, completamente errado.

Previsões falhadas, contudo, são de esperar pela própria natureza do tempo e do futuro, tal como as leituras os descrevem. As leituras dizem repetidamente que só raramente, se é que alguma vez, o futuro pode ser previsto de forma absoluta.

— Nem Deus sabe o que poderás pensar amanhã — disse uma vez Peterson, em transe.

Alguns acontecimentos, poucos, parecem de facto fixos — predestinados, se quisermos. Mas, em grande parte, o futuro, tal como é descrito nas leituras, é fluido, plástico, capaz de assumir muitas formas

diferentes, consoante a forma como as pessoas pensam e agem no presente.

Os céticos podem chamar-lhe “cautela” quando, em transe, Peterson diz: “Considerando a lei das probabilidades, só podemos dizer que, neste caso, parece muito provável que…” Mas será cautela, ou simplesmente o reconhecimento de que o futuro depende, em grande medida, do presente?

Uma vez, perguntado numa leitura se “as coisas correrão bem para esta entidade”, Peterson respondeu:

— Deves saber que não há homem que possa dizer que isto ou aquilo tem de ser assim. Pois o destino não é vivido até ser vivido. E é determinado pelos pensamentos que hoje tens na tua mente. Porque aquilo que hoje tens na tua mente, a tua oração — pois é isso que realmente é —, é o que determinará como te recompensas ou castigas amanhã e nos amanhãs. Vês?

As leituras de saúde partem do pressuposto de que o livre-arbítrio pode, muitas vezes, mudar aquilo que, de outra forma, aconteceria.

Muitas vezes, as leituras disseram: “Este corpo desenvolverá um grave desequilíbrio a menos que sejam feitas certas alterações alimentares. Se forem seguidas, a doença pode ser evitada.”

Isto é mudar o futuro.

Ou: “Esta entidade levará o cônjuge a divorciar-se dela, a menos que refreie a língua cortante que se queixa continuamente. Mas, se mudar a sua forma de pensar, se se esforçar por ser mais amorosa, o cônjuge responderá e a harmonia poderá voltar a florescer entre ambos.”

Advertências deste género sugerem que, na perspetiva das leituras, o futuro está longe de ser fixo. Está, pelo menos em parte, num fluxo dinâmico, e decisões tomadas no aqui e agora podem mudar aquilo que, de outro modo, seria.

Como psicólogo e hipnotizador clínico, Lee Pulos sugeriu como Ross Peterson faz aquilo que faz.

— Basicamente, é uma função hipnótica em que a mente racional, lógica e analítica é desligada, assim como quaisquer estímulos físicos interferentes — disse Pulos.

— O Ross disse-me que, quando começou, numa escala de um a dez, ele era um três como sujeito, em termos de profundidade hipnótica. E insistiu, insistiu, insistiu e, de repente, um dia, caiu para lá do lado fundo — e foi isso.

— Isto é consistente com a minha experiência em hipnose: a profundidade hipnótica não é um estado fixo. Pode ser aumentada. Foi isso que o Ross fez. Continuou até finalmente a atingir esse nível. E sinto que isto é possível para qualquer pessoa.

— Também sinto que o que acontece é uma comunicação de subconsciente para subconsciente quando ele está nesse estado. Ou, possivelmente, que ele se liga a algum tipo de fonte universal, a um inconsciente coletivo, de onde extrai seletivamente informação.

— Alguns médiuns em transe dizem ser tomados por guias espirituais ou santos protetores, mas eu penso que isso é um fenómeno idiossincrático ou cultural. Penso que o médium em transe se liga ao seu próprio inconsciente e, através dele, aos inconscientes de outras pessoas e, possivelmente, a esse reservatório universal de consciência.

Perguntado se compararia Ross Peterson a Edgar Cayce, o Dr. Pulos disse:

— O fenómeno é essencialmente o mesmo. Eu diria que o Ross é 80 ou 85 por cento tão bom quanto o Cayce era. O Cayce era superior, penso eu, nas suas capacidades gerais de previsão. Mas quem sabe até onde o Ross irá desenvolver-se?

De facto. Quem sabe?

Capítulo Cinco

UMA AVALIAÇÃO MÉDICA DO VIDENTE

Quem seria o árbitro ideal para avaliar a capacidade de vidência de Ross Peterson?

Uma vez que o vidente adormecido, tal como o seu mentor Edgar Cayce, se dedica sobretudo a leituras médicas, seria de esperar que um médico bem formado fosse necessário para avaliar a sua exatidão. No entanto, algumas — senão todas — as leituras também contêm intuições psicológicas e, para as avaliar, seria ideal um especialista nas ciências do comportamento.

Um homem que reúne elevadas qualificações tanto como cientista médico como como cientista do comportamento submeteu Ross Peterson a um estudo intensivo. O seu nome: Dr. F. Logan Stanfield.

Ele verificou mais de quatro dezenas de leituras médicas de Peterson. E as suas conclusões?

— Como diagnosticador médico — disse o Dr. Stanfield —, Ross Peterson é extremamente exato. Na verdade, raramente está errado. Numa palavra: é fenomenal!

Quais são as qualificações e o percurso deste cientista que teve uma oportunidade única de estudar em profundidade uma versão contemporânea de Edgar Cayce?

Logan Stanfield começou a carreira como engenheiro mecânico, obtendo licenciatura e mestrado nessa área no Newark College of Engineering e na Universidade de Nova Iorque, respetivamente. Obteve o grau de médico na Universidade de Howard em 1952 e, depois, fez o equivalente a seis anos de formação especializada em psiquiatria e psicanálise no New York Medical College e na divisão psiquiátrica do Bellevue Medical Center, concluindo o Curso Completo de Psicanálise. É psicanalista certificado.

Além de manter consultório privado em psicanálise, o Dr. Stanfield ocupou vários cargos profissionais. Foi instrutor de psiquiatria no New York Medical College, foi Subchefe da Clínica Psiquiátrica de Ambulatório de Adultos do Hospital Mount Sinai de Nova Iorque e Psiquiatra Responsável pelo Serviço de Dependência de Narcóticos para Adolescentes e Adultos no Metropolitan Hospital, em Nova Iorque. Durante três anos, foi psiquiatra consultor da IBM Corporation na área da cidade de Nova Iorque.

Do ponto de vista académico e profissional, Logan Stanfield possui as mais elevadas distinções. É diplomado do *American Board of Psychiatry and Neurology*, *Fellow* da *Academy of Psychoanalysis* e membro, ou antigo membro, de treze sociedades profissionais. Está licenciado para exercer medicina em quatro estados dos Estados Unidos e em duas províncias do Canadá. De 1954 a 1971 teve consultório privado de psiquiatria e psicanálise na Quinta Avenida de Nova Iorque. Desde então, tem consultório privado em Toronto, Ontário.

Foi em Toronto que Logan Stanfield conheceu Ross Peterson. Para o homem de ciência arquetípico, o encontro foi uma introdução desconcertante ao mundo estranho e inquietante que existe para lá dos sentidos físicos. Desde esse primeiro encontro, o Dr. Stanfield estudou e avaliou numerosas leituras de Peterson para determinar como se confirmavam.

— Fiz seguimento a pelo menos cinquenta leituras — disse o psicanalista — e os resultados são, no mínimo, extremamente impressionantes.

— Em cada caso, pedi um teste diagnóstico específico, focado no sistema orgânico particular onde o Ross dizia existir uma disfunção. Por exemplo: se ele indicava hipertiroidismo, ou seja, uma tiroide hiperactiva, eu mandava imediatamente essa pessoa fazer testes de função tiroideia. Se a leitura mencionava uma tendência para diabetes, eu mandava fazer os procedimentos relevantes — teste de tolerância à glicose, níveis de açúcar no sangue durante a alimentação e em jejum, e assim por diante.

— Por outras palavras, tive ampla oportunidade de examinar muitos pacientes pelos métodos clássicos da ciência médica, concentrando-me na área do corpo em que a leitura detetava uma disfunção. E devo dizer, do ponto de vista médico, que Ross Peterson é muito, muito exato. Estranhamente exato.

— Sem entrar agora numa análise estatística técnica, eu estimaria que ele esteve certo nos diagnósticos nove vezes em dez, ou dezanove vezes em vinte, se preferir. Esse é um nível de exatidão extremamente elevado, astronomicamente acima do acaso.

— Num certo número de casos, encaminhei pessoas para um quiroprático a fim de fazer radiografias à coluna, e estas revelaram subluxações — variações na distância entre vértebras adjacentes — e rotações — deslocamentos angulares ou inclinações das vértebras — que correspondiam precisamente às indicadas por Ross nas leituras. Ele é minuciosamente exato a descrever esses desalinhamentos da coluna, que as leituras dizem ter um efeito marcado na saúde do indivíduo.

Além de avaliar Peterson do ponto de vista médico, Logan Stanfield teve também oportunidade de observar o seu desempenho noutras áreas, não médicas.

— Sim — prosseguiu —, estive numa posição, creio eu, única para apreciar as suas capacidades proféticas gerais. A minha avaliação baseou-se em previsões específicas que ele fez sobre indivíduos que ou estavam em psicanálise continuada comigo, ou que eu, de outra forma, conseguia acompanhar.

— Na área da previsão de acontecimentos de natureza não médica, eu diria que Ross esteve certo — oh, no mínimo absoluto — seis vezes em dez. Repare: falo de previsões de acontecimentos específicos ou séries de acontecimentos, não de meras generalidades. Algumas das suas previsões foram impressionantemente exatas, quase inacreditavelmente.

— Em termos gerais, portanto, com base em pelo menos dois anos de associação com Ross Peterson, o meu juízo ponderado é que ele demonstrou inequivocamente poderes psíquicos de uma ordem

espantosamente elevada. Francamente, ele é incrível. Ao princípio, admito, fiquei algo assombrado com as coisas extraordinárias que ele faz.

Mas Peterson não é infalível. (“Graças a Deus!”, exclamou um consulente. “Se fosse, isso seria demais. Ele não seria humano. Seria aterrador!”) O Dr. Stanfield documentou casos em que o vidente falhou completamente.

— Em pelo menos duas situações — disse o psicanalista — Ross falhou por completo a doença do paciente. Num caso, diagnosticou corretamente um tumor cerebral, mas chamou-lhe uma “massa fibroide”, que é benigna, quando já tinha sido diagnosticado medicamente como um tumor altamente maligno, que acabou por se revelar fatal. Nesse caso, Ross também falhou o facto de o tumor cerebral ter metastizado, ou seja, de se ter espalhado a partir de uma lesão primária no pulmão. Ross insistiu que o pulmão estava limpo, mesmo perante a minha afirmação de que as radiografias tinham revelado uma lesão ali. Estava completamente errado.

Porquê estes falhanços?

O Dr. Stanfield tem algumas teorias sobre este problema, envolvendo o metabolismo do corpo e a sua interação com o sistema nervoso central. Mas deixemos esta importante questão para mais tarde, no capítulo.

Agora, voltemos a viver, através dos olhos e ouvidos de um explorador sofisticado da psique, o seu primeiro encontro com um ser humano que afirma ser psíquico quando fala a dormir.

— Antes de me sentar com Ross Peterson — disse o Dr. Stanfield —, embora eu tivesse interesse em parapsicologia, não tinha um conceito claro do que o campo abarcava. E nunca tinha procurado um médium para uma sessão.

— Fui ver o Ross por causa da extraordinária exatidão de uma leitura que ele fez para um amigo meu. Esse amigo, cujo julgamento eu respeitava, disse-me que tinha perguntado ao Ross sobre a sua mulher, de quem estava separado, que se encontrava em Los Angeles, e o Ross passou a descrevê-la com uma exatidão arrepiante. A mulher descrita era, sem dúvida, a esposa desse homem. E, no entanto, Peterson nunca a tinha visto, nem sequer ao meu amigo, e ela estava, na altura, a cerca de três mil milhas de distância.

— O meu amigo também estava preocupado com um processo de custódia envolvendo a filha. O Ross fez várias previsões sobre como as coisas iriam decorrer, entrando em detalhe considerável e traçando um calendário de acontecimentos. Pouco depois, provou ser espantosamente

exato numa das previsões de curto prazo. E, à medida que o cenário se foi desenrolando, as suas previsões continuaram a confirmar-se, mais ou menos dentro do previsto.

— Enfim, não surpreendentemente, como investigador da mente, senti a minha curiosidade despertar e marquei uma sessão com este médium, clarividente, vidente — ou seja lá como ele se chamasse.

— Ao entrar no escritório, encontrei um homem de cabelo branco, de tez escura, alto, com uns olhos estranhos que pareciam ter pequenas pintas prateadas na periferia da íris. Era gentil, educado e falava num tom baixo, embora houvesse força na voz.

— Conversámos durante uns minutos sobre coisas sem importância e, depois, vi uma mulher a preparar um gravador. Disseram-me que ela era a condutora que iria induzir Ross ao transe. Como eu queria uma leitura privada, a condutora concordou em sair da sala depois de pôr Ross em transe; depois de "ligar o rádio", por assim dizer.

— Então o Ross acomodou-se numa cadeira tipo chaise-longue, que lhe permitia reclinar-se numa posição quase horizontal, e preparou-se calmamente para entrar em transe. Tendo eu usado hipnose extensivamente na minha prática, observei tudo com muita atenção.

— Francamente, o que aconteceu foi muito comovente. A sala parecia carregada de uma energia que ia crescendo de forma constante. Tive a estranha sensação de que, à medida que ele avançava claramente para um transe cada vez mais profundo, estava a atrair forças ou emanações de algum lugar fora de si. Havia algo, bem, de não terreno em tudo aquilo.

— Nessa altura, a condutora disse ao Ross: "Por favor, limpe a mente", e ele respondeu, com uma voz completamente diferente: "A mente está limpa."

— Depois, a condutora levantou-se e saiu, deixando-me sozinho com este médium sonambúlico.

— Falando com franqueza, fiquei abalado com a diferença entre a voz normal de Peterson e a voz em transe. Era, de facto, inquietante. Dava a impressão de que havia outra presença além de Peterson.

— Bem, seguindo instruções prévias, mencionei o nome e a morada do meu filho e pedi ao Ross que o localizasse.

— Durante todo o tempo eu tinha estado a observar cuidadosamente a oscilação dos globos oculares de Peterson sob as pálpebras fechadas — como se estivesse a varrer um ecrã — e esses movimentos oculares

aceleraram agora. Por fim, voltou a sair-lhe da boca aquela voz estranha. Disse: “Sim, temos a forma.”

— Depois, passou a descrever o meu filho com uma exatidão impressionante, em termos do seu temperamento, dos seus interesses, de experiências por que acabara de passar e de outras que iria em breve atravessar.

— Falou de traços específicos: a paixão do meu filho pelo desporto; o desejo de conduzir um carro de corridas, para o qual ele tem claramente vocação; e o seu amor por voar. Bem, eu sou piloto e o meu filho adora voar, por isso o Ross estava certo em todos os pontos.

— Disse também que detetava nesse rapaz, que na altura tinha oito anos, a inclinação para se tornar um curador, especificamente um cirurgião e, ainda mais especificamente, um neurocirurgião.

— Disse que, como neurocirurgião, o meu filho iria usar instrumentos ainda por desenvolver para remover lesões no cérebro e no sistema nervoso central.

— Fez o comentário: “Isto será o mais significativo para esta entidade, pois já foi curador antes”, implicando uma existência anterior.

— Bem, eu tenho sido muito cuidadoso para não transformar isto numa profecia autorealizável, empurrando o meu filho, consciente ou inconscientemente, para a neurocirurgia. Mas, à medida que o tenho visto desenvolver-se, a previsão do Ross torna-se cada vez mais provável. Na verdade, não vejo nada que a contrarie.

— A mente do meu filho afina-se dia após dia. Ele interessa-se por biologia, por sistemas vivos. E interessa-se muito por dispositivos, equipamento eletrónico e coisas do género. Sim, vejo uma tendência definida que o poderia levar muito facilmente à neurocirurgia.

— Também perguntei ao Ross pela minha filha e ele deu-me uma descrição igualmente exata, sublinhando os seus sentimentos maternais, o desejo de casar e ter filhos, e o seu amor por grandes espaços abertos. Não havia nela impulso para uma carreira, disse ele, e isso estava inteiramente correto. Mais uma vez, eu conseguia ouvir a minha filha a ser traçada, e não outra pessoa qualquer. Foram mencionados demasiados traços específicos.

— Aliás, e este é um ponto interessante, quando pedi ao Ross que localizasse a minha filha, eu dei a morada, mas esqueci-me de acrescentar Toronto, Ontário, Canadá. E, em resposta, em vez de me dar informação, esse “computador humano” de voz oca perguntou: “Em que parte do mundo?”

— Foi então que me ocorreu que, embora eu estivesse ali sentado, em Toronto, ao lado de uma forma inerte que parecia estar a dormir, mas que era capaz de responder verbalmente a perguntas, a mente de Peterson estava noutro lugar. A mente dele parecia vaguear pelo espaço mais ou menos como lhe apetecia, capaz de se projetar para qualquer ponto designado do globo. Pelo menos, era isso que parecia estar a acontecer.

— Enfim, eu acrescentei Toronto, Ontário, Canadá, e o Ross disse: "Ah, sim, agora temos a forma", e passou a descrevê-la.

— Depois veio algo verdadeiramente chocante — algo que me abalou mais do que tudo o que já tinha acontecido.

— Veja: durante anos tenho tentado compreender o cérebro — ou a mente, como preferir —, em particular as suas capacidades potenciais: o que realmente pode e não pode fazer. Durante muito tempo suspeitei que fenómenos como alucinações e delírios não eram apenas indicadores de psicopatologia, mas possivelmente pistas para capacidades ocultas à espreita sob a superfície da mente.

— Ora, nessa leitura com Ross Peterson, eu via algumas das minhas suspeitas confirmadas. Ali, diante dos meus olhos, estava a evidência de que a mente é primária e o corpo secundário; de que a mente tem formas de perceber que transcendem as vias físicas da perceção.

— Esse momento foi um ponto de viragem na minha vida.

— E o verdadeiro choque, o momento da verdade, por assim dizer, foi quando pedi ao Ross que localizasse a forma da minha futura esposa, dando a morada. Ora, ela podia estar a fazer o que fosse naquela tarde em particular, mas, instantaneamente, Peterson disse: "Sim, temos a forma. Sentada a uma secretária."

— Isso abalou-me porque eu sabia, por acaso, que naquele exato momento ela estava sentada a uma secretária!

— Portanto, ali estava este homem invulgar a descrever não só a localização de uma mente e de um corpo, mas até a posição anatómica! Era como se tivesse olhos de raios X capazes de varrer qualquer distância e ver através de paredes.

— Em várias leituras desde então, já ouvi o Ross dizer coisas do género: "Sim, temos a forma. Que hora estranha do dia para estar vestido com um roupão." Ou: "A forma está a ouvir rádio." Habitua-se a isto ao fim de algum tempo, mas, na primeira vez, tende a deixá-lo pregado ao chão.

— A leitura incluiu informação sobre três encarnações anteriores minhas que o Ross disse serem especialmente relevantes para a minha vida presente.

— Ora, eu sempre senti intuitivamente que a consciência humana, a mente, sobrevive à morte biológica, e que a reencarnação era uma forma plausível para essa sobrevivência assumir. Mas eu não me detivera no assunto e não tinha uma convicção forte, em sentido algum. Havia apenas em mim uma suspeita de que a reencarnação fosse verdadeira.

— Contudo, como resultado dessa primeira leitura com o Ross, e de coisas que aprendi desde então, passei a saber que a reencarnação é verdadeira. Uma pessoa intui uma coisa destas. Não consigo prová-la a mais ninguém, nem tenho desejo de o fazer. Mas eu sei. E esse saber começou com as coisas que o Ross me disse nessa primeira leitura acerca das minhas vidas passadas. Havia nelas um sentido de adequação.

— Uma coisa muito estranha aconteceu quando o Ross descreveu uma das minhas supostas encarnações que caiu na época em que os meus bisavós viveram.

— Ele disse: “Tu foste aquele que dirigiu operações de plantação de culturas por muitos na área de Baltimore”, o que interpretei como significando que eu era um capataz de uma plantação.

— Mas acrescentou: “Ao Dia do Senhor tu eras um homem do clero. O teu nome era Hans Jordan.”

— Sentei-me de repente, como se me tivessem espetado um alfinete. Jordan era o apelido dos meus bisavós! A última vez que me lembro de o ter ouvido foi quando eu tinha catorze ou quinze anos. E ali estava ele, a sair da boca de um médium.

— O significado disto não tenho a certeza, mas, certamente, Jordan não é Smith nem Jones. É um nome improvável para o Ross inventar. Talvez houvesse alguma ligação familiar com os meus bisavós nessa vida anterior, pois parece que, regra geral, estivemos próximos em encarnações anteriores de pessoas que são importantes para nós.

— O Ross disse que eu era um pregador do inferno e da condenação e que tinha “perdido” cármicamente por causa disso. Disse também que, como reação aos meus excessos religiosos nessa vida anterior, eu não tinha qualquer interesse em religião organizada nesta vida. E isso é perfeitamente verdade. Os valores espirituais sempre foram importantes para mim, mas teologias e instituições eclesiásticas sempre me pareceram criações humanas e muito arbitrárias — do mesmo modo que diferentes

sistemas psicanalíticos são criações humanas e podem ser bastante arbitrários.

Logan Stanfield saiu desse primeiro encontro com o vidente adormecido num tumulto intelectual e emocional. Havia excitação. Curiosidade. Deslumbramento. E uma necessidade de saber mais, de ir mais fundo.

O Dr. Stanfield voltou para uma leitura médica. E esta foi bastante demonstrativa. Em termos gerais, Peterson deu-lhe um atestado de boa saúde. No entanto, mencionou algumas “lesões” no trato gastrointestinal que tinham sarado, sem causar problemas.

— A verdade — disse o psicanalista — é que, algum tempo antes disto, um internista tinha-me feito uma série GI, como nós, médicos, chamamos ao exame do trato gastrointestinal, e relatou que eu tinha diverticulose. *(A presença de divertículos — pequenas bolsas ou saliências — na parede do intestino, mais frequentemente no cólon (intestino grosso).*

— Trata-se de uma condição em que as paredes do intestino, à medida que enfraquecem com a idade, desenvolvem pequenas bolsas. A menos que essas bolsas inflamem (uma doença chamada diverticulite), a condição é assintomática, isto é, sem sintomas.

— No entanto, não gostei da ideia de ter diverticulose, mesmo que não causasse sintomas, e disse para mim: “Não aceito isto. Vou usar a minha mente para curar esta condição.”

— Bem, ao que parece, consegui. Aqui, o Ross detetou lesões cicatrizadas no meu trato gastrointestinal, que acredito serem as marcas da minha diverticulose anterior.

No entanto, Peterson também mencionou outro facto de saúde sobre Logan Stanfield. A leitura dizia que, nos dez anos anteriores, ele tinha tido “problemas respiratórios” e “ataques de pieira, por vezes bastante severos”.

Disse o Dr. Stanfield:

— Isso estava bastante correto. Eu não tenho pieira agora, e não tinha na leitura com o Ross. Mas, de facto, uma das razões pelas quais deixei a cidade de Nova Iorque e vim para Toronto foi para escapar ao ar altamente contaminado de Manhattan. Por respirar essa poluição, eu tinha ataques frequentes de pieira e cheguei a desenvolver uma condição a roçar a asma. Portanto, o Ross voltou a ser bastante exato.

Quando Logan Stanfield contou à sua futura esposa sobre o homem inquietante com olhos virtualmente omnividentes, ela pediu uma leitura. E

recebeu a sua própria prova, peculiarmente convincente, de que havia algo nessa história do “psíquico”.

Pediu ao Peterson, em transe, que localizasse a forma de um amigo próximo e deu-lhe o nome e a morada, numa cidade do oeste dos Estados Unidos, a cerca de 2.000 milhas de onde estavam. Peterson teve dificuldade em encontrar o amigo. Disse que a forma não estava em casa. Foi dada a morada do local de trabalho, mas Peterson disse que a forma também não estava lá.

— A menos que seja alguém de cabelo claro — disse o médium em transe.

Garantido de que aquela era a pessoa errada, Peterson disse que continuaria a procurar. Os globos oculares dele corriam de um lado para o outro como loucos sob as pálpebras fechadas.

Por fim, o vidente disse:

— Embora a forma não esteja em nenhum destes locais, temos o padrão e as vibrações da sua mente.

Logan Stanfield, que estava presente na leitura, foi novamente atingido por uma sensação da absoluta incredibilidade, em termos de senso comum, do que estavam a viver.

— Era — disse ele — como se uma câmara de televisão tivesse sido enviada num veículo espacial, ficasse suspensa sobre um local, o varresse e determinasse que o indivíduo rastreado não estava lá em termos do corpo físico denso e, ainda assim, captasse as ondas emanadas do cérebro e devolvesse uma imagem no ecrã, para a base.

Quando Peterson conseguiu finalmente “sintonizar” o amigo e começou a descrevê-lo, não havia dúvidas de que o médium tinha a pessoa certa.

— Falou do seu estado emocional, que era negativo, e dos grandes conflitos que ele tinha nas relações com mulheres — disse Logan Stanfield. — Descreveu-o com grande exatidão.

— E depois disse algo inesperado.

— Em breve ouvireis deste amigo, e ele pedirá para passar um período de tempo convosco, pois está bastante deprimido.

— Bem, passaram-se seis semanas e, com efeito, chegou uma carta desse amigo a avisar que vinha para Toronto num certo voo, pedindo-nos

que o fôssemos buscar ao aeroporto e acrescentando que se sentia bastante deprimido.

Os médiuns, tal como os médicos, tendem a especializar-se; a ser mais competentes numas áreas do que noutras. Normalmente não se pede a um obstetra que faça cirurgia ao cérebro, nem a um neurocirurgião que remova um rim doente. Do mesmo modo, pessoas com dons psíquicos tendem a exercê-los em direções particulares.

Um pode ser excecionalmente bom em psicometria (captar informação ao manusear um objeto), enquanto outro se especializa em precognição (relâmpagos do futuro) e outro ainda tem uma facilidade notável para recuperar nomes obscuros do passado de um indivíduo.

Como Ross Peterson se modelou conscientemente em Edgar Cayce, não surpreende que o seu principal talento psíquico seja a clarividência médica.

É um talento que se presta facilmente à verificação. Se o médium diz que há um tumor num determinado local do corpo, testes podem determinar se ele está ou não lá.

Foi este tipo de verificação que construiu a reputação de Edgar Cayce como psíquico. Sem o carácter probatório das suas leituras médicas, é duvidoso que se tivesse prestado muita atenção às suas leituras muito menos verificáveis sobre reencarnação e Atlântida. Foram as leituras médicas, com o seu elevado grau de exatidão (embora, é certo, Cayce também tenha tido a sua quota de falhanços de 180 graus), que o carimbaram como um vidente genuíno. E assim é com este Cayce dos nossos dias, Ross Peterson.

A estimativa do Dr. Logan Stanfield de que, das cinquenta leituras médicas que acompanhou, Peterson foi exato nove vezes em dez basta para afastar coincidência ou palpite como explicações. Uma sequência dessas seria comparável a alguém lançar uma moeda ao ar e obter regularmente cara noventa vezes em cem. Como puro acaso, isto seria mais espantoso do que ESP.

E quanto a fraude?

Bem, como Peterson, na esmagadora maioria dos casos, nunca viu o sujeito antes (e nalguns casos nem sequer lhe foi dito o nome previamente), uma investigação prévia parece, no mínimo, pouco provável.

A ideia de que Ross Peterson, de alguma forma, estuda os casos antecipadamente leva a credibilidade até ao seu limite máximo — e para lá

dele. Terá ele também memorizado manuais de anatomia, medicina interna e neurologia?

Uma pessoa da área médica disse:
— Ele fala como se tivesse feito um curso universitário de oito anos!

Além disso, ele deteta frequentemente doenças de que o paciente e o médico não têm conhecimento. Como poderia Peterson investigar informação que ainda não é conhecida?

E, ainda por cima, por vezes capta condições incipientes demasiado subtis, aparentemente, para serem detetadas por testes médicos ortodoxos.

— A partir dos meus múltiplos contactos com as leituras — disse Logan Stanfield —, passei a acreditar com bastante firmeza que, quando Peterson aparentemente faz um diagnóstico errado, ele pode, nalguns casos, estar de facto a antecipar a condição antes de esta se manifestar clinicamente.

— A sua sensibilidade psíquica a disfunções subtis em qualquer parte do corpo pode ser maior do que a de qualquer teste padrão que tenhamos em medicina.

Um exemplo: num caso, Peterson descreveu uma mulher como “tendo usado medidas para impedir a conceção que são muito prejudiciais a este corpo, tendo causado desequilíbrios dentro do corpo”.

A leitura acrescentou que a mulher sentia “um formigueiro, uma dormência, na perna esquerda”. Ela confirmou ao Dr. Stanfield que isso era verdade, embora não tivesse falado disso com ninguém, por lhe parecer tão trivial.

A leitura acrescentou:

— Esta entidade sofreu dores de cabeça por vezes que quase causariam cegueira.

A mulher tinha dores de cabeça na altura. Mas note-se a formulação: “que quase causariam cegueira”. É marcante à luz de acontecimentos posteriores.

— Esta mulher estava a tomar um contracetivo oral prescrito por outro médico — disse o Dr. Stanfield.

“Vários meses após a leitura, ela teve aquilo a que vulgarmente chamamos pequenos AVC. Isto significa que as arteríolas, ramos mais pequenos das artérias no cérebro, ficam obstruídas. A mulher queixou-se de um agravamento das dores de cabeça e de visão turva. De facto, regressou

de férias com o que se veio a provar ser uma hemianópsia quadrantal* do mesmo lado unilateral, isto é, cegueira numa determinada parte do campo visual de um olho, causada pela obliteração, por algum tipo de lesão, de uma via cerebral ao longo da qual viajam os impulsos visuais.

*(*A perda de visão num quarto (quadrante) do campo visual, em ambos os olhos,)*

"Encaminhei-a de imediato para uma avaliação médica completa e o diagnóstico confirmou que tinha insuficiência vascular cerebral com perda visual.

"A pílula foi, sem dúvida, a causa e a sua utilização foi imediatamente interrompida.

"Neste caso, Ross parece ter detetado uma condição vários meses antes de esta se tornar clinicamente evidente."

Noutro caso, disse o Dr. Stanfield, foi dito a uma mulher, numa leitura, que tinha "uma tendência para a diabetes. Isto deve ser vigiado."

Na altura, os testes não confirmaram a afirmação de Peterson.

"No entanto", acrescentou o psicanalista, "dois anos mais tarde, esta mulher, com quem eu ainda mantinha contacto, começou a desenvolver certos problemas, como infeções recorrentes por leveduras. Fez um teste de tolerância à glicose e este revelou uma tendência para a diabetes. Estava a eliminar açúcar na urina, mas apenas depois de ingerir grandes quantidades de hidratos de carbono.

"Assim, Ross tinha razão. A tendência — porque é precisamente disso que se trata — para a diabetes está presente no corpo desta mulher.

"Penso que Ross captou esta condição incipiente numa fase em que os procedimentos médicos clássicos ainda não eram suficientemente sensíveis para a detetar."

Pergunta-se até que ponto a margem de erro de Peterson seria reduzida se pudessem ser feitos acompanhamentos ao fim de dois anos de todos os sujeitos a quem ele deu leituras. Quantos daqueles a quem foi dito que tinham uma "tendência" para hipertiroidismo, ou hipotiroidismo, ou hipertensão, ou qualquer uma de uma dúzia de outras coisas, viriam a relatar que a condição, indetetável no momento da leitura, entretanto se manifestou?

Em alguns casos, Peterson distingue corretamente entre doenças ou sintomas que são psicossomáticos ou orgânicos e aqueles que são puramente imaginários.

Uma leitura disse a uma mulher: “Se a mente está cheia de pensamentos de doença, doença, doença, e do medo da mesma, a entidade sente-se doente embora não exista qualquer condição física real…

“Esta pessoa já teve as mãos do curandeiro da fé impostas sobre si, procurou inúmeros médicos, procurou praticantes de todas as variedades das artes de cura, e, no entanto, não encontrou alívio…

“A mentalidade do hipocondríaco é evidente nesta pessoa…”

O Dr. Stanfield comentou: “Posso confirmar, embora Ross não conhecesse minimamente esta mulher, que o seu fluxo constante de conversa e de pensamento é sobre doenças. Perturbações vagas, mal definidas, ou condições imaginadas dentro do seu corpo. Esta mulher poderá muito bem ser a hipocondríaca mais grave que encontrei nos meus vinte e dois anos de prática da medicina.

“Também constatei que a sua hipocondria é um método explosivo através do qual manipula as pessoas. Usa as suas doenças imaginárias para conseguir o que quer.

“Além disso, como Ross disse na leitura, o seu historial estava repleto de curandeiros, ortodoxos e não ortodoxos, de todo o tipo e descrição imagináveis. A leitura foi muito exata na forma como a avaliou.”

Tal como Edgar Cayce, seu mentor espiritual, Ross Peterson sublinha nas leituras médicas a importância crucial dos desalinhamentos da coluna vertebral para a saúde normal. As leituras recomendam frequentemente os serviços corretivos de um osteopata ou de um quiroprático.

A teoria osteopática e quiroprática afirma que subluxações (compressão de vértebras adjacentes) e rotações (deslocação angular ou inclinação das vértebras) causam irritação nervosa e espasmos musculares e prejudicam o “fluxo de energia” para várias partes do corpo, produzindo sintomas que podem variar desde violentas dores de cabeça e menstruação irregular até uma maior suscetibilidade a infeções de todo o tipo.

Um quiroprático para quem o Dr. Logan Stanfield encaminhou vários pacientes com base nas leituras é o Dr. William Zwarick, de Toronto.

Disse que achou as descrições de Ross Peterson sobre os desalinhamentos da coluna “tão minuciosamente detalhadas e exatas que me soam como um relatório de outro quiroprático. O homem é incrível. É como se estivesse a fazer radiografias à coluna com os olhos, mesmo quando o paciente está a centenas de quilómetros de distância.”

Houve um pormenor peculiar nas leituras que confundiu o Dr. Zwarick durante algum tempo.

“Quando os quiropráticos falam de uma rotação vertebral, queremos dizer que, se dividíssemos a vértebra em metades iguais, uma rotação para a esquerda faria com que essa vértebra, na radiografia, se estendesse mais para a esquerda do centro do que deveria. Uma rotação para a direita implicaria o contrário.

“Ora, curiosamente, Peterson fala consistentemente daquilo a que eu chamaria uma rotação para a esquerda como sendo para a direita, e vice-versa. Como ele é consistente nesta utilização, percebi que não se tratava simplesmente de um erro. Por fim, percebi o que isto significa.

“Compreendi que nós, quiropráticos, observamos a coluna a partir de uma vista posterior, pelas costas. Aparentemente, Ross Peterson olha para a coluna a partir de uma vista anterior. É como se o corpo estivesse deitado de costas e ele olhasse através do corpo para a coluna.

“Ora, naturalmente, uma rotação para a esquerda, vista de trás, é uma rotação para a direita, vista da frente. Este é apenas mais um aspeto incrível destas leituras de Peterson. E tende a apoiar a ideia de que ele de facto inspeciona a forma física.”

Vejamos alguns casos reais dos ficheiros do Dr. Zwarick.

Uma jovem mulher sofria de fortes dores de cabeça crónicas, semelhantes a enxaquecas. Na sua leitura, Peterson disse: “A falta de um fluxo de energia adequado através do sistema nervoso fez com que esta entidade experimentasse dor excessiva no crânio — uma dor de cabeça devastadora, por assim dizer…

“Ora, no processo de nascimento desta entidade houve de facto dificuldades, ao ponto de ter sido aplicada força para ajudar o parto do bebé. Neste processo houve uma ligeira separação, um afastamento, entre o crânio e a parte superior da coluna…

“A distância entre o osso esfenoide e o atlas é maior do que deveria ser. Esta distância deveria ser reduzida em aproximadamente oito milímetros, percebe?

“O quiroprático ou osteopata deverá iniciar as manipulações na sexta vértebra cervical, trabalhando até à terceira cervical, percebe?

“Sentimos que seriam necessários pelo menos vinte e seis tratamentos para corrigir completamente a condição.”

Comentários do Dr. Zwarick:

“Ross Peterson é quase 99 por cento exato neste caso.

“O seu conhecimento da coluna vertebral é espantoso. Usa corretamente termos como ‘osso esfenoide’ e ‘atlas’. Fala, de facto, exatamente como se fosse um quiroprático ou osteopata formado.

“Neste caso, havia um afastamento entre o osso esfenoide e o atlas. Ele sugeriu que a distância fosse reduzida em cerca de oito milímetros. Na realidade, reduzi-a em cerca de treze milímetros.

“Ele acertou ao localizar a área entre a terceira e a sexta vértebras cervicais como estando desalinhada. E, para completar, esteve quase exatamente certo quanto ao número de tratamentos necessários para corrigir a condição. Disse vinte e seis e, na verdade, foram vinte e quatro!”

Este caso específico produziu ainda outro pormenor confirmatório. Para além dos ajustes da coluna, Peterson recomendou o uso de “massagem, amassando os tecidos com as pontas de ambos os dedos centradas sobre as vértebras e movendo-as num movimento ascendente e para fora, em forma de leque”.

Disse o Dr. Zwarick: “Normalmente não teria utilizado massagem ou qualquer técnica semelhante num paciente deste tipo, mas tomei nota da sugestão de Peterson e coloquei a paciente numa unidade de fisioterapia chamada onda sinusoidal. Trata-se estritamente de um dispositivo de estimulação muscular, com um efeito semelhante ao de uma massagem vigorosa.

“Geralmente uso o estimulador de onda sinusoidal em casos de lesões desportivas para tentar eliminar o espasmo muscular. Mas neste caso, como Peterson sugeriu, pareceu definitivamente aumentar a eficácia dos ajustes da coluna.”

Outro caso dos ficheiros do Dr. Zwarick:

Uma leitura para um paciente do sexo masculino dizia: “Se observares a coluna vertebral, encontrarás o desalinhamento de certas vértebras que estão a causar pressão sobre o sistema nervoso parassimpático. Examina a quarta, quinta, sexta e sétima dorsais e encontrarás um certo grau de subluxação e rotação para a esquerda destas vértebras.

“Ora, isto está a afetar diretamente o livre fluxo de energia por todo o sistema nervoso e é, em certa medida, responsável por uma sensibilidade evidenciada no fígado…

“Ora, há ainda outras subluxações na coluna e encontrá-las-ás na nona, décima, décima primeira e décima segunda dorsais, estendendo-se

até à primeira lombar. Ora, aqui a rotação é para a esquerda e está a causar, mais uma vez, um aperto, por assim dizer, ou uma falta de fluxo de energia para a parte inferior do corpo…"

O Dr. Zwarick comentou:

"Peterson acerta em cheio aqui. As radiografias confirmaram as subluxações que ele descreveu. A quinta, sexta, sétima e oitava vértebras dorsais estavam a sofrer compressão, como ele disse, e esta é precisamente a área que se liga diretamente ao sistema parassimpático que afeta o fígado.

"A sua localização precisa da primeira vértebra lombar mais abaixo na coluna também foi perfeita.

"E, mais uma vez, onde ele fala em rotação para a esquerda, eu chamo rotação para a direita. Nunca falha."

Outro caso descrito pelo Dr. Zwarick envolveu uma mulher com dores intensas e hemorragias excessivas durante a menstruação.

A leitura dizia: "Na parte inferior da coluna, a terceira, quarta e quinta lombares, há subluxação. A rotação é para a direita. Isto causa pressões sobre as terminações nervosas que conduzem aos órgãos reprodutores. Esta entidade tem tido problemas relacionados com a menstruação."

O Dr. Zwarick comentou: "Mais uma vez, Peterson acerta em cheio. Há subluxações que aparecem nas radiografias das vértebras citadas — a terceira, quarta e quinta lombares. E ele está neurologicamente correto, pois é aqui que o sistema nervoso simpático entra em jogo com a função ovárica.

"E, mais uma vez, ele diz rotação para a direita enquanto eu digo para a esquerda. É a coisa mais estranha!"

Qual é a avaliação global do Dr. Zwarick sobre as descrições da coluna feitas por Ross Peterson?

"Ele acerta em 95 por cento dos casos, e talvez essa proporção seja ainda maior. Em alguns casos foi virtualmente 100 por cento correto."

"Não há absolutamente nenhuma forma de isto ser fingimento ou adivinhação. Quando se considera que as suas leituras exigem um conhecimento íntimo de vinte e sete a vinte e oito segmentos móveis da coluna vertebral, termos anatómicos, além das interligações com os sistemas nervosos simpático e parassimpático — bem, há demasiado ali para que esteja em jogo outra coisa que não um conhecimento

especializado. No caso de Peterson, trata-se obviamente de um conhecimento psíquico.

"E o que me espanta é a fluência das leituras. As palavras simplesmente jorram dele, sem qualquer pausa para pensar. A minha especialidade é a coluna vertebral, mas eu tenho de pensar, de ponderar, ainda que brevemente, antes de formular alguns juízos. Peterson fá-lo num estalar de dedos.

"Para ser honesto, eu pensaria que um homem precisaria de sete a oito anos de formação em anatomia, neurologia e osteopatia ou quiroprática para alcançar tal fluência."

Retomando um ponto levantado anteriormente neste capítulo: Ross Peterson por vezes faz diagnósticos claramente errados. Porquê? O que provoca a margem de erro nas suas leituras?

O Dr. Logan Stanfield sugere que alterações no sistema nervoso central, provocadas por desequilíbrios metabólicos, podem afetar negativamente o desempenho psíquico de Peterson.

"Sei", disse o psicanalista, "que num período muito curto, Ross falhou claramente no diagnóstico da condição física de um sujeito e, pouco depois, quando lhe pedi uma leitura psicológica de outro indivíduo, apresentou algo que só pode ser descrito como bizarro. Não tinha qualquer relação, que eu conseguisse ver, com os factos do caso.

"Descobri então que, nesse período em que os seus dons psíquicos estavam, por assim dizer, fora de sintonia, Ross estava a tomar um analgésico muito potente para aliviar as cólicas abdominais que acompanhavam uma úlcera gástrica grave de que sofria. A minha impressão é que o analgésico, um narcótico sintético que ele nunca deveria ter tomado, o desorientou e produziu leituras confusas. O narcótico provocou alterações no sistema nervoso central que aparentemente perturbaram a função psíquica.

"Ora, sabemos que podem ocorrer alterações no sistema nervoso central mesmo sem drogas. Alterações no metabolismo do corpo, mudanças de humor, stress — tudo isto pode afetar o sistema nervoso central. Assim, é plausível assumir que também possam afetar o funcionamento psíquico de Ross.

"Quando está em condições ótimas — física, emocional e espiritualmente — as leituras são provavelmente mais puras e lúcidas. Quando o stress emocional ou físico, o excesso de esforço ou mesmo

perturbações alimentares afetam negativamente o sistema nervoso central, a precisão das leituras diminui."

O Dr. Stanfield observou que, ao longo dos dois anos em que conhece Ross Peterson, tem notado uma mudança constante para melhor na sua personalidade e na sua visão geral da vida.

"Houve ocasiões em que fiquei chocado com o contraste entre o nível elevado das leituras e o Ross no estado normal. Podia ser grosseiro, rude, brusco. Creio que uma vez lhe chamei, em tom de brincadeira, um Archie Bunker do Michigan.

"Mas ultimamente tenho notado um claro amaciamento do seu carácter. É como se a influência das leituras estivesse a emergir do seu inconsciente e a remodelar subtilmente o seu eu consciente. Agora deteto nele uma espécie de emanação espiritual calorosa.

"Espero que a transformação continue."

Capítulo Seis
O CONTABILISTA CÁRMICO

A "lei do karma", já foi dito, é a lei da colheita.

"Tudo o que o homem semear", diz o Novo Testamento, "isso também ceifará."

As leituras de Ross Peterson, tal como as de Edgar Cayce, ensinam que a sementeira e a colheita podem ocorrer em diferentes vidas terrenas. Aquilo que a alma cometeu numa vida anterior determina as suas circunstâncias nesta vida.

Esta é a resposta da reencarnação à perturbadora questão da desigualdade humana.

Porque nasce um homem príncipe e outro mendigo?

Porque nasce um fisicamente perfeito e outro é lançado ao mundo com deformidades graves?

"É a lei em ação", dizem as leituras de Peterson.

"Cada entidade colhe exatamente aquilo que semeou. A lei é perfeita. Não há erros, nem excessos, nem desequilíbrios. É justa."

Até agora, a investigação não conseguiu produzir um caso de alegada reencarnação proveniente das leituras que possa ser confirmado em termos de prova de que a personalidade anterior realmente existiu. Os problemas

em tais investigações são enormes. Muitas das encarnações anteriores situam-se muito recuadas na história. Os registos de nascimento, quando existem, são fragmentários e dispersos. Os nomes dos lugares mudam. Civilizações inteiras surgiram e desapareceram sem deixar rasto.

No entanto, isto não significa que não exista evidência nas leituras de Peterson que sustente a reencarnação como um facto. A evidência existe, mas não assume a forma (pelo menos ainda) de prova documental de que a alegada personalidade anterior existiu no tempo e local indicados. A evidência assume a forma de uma qualidade psicológica que designo por ressonância.

As leituras de reencarnação de Peterson quase invariavelmente ressoam com a pessoa a quem são dadas. Tocam uma corda sensível. De algum modo, o indivíduo sente que a leitura encaixa; que capta qualidades e nuances da sua personalidade que são surpreendentemente verdadeiras, embora muitas vezes totalmente ocultas aos outros, e que as explica em termos de um legado cármico de vidas anteriores.

Ora, o cético em relação à reencarnação pode salientar, com toda a razão, que talvez o que esteja a acontecer seja que Peterson capta psiquicamente factos sobre o eu oculto do indivíduo e depois os molda sob a forma de uma fantasia de vida passada. Isso seria uma ESP notável, mas não reencarnação.

Bem, neste ponto o leitor terá de decidir por si.

Um investigador, o Dr. Logan Stanfield, afirmou: “Como resultado das minhas leituras com Ross, passei a acreditar na reencarnação. Na verdade, para mim é verdadeira para além de qualquer dúvida.”

Eis algumas das evidências retiradas das leituras. Julgue por si próprio.

A um professor do ensino secundário foi dito que, numa vida anterior, tinha sido pároco na Virgínia do século XVIII. Antes de entrar no ministério, servira a bordo de um navio negreiro. Ficou tão enojado com as crueldades que presenciou que protestou veementemente junto do capitão. Por esta insubordinação, foi chicoteado.

“E é por isso”, dizia a leitura, “que ainda nesta vida trazes as marcas das vergastadas nas nádegas. E quando a raiva perante a injustiça se eleva em ti, as marcas tornam-se ainda mais visíveis…”

Perplexo, o professor, que não tinha conhecimento de quaisquer “marcas” nas nádegas, correu para casa e pediu à mulher que investigasse. Um exame cuidadoso revelou que ele tinha de facto uma série de estrias

muito ténues — “como cicatrizes cirúrgicas esbatidas muitos anos depois” — atravessando-lhe as nádegas.

Observações posteriores revelaram também que, quando fica ruborizado de raiva (e frequentemente se enerva com injustiças sociais, entre outras coisas), as marcas pálidas, tão semelhantes a cicatrizes de uma chicotada, destacam-se em forte relevo contra a pele avermelhada à sua volta.

Eis o dilema: terá Peterson realmente percebido que este homem sofreu um açoitamento numa vida anterior? Ou terá discernido clarividentemente as marcas idiossincráticas nas nádegas do homem e, em torno desse facto, tecido inconscientemente uma elaborada fantasia reencarnacionista?

A questão poderia ser resolvida, em teoria, se fosse encontrada prova incontestável da existência da alegada personalidade anterior. Mas a investigação dessa possibilidade perdeu-se, como costuma acontecer, num labirinto de inquéritos que pareciam não conduzir a lado nenhum. Um dia, o professor poderá apresentar provas definitivas de que um pároco com o nome citado por Peterson viveu realmente na Virgínia do século XVIII. Mas, hoje, tal evidência não existe.

Ainda assim…

Um caso de alegada reencarnação em que houve ressonância para o sujeito foi o do psicólogo clínico Dr. Lee Pulos.

“Na minha vida imediatamente anterior, Ross captou uma situação em que eu teria sido um mestiço — meio caucasiano, meio indígena — na América do século XIX, e isso criou em mim um conflito incrível e uma crise de identidade.

“Bem, psicologicamente isso encaixava. No início da minha vida, como um miúdo grego a crescer em Calgary, Alberta, passei por uma quantidade incrível de preconceito e rejeição. Envolvia-me em lutas todas as semanas por ser grego. E levou-me muito tempo a ultrapassar os conflitos e problemas de identidade que a minha situação criou. É como se a minha vida atual fosse uma repetição da anterior.”

O Dr. Pulos acrescentou que, numa encarnação ainda mais antiga, segundo a leitura, ele e a sua atual esposa tinham sido casados um com o outro e que, nesta vida, estavam a trabalhar problemas que tinham sido transportados, por resolver, dessa relação conjugal anterior.

“Ross captou aquilo em que eu e a minha mulher estávamos a trabalhar então no nosso casamento, e isso correspondia àquilo em que estamos certamente a trabalhar no nosso casamento desta vez.”

Mais uma vez: reencarnação ou clarividência associada a uma fantasia reencarnacionista inconsciente?

As subtilezas psicológicas das “leituras de vida” de Peterson (como são chamadas as leituras de reencarnação) são frequentemente tão impressionantes que alguns céticos se veem quase a acreditar numa vida anterior contra a sua vontade.

Num caso, foi dito a um consulente que, numa encarnação passada, tinha sido “um adivinho mongol ao serviço do grande Khan” (presumivelmente Genghis Khan) e que a sua ambição desmedida fora a sua ruína.

Desejando usurpar o poder do Khan, o adivinho falsificou deliberadamente um oráculo e afirmou que um dia que era desastroso para a batalha (desastroso para o Khan, isto é) era eminentemente favorável. Assim encorajado pelo seu confiável adivinho, o senhor da guerra avançou para a batalha e sofreu uma derrota calamitosamente grave. Infelizmente para o adivinho, o próprio Khan sobreviveu e regressou, enfurecido contra aquele cujo falso oráculo conduzira a tal desastre.

“Como punição”, dizia a leitura, “esta entidade foi condenada a sofrer a mais agonizante e prolongada das mortes. Foi suspenso entre duas árvores, com o corpo esticado por cordas, e permitiu-se que rebentos de bambu crescessem através de cada um dos seus rins.”

Depois, a leitura acrescentava: “Não admira que esta pessoa tenha sofrido de cálculos renais nesta vida.”

O homem tinha, de facto, sofrido dois ataques extremamente dolorosos de cólica renal (eliminação de pedras nos rins). Mas o que mais o impressionou foi o facto de Peterson ter captado corretamente um aspeto de si próprio conhecido, se tanto, apenas pela sua esposa — uma ambição colossal, quase megalómana. Um desejo de poder absoluto. Uma paixão por dominar os outros. Este traço mantinha-o cuidadosamente oculto.

Além disso, o homem era astrólogo, um equivalente moderno do adivinho que, como dizia a leitura, “sacudia os ossos e farejava as entranhas”.

Mais uma vez, o dilema:

Clarividência penetrante disfarçada de reencarnação ou reflexo de uma vida anterior verdadeira?

“Tudo o que posso dizer é que encaixou”, disse o consulente.

(É também pertinente, embora novamente não prove nada, que Genghis Khan era um sádico que se deleitava particularmente em criar modos engenhosos de morte cruel e prolongada para os seus inimigos. Este é um facto histórico que duvido que Ross Peterson conhecesse conscientemente.)

As leituras de vida estão repletas de nomes e pormenores rococó. A um jovem contabilista foi dito que tinha trabalhado, há 15 000 anos, “no grande cristal da Atlântida”. (Cayce menciona este “grande cristal”, que supostamente era uma fonte de energia, possivelmente semelhante a um laser, e foi, pelo menos em parte, responsável, como uma reação nuclear descontrolada, pelo cataclismo que se abateu sobre a Atlântida.)

A uma jovem mulher foi dito que tinha sido pastora na Pérsia, no século XII, e que o seu nome era “Krisfondo”. A uma mulher de meia-idade, de inclinação mística, foi dito que tinha sido uma sacerdotisa-curandeira no antigo Egipto, no “Templo do Sacrifício”.

Este exotismo tende a provocar incredulidade. E, no entanto, existe o facto teimoso de uma ressonância psicológica entre o indivíduo e as suas vidas anteriores, seja qual for a explicação.

Uma leitura apresentou uma imagem de Deus e do motivo por que Ele permite que a lei do karma atue, com uma simetria estranha e bela.

“Se fores capaz”, dizia a leitura, “imagina Deus como o teu adversário numa partida de xadrez. Este é o mestre enxadrista, mas alguém tão amoroso que tem o desejo mais profundo de que tu venças; e, ainda assim, tão objetivo que não está disposto a ignorar o teu menor erro ou engano.”

O próprio Peterson diz: “O conceito de reencarnação satisfaz-me porque não consigo conceber Deus como ciumento, odioso ou julgador.

“Consigo aceitar a ideia de que tudo o que vivi na minha vida, ou deixei de viver, para bem ou para mal, é o resultado final dos meus próprios atos ou pensamentos numa vida anterior.”

As leituras de vida oferecem explicações cármicas para virtualmente todas as formas de doença ou condição humana e, mais uma vez, existe muitas vezes uma simetria notável, semelhante ao tipo de simbolismo a que os psicanalistas chamam “linguagem dos órgãos”.

Assim, uma erupção cutânea é muitas vezes causada por o indivíduo estar com “comichão” de fazer algo proibido. A vítima de úlcera tem algo a “roê-lo”. O sofredor de uma cãibra crónica no pescoço vive com uma sogra que é “uma dor no pescoço”.

Esta espécie de correspondência psicossomática assemelha-se às chamadas correspondências cármicas mencionadas nas leituras.

Por exemplo, diz-se que a artrite é causada, em termos cármicos, por um legado de pensamento fossilizado de uma vida anterior.

“Se fordes rígidos e inflexíveis no pensamento”, dizem as leituras, “sereis rígidos e inflexíveis no corpo.”

As leituras dizem que as pessoas artríticas são julgadoras. Embora possam parecer afáveis, interiormente são hipercríticas em relação aos outros.

Diz-se que a paralisia resulta de o indivíduo estar “em conflito consigo mesmo”. Quer ser terrivelmente, terrivelmente bom ou terrivelmente, terrivelmente mau, mas tem medo de ser qualquer uma das coisas. Assim, segundo as leituras, fica “incapaz de se mover — paralisado”.

Um homem que sofria de cegueira diabética foi informado de que, numa vida anterior, se deleitara em arrancar os olhos a outros e, por isso, nesta vida, como um bumerangue, os seus olhos lhe tinham sido “arrancados”.

Geralmente, diz-se que as doenças mais hediondas resultam de o sofredor ter apreciado o sofrimento alheio numa vida anterior. Um homem que tinha ficado desfigurado por uma série de operações cirúrgicas devido a cancro linfático foi informado, numa leitura, de que tinha sido o responsável por uma colónia de leprosos numa vida passada e que era seu dever alimentar os leprosos, mantidos isolados do resto da sociedade.

No entanto, desviou para uso próprio o dinheiro que recebia para comprar comida para os leprosos e permitiu que os seus protegidos morressem de fome, murados dentro de uma enorme paliçada.

Como reagem as pessoas quando lhes dizem, numa leitura de Peterson, que a sua aflição atual é o resultado dos seus próprios atos ou atitudes numa vida anterior?

Peterson diz: “Noventa e nove vezes em cem — e eu fiz cerca de mil leituras — a pessoa identifica-se imediatamente com a leitura e sente-se confortável com ela. Sente que, se isto é algo que merece, então consegue viver com isso.

“Mas as leituras dizem que, na maioria dos casos, não têm de simplesmente viver com isso. Há outro caminho. Podem ser curadas. E, claro, é por isso que as leituras oferecem as prescrições e as várias formas de tratamento que oferecem.

“Por outras palavras, só porque algo é cármico não significa que estejas condenado a isso. Podes estar condenado, mas não necessariamente e, na maioria dos casos, não.”

As leituras oferecem causas cármicas para uma variedade de condições sexuais.

A ninfomania na mulher, ou a satiríase no homem (desejo sexual patologicamente excessivo), diz-se ser o resultado de abstinência repressiva e negação do corpo numa vida anterior, associadas a uma atitude muito julgadora em relação àqueles que caíam nos pecados da carne. É como o pêndulo que, quando empurrado ao extremo numa direção, oscila com igual força na direção oposta.

A impotência sexual ou a frigidez também são associadas a uma atitude excessivamente julgadora, numa vida anterior, perante os culpados de “má conduta” sexual. Por vezes, existe uma chamada causa primária enraizada numa vida passada e uma causa secundária enraizada em algum trauma desta vida.

Assim, um homem casado de vinte e oito anos, atlético, procurou uma leitura e perguntou diretamente:

“Qual é a causa da minha impotência e há cura?”

A leitura disse-lhe que, no seu caso, havia tanto uma causa primária como uma secundária. A causa secundária foi um episódio na infância, quando tinha seis anos, e foi apanhado com uma menina a explorarem mutuamente os seus corpos. Foi apanhado por alguns amigos, rapazes da mesma idade, que ficaram zangados porque ele levara a menina ao clube deles — e o clube era estritamente interdito a raparigas. Por isso, expulsaram-no do grupo e apedrejaram-no — literalmente atiraram-lhe pedras — enquanto ele fugia para casa a chorar.

Ao princípio, o jovem disse que esse episódio não tinha significado para si. Mas depois, lenta e dolorosamente, regressou-lhe à memória. Tinha acontecido e ele reprimira-o, enterrando-o no seu subconsciente, onde fomentou um medo mórbido da experiência sexual porque esta — torna-nos proscritos.

A leitura disse que a causa primária, ou cármica, da sua impotência era o facto de ele ter vivido nos tempos do Antigo Testamento e de ter sentido

um prazer especial em apedrejar até à morte mulheres apanhadas em adultério.

Neste caso particular, a leitura recomendou técnicas sexuais inovadoras — incluindo “estimulação oral” por parte da esposa — para ultrapassar a impotência. E o jovem mais tarde relatou que a condição tinha, de facto, desaparecido.

Outra condição que pode ter tanto uma causa primária como secundária, segundo as leituras, é um impedimento da fala, como gaguez ou tartamudez. As leituras dizem geralmente que a vítima de um impedimento da fala é alguém que, numa vida passada, suprimiu a fala dos outros, recusando-lhes o direito de se exprimirem.

A causa secundária — a causa desta vida — da gaguez, tal como descrita pelas leituras, está em harmonia com a psicologia moderna. O gago, dizem as leituras (e muitos terapeutas da fala), é geralmente alguém que foi treinado para gaguejar, normalmente por um progenitor excessivamente preocupado ou dominante. As hesitações normais de crianças muito pequenas são ampliadas por pais que lhes prestam demasiada atenção e, assim, inadvertidamente, transformam-nas em padrões habituais permanentes.

Diz-se que a deficiência intelectual congénita é o resultado de a vítima ter suprimido a aquisição de conhecimento por parte de outros numa vida anterior. Um fanático queimador de livros poderia regressar como um débil mental.

O que as leituras ensinam é uma equidade perfeita. Como eras, assim és agora. E, claro, isto aplica-se ao “bom” karma tanto quanto ao “mau”.

As leituras alertam contra qualquer atitude de vingança, de superioridade moral, por parte daqueles que foram poupados às grandes tragédias da vida. Não demonstrar compaixão por qualquer ser humano que sofra, dizem as leituras, é simplesmente acumular para si próprio mau karma. O brâmane de casta elevada que oprime o humilde “intocável” está condenado a regressar como intocável!

Um dos temas sobre os quais as leituras oferecem uma viragem interessante é a homossexualidade. Para começar, as declarações em transe de Peterson afirmam que, na homossexualidade, como em qualquer forma de sexualidade, a única regra é: “Se há amor, não há pecado.” Quer o comportamento sexual seja homem-mulher, homem-homem ou mulher-mulher é moralmente indiferente, dizem as leituras. O único critério é que o amor motive o ato sexual, e não a mera luxúria.

No entanto, as leituras distinguem entre duas formas de homossexualidade: uma que expressa mau karma e outra que expressa o que poderia chamar-se karma neutro, não envolvendo nem culpa nem virtude.

Mau karma é indicado pelo tipo de homossexual culpabilizado e atormentado. Nesses casos, dizem as leituras, o indivíduo foi, em geral, culpado de perseguir homossexuais numa vida anterior.

Karma neutro é indicado nos casos em que o homossexual se sente perfeitamente natural com a sua homossexualidade; sente que esta é a forma como a natureza o destinou a ser e não sente culpa.

Nesses casos, dizem as leituras, a homossexualidade resulta de uma mudança de género relativamente à vida anterior. Um homem que traz consigo três vidas como mulher será provavelmente homossexual porque lhe parece "natural" amar homens. A vida de transição é geralmente seguida de encarnações em que o indivíduo retoma a heterossexualidade.

"Reencarnação?", diz Ross Peterson. "Podes aceitá-la ou rejeitá-la, de acordo com o teu melhor juízo. Mas eu aceito-a porque faz sentido para mim e, aparentemente, para muitos outros."

Capítulo Sete
OS SUCESSOS DO VIDENTE:

ALGUNS HISTÓRIOS DE CASO

Aqueles que procuram a ajuda de Ross Peterson têm obviamente uma mente aberta em relação às suas capacidades psíquicas e, pelo menos, a esperança de que ele os possa ajudar — caso contrário não se dariam ao trabalho de o consultar —, mas nem todos são, de modo algum, crentes absolutos.

Um jovem, numa leitura feita em Março de 1974, em Toronto, começou por dizer de forma brusca ao vidente em transe:

"Gostaria de alguma evidência da sua capacidade antes de prosseguir. Diga-me alguma coisa sobre mim que outros possam não saber."

Peterson não se ofendeu com a franqueza do consulente; nem se esquivou. Limitou-se a dizer: "Vamos observar coisas do teu passado de que outros possam não estar cientes.

“Se refletires na tua memória, durante os teus anos de adolescência, aos catorze anos, praticavas um desporto de combate com outros e houve uma lesão no braço direito, no cotovelo e também no pulso.

“Vamos observar outras vias do passado. No segundo ano do teu casamento houve infidelidade praticada por ti durante um curto período, mas ainda a carregas na mente, mesmo agora.

“Se voltares a refletir sobre os teus anos de adolescência, renegaste qualquer associação entre ti e os teus pais e abandonaste a casa deles. Mas isto foi temporário e regressaste.”

Então Peterson, em transe, disse, quase com ironia: “Procuraremos mais, se assim o desejares.”

“Não, obrigado”, respondeu de imediato o consulente. “Estou convencido! Agora, posso fazer-lhe algumas perguntas sobre coisas que me estão a preocupar neste momento…?”

Peterson tirou muita gente do seu ceticismo inicial, assustando-a. Numa leitura, um homem perguntou se Peterson conseguia localizar a forma de uma certa jovem senhora que residia…

“É a pessoa extremamente clara de cabelo? Dourado, até por natureza?”, interrompeu Peterson.

“Porque… sim”, respondeu o homem, com a voz sobressaltada, “mas como é que você…?”

“A imagem desta pessoa é muito viva na tua mente”, explicou calmamente o médium em transe.

Ross Peterson está habituado a receber cartas como esta, escrita por uma mulher de Ottawa, Ontário, datada de 14 de Março de 1975:

“Caro Sr. Peterson,

“Fiquei profundamente comovida e humilde com a leitura que me deu a 25 de Fevereiro. Nunca recebi uma análise tão exata do meu carácter e das áreas em que preciso de melhorar. Vou tentar, com sinceridade, mudar-me nas formas que sei — muito mais claramente agora, graças a si — serem necessárias.”

Uma editora de livros, Ann Stevens, teve uma leitura com Ross Peterson a 25 de Março de 1975, em Indianápolis. Sendo uma mulher altamente letrada, interessada em política, liberdades civis e outras questões sociais, a sua leitura e os comentários posteriores são muito significativos.

“Há uma masculinidade em ti”, disse a leitura. “Não na aparência física, mas nos teus pensamentos, nas tuas aspirações, no teu desejo de realizar, percebes?”

Comentário da consulente: “Sim, reconheço o conceito chinês do yin e do yang; os princípios masculino e feminino; o ativo e o passivo. E eu sou ambos. A maioria das pessoas talvez não veja isto em si mesma, mas eu vejo.”

A consulente mencionou uma determinada casa, numa determinada morada, e disse que seis pessoas, homens e mulheres, tencionavam viver ali num “estilo de vida comunitário”. Funcionaria?

“Não”, disse a leitura. “Não vai funcionar. Não vai funcionar a menos que haja compromissos de cada um para com cada um e uma harmonia criada por mentes afins atraídas entre si. Esta experiência está condenada ao fracasso. No entanto, há lições que podem ser colhidas…”

Comentário da consulente: “Ele acertou em cheio! Não funcionou de todo. A monogamia acabou por prevalecer.”

A leitura afirmou que, numa encarnação anterior, a mulher tinha sido “um daqueles cristãos que atravessavam do seu país para outros países para subjugar os pagãos. Nessa parte do mundo que hoje se chama Turquia há ainda, até aos dias de hoje, uma inscrição numa pedra sob uma oliveira a indicar onde tu foste sepultada. Mas serão pagãos, pagãos? Apenas aos olhos do homem. Pois aos olhos de Deus, todos são semelhantes a Deus, vês?”

A consulente comentou que a ideia de ela ter sido “uma cruzada — uma bastante bárbara” lhe soava, sem dúvida, familiar.

Mas a leitura continuou: “Estás a desfazer nesta vida o mal que fizeste na vida passada. Sentes-te tentada a ajudar todos os que são idosos e enfermos, oprimidos e humilhados. Esta vida é de grande ganho para ti, cármicamente. Não afastaste ninguém da tua porta, mesmo quando tu própria muitas vezes tinhas pouca comida. Não afastaste ninguém. A cor da pele nada significa para ti. E é por isso que aqueles de bela cor te rodearam e continuarão a fazê-lo.”

Comentário da consulente: “Tenho sido muito ativa nos direitos civis e na justiça social e tentei viver de acordo com os meus princípios. A referência a ‘aqueles de bela cor’ interpreto-a como as minhas experiências no Sul, onde vivi com pessoas negras como ativista dos direitos civis durante vários anos, e também no gueto de Chicago, onde fiz o mesmo.”

A leitura declarou: “Quanto aos teus filhos, temos primeiro a pequena forma feminina. Foi um processo de parto difícil…”

Comentário da consulente: “A minha filha, o meu primeiro filho, deu-me, de facto, muito trabalho no parto. Foi um parto difícil.”

A leitura prosseguiu: “A entidade tem, neste momento, uma infeção ligeira no útero. Nada que seja realmente grave, mas está lá…”

Comentário da consulente: “Fiz isto verificar do ponto de vista médico. Era verdade.”

A leitura descreveu o outro filho da mulher, “uma pequena forma masculina”, e observou que, desde os primeiros anos, tinha sido extremamente ativo. “Não o deixes brincar catorze a dezasseis horas seguidas, como ele gostaria”, aconselhou a leitura. “A criança precisa de períodos de descanso durante o dia.”

Comentário da consulente: “O meu segundo filho é um rapaz, sempre foi extremamente ativo e, quanto aos curtos períodos de descanso, mesmo aos cinco anos ainda fazia sestas com frequência.”

A leitura concluiu com uma advertência e alguns conselhos alimentares.

“Uma amêndoa por dia, tomada por esta pessoa”, disse Peterson em transe, “eliminará a possibilidade de se desenvolver uma malignidade no corpo. E há grande preocupação, um peso na mente desta pessoa, acerca desta doença em particular.”

Comentário da consulente: “Acho que eu tinha fobia ao cancro. O meu pai e o meu sogro morreram ambos de cancro no espaço de um mês.”

Este breve resumo da leitura citou apenas os pontos altos. Houve uma longa incursão no significado de certos sonhos que a mulher vinha a ter, conselhos de saúde e referências à sua vida sexual ativa com uma variedade de parceiros (“Tão verdade”, comentou), bem como outros pormenores pessoais. No entanto, Ross Peterson nada sabia sobre esta mulher, em estado consciente.

Pedida para resumir a sua opinião sobre a leitura, a consulente disse: “Estou convencida de que aquilo que vivi com Ross Peterson foi o mesmo processo descrito nas leituras de Edgar Cayce. O que podia ser verificado, verificou-se. Era como se a minha mente, a minha vida, fossem um livro aberto para ele. E acredito que a informação espiritual que ele me deu, sobre o sentido da vida e a natureza de Deus, era verdadeira.

“Não houve negação do livre-arbítrio, nem insistência num destino absoluto para tudo o que acontece. Os indivíduos e os grupos de indivíduos podem moldar o rumo do seu destino, sublinhou a leitura, e é destino da raça humana regressar a Deus.

“Acredito que esta leitura com Ross Peterson foi uma experiência genuína, refletindo outras dimensões que existem lado a lado com esta familiar do tempo e do espaço. A Fonte que comunicava através de Peterson era benigna, e o seu desejo era claramente ver-nos fazer escolhas benignas — as que nos levariam em direção a Deus em vez de à autodestruição.”

Outra mulher, Shirley Auburn, teve uma leitura de Ross Peterson a 14 de Fevereiro de 1974, em Bloomington, Indiana. Eis um resumo dessa leitura e os comentários subsequentes da consulente:

“Ao observarmos o cólon, encontramos uma constrição que existe há vários anos”, disse a leitura. “Isto tem causado desconforto no ato de eliminação, na expulsão de fezes do corpo…

“Se a dieta for modificada, esta condição pode ser corrigida sem necessidade da faca do cirurgião. Deve tomar sumo de ameixa diariamente para permitir que mais humidade seja absorvida no trato intestinal e aliviar a constrição do cólon descendente, que causa impacto de matéria fecal. Deve também tomar óleo de milho diariamente. Deve ser cautelosa ao comer vegetais, porque a fibra seria abrasiva para o tecido sensível do cólon. Em vez disso, devem ser tomados os sumos dos vegetais — especialmente da couve e da cenoura: duas onças de cada misturadas com uma onça de óleo de milho e bebidas no início de cada dia. Ao pequeno-almoço, ou ao almoço, devem ser tomadas seis a oito ameixas, estufadas. Estas medidas eliminarão os problemas intestinais.”

Comentário da consulente: “Havia um problema ao longo da vida com obstipação grave. O remédio dado na leitura foi seguido e trouxe alívio completo. Estou muito agradecida por isto.”

A leitura continuou: “A condição do intestino inferior é agravada por uma subluxação da coluna entre a primeira e a segunda vértebras lombares e também entre a nona, décima e décima primeira dorsais. Há também subluxação entre a terceira, quarta, quinta e sexta vértebras cervicais da parte superior da coluna e uma rotação para a esquerda. Isto causa pressões sobre os sistemas simpático e parassimpático, cortando a circulação para a área do crânio, induzindo assim a dor sentida, especialmente atrás do olho esquerdo.”

Comentário da consulente:

“Fui a um osteopata e as radiografias confirmaram os desalinhamentos da coluna mencionados na leitura. Foram feitos doze ou treze tratamentos e houve uma melhoria geral na minha saúde.”

A leitura, falando de vidas anteriores, disse que, como resultado de uma vida de labuta passada como squaw indígena a esfolar animais, “não peçam a esta pessoa para retirar a pele a um pequeno animal e prepará-la, porque isso lhe seria repulsivo. Até lhe causaria terror, pois essa vida foi de pura servidão.”

Comentário da consulente: “Verdade. Seria totalmente repulsivo para mim!”

No entanto, a leitura disse que, como resultado de uma vida ainda anterior, em Florença, “quando esta pessoa era a costureira-mestre, criando com a agulha sobre o tecido desenhos harmoniosos de grande beleza”, tinha mantido “essa mesma capacidade na vida presente”.

Comentário da consulente: “Sim, sou costureira e passo muito do meu tempo a fazer coisas bonitas.”

A leitura tocou no divórcio da mulher, notou que ela se sentia culpada há muito tempo por isso, mas tranquilizou-a dizendo que se devia tanto, ou mais, à agressividade e à excessiva imposição do marido do que às suas próprias falhas. “Ele conduziu-te pelo nariz, não foi? Não te ordenava que limpasse a casa! Não te ordenava que preparasses a refeição para lhe agradar! Não ordenava, ordenava, ordenava…”

Comentário da consulente: “Sim, a atitude do meu marido era como descrito. Mas até à leitura eu sentia que, embora tivesse sido forçada a deixar o meu marido, tinha cometido um pecado terrível. Andava assombrada pelo casamento quebrado. Esta parte da leitura trouxe-me um conforto e uma segurança imensuráveis, e uma compreensão mais verdadeira do que causou a rutura do casamento.”

A leitura prosseguiu, observando que, embora a mulher se tivesse preocupado intensamente com o efeito da separação nos filhos, eles tinham amadurecido normalmente porque “lhes deste o teu amor”.

A consulente comentou: “Há um bom entendimento e muito amor entre mim e as crianças.”

A 16 de Março de 1974, a Sra. Kay Albright, de Spencer, Indiana, teve uma leitura com Ross Peterson. Eis um resumo dessa leitura e os comentários da consulente:

“Quanto ao problema de peso desta pessoa, se o corpo se deitar no chão, elevando lentamente os pés no ar, apontando para o teto, o corpo deve repousar sobre os ombros e a parte de trás do pescoço, com as mãos nas ancas. Permanece nesta posição dois ou três minutos. Começa o dia com isso e trará um melhor alinhamento do trato intestinal. O trato intestinal está agora demasiado contraído e os alimentos ficam retidos demasiado tempo no intestino delgado. Isto causa uma assimilação excessiva dos alimentos e, consequentemente, obesidade.”

A consulente comentou: “Este exercício foi experimentado durante um mês ou dois após a leitura e foi definitivamente, notoriamente útil. Depois foi negligenciado, infelizmente, e só recentemente foi retomado. É um exercício doloroso, mas o resultado é uma sensação de grande relaxamento.”

A leitura deu indicações sobre a dieta: “Antes de cada refeição — e não violem isto — tomem pelo menos duas onças de sumo de uva sem açúcar misturado com a mesma quantidade de água morna. Tomado quinze a vinte minutos antes de ingerir qualquer alimento, isto trará um melhor equilíbrio ao pâncreas e à tiroide.

“Na refeição da noite — mas apenas na refeição da noite — deve tomar-se uma colher de chá de azeite puro antes do sumo de uva. Mas apenas uma vez por dia para este corpo em particular.”

A leitura prosseguiu delineando praticamente uma dieta completa, insistindo na evicção de açúcares refinados, no consumo de grandes quantidades de feijão-verde, abóbora-menina, abóbora, pêssegos e alho, e na restrição do consumo de carne a peixe, aves ou borrego. Foi também prescrita uma ingestão diária de gelatina.

Mais tarde, a consulente relatou: “Toda a informação dietética foi experimentada e é claramente útil quando é seguida. Uma das coisas mais difíceis para mim, uma vez que estou fora de casa grande parte do tempo, é o sumo de uva antes de cada refeição. No entanto, reparei que é muito eficaz, quando usado como sugerido, como saciante do apetite.”

A leitura atribuiu um entorpecimento nos braços e nas mãos da consulente a “subluxação na região cervical, na parte superior da coluna”.

Comentário da consulente: “Um quiroprático fez radiografias e disse que o meu problema era na parte superior da coluna. Os tratamentos aliviaram os sintomas.”

A leitura disse que a consulente teria a oportunidade de se mudar com o marido “para uma área que será mais propícia ao teu bem-estar, mental, físico e espiritual”.

“Mudámo-nos”, observou a consulente, “mas apenas uma curta distância da nossa casa anterior. Ainda assim, conhecemos pessoas que foram uma luz orientadora para nós e a mudança foi boa para nós em todos os sentidos.”

A consulente perguntou simplesmente sobre o filho e se havia algo que pudesse fazer para o ajudar.

A leitura assinalou um problema de enurese noturna e sugeriu, como terapia corretiva, que a mãe desse sugestões ao filho enquanto ele dormia.

“Quando o teu filho estiver a dormir, formula as tuas sugestões, numa voz suave, dizendo que, quando ocorrerem as pressões que conduzem à micção, a mente tomará imediatamente consciência disso e fará com que a entidade desperte e vá à casa de banho.”

A consulente comentou: “O meu filho, aos catorze anos, ainda tinha um problema de enurese. Dei a sugestão, tal como instruído pela leitura, depois de ele adormecer à noite, seguindo exatamente a formulação da leitura. E em apenas duas semanas [itálico da consulente] o problema foi corrigido. Já não tem o problema.”

A leitura observou que havia tensões no casamento da consulente, mas declarou que, se “perseverardes, tu e o teu marido, ambos sereis os vencedores. Este casamento pode ser salvo!”

A consulente comentou: “O meu marido e eu tentámos ambos seguir o conselho da leitura e estamos a vencer! Mais tarde tivemos uma leitura conjunta separada sobre o nosso casamento e nela foi dito que ‘a oferta de amor por um é sempre devolvida pelo outro’.”

A consulente esteve envolvida em três leituras com Ross Peterson: esta primeira, uma segunda apenas para o marido e a conjunta, assistida por ambos, na qual procuraram aconselhamento matrimonial.

A consulente resumiu as suas impressões sobre as três leituras: “A leitura conjunta foi muito pessoal. Perguntámos se o meu marido devia fazer a vasectomia que estava a ponderar e aconselharam-nos a avançar, dizendo que teria um ‘efeito calmante e tranquilizante’ sobre ele. Isto provou ser verdade.

“As três leituras foram exatas. A nível pessoal, o meu marido e eu usámo-las para nos ajudar no nosso desenvolvimento espiritual. Na altura da leitura sobre o nosso casamento, a união estava praticamente por um fio e estávamos seriamente a considerar o divórcio. Por causa desta leitura, estamos agora em terreno firme e a antecipar muitos anos juntos.

“As três leituras mudaram verdadeiramente as nossas vidas. A felicidade, que antes parecia tão esquiva, agora parece possível.”

O marido da mulher, Dennis Albright, na sua leitura pessoal, perguntou sobre dois jovens, dizendo os nomes e indicando onde se encontravam.

Sobre o primeiro, Peterson em transe disse: “Deve ser dado conselho e orientação a este jovem — de que os bens de outras pessoas são os bens de outras pessoas, e que a aquisição desses bens deve ser o resultado do que chamarias esforço honesto, pois há aqui alguma dificuldade. Este tem dedos leves e gosta das coisas materiais da vida…”

Comentário do consulente: “Ele tem um problema nesta área; sabe-se que rouba.”

Sobre o segundo jovem, Peterson disse: “Este é o preguiçoso. Não gosta de trabalho de forma alguma e fará tudo para o evitar.”

O consulente comentou: “Foi acusado precisamente disso por outros membros da família.”

Sobre um terceiro jovem a respeito do qual perguntaram, a leitura disse: “Verás que este ressente intrusões de quem quer que seja. Este não aceitará pressão de fonte alguma, de ninguém…”

Comentário do consulente: “Ele é bastante introvertido e não se abre facilmente. E é teimoso, de forma discreta.”

Poderia uma captação de traços de personalidade tão marcantes em três indivíduos desconhecidos de Peterson ser mera adivinhação ou coincidência? O consulente não acreditava.

“A ajuda recebida nestas leituras, em resposta a perguntas sobre como compreender melhor os outros e a mim próprio e como me melhorar, foi de enorme conforto e orientação. Duvido que pudesse ter alcançado o autoconhecimento que recebi de qualquer outra forma”, disse o Sr. Albright.

“As leituras apontaram as minhas fraquezas e também as minhas forças, permitindo-me ajudar-me a mim próprio. As perceções recebidas tiveram imenso valor no meu estilo de vida, em saber como abordar muitas coisas, como lidar com a minha mulher e a minha família, como ganhar a vida — todo o espectro da experiência.

“Ross Peterson desenvolveu estas capacidades espantosas e não conheço nenhum lugar no mundo onde se possa receber este tipo de informação e orientação com um grau tão elevado de exatidão.”

Curt Friend, um homem de negócios de Ottawa, Ontário, teve uma sessão com Ross Peterson em Toronto, a 27 de Setembro de 1975:

"Foi uma experiência notável", disse o Sr. Friend. "Primeiro, ele identificou exatamente a minha condição física. Disse que havia problemas 'na parte inferior da coluna a causar um desequilíbrio no sistema de eliminação'.

"Estava absolutamente certo. Eu tinha sofrido recentemente uma hérnia discal na zona lombar que comprimiu um nervo, danificando-o, e como resultado provocou obstipação grave.

"Depois, Peterson disse: 'Houve uma contusão óssea na tíbia, que, claro, é um osso da perna.' Isso foi espantoso porque, seis meses antes, numa viagem de negócios ao Japão organizada pelo Governo canadiano, eu dei um passo em falso e caí de uma altura de cerca de um metro e vinte, lesionando gravemente a perna. Os médicos disseram que o osso não estava partido, mas sim pisado/contundido, exatamente como Peterson descreveu.

"Peterson recomendou ajustes da coluna, quiropráticos ou osteopáticos, para as minhas costas. No entanto, disse que havia outros três problemas de saúde para os quais queria prescrever.

"Um era a obstipação crónica, o segundo era uma tiroide hiperativa, que, segundo ele, me deixava nervoso e trémulo, e o terceiro era sinusite aguda.

"Os tratamentos para a tiroide hiperativa e para a obstipação foram combinados. Disseram-me para beber diariamente um grande copo de sumo de ameixa ao qual se acrescentava uma gota de Solução de Iodo de Lugall, que obtive numa farmácia.

"Para a sinusite, a leitura dizia: 'Os seios perinasais podem ser limpos aqui com bastante facilidade. Simplesmente pega num pequeno recipiente, verte cinco onças de brandy de pêssego e a isto acrescenta meia onça… não, demasiado aqui… melhor começar devagar. Usa meia colher de chá de ácido muriático ou clorídrico misturado com o brandy de pêssego. Depois, à noite, antes de te deitares, inspira profundamente os vapores emitidos por esta mistura. Faz isto uma vez, depois deixa o corpo descansar desta terapia durante nove dias, e então repete. A quinta ou sexta aplicação do tratamento deverá ser suficiente. Verás que os olhos lacrimejam e o nariz escorre e cuspirás fleuma que não pensavas existir no teu corpo…'

"Bem, devo dizer que os tratamentos resultaram. Os meus nervos acalmaram e a sinusite crónica desapareceu completamente.

“Houve um pormenor não médico na leitura que, na altura, era impossível avaliar, mas que desde então se revelou espetacularmente exato.

“Perguntei ao Peterson em transe sobre um importante negócio no qual eu parecia estar a encontrar obstáculos.

“Peterson disse que eu não teria sucesso. O negócio iria para outro homem.

“Depois acrescentou: ‘Mas este passará desta vida por ataque cardíaco não muito tempo depois de o negócio estar fechado.’

“Bem, é incrível, mas a previsão cumpriu-se. Eu perdi o negócio para outro homem, uma excelente pessoa. Mas cerca de seis meses depois, a 29 de Junho de 1976, ele morreu subitamente de ataque cardíaco.

“Devo dizer que a leitura de Ross Peterson me impressionou enormemente. Sem nunca me ter visto antes, avaliou exatamente o meu estado emocional, disse-me muitas coisas sobre a minha vida privada e descreveu pessoas desconhecidas para ele, mas importantes para mim, com uma exatidão inquietante.

“Não tenho dúvidas de que este homem estava a aceder ao mesmo tipo de Fonte a que Edgar Cayce acedia.”

Numa leitura feita para o Dr. Tony Kenworthy, em Bloomington, Indiana, em Março de 1975, o consulente fez perguntas sobre a sua própria saúde e a de um familiar.

Falando do familiar, Peterson disse: “Diz-lhe para olhar para a anca esquerda. Pois está a desenvolver-se aqui uma condição que lhe vai causar grande aflição. É o efeito esponjoso do osso. Pode exigir a faca do cirurgião para substituir parte do osso…”

Na sua avaliação de seguimento da leitura, datada de 2 de Maio de 1975, o Dr. Kenworthy escreveu: “Fiquei particularmente impressionado com a exatidão da parte médica da leitura. A informação sobre um dos problemas do meu familiar foi especialmente útil.”

Num caso de que posso dar testemunho, Peterson, numa leitura, aconselhou uma mulher viciada em bebidas de cola a desmamar-se do hábito, substituindo a bebida com cafeína por um chá ligeiramente estimulante feito com folhas de tanchagem.

“Esta é uma erva daninha comum, pisada por muitos que não conhecem o seu nome. Mas esta entidade conhece-a de vista e ela cresce em abundância onde vive.”

Bem, Peterson acertou numa coisa: a mulher para quem a leitura foi dada, sendo uma jardineira entusiasta, sabia perfeitamente qual era o aspeto da tanchagem. Mas a segunda parte pareceu fora de contexto.

"Nunca vi sequer uma única bananeira a crescer à volta da nossa casa", disse a mulher.
No entanto — e, mais uma vez, aqui está uma das curiosas coincidências, se é que é isso que são, que tão frequentemente se associam às leituras —, no espaço de duas semanas começaram a crescer bananeiras à volta da casa da mulher.
"De repente, está praticamente em todo o lado para onde olho", disse ela.

Ora, neste caso, estaria Peterson a adivinhar o futuro?
Nunca se sabe. Mas o facto é que, tal como a leitura indicava, a bananeira "cresce em profusão" onde a mulher vive, embora isso não acontecesse na altura da leitura.

O que impressiona é a consistência dos resultados de Ross Peterson. Vislumbres psíquicos surgem em muitas pessoas. Mas Peterson é como um rádio, que pode ser ligado praticamente a qualquer momento e funciona. Claro que, por vezes, apanha-se a estação errada, ou a receção é distorcida por interferências, mas, na maioria das vezes, a mensagem chega alta e clara.

Capítulo Oito

UMA FARMACOPEIA PSÍQUICA E GUIA PARA A BOA SAÚDE

Nas mais de mil leituras em transe que Ross Peterson realizou, a sua mente inconsciente, ou eu superior, ou seja lá qual for a Fonte, apresentou remédios para uma grande variedade de doenças e sintomas.

Nalguns casos, a implicação é bastante clara de que o remédio é adaptado ao indivíduo e não seria necessariamente eficaz para mais ninguém. Noutros casos, relativamente poucos, as leituras não oferecem qualquer remédio, limitando-se a declarar a condição irreversível. Em muitos casos, porém, sugere-se que o remédio, a prescrição alimentar ou os exercícios indicados beneficiariam todos os que os utilizassem.

Uma coisa deve ser tornada absolutamente clara: as leituras nunca desvalorizam a medicina. Nas centenas que analisei cuidadosamente, não há sequer uma sugestão de crítica à medicina ortodoxa. Em muitos casos, foi recomendado tratamento médico, como cirurgia.

De facto, no próprio caso de Peterson, as leituras recomendaram com urgência uma cirurgia para corrigir uma ulceração do seu trato digestivo. Quando Peterson (que é humano, demasiado humano na sua aversão a hospitais) adiou a cirurgia, as leituras repreenderam-no. As referências ao seu próprio problema físico começaram a intrometer-se em leituras dadas a outras pessoas. Por fim, as leituras insistiram tanto que ele acabou por se submeter à cirurgia. E, como previsto, foi um sucesso total.

As leituras citadas mostram com que frequência são recomendados os serviços de um osteopata ou de um quiroprático. Os remédios e as prescrições alimentares apresentados nas leituras não devem, portanto, ser considerados um substituto da medicina nem interpretados como um convite à autotratamento de problemas de saúde graves. São um complemento, um auxiliar, um suplemento à medicina convencional.

Certamente não há provas de que alguém tenha sido prejudicado, ou possa sê-lo, pelos remédios naturais à base de plantas referidos nas leituras de Peterson. Pelo contrário, há provas de que muitas pessoas beneficiaram deles.

O problema é, no entanto (e estou bem consciente disto, pelo que faço questão de o sublinhar), que alguns indivíduos excessivamente zelosos podem ser tentados a abandonar completamente a medicina convencional e a confiar apenas nos remédios indicados nas leituras. Isso seria imprudente e não é aprovado por Ross Peterson.

Em algumas situações, é verdade, a medicina ortodoxa nada pode fazer. Nesses casos, confiar totalmente nos remédios de Peterson não representa perigo e oferece a esperança de uma possível cura ou, pelo menos, de uma atenuação dos sintomas.

A filosofia geral de saúde presente nas leituras parece sólida, mesmo segundo os padrões da medicina convencional. As leituras não recomendam, por exemplo, o vegetarianismo.

“O homem”, declarou uma leitura, “não é herbívoro nem carnívoro, mas omnívoro. Portanto, comei carne, pois ela constrói o corpo.”

A única carne mais ou menos consistentemente proibida é a de porco. Cordeiro, peixe, aves e, em menor grau, carne de vaca, são fortemente recomendados.

Para os vegetarianos que têm escrúpulos éticos em relação ao consumo de carne por implicar a morte de um animal, as leituras sugerem a abordagem ‘kosher’ do Judaísmo.

“Dizei uma oração quando tomardes a vida do animal que vai ser comido. Ou dizei uma oração de agradecimento antes de comerdes a carne de qualquer animal.

“Afinal, também os vegetais têm um tipo de consciência. Se tivésseis ouvidos para ouvir, poderíeis ouvir o repolho a gritar quando é colhido.”

As leituras declaram que, na hierarquia divina dos seres e dos valores, os animais foram destinados a nutrir a vida física do homem.

Não há nada de modista nas dietas prescritas nas leituras. Geralmente proíbem os açúcares refinados, o que está de acordo com a crescente opinião médica de que o enorme consumo desses adoçantes pelo homem moderno tem efeitos adversos na saúde. As leituras sugerem adoçantes naturais, como mel, açúcar de ácer ou melaço.

As leituras de Peterson sublinham que, na base de toda a cura, está uma atitude mental adequada. A fé e o amor, dizem as leituras, são saudáveis. O ódio e o medo causam danos ao corpo, bem como à mente e à alma.

“A mente é o construtor”, disse uma leitura. “A mente é o mestre. A mente é o elo com essas forças criativas das quais todos fazemos parte, compreendeis? E se a mente estiver cheia de amor, bondade e tranquilidade, então o corpo, que é apenas uma extensão da mente, tem necessariamente de beneficiar, compreendeis?

“O corpo é composto por biliões e biliões de células, e cada uma tem uma forma de consciência. Sim, cada célula. Cada célula do corpo deve ser considerada como um mundo, como um universo, como uma entidade consciente em si mesma, e regista todas as tensões vividas pelo indivíduo.

“Mas, ao mesmo tempo que cada célula é independente e única, está inter-relacionada com todas as outras células do corpo. E todas não passam de uma extensão da mente.

“A atitude mental pode, assim, construir células ou destruí-las, consoante seja positiva ou negativa.

“O que ajuda a trazer a cura ao corpo é uma afirmação que deve ser repetida frequentemente e acreditada: ‘Se Deus é por mim e está comigo, quem ou o que poderá estar contra mim?’ Mesmo enquanto repetis isto, sabei que é verdade, e a cura será acelerada.”

Esta filosofia das leituras de Peterson é bastante consistente com o reconhecimento crescente, na medicina moderna, de que grande parte — se não a totalidade — das doenças é psicossomática, sendo o corpo

afetado pela mente. É certo que, em alguns casos, a relação pode inverter-se, quando perturbações físicas causam alterações mentais. Mas mesmo nesses casos, dizem as leituras, a causa última é o pensamento errado.

Numa época em que muitos investigadores exploram as possíveis correlações entre até uma doença como o cancro e a personalidade, seria imprudente rejeitar liminarmente a filosofia das leituras.

No entanto, embora postulem um fator mental ou espiritual como base de toda a doença, as leituras reconhecem que, na maioria dos casos, são necessários remédios práticos além de uma regeneração mental.

Para informação do leitor, e para o valor que possam vir a ter, segue-se uma lista de sintomas e doenças (organizada alfabeticamente) e os remédios que as leituras de Peterson sugeriram para cada um. Em alguns casos, é mencionado mais do que um remédio.

Ao utilizar esta lista, o leitor é aconselhado a seguir o seu próprio bom senso e juízo crítico, o que inclui, presumivelmente, consultas médicas regulares com o seu médico.

Ao avaliar o valor e a utilidade destes remédios à base de plantas, prescrições alimentares e exercícios, recorde o teste bíblico: “Pelos seus frutos [resultados] os conhecereis.”

(Os estudiosos de Edgar Cayce poderão notar uma semelhança entre alguns dos remédios de Peterson e os apresentados nas leituras de Cayce. Embora Ross Peterson reconheça que Cayce foi a sua inspiração e mentor espiritual, disse-me que não fez um estudo aprofundado dos remédios desse vidente. Inclino-me a acreditar nele. No entanto, não há dúvida de que deve ter lido alguns deles, ainda que apenas de forma superficial, e estes ter-se-ão registado na sua mente. Contudo, ele nega qualquer cópia consciente de Cayce.

(Do ponto de vista psíquico, se Peterson e Cayce estiverem a aceder essencialmente à mesma Fonte — seja ela qual for —, são de esperar semelhanças nos seus remédios. A verdade, presumivelmente, não se contradiz. Não tendo eu próprio estudado Cayce em profundidade, não posso julgar até que ponto os remédios de Peterson e os dele coincidem. Mas, dado que Peterson demonstrou poderes psíquicos inequívocos no diagnóstico, na definição de carácter e na previsão, porque não aceitar que chega aos seus remédios pelo mesmo caminho, admitindo ainda assim um certo grau de absorção inconsciente de material de Cayce?)

ARTRITE

As leituras aconselham ajustes da coluna vertebral por um osteopata ou quiroprático. Recomendam também “o sumo de folhas de mostarda” e o “sumo de folhas de nabo” para ajudar a remover do sangue as toxinas que conduzem à acumulação de depósitos minerais nas articulações do corpo.

“Deve tomar-se diariamente uma onça a uma onça e meia de qualquer um destes sumos, durante um período mínimo de nove meses.” (Não são prometidas curas dramáticas ou súbitas da artrite.)

As leituras sugerem ainda uma massagem diária suave da “parte central da coluna”, ou das articulações afetadas, ou de ambas, com uma substância composta por: uma onça de óleo de wintergreen, uma onça de hortelã-verde, uma onça de óleo de eucalipto e três onças de óleo de amendoim.

DOR NAS COSTAS

As leituras sugerem um exercício a realizar diariamente, “lentamente e com facilidade, fazendo um pouco mais a cada dia”.

“O exercício, que requer apenas um ou dois minutos, consiste simplesmente em ficar de pé, ereto, levantar os braços lateralmente, estendendo-os até ao horizonte, e rodar lentamente o corpo de modo que a mão esquerda desça lentamente e toque no dedo do pé direito, mantendo os joelhos rígidos. Depois regressar à posição ereta e fazer o mesmo com a mão direita em direção ao dedo do pé esquerdo.

Repetir isto cinco ou seis vezes, lenta e facilmente. Descer apenas até ao ponto de desconforto, e depois parar. Aumentar gradualmente a amplitude todos os dias.”

É também recomendada a aplicação de compressas de óleo de rícino na zona afetada das costas.

“Uma vez a cada cinco dias, deve aplicar-se uma compressa de óleo de rícino pouco antes de se deitar. Deve usar-se um pano com quatro a seis camadas, saturado com tanto óleo de rícino quanto consiga absorver. Coloque-se sobre a zona sensível e, por cima, aplique-se uma almofada térmica tão quente quanto o corpo conseguir suportar, deixando atuar durante quarenta a quarenta e cinco minutos. Depois, deixe-se o corpo repousar. Doze a quinze aplicações deverão melhorar a condição das costas.”

É também recomendado um óleo para a dor nas costas. Deve ser massajado suavemente na pele sobre a zona dolorosa, “trabalhando num

movimento ascendente e para fora, em forma de leque, com as pontas dos dedos de ambas as mãos". Isto deve ser feito uma vez por semana, durante cerca de quarenta a quarenta e cinco minutos. A fórmula do óleo é: uma parte de óleo branco russo, três partes de óleo de amendoim e duas partes de óleo de rícino.

CALVÍCIE OU QUEDA PREMATURA DO CABELO

São apresentadas várias prescrições para travar, ou reverter, a queda prematura do cabelo.

Uma delas aconselha a ingestão diária do seguinte:
"Combinar sumo de cenoura com sumo natural de pêssego, uma a duas onças de cada. Misturar também um chá composto por duas partes de sumo de roseira-brava e uma parte de gengibre. Beber tanto quanto o corpo conseguir tolerar até que a cura se manifeste plenamente. Depois eliminar o gengibre, mas continuar com o sumo de roseira-brava."

É recomendado um exercício:
"Deixar simplesmente a cabeça cair sobre o peito, rodando-a lentamente para a esquerda, para trás, para a direita e novamente para o peito, num estado relaxado, solto e flácido. Fazer isto três vezes no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, depois inverter o procedimento e repetir três vezes no sentido dos ponteiros do relógio."

É sugerida a massagem da área onde ocorre a queda de cabelo:
"Utilizar petróleo bruto ou o preparado Glovers Mange Cure. Massajar profundamente e com firmeza no couro cabeludo durante um período de dez a doze minutos. Após a massagem, aplicar uma toalha quente ou uma compressa quente na zona e deixá-la atuar durante oito a doze minutos. Em seguida, lavar a área com um sabão puro, de preferência de Castela. Utilizar esta aplicação de óleo, massagem e lavagem duas vezes por semana durante quatro semanas, depois uma vez por semana durante duas semanas. Continuar depois conforme necessário."

COLITE

É sugerida uma dieta de maçã durante três dias:
"Comer maçã — de preferência a maçã Jonathan — e nada além de maçãs durante três dias. Consumir também grandes quantidades de água. Isto permitirá uma limpeza completa do trato digestivo."

O sumo de couve também é recomendado:
"Não a couve em si, pois a fibra seria prejudicial ao intestino inferior, mas o

sumo de couve, duas onças, tomadas dia sim, dia não, durante um período de trinta dias."

DIABETES

O tratamento médico desta condição é a ingestão diária de insulina.

No entanto, em casos limítrofes, subclínicos, em que os testes mostram apenas uma "tendência" para a doença, as leituras sugerem que o seu desenvolvimento pode ser evitado pela inclusão de alcachofra-de-Jerusalém na dieta. Recomenda-se também:
"Consumir meia chávena por dia de chá feito a partir da casca da madeira da faia."

OLHOS: VISÃO DEFICIENTE

Numa leitura, Peterson mencionou que o sujeito, uma criança, apresentava "uma tendência para fraqueza do olho esquerdo". A mãe da criança confirmou que "o olho esquerdo se desvia quando ele está cansado".

Neste caso, as leituras atribuíram a fraqueza visual a subluxações da terceira, quarta e quinta vértebras cervicais e sugeriram ajustes da coluna.

Noutro caso de visão deficiente numa criança, foi recomendada massagem atrás de cada orelha:
"A massagem deve ser feita apenas durante vinte a trinta segundos todas as noites antes de se deitar. Na massagem deve usar-se a combinação de uma parte de óleo de hortelã-verde, uma parte de óleo de eucalipto e três partes de óleo de rícino. Esfregar um pouco atrás de cada orelha e isto será absorvido através do osso mastoide e acabará por afetar a visão."

Noutro caso de má visão, foi recomendado um exercício simples:
"Deixar cair a cabeça sobre o peito, mantendo todos os músculos o mais relaxados possível. Depois rodar a cabeça para a esquerda, para trás, para a direita e novamente deixá-la cair sobre o peito. Devem realizar-se pelo menos três rotações completas no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, depois inverter o sentido para o mesmo número de rotações. Isto deve ser feito pelo menos três ou quatro vezes por dia durante noventa dias.

"Depois deve praticar-se ioga, particularmente a técnica de ficar de cabeça para baixo."

HEPATITE

Após uma inflamação viral grave do fígado, as leituras sugeriram o seguinte “para eliminar totalmente o vírus e melhorar a capacidade do fígado de remover toxinas do corpo”:

“Procurar um médico e pedir quinino. A limpeza do fígado pode ocorrer gradualmente através do uso de quinino.

“Isto pode até ser preparado por ti próprio. Retira a casca da árvore da quina e pulveriza-a muito finamente. Depois toma não mais de meio grama diariamente durante um ciclo completo da lua (aproximadamente vinte e oito dias). Depois interrompe durante um ciclo completo da lua. Em seguida, toma um oitavo de grama durante um ciclo completo da lua.”

As leituras sugerem ainda que a capacidade do fígado para se desintoxicar e desintoxicar o resto do corpo pode ser reforçada pelo seguinte:
“Tomar o sumo de um vegetal de folha, espinafre, acelga ou couve. Qualquer um destes, ou os três misturados. Mas apenas o sumo. Deve beber-se pelo menos uma onça por dia, sorvida lentamente no início de cada dia, compreendes?”

HIPERATIVIDADE EM CRIANÇAS

As leituras sugerem:
“Ao final da tarde, dar à criança uma onça de bom vinho tinto diluída numa onça de água. Isto deve ser dado imediatamente antes de se deitar.”

HIPERTENSÃO, OU PRESSÃO ARTERIAL ELEVADA

“Durante o dia, pelo menos duas vezes por semana, devem consumir-se oito onças completas de chá de amora-preta. O chá deve ser preparado a partir da raiz ou da folha da planta da amora-preta. Qualquer uma é aceitável. Não o beber rapidamente, mas sorvê-lo lentamente. Levar pelo menos uma hora a consumi-lo. Isto dá-lhe tempo para ser totalmente assimilado pelo corpo.”

PROBLEMAS DA BOCA

(AFTAS, FERIDAS NA BOCA, ETC.)

"Tomar a folha fresca de hamamélis", sugerem as leituras, "e mantê-la encostada à parte afetada da boca."
Isto é também recomendado em casos de inflamação das gengivas.

PROBLEMAS DA GARGANTA: MUCO OU

CATARRO NA GARGANTA

Uma leitura prescreveu:
"Preparar um chá a partir da casca da cerejeira-brava e sorvê-lo lentamente ao longo do dia. Ajudará muito a reduzir o catarro e o muco na garganta.

"Além disso, a dieta será útil. Pelo menos dia sim, dia não, comer três a seis onças de alho-francês cru. É importante que seja cru. Isto ajudará a eliminar o catarro na garganta ou nas passagens nasais."

PROBLEMAS DA TIRÓIDE

1. TIRÓIDE HIPOATIVA

As leituras sugerem:
"Tomar xarope de cola — não a bebida de cola, mas o xarope puro — e misturar meia onça do xarope com cinco onças de água. Certificar-se de que pelo menos um copo desta mistura é consumido todos os dias, de preferência à refeição do meio-dia."

2. TIRÓIDE HIPERATIVA

As leituras sugerem:
"Tomar um comprimido de alga kelp de 100 miligramas uma vez por dia. Ou tomar solução de iodo de Lugol e adicionar apenas três gotas a um copo cheio de água. Consumir isto todas as manhãs até que tenham passado três ciclos da lua (cerca de três meses). Nessa altura, a tiroide deverá estar novamente equilibrada."

ÚLCERA DO ESTÔMAGO

"Durante noventa dias, beber diariamente não menos de seis a oito onças da seguinte infusão: colocar um pau de olmo-escorregadio, ou a sua casca moída, em água quente, preparando um chá. Após a infusão, a bebida deve ser colocada num recipiente que permita mantê-la fresca, não

gelada, mas fresca. Esta deve ser a bebida consumida todos os dias durante pelo menos três ciclos completos da lua."

INFEÇÕES VIRAIS

As leituras sugerem, em qualquer caso de infeção viral, o seguinte: "Pelo menos duas vezes por dia, tomar pelo menos seis onças compostas por duas onças de sumo de cenoura, duas de sumo de couve e duas de sumo de maçã, de preferência fresco, não enlatado. A couve utilizada deve ser a verde, não a branca. E a maçã deve ser Jonathan, McIntosh ou Winesap, compreendes?"

Chegamos agora a uma área em que devemos avançar com grande cautela: tratamentos sugeridos para doenças graves. O cancro é uma delas. A esclerose múltipla é outra.

Nestes casos, hesita-se em criar expectativas exageradas. Deve tirar-se pleno partido dos recursos da medicina convencional. O que aqui é apresentado, a partir das leituras, deve ser considerado ainda hipotético (embora o caso de esclerose múltipla para o qual foi prescrito este tratamento específico tenha respondido de forma muito favorável). Estas sugestões são oferecidas pelo valor que possam ter.

Num caso em que o cancro tinha sido travado por tratamento médico convencional (radioterapia e quimioterapia), uma leitura propôs as seguintes adições à dieta, "que tenderão a reduzir o crescimento desenfreado das células: mastigar diariamente pelo menos cinco ramos completos de salsa crua. Pode ser amarga ao paladar, pelo que pode escaldá-la ligeiramente em um pouco de manteiga. Além disso, a película que envolve a amêndoa naturalmente seca combate o crescimento descontrolado das células. Comer três de manhã, três à tarde e três à noite, mastigando-as lentamente."

Em alguns casos, as leituras sugeriram pelo menos uma amêndoa por dia como prevenção do cancro.

No caso da esclerose múltipla, as leituras apresentaram um programa de tratamento complexo e extenso. Eis o texto completo:

"São necessários ajustes da coluna para melhorar o fluxo de energia e combater o vírus que invadiu a bainha dos nervos. Em primeiro lugar, considerar a parte superior da coluna vertebral: o atlas, o áxis e a terceira e

quarta vértebras cervicais. Existe aqui não só subluxação, mas também fusão.

“A partir da primeira vértebra dorsal até à nona dorsal, existe subluxação com rotação para a esquerda, provocando pressões na parte inferior da coluna, na zona do cóccix.

“Deve haver aplicação de fluxo de energia elétrica por todo o corpo. Deve tratar-se de uma aplicação de baixa voltagem, com um polo positivo colocado na base da coluna. O corpo deve estar em posição dorsal, deitado de costas. Aplicar a carga positiva na zona do cóccix da coluna. Não mais de dois ou três volts. Apenas um fio de energia. O polo negativo deve ser colocado na base do crânio e na parte superior da coluna, de modo a tocar o atlas.

“No início, permitir que o dispositivo mecânico que dirige o fluxo de energia permaneça no local não mais de dois a quatro minutos. Isto estimulará o sistema nervoso e acabará por destruir o vírus que invadiu a bainha dos nervos. O dispositivo terá de ser utilizado durante sete meses e duas semanas. De cada vez, aumentar gradualmente, em pequena escala, a quantidade de eletricidade permitida a fluir pela coluna vertebral. Isto irá travar a deterioração que está a ocorrer no sistema nervoso central.

“Eventualmente, a voltagem deverá ser aumentada para seis ou sete volts, que podem ser confortavelmente suportados por este corpo físico. O tratamento deve ser administrado dia sim, dia não, pois deve haver um período de repouso após a aplicação do fluxo de energia elétrica.

“A aplicação de luz colorida seria benéfica para este corpo. A luz deve ser de natureza infravermelha e passar por um filtro amarelo vivo. Esta luz deve ser mantida a dezoito a vinte e duas polegadas do corpo. Podes colocar o filtro a meio caminho entre a luz e o corpo. O corpo deve estar deitado de bruços, com a luz dirigida à base do crânio.”

“A massagem deve ser utilizada imediatamente antes da aplicação da luz. Devem ser usadas duas formas de massagem. A que se realiza na parte superior do corpo, desde o pescoço até à base do cérebro, deve usar uma mistura de uma parte de óleo de hortelã-pimenta ou hortelã-verde, duas partes de óleo de amendoim, três partes de óleo de milho e quatro partes de óleo de rícino. Misturar tudo e, começando na terceira vértebra cervical, colocar as mãos — sobretudo os polegares — sobre a própria vértebra, movendo os polegares para fora e para cima, em direção às orelhas. Amassar os lados do pescoço com as pontas dos dedos. Esta massagem deve ser feita durante seis a oito minutos.
Depois, a aplicação da luz infravermelha através do filtro amarelo.

“Deve ser aplicada uma compressa ao longo de toda a coluna vertebral. Usar um pano, de preferência de flanela, com quatro a seis camadas. Este pano deve ser suficientemente comprido para ir desde a base da coluna até ao topo. Deve ter seis polegadas de largura.

“Depois da aplicação do fluxo de energia elétrica, mergulhar este pano em óleo de rícino puro — tanto quanto o pano conseguir absorver. O óleo de rícino deve estar tão quente quanto o corpo conseguir suportar. Colocar o pano sobre o corpo, ao longo da coluna, e deixá-lo atuar de dezoito a vinte e dois minutos. Ao retirar a compressa de óleo de rícino, deve fazer-se mais massagem. Esta deve ser desde o topo da coluna, descendo gradualmente, usando não os polegares mas as pontas dos dedos sobre a coluna, amassando a carne como faria um massagista, puxando-a para baixo, puxando-a suavemente para baixo, esfregando o óleo de rícino para dentro.

“Aumentar a quantidade de massagem à medida que aumentas a voltagem, mas fazer a massagem diariamente.

“A meio do dia, este corpo deve receber duas onças de couve e duas onças de cenoura, de preferência cultivadas na zona onde o corpo reside.

“Os doces devem ser apenas mel ou melaço, mais nenhum. Figos ou tâmaras seriam quase um alimento espiritual para este. Só deve ser consumido pão escuro não refinado.

“As bananas devem ser evitadas por este. A carne de porco também deve ser evitada. Este corpo deve comer peixe, aves ou cordeiro; assados no forno, grelhados ou cozidos. Nunca fritos.

“O café seria útil para este, porque estimularia o sistema nervoso. O chá feito de roseira-brava também seria útil para este, mas não o chá comum, porque tem demasiado tanino.

“As refeições deste devem começar com vinho tinto — apenas tinto — três quartos a uma onça e meia, tomados antes de ingerir comida.

“Tenta fazer ioga. No início será desanimador, mas descobrirás que consegues fazer um pouco mais a cada dia.

“Mantém na tua mente a imagem de ti próprio forte e saudável.”

Uma sequência interessante deste tratamento para a esclerose múltipla dado por Peterson em agosto de 1974 é um despacho noticioso da Reuters, de Londres, datado de 7 de julho de 1976.

O despacho noticiou que a “estimulação elétrica da medula espinal de doentes que sofrem da doença debilitante da esclerose múltipla produziu

melhorias dramáticas, segundo a Lancet, prestigiada revista médica britânica".

A notícia dizia que o novo tratamento "se baseia na teoria de que cargas elétricas podem abrir novos caminhos nervosos em torno do tecido afetado… Dois doentes tiveram pequenos elétrodos de platina implantados no interior da coluna vertebral. Estes foram ligados a um dispositivo, transportado pelo doente, que emitia uma série de impulsos elétricos a cada segundo…".

Esta notável semelhança entre este novo tratamento e o que foi delineado por Ross Peterson em transe dois anos antes levanta a questão de saber se a mente inconsciente de Peterson, como um aspirador psíquico, suga dados médicos de todo o mundo. Há dois anos, o tratamento experimental provavelmente já seria pelo menos uma ideia na mente de algum investigador britânico. Terá Peterson acedido a essa fonte?

Existe outro caso semelhante, em que a prescrição clarividente de Peterson coincidiu com um tratamento médico experimental de que ele aparentemente não poderia ter tido conhecimento consciente.

(Em 19 de fevereiro de 1975, em Toronto, Peterson deu uma leitura a um rapaz de dezassete anos que estava a morrer de cancro no cérebro. Já lhe tinha sido removida praticamente metade do cérebro numa tentativa desesperada de travar a malignidade desenfreada.

Na leitura, Peterson, entre outras sugestões, prescreveu um tratamento "heroico" — a administração de arsénico. "Podes começar com tão pouco quanto uns oitenta avos de grama em cápsula", dizia a leitura, "e isto deve ser aumentado gradualmente até que esta entidade seja capaz de levar para o corpo aquilo que normalmente causaria a morte de um homem saudável, percebes?"

A leitura sugeria que o arsénico destruiria um vírus respiratório que estava a atacar os pulmões do rapaz, permitindo ao corpo recuperar forças para combater o cancro no cérebro.

O tratamento com arsénico foi iniciado, mas o rapaz morreu. Causa da morte: infeção respiratória aguda, como Peterson tinha dito.

Cerca de seis meses depois desta leitura, apareceu uma nota no National Enquirer sobre "investigadores chineses vermelhos que relatam um sucesso notável no uso de nitrato de estricnina — um veneno — para tratar uma forma mortal de cancro… anemia aplástica".

Mais uma vez: terão estas experiências chinesas, não noticiadas no Ocidente na altura da leitura, motivado a prescrição em transe de Peterson

de arsénico — tal como a estricnina, um veneno — para o caso de cancro no cérebro?)

Não sabemos, simplesmente, de onde vêm as prescrições de Peterson, mas nestes casos parecem ter antecipado, ou coincidir muito de perto com tratamentos semelhantes concebidos por investigadores médicos noutros países.

Capítulo Nove

O INTÉRPRETE DOS SONHOS

"Os sonhos", disse Sigmund Freud, pai da psicanálise, "são a via régia para o inconsciente."

Um sonho é uma mensagem de ti para ti; das profundezas inconscientes da mente para o nível da consciência.

No passado, os sonhos eram considerados visões dos deuses, revelações divinas, ou mensagens de espíritos (bons ou maus, consoante o sonho fosse reconfortante ou aterrador).

Seja qual for a crença quanto à origem dos sonhos, muitas culturas antigas foram extraordinariamente sábias na sua interpretação. Além disso, algumas até praticavam a programação de sonhos, uma arte que só em tempos modernos foi redescoberta.

A hipnose, por exemplo, pode ser usada para induzir sonhos. Se o hipnotizador disser ao sujeito em transe: "Esta noite vais ter um sonho que esclarecerá o teu problema e lembrar-te-ás dele vividamente", o sujeito tem esse sonho e recorda-o.

Ora, a hipnose parece ter tido origem no "sono no templo" no antigo Egito. Os doentes faziam peregrinações a templos cujas divindades tutelares eram conhecidas, em particular, pelos seus poderes curativos. Os sacerdotes diziam ao peregrino doente para passar a noite dentro das muralhas do templo. Era-lhe dito — sem dúvida por sugestão hipnótica — que, durante o sono, o deus do templo lhe apareceria numa visão e lhe traria a cura.

E, durante o sono, muitas vezes, o peregrino de facto vivia uma visita do deus num sonho vívido e acordava curado.

No Antigo Testamento, José era famoso pela sua habilidade como intérprete de sonhos proféticos. E no Novo Testamento, é referido que a mulher de Pilatos lhe suplicou que não tivesse nada a ver com a morte

“deste homem justo”, Jesus, por quem ela tinha ficado “muito perturbada” nos seus sonhos.

A ênfase nos sonhos continua na psicologia moderna. O psicanalista, em particular, considera-os um meio inestimável para descobrir conflitos interiores ocultos, tensões e forças.

Ross Peterson parece ser um verdadeiro mago na interpretação de sonhos. E recomenda vivamente que os indivíduos aprendam a habilidade de recordar e descodificar os seus próprios sonhos. Essa habilidade, diz ele, pode ser um passo importante no caminho do crescimento espiritual e psíquico.

Na sua ênfase no valor da análise dos sonhos para o autodesenvolvimento, Peterson volta a ecoar o seu mentor, Edgar Cayce, que demonstrava a mesma capacidade invulgar para desvendar os segredos dos nossos cenários sonâmbulos.

Porque são os sonhos apresentados sob a forma de símbolos? Porque não são comunicações simples e diretas do inconsciente? Se é tão importante que recebamos estas mensagens de nós para nós, porque é a mensagem tantas vezes difícil de decifrar?

Bem, as leituras de Peterson dizem que os símbolos são a língua nativa do inconsciente. É em símbolos que ele se expressa. Eles são para o inconsciente o que as palavras são para a fala.

Além disso, os símbolos servem para comprimir uma rica diversidade de significados num espaço reduzido (um símbolo vale por mil palavras). E, mais importante, os símbolos dos sonhos exigem que reflitamos sobre eles antes que o seu significado se torne claro. Ora, este processo de reflexão é um período de autocompreensão progressiva. Quando finalmente percebemos o que o sonho está a dizer, estamos preparados para o aceitar.

Algumas das mensagens comunicadas pela mente profunda seriam traumáticas ao nível consciente se fossem ditas de forma crua. As mensagens vêm veladas em símbolos porque o tempo e o esforço necessários para retirar os véus permitem-nos crescer psicologicamente o suficiente para que o significado do sonho se torne suportável. Caso contrário, poderia destruir-nos.

“Os teus sonhos”, dizia uma leitura de Peterson, “só te darão aquilo que podes suportar naquele momento; nem um pouco mais, nem um pouco menos, percebes?”

Segundo as leituras de Peterson, os sonhos podem assumir um significado mais amplo do que uma mensagem do nosso inconsciente

privado. Por vezes transportam perceções do reservatório universal de consciência, “esse mar imortal” de sabedoria que, presumivelmente, é a Fonte das leituras.

“Muitas vezes, nos sonhos”, declarou uma leitura, “a mente e a alma da entidade deixam a forma física e procuram aqueles níveis de consciência onde o conhecimento necessário está guardado.

“O problema é que, quando há a reunião do corpo e da alma, muitas vezes aquilo que foi dado pela consciência maior é esquecido.

“Mas não há sonhos ociosos, percebes? Nunca soubeste nada de importante na tua vida que não tivesses primeiro sonhado. Podes não te lembrar, mas sonhaste-o ainda assim.”

Eis alguns casos de pessoas que levaram a Ross Peterson sonhos que sentiam ser significativos, mas que não conseguiam interpretar. Em transe, Peterson desvenda-os de uma forma que inclui — e ao mesmo tempo transcende — as perceções do freudianismo.

“Porque os sonhos muitas vezes se relacionam com a mente-alma”, dizia uma leitura, “e se a psicologia não reconhecer isto, as suas interpretações dos sonhos ficarão aquém da verdadeira verdade.”

Uma das pessoas presentes era uma jovem de Los Angeles, inteligente, ativista política, e perturbada por dois sonhos.

“Dá-nos os teus sonhos”, disse o vidente em transe.

Seguiu-se um fascinante *pas de deux* em que a sonhadora e o intérprete interagiram numa intrincada coreografia psicológica. Peterson estava em perfeita sintonia com a mulher à medida que ela relatava os seus sonhos. Era como se ele estivesse dentro do sonho com ela. Estás a ver o que quero dizer?

A mulher começou a descrever o cenário: “Sonhei que tinha de arranjar um quarto de hotel e um advogado. Essa era a minha missão. Eu estava em frente a um hotel. Era de noite e as luzes lá dentro brilhavam através das janelas. Era um hotel à moda antiga. Havia uma varanda no segundo andar que avançava para fora, e tinha pilares muito fortes…”

“Percebo”, interrompeu Peterson, “que, no total, o hotel tinha três andares… Sim… Continua.”

A mulher, visivelmente apanhada de surpresa por ele ter antecipado o que ela estava prestes a dizer, hesitou ao tentar retomar a narrativa.

“Nós dar-te-emos aquilo que te foi dado”, ofereceu Peterson nesse momento. “Levar-te-emos através deste sonho, tal como tu nos levarás através dele.

“Antes de mais, o hotel representa aquilo que é uma morada temporária, não é? Tal como aquilo que estás a fazer, ou a ponderar fazer nesse teu corpo, neste momento, se revelará temporário.

“A missão de ver alguém que é uma autoridade na interpretação da lei tem um significado duplo.

“Em primeiro lugar, o que é a lei? Quem é o dador da lei? Não é realmente Ele que procuras, percebes?

“O segundo significado é que a lei, e a sua interpretação e aplicação, é importante para ti neste momento, e tu gostarias de ser competente nessa interpretação e aplicação, percebes?

“O segundo andar do hotel no teu sonho significa aquilo que se chama o subconsciente. O primeiro andar representa a existência consciente e física. O segundo andar, onde a entidade procura um quarto no sonho, está acima do nível da existência material. Isto significa que a entidade está a procurar conhecimento no inconsciente, não disponível ao nível consciente.

“O terceiro andar do hotel, a que tu não chegas neste sonho, representa o supraconsciente; ou a própria essência do Espírito; as forças criativas que estão na base de tudo o que existe; a própria Divindade.

“Quanto às luzes no hotel, representam conhecimento. Em essência, todos os homens são luz, não trevas, pois derivam da Divindade, que é pura luz…

“As colunas em frente ao hotel eram quatro em número” — a mulher, de novo claramente surpreendida, admitiu que era assim — “quatro, representando as quatro dimensões do homem: fogo, terra, ar e água, simbolizando equilíbrio, percebes? Continua.”

“Bem”, disse a mulher, com a voz instável, “entrei no hotel, mas só quando já era de manhã. Fiquei cá fora toda a noite e vi pessoas a entrar. Só me lembro de homens, embora possa ter havido mulheres, não sei…”

“Isto”, interrompeu Peterson, “é por causa daquilo que está por resolver em ti. Pois a tua dificuldade é com o sexo oposto, não é?”

“Bem… sinto um conflito em relação à minha feminilidade”, admitiu a mulher.

“De qualquer modo”, continuou ela, após uma pausa pensativa, “lembro-me do homem que estava à porta. Tinha uns cinquenta e muitos anos. Parecia ter cabelo grisalho e um rosto acinzentado. Era o trabalho dele deixar uma pessoa entrar e, de cada vez que dizia a um homem que chegava para arranjar um quarto, perguntava-lhe se queria uma jovem bonita para a noite. E depois eles entravam.

“De manhã, o sol já brilhava e eu fui até à porta. Esse homem tratou-me da mesma maneira. Disse-me o mesmo e eu disse: ‘Eu sei que estás cansado, mas já olhaste para mim?’ Ele não respondeu, por isso eu disse: ‘Bem, se vais fazer isto por mim, por favor espera até esta noite’, e ele não respondeu.

“Eu segui-o para dentro e para o lado do edifício, pela porta…”

“Para o lado esquerdo do edifício”, interpolou Peterson num tom factual.

“Sim, sim — para o lado esquerdo, isso mesmo. De qualquer modo, subimos uma escada muito íngreme, como uma escada de serviço. Chegámos ao segundo andar e passámos por uma porta para um átrio muito agradável, e ele levou-me para a frente do edifício, para um quarto — parecia mais do que um quarto — que dava para uma varanda. Ele desapareceu.

“Fui ver a varanda. Depois voltei e telefonei à Mildred Varonne, que é a mulher para quem trabalho. Eu edito livros para ela.”

Aqui Peterson interrompeu: “A importância deste sonho, desta segunda parte, é de facto simples: não prostituas os teus princípios por ninguém, percebes? Pois, quando vais ao segundo andar, que representa o subconsciente, isso mostrar-te-á qual é a tua fonte interior de poder, percebes? E virar à esquerda ao entrar no edifício mostra que esse poder interior deve ser aplicado a algum problema no lado físico da tua vida.

“Subir as escadas íngremes mostra o esforço que tem de ser feito para alcançar a fonte de poder interior.

“Agora, em todos os teus sonhos, sempre que estás a usar o telefone, o jornal ou um livro, isso representa uma mensagem para ti própria.

“Portanto, tens de perguntar a ti mesma: como posso interpretar melhor a minha chamada telefónica? Aquela a quem telefonaste no sonho — o que sentes por essa pessoa? Pois essa pessoa é apenas uma extensão da tua personalidade. E as qualidades que admiras nela são tuas, e tu queres mantê-las como tuas.”

“Bem”, disse a mulher, franzindo a testa na voz, “ela está numa posição de autoridade sobre mim… vou ter de pensar nisso… De qualquer maneira, eu disse-lhe que tinha conseguido aquele quarto. Ela aprovou e eu desliguei. Voltei para a varanda. Estava uma brisa, agradável, sol…”

“O que encontrarás na brisa?”, perguntou Peterson.
Quando a mulher hesitou, ele prosseguiu: “A brisa representa o próprio Espírito. O sol representa, novamente, a luz. O que é a luz? A luz é energia. Tudo é luz. Deus é luz, percebes?

“A luz incide sobre ti. O perigo, como o vemos, é que não deves prostituir os teus princípios, ainda que temporariamente, independentemente daquilo a que possas ser tentada a chamar circunstâncias.

“A lei que aparece no teu sonho é a lei dada pelo Mestre — que colhes o que semeias — e é a lei inteira que se aplica ao amor. Não há injustiças nesta dimensão física. Não verdadeiramente. Todos nós somos o resultado final da lei. E tiveste este sonho porque estás tentada a comprometer os teus princípios para obter mais contentamento, digamos assim?”

“Hmm”, murmurou a mulher. Houve uma pausa reflexiva. Depois ela continuou.

“Havia uma máquina, ou uma roda, ou uma grande massa redonda. Era feita pelo homem. E era escura…”

“É a roda da vida”, interrompeu Peterson, “e é feita pelo homem. O número de raios nessa roda, representando o número de vidas que a entidade irá viver antes de regressar à Divindade, depende de como cada um usa o seu poder de escolha, a sua vontade. Pois não há nada mais forte do que a vontade.

“A roda pode conter tão poucas como trinta vidas, ou pode conter 360 000 vidas, dependendo de como exerces a tua vontade, o teu poder de escolha. Pois este é um dom dado por Deus a todos, percebes?”

“Sim, sim”, gaguejou a mulher, excitada, “era isso mesmo — a minha escolha. Lembro-me agora de pensar isso enquanto sonhava. E havia cinco homens…”

“Esses cinco são os teus guias”, disse Peterson. “Se apenas os invocasses, ajudar-te-iam a encontrar aquilo de que precisas no momento, percebes? Alguns poderiam chamar-lhes anjos. O número deles, cinco, também indica qual há de ser a qualidade da tua vida — que será, de facto, aventureira na parte final…”

“Bem”, disse a mulher, “eu pensei que uma das escolhas que tinha de fazer era escolher um advogado e, desses cinco nomes — não me lembro quais eram — eu tinha de escolher um. Eu decidi que nenhum deles era o meu advogado porque o meu advogado era uma mulher…”

“Não precisavas de escolher nenhum desses”, disse Peterson, “pois está a ser-te dito que isso faz parte da tua personalidade. Pois o masculino representa o positivo, não representa? E o feminino, o negativo, não representa?

“Há em ti uma qualidade masculina; não na aparência, mas nos pensamentos e sentimentos.

“Repetimos: a mensagem deste sonho é que não deves permitir que outros te afastem dos teus princípios; que te empurrem garganta abaixo conceitos que não são teus.”

“O meu outro sonho é mais recente”, prosseguiu a mulher. “Tinha muitas partes. Fiquei muito sobressaltada com tudo… acho que estava preocupada com a relação que eu tinha no sonho.”

“Uma extensão da tua personalidade”, interrompeu Peterson.

“Bem, havia esta mulher que eu conheço. Ela nunca demonstra afeto, exceto a um homem…”

“Consideras isso ofensivo ou agradável?”, perguntou Peterson.

“Bem… eu gostava que ela fosse mais aberta comigo. Eu gosto mesmo dela. Neste sonho eu…”

“O teu subconsciente está a dizer-te o mesmo sobre ti própria”, disse Peterson.

“…bem, ela beijou-me”, disse a mulher, num tom de *pois é*.

“Muito bem”, disse Peterson, “se gostas dela. Estás a beijar-te a ti própria.

“Um problema aqui é que estás demasiado preocupada com o que se chama psicologia. Ora, a psicologia é boa, mas não se não reconhecer o fator espiritual no homem… Nem tudo é sexual. Nem tudo é um símbolo dos genitais. Sentir-te-ias realmente culpada por beijar alguém do mesmo sexo se houvesse desejos carnais envolvidos, mas este beijo no sonho não tem nada a ver com as tuas aspirações sexuais…”

“Agora, estamos cientes de que viveste, em duas vidas imediatamente anteriores, como homem e, por isso, haveria certas mulheres por quem te

sentirias atraída. Mas pensar nisso e consumá-lo são duas 'histórias' diferentes, não são?

"Estes sentimentos são normais em todos. Poucos o admitiriam. No entanto, é verdade. Tu não és sexualmente atraída por outras mulheres, no verdadeiro sentido, acredita em nós."

"E, no entanto…" A mulher hesitou. "Há uma mulher que eu penso que amo…"

"Não há nunca pecado no amor", declarou Peterson. "Mas, no teu caso, haveria pecado no amor carnal com outra mulher, porque isso não é a tua verdadeira natureza. Os sentimentos que tens por essa mulher são, fundamentalmente, da alma. Os sentimentos que ela tem por ti, porém, podem ser carnais."

"Apesar disso", disse a sonhadora, "essa outra mulher quer viver comigo e ela e eu planeamos viver juntas com um homem."

"Isso vai falhar", declarou Peterson. "Descobrirás a tua verdadeira natureza sexual a manifestar-se em ciúme por causa do homem. Não confundas amor de alma com amor de carne. O que tu sentes por essa mulher é amor de alma."

Recapitulando, em resumo, esta narrativa e interpretação de sonho, algo longa: Peterson disse a esta mulher, que claramente se sentia inquieta com a sua identidade sexual e com as suas ocasionalmente fortes atrações por outras mulheres, que, no seu caso, esses sentimentos eram expressões idealizadas de um amor espiritual e não manifestações de lesbianismo reprimido. A experiência de viver com a outra mulher (que poderá ter tomado a iniciativa mais forte) e com o homem, numa espécie de *ménage à trois* bissexual, não resultaria, disse Peterson. A verdadeira preferência sexual da mulher — por homens — afirmar-se-ia de forma intensa. Ao entrar nessa experiência, advertiu o vidente, ela estava a comprometer os seus próprios princípios. Era isso que a sua mente inconsciente lhe estava a dizer.

O seguimento deste caso é interessante. Mais de um ano após a leitura, a jovem escreveu a Ross Peterson a dizer que a sua previsão estava correta. A experiência de vida bissexual tinha falhado. A sua heterossexualidade prevaleceu.

Agora, disse ela, sentia-se tranquilizada quanto à sua sexualidade básica e estava confortável em saber que as ocasionais fortes atrações que sentia por outras mulheres eram sintomas de um amor ideal, não de amor sexual.

A preocupação da mulher com questões de identidade sexual apareceu no seu primeiro sonho, quando relatou como o homem do hotel lhe tinha oferecido uma jovem bonita para a noite, tal como fazia aos homens. E a sua resposta foi significativa: aceitaria a oferta, mas não até àquela noite.

Isto indicaria, presumivelmente, que, no seu inconsciente, relações sexuais com uma mulher estavam associadas à escuridão, não à luz.

No seu relato posterior, a jovem deteve-se com bastante detalhe na interpretação de Peterson sobre a chamada telefónica para a sua empregadora no sonho. Peterson, recorde-se, tinha dito que essa mulher mais velha representava forças que também faziam parte da personalidade da sonhadora.

“Na altura do sonho e da interpretação da leitura”, escreveu a jovem, “não me apercebi do quanto admirava a minha empregadora e de quantas qualidades positivas, que espero que também sejam minhas, via nela.

“Essa pessoa suicidou-se um ano depois e eu fiquei abalada e voltei à leitura para recordar exatamente o que tinha sido dito sobre ela.

“A mulher tinha-se reformado e estava muito deprimida. Estava sozinha no mundo. No entanto, as suas realizações como escritora e editora tinham sido grandes. Era uma pessoa modesta, mas profundamente íntegra, que tinha trabalhado pelas liberdades civis, pelo teatro comunitário, por muitos grupos comunitários, como a Liga das Mulheres Eleitoras.

“Pouco antes de morrer, tinha uma aura de resignação e paz, como se estivesse pronta para deixar esta vida e passar para a próxima. Deixou instruções para os amigos antes de morrer, todas muito atenciosas, como sempre foi.

“Pediu que não se fizessem homenagens. No entanto, duas semanas depois, cinquenta pessoas que a tinham conhecido ou com quem tinha trabalhado reuniram-se em sua honra e muitas testemunharam as experiências benéficas de terem estado com ela.”

No sonho, recorde-se, essa mulher tão admirada tinha aprovado o quarto no segundo andar — por outras palavras, aquilo que o inconsciente da sonhadora lhe estava a dizer para fazer — e isso representava também o que as melhores qualidades da sonhadora lhe ditavam.

Este exemplo longo e bastante complexo de como Ross Peterson, em transe, desenreda o emaranhado novelo dos sonhos é típico. No entanto, Peterson não é psicanalista, convém lembrar. Não passa horas a pedir à pessoa que associe livremente antes de conseguir descodificar o

simbolismo intrincado do sonho. Ele simplesmente intui o significado — tal como intui males físicos, situações de vida e, por vezes, acontecimentos futuros.

Voltando à questão do simbolismo sexual nos sonhos, uma pessoa perguntou a Peterson: “Quais são as implicações espirituais da masturbação e da homossexualidade de homens ou mulheres nos sonhos?”

Peterson respondeu: “A masturbação no sonho mostra o eu a satisfazer-se a si mesmo. A homossexualidade mostraria o que é evidente em toda a alma: que é simultaneamente masculina e feminina. Muitas vezes, sonhos do que chamarias homossexualidade são apenas o toque da mente-alma e os ecos da bissexualidade da alma. Por vezes, esses sonhos podem relacionar-se com homossexualidade no sentido físico, mas apenas por vezes. Depende do indivíduo…”

Um homem de meia-idade, descontente com a vida, pediu a Peterson o significado do seguinte sonho: “Eu estava numa grande loja de ferragens e tinha lá muitos tipos diferentes de materiais. E o telefone tocou e eu atendi — o que seria uma coisa invulgar de fazer, mas eu fiz — e uma voz disse: ‘O grande atrelado foi-te dado.’

“E eu pareceu-me compreender o que isso significava. Depois apareceu o meu irmão e disse: ‘O que vais fazer com esse grande atrelado?’ E eu disse: ‘Acho que vou procurar um homem que precise dos serviços desse atrelado e prender o camião dele a ele e usá-lo ao seu serviço.’”

Peterson interpretou o sonho assim:

“O que tu chamas a loja de ferragens é a tua consciência, percebes? E o que contém uma loja de ferragens? Todas as ferramentas de que precisas para construir aquilo que desejas construir — uma vida mais feliz e mais contente.

“A chamada telefónica é uma mensagem da tua mente-alma para a tua consciência. O que te foi oferecido é um novo modo de vida, não é? A casa móvel é uma transição que está a ocorrer na tua vida, não é?

“A resposta que deste à pergunta do teu irmão — que prenderias o teu atrelado à traseira do camião de outra pessoa — indica a maneira como te habituaste a viajar pela vida: sendo puxado por outra pessoa.

“Mas havia mais no sonho que tu não recordaste. Pois o camião estava com pouco combustível e isso preocupava-te.

“No entanto, onde, na verdade, recebes tu o teu combustível, as tuas energias? Não as recebes das próprias forças criativas; de Deus, que é simultaneamente passivo e benevolente?

“Como nós o vemos, este sonho seria útil para ti na compreensão de ti mesmo.

“Trabalha com o que tens à mão, pois tens tudo o que é necessário para construir uma vida melhor, se apenas o procurares e o utilizares. Isto aplica-se à tua casa, ao teu negócio, à tua mente, à tua alma.

“Não dependas de outro homem para te puxar pela vida. Depende da força de Deus dentro de ti. Pois tu és parte de Deus, como todos os homens, percebes? E se Deus é por ti, o que pode verdadeiramente estar contra ti?”

Um jovem relatou a Ross Peterson o seguinte sonho colorido, algo macabro e certamente paradoxal:

“Na cidade da Alemanha onde cresci, fui preso por um pequeno crime. Saí em liberdade condicional e fui para casa, a contragosto, contar à minha mãe. Em vez de compreender, ela pegou numa faca e cortou-me ambos os pés. Furioso, matei-a então com uma faca e senti-me muito satisfeito com isso.

“O sonho terminou comigo a ser perseguido pela polícia. Por fim, levei um tiro na cabeça e fiquei muito satisfeito com isso.”

Interpretação de Peterson:

“A prisão em que te sentes encarcerado é o teu próprio corpo físico. Comparada com a dimensão em que existias antes de entrares no corpo físico, a vida no corpo pode ser vista como uma armadilha, um encarceramento. E a causa do encarceramento? Tu quebraste, de facto, a lei — a perfeita lei de Deus de semear e colher. Esse é o propósito da encarnação: resolver problemas e obrigações cármicas.

“Agora, há momentos em que a alma sente desânimo e procura libertação, liberdade condicional, do corpo. Mas isto só acontece quando a alma perdeu temporariamente de vista a razão de estar no corpo — cumprir perfeitamente a lei e regressar, por fim, à Divindade.

“Perder de vista o propósito da vida é o que significa ter os pés cortados. Pois, sem esse conhecimento do propósito da vida, o teu progresso espiritual será dificultado. Seria como tentar andar sem pés.

“A tua fúria e o ato de usares a faca para matar a tua mãe significa o desejo em ti de matar aquela parte de ti mesmo que bloqueia o teu progresso espiritual.

“Ser perseguido pela polícia refere-se à lei, a lei de Deus, a lei eterna. Não há injustiças no teu mundo. Tudo é resultado de semear e colher.

“Levares um tiro indica, novamente, o teu desejo de matar, dentro da tua consciência, aquilo que é prejudicial ao teu progresso espiritual. E é por isso que te sentiste satisfeito. Continua o teu crescimento na compreensão espiritual e sentir-te-ás ainda mais satisfeito.”

Peterson disse que, para além do significado espiritual básico deste sonho, havia significados secundários.

“Assim”, acrescentou, “a faca no sonho pode também ser vista como relacionada com a tua atitude perante a partilha do teu corpo físico através da manifestação do amor com o sexo oposto. A tua incapacidade de partilhar o teu amor físico provoca a fúria que sentes no sonho. E o teu inconsciente está a dizer-te que procures formas de matar, dentro de ti, as atitudes que impedem a partilha física do amor. Procura uma ligação excessiva à mãe na tua infância e juventude.”

Uma jovem mulher casada, muito envolvida no desenvolvimento espiritual e psíquico e que sentia intensamente as suas falhas, relatou o seguinte sonho:

“Fui visitar um lar para mulheres perturbadas; fui guiada pela diretora, que me disse que mantinham vinte a vinte e cinco mulheres no lar. Tinham perturbações ligeiras e desfilavam com vários trajes.

“Quando chegou a hora de me ir embora, não conseguia encontrar a minha carteira; uma das mulheres parecia tê-la escondido. Procurei em diferentes quartos, todos eles degradados.”

“Mais tarde dei por mim numa estrada sinuosa, um pouco a subir. Havia os sinais de trânsito habituais. Enquanto os observava, interrogava-me porque é que não tinham também colocado sinais de aviso, porque havia inundações por todo o campo.

“A minha intenção era chegar a uma ponte, que estava apenas parcialmente inundada, mas antes de o conseguir, a estrada, no seu ponto mais alto, terminava abruptamente e eu e o carro mergulhámos… na morte.

“Não senti pânico. Parecia que estava tudo bem. A zona do meu lado estava verde…”

Ross Peterson interpretou isto como um sonho muito esperançoso de progresso espiritual.

“Este sonho reflete a pergunta que tantas vezes fizeste a ti própria: Porque sou eu assim? Porque não faço estas coisas que sei que deveria fazer?

“A casa das mulheres perturbadas mostra o fraco alicerce que, nesta vida e em algumas das tuas vidas anteriores, lançaste para o desenvolvimento espiritual. Pois a casa representa a tua consciência, percebes?

“Procurar a tua carteira perdida é procurar a tua fortuna, procurar Deus dentro de ti. E, mais uma vez, o sonho vem agora porque este é um ponto no tempo em que te dedicaste seriamente a procurar Aquele que se encontra dentro.

“A estrada sinuosa no sonho indica a tua tendência para oscilar de um extremo para o outro.

“A ponte seria a travessia — não o ponto a que tu chamarias morte, mas o ponto em que tu, como alma, entraste na carne nesta encarnação. Pois, vê: nascer pode ser entendido como morrer; e morrer pode ser entendido como nascer.

“No ponto de passagem, a zona verde está a mostrar-te que começaste a colher, que o crescimento espiritual está a ser alcançado, que recompensas cármicas te são devidas. Percebes?”

Em muitas das interpretações de Peterson está implícita a ideia de que o sonho tem múltiplas camadas, retirando algumas camadas de significado desta vida, outras de vidas terrestres anteriores; algumas do plano espiritual e outras ainda do lado físico da vida. Na verdade, as leituras de Peterson retratam um sonho como um verdadeiro universo de significado.

“Aquilo que são registos desta vida e de vidas passadas, gravados no novelo do tempo e do espaço, pode ser compreendido aprendendo a linguagem da alma, que é o sonho.

“Trabalha com o que tens nas mãos; trabalha com o que tens agora; compromete-te cuidadosamente a enfrentar-te a ti mesmo; melhora-te; e naturalmente colherás a colheita das sementes que semeaste. O estudo e o significado dos sonhos devem ser o aspeto mais importante de estudo na linguagem de qualquer homem, pois é a linguagem de ti próprio; é a linguagem de ti e da tua relação com o universo; com a Divindade. Percebes?”

Segundo as leituras, o inconsciente de cada um de nós é omnisciente quanto ao que se passa dentro do nosso próprio corpo em cada momento. O inconsciente monitoriza infalivelmente cada processo físico, cada mudança corporal, por mais subtil que seja, para o bem ou para o mal.

Um exemplo de um sonho de autodiagnóstico médico vem do próprio Ross Peterson.

“No início de 1976, o meu sonho, noite após noite, era este: eu caminhava ao longo de um ribeiro e chegava a um cotovelo do ribeiro, ou a uma curva, mas estava tudo entupido com ramos, detritos e lixo. E eu lutava como o diabo — com um ancinho uma vez e com uma enxada noutra — para limpar aqueles detritos daquele cotovelo do ribeiro, porque a água estava a acumular-se atrás disso e ia inundar tudo e causar uma confusão do diabo.

“Ora, ao mesmo tempo que eu tinha este sonho, noite após noite, as leituras insistiam para eu fazer uma cirurgia ao estômago. Por fim, ordenaram-me que a fizesse, ou então…

“Bem, o cirurgião que me operou disse que a razão por que eu tinha tido tantos problemas — dor e incapacidade de manter comida no estômago — era que, na região pilórica inferior e na porção do duodeno do meu estômago, havia uma massa de tecido cicatricial e isso estava a causar uma obstrução por onde a comida não conseguia passar.

“É disso que eu acredito que o meu sonho recorrente tratava. Porque, invariavelmente, uma pessoa sonha com aquilo que a preocupa naquele momento. E eu estava, como o diabo, preocupado com a minha saúde naquela altura. Portanto, foi isso que os meus sonhos refletiram.”

Em transe, o alter ego de Peterson confirma esta máxima: aquilo que te preocupa é, muito provavelmente, aquilo sobre que os teus sonhos serão.

Se te preocupas com finanças ou necessidades materiais, os teus sonhos serão sobre finanças e necessidades materiais. Se te preocupas com sexo, os teus sonhos serão sobre sexo. Se te preocupas com crescimento espiritual, os teus sonhos serão sobre crescimento espiritual.

Uma pista importante, então, para encontrar a chave do teu sonho é procurares na tua mente uma resposta à pergunta: Com o quê, neste momento da minha vida, estou mais profundamente preocupado? A resposta a essa pergunta, diz Ross Peterson, indicará como o teu sonho deve ser interpretado; em que nível e em que termos.

Mais sobre sonhos, como recordar os teus e a sua autointerpretação para crescimento espiritual está incluído no Capítulo 14, “Como te tornares o teu próprio vidente”.

Capítulo Dez

LEITURAS SOBRE DEUS E UMA VIDA APÓS A MORTE

Qualquer teologia é, pela sua natureza, inacessível à prova. Em sentido estrito, a prova só é possível na matemática e na lógica. Em todas as outras áreas do pensamento, sobretudo onde as questões de valor são primordiais, o melhor que podemos alcançar são níveis de probabilidade.

A verdade ou falsidade de qualquer teologia é uma questão de julgamento individual. Deve considerar-se a fonte da teologia; a sua razoabilidade; e a resposta emotiva ou intuitiva que suscita no indivíduo (o que geralmente se entende por “fé”).

A teologia das leituras de Ross Peterson — o conceito de Deus, da alma, da oração e do destino póstumo do homem — é semelhante ao que se encontra nas leituras de Edgar Cayce. Não sendo eu um estudioso profundo destas últimas, não consigo julgar com precisão onde as leituras de Peterson e de Cayce convergem e divergem teologicamente.

Alguns poderiam argumentar que, uma vez que Ross Peterson já demonstrou a sua genuína capacidade de vidência em áreas em que a sua exatidão pode ser verificada — na clarividência médica, em perfis psicológicos e em previsões —, a sua validade em matérias teológicas deveria ser simplesmente tomada como garantida.

No entanto, isto parece-me uma proposta duvidosa. Qualquer investigador experiente do psíquico sabe como as perceções paranormais dos clarividentes são coloridas, muitas vezes de forma profunda, pelas suas crenças religiosas, contexto cultural e outras influências. Assim, místicos católicos veem Cristo nas suas visões; místicos hindus veem o Senhor Krishna; e médiuns espiritualistas veem os espíritos dos mortos.

Estas experiências podem ser todas válidas, no sentido de representarem contacto com uma realidade genuína, mas, obviamente, muitos dos pormenores são influenciados por aquilo que o indivíduo espera experimentar.

No caso de Ross Peterson, é claro quão derivativa da filosofia de Cayce é a sua. Pode muito bem acontecer que Cayce estivesse em

contacto com a Verdade Última e que Peterson esteja simplesmente a aceder à mesma Fonte. No entanto, também pode ser que as ideias de Peterson tenham sido influenciadas, de forma inconsciente e em grau acentuado, pelas de Cayce.

Deve dizer-se aqui que Peterson nega firmemente qualquer empréstimo consciente a Cayce. Em muitos casos, disse-me que desconhecia que as suas leituras corroboravam o que Cayce dissera sobre esta ou aquela matéria.

Além disso, Peterson foi confrontado com perguntas exóticas, até bizarras, que duvido que Cayce alguma vez tenha recebido, e as suas respostas foram prontas e dadas com a mesma segurança familiar que permeia todas as leituras. Um dos presentes, por exemplo, perguntou: "Quais eram os segredos conhecidos pelos mestres construtores de violinos de Itália que lhes permitiam fazer um verniz superior que hoje não pode ser reproduzido?" Outro perguntou: "Pode dar-me um controlo orgânico e eficaz para o escaravelho que afeta as cucurbitáceas no jardim, danificando o caule na base? Vegetais como pepino, abóbora, abóbora-manteiga e melancia."

Ambos obtiveram respostas eloquentes e detalhadas a perguntas claramente fora do caminho comum.

Seja como for, os conceitos teológicos das leituras de Ross Peterson devem ser julgados por si, leitor, à luz da sua própria experiência.

Qual é a Fonte alegada da teologia de Peterson? Esta pergunta foi colocada frontalmente por uma pessoa presente:

"Com quem estou eu agora a falar?"

A resposta: "É o eu superior desta entidade, Peterson, em contacto com aquelas coisas que estão registadas no novelo do tempo e do espaço. Esta mente vai a níveis para onde é dirigida, procurando a informação desejada por quem pergunta. Isto não é o caso de outra entidade tomar conta deste corpo, mas do elemento superior desta entidade procurar aqueles níveis onde a verdade pode ser encontrada, percebes?"

Noutra sessão, foi colocada a pergunta: "Pode dizer-nos o número de níveis que existem a partir dos quais este tipo de canal [Peterson] pode obter informação?"

"Para a mente finita", respondeu Peterson em transe, "seria melhor pensar no número como doze. Compreendei que o nível em que estais consistentemente durante o estado desperto é considerado o primeiro.

Quando a mente se aquieta, seria o segundo. Durante o sono natural, estareis no terceiro nível e, ocasionalmente, tocareis o quarto.

“Mas, à medida que cada alma se torna mais disposta a procurar a própria Divindade, pode alcançar dimensões cada vez mais elevadas.

“Alcançar a décima segunda dimensão significaria regressar à Divindade — conhecer de tal modo a lei eterna, viver de tal modo a lei, que vos tornais a própria lei, como na expressão do amor-crístico. O amor-crístico foi demonstrado por muitos ao longo dos séculos. Houve alguns que, no sexto século antes da vinda do Mestre, Jesus, na Índia e na Ásia, alcançaram a consciência crística, como o Mestre alcançou. Vós também podeis alcançar o mesmo. É o direito de nascença de cada alma.

“Os outros níveis, identificando-os como número, representam esferas superiores que a entidade alcança através da perseverança, deixando de lado o pequeno ‘eu sou’ e procurando sempre o maior ‘EU SOU’, que é a Divindade.

“Este por meio de quem a comunicação agora vem [Ross Peterson] subjugou a consciência de modo a alcançar facilmente o sexto nível, trabalha consistentemente no sétimo, toca ocasionalmente o oitavo e, em duas ocasiões, tocou o nono, percebes?”

A mesma pessoa perguntou então: “Qual foi o nível mais alto alcançado por Edgar Cayce?”

A resposta: “Ele trabalhou consistentemente no sétimo nível, no oitavo, muitas vezes no nono, e tocou o décimo em numerosas ocasiões.”

Aqui, Peterson concede ao seu mentor uma ligeira primazia na hierarquia da comunicação espiritual.

Isto, em todo o caso, é o que as próprias leituras afirmam ser a sua Fonte: níveis superiores de consciência que se aproximam, mas não alcançam, a própria Divindade.

Qual é a natureza de Deus?

As leituras transmitem aquilo que tecnicamente se chama um conceito panteísta (“Deus é tudo”) e, mais particularmente, um conceito panenteísta (“Deus está em cada alma”) do Ser Divino.

Alguns excertos relevantes das leituras:

“É difícil para qualquer mente humana finita compreender a infinitude, a ausência de limites, da Força de Deus. Se viajásseis a 10 000 vezes a

velocidade da luz em qualquer direção, nunca alcançareis os limites de Deus, porque não existem…

"Se vos detiverdes e olhardes para a estrela mais distante, sabei que Deus está lá. E se estivésseis nessa estrela e olhásseis para a estrela mais distante, sabei que Deus está lá…

"A gravidade e todas as outras forças no universo e nos universos são Deus manifestado em diferentes formas. Pois toda a força é, em última análise, uma só Força, entendeis, e essa Força é Deus."

As leituras, ao falarem de Deus como uma "Força", sugerem que a Mente Cósmica não é pessoal, pelo menos no sentido em que a maioria das pessoas usa esse termo. Certamente Deus não é antropomórfico, sujeito a caprichos e oscilações humanas como o Jeová do Antigo Testamento. Mas também não é meramente uma energia impessoal como a eletricidade (embora a eletricidade seja uma emanação do Seu poder). As leituras sublinham que "Deus é Amor", e o amor não pode ser impessoal. A eletricidade nunca amou ninguém.

Talvez seja mais correto dizer que Deus é impessoal, não no sentido de ser menos do que pessoal (como uma energia cega), mas mais do que pessoal, no sentido em que Deus, enquanto Amor, transcende as distinções, discriminações e outros atributos da personalidade que caracterizam o amor humano, mesmo no seu ponto mais elevado. A diferença é que o homem ama, enquanto Deus é Amor.

A Divindade, nas leituras de Peterson, é suprapessoal.

Como passaram a existir as almas individuais?

Como surgiram as almas ou espíritos individuais? Se a Divindade era e é o Todo, de onde veio a separação em biliões de centros de consciência distintos, ocupando corpos humanos, a que chamamos almas ou mentes?

As leituras de Peterson descrevem um drama cósmico em que Deus escolheu individualizar-se. Dividiu-se em entidades separadas cujo propósito era atravessar este mundo de tempo e espaço para aprender lições que nem Deus poderia aprender de outra forma. Num sentido inescrutável, Deus será mais pleno, mais rico, maior por se ter individualizado em biliões de formas humanas.

O destino de cada alma é repetido frequentemente nas leituras de Peterson: "Regressar à tua Fonte."

Quando o regresso completo da humanidade a Deus for cumprido; quando toda a individualização terminar e cada alma voltar a fundir-se na

Divindade — então, de algum modo incomunicável, o Infinito será mais infinito, o Perfeito mais perfeito, o Um ainda mais um.

Mas antes que tal consumação cósmica possa cumprir-se, dizem as leituras, “cada alma tem de reconhecer que vem de Deus, que é de Deus, que é parte de Deus, e que a separação original foi por escolha. E o propósito da série de vidas terrenas é regressar ao princípio — união com a Divindade.”

As leituras ensinam que a separação do homem em relação a Deus, embora real, não é Real com R maiúsculo. Cada um de nós continua ligado aos outros e a Deus da forma mais íntima possível.

“Nada está separado de Deus, exceto os teus processos de pensamento”, dizia uma leitura, “e mesmo eles se relacionam. É a finitude autoimposta da mente humana que traz infelicidade ou dor. Pois Deus é Infinito, Deus é Amor, Amor é Lei, Lei é Deus, percebes? Estais afastados e separados, e no entanto, sois parte do Todo. Percebes?”

A nossa ligação a Deus é através da nossa “mente-alma”, a nossa mente profunda, os níveis alcançados na meditação.

“Esta mente-alma é o teu elo direto com aquelas forças criativas que são de Deus e são Deus.”

O desafio de cada ser humano é chegar a uma realização interior da sua unidade com Deus. Isso é alcançado cumprindo perfeitamente a Lei. E então vem a absorção de regresso à Divindade, “como a gota de orvalho que se funde no mar prateado”.

Reencarnação e Carma

A razão para a reencarnação — uma série de vidas terrenas para cada alma — é que leva tempo a adquirir as lições necessárias, a cumprir perfeitamente a Lei. O homem regressa à Terra tantas vezes quantas as necessárias até aprender as lições espirituais que tem de aprender.

O princípio de causa e efeito moral a que cada alma humana está sujeita chama-se a Lei do Karma.

“Devemos explicar aquilo a que chamais karma”, dizia uma leitura. “Deveis compreender que o karma é do eu. Todas as experiências, todas as alianças com outros, devem ser encaradas como uma oportunidade para o eu se confrontar com as suas próprias insuficiências. Encontras-te a ti mesmo colhendo o que semeaste em vidas anteriores. Aquilo em que falhaste no passado, tens oportunidade de conseguir no presente. E o

karma que semeares nesta vida será colhido, para ganho ou perda, na vida seguinte."

Mas a roda do renascimento não gira sem fim. Para a alma individual, pára quando essa alma atinge o nível de compreensão e crescimento espiritual chamado "consciência crística", tal como Jesus o fez.

Jesus e o Cristo

As leituras diferem do Cristianismo ortodoxo (embora aleguem ter redescoberto e reafirmado um Cristianismo puro, não corrompido) ao traçar uma distinção nítida entre Jesus e o Cristo.

Uma leitura dada a um clérigo expressou-o assim: "Ser-te-ia muito útil se abordasses a questão de Cristo e Jesus a partir deste conceito.

"Falas muitas vezes de Cristo. Deves compreender, como acreditamos que compreendes, que Cristo é uma consciência. Jesus foi o homem a quem se chamou o Cristo. No entanto, isto é uma consciência potencialmente alcançável por todos, se forem diligentes na aplicação das verdades que possuem.

"Mesmo Jesus não atingiu a consciência crística numa só experiência, pois levou-lhe, a ele mesmo, trinta vidas terrenas para alcançar a condição de Cristo. Fê-lo superando todas as tentações. Alcançou o regresso ao Pai de Quem veio."

Noutra leitura, Peterson em transe disse: "Cristo tem de ser definido como uma consciência. Cristo é da mente. Cristo e Amor poderiam ser a mesma palavra. Foi Jesus o homem numa era; Cristo em todas as eras. Pois Jesus, o homem, evoluiu para se tornar o Cristo. E, como tal, tornou-se cocriador com a Força de Deus, mas com conhecimento, entendeis. Pois todas as almas são criadoras ou cocriadoras com Deus, mas a maioria é cocriadora sem conhecimento. Isto porque os pensamentos são coisas, tão reais como qualquer coisa que conheceis. E todas as almas pensam e, ao pensar, vós criais!

"Aqueles que começam a compreender a lei que é Amor acabam por tornar-se a lei que é Amor. Quando isso é alcançado, atingiram a consciência crística, como Jesus."

Uma pessoa perguntou: "Pelo nosso calendário, qual foi a data real do nascimento de Jesus?"
A resposta: "Pelo vosso calendário… procurai-o no que chamais o primeiro dia da primavera. Seria o dia vinte ou vinte e um de março. À hora das bruxas, percebes?"

“E o ano?”, perguntou a pessoa.
“Como registais o tempo, 7 a.C.”

“Jesus ressuscitou realmente do túmulo e ascendeu ao céu?”
“Sim, fê-lo e levou o corpo consigo, como todos podem fazer se seguirem o caminho que ele traçou.”

“E o que é o céu?”
“O céu é um estado de consciência. Não precisais de abandonar o corpo físico para experimentar o céu. Pois o céu é vosso agora, tal como o inferno é vosso agora. Depende do que fazeis com a escolha, o maior poder que tendes: a vossa vontade.”

A Lei foi expressa de forma sucinta numa leitura, em dez palavras incisivas: “O que quer que faças a outra pessoa, fazes a ti mesmo.”

Avisos contra o fanatismo espiritual

As leituras de Peterson alertam que atingir a consciência crística não é tarefa fácil e advertem contra o excesso de zelo ou o fanatismo na busca.

Atingir qualquer nível espiritual não pode ser forçado. Alguns indivíduos, segundo as leituras, podem ser demasiado ansiosos. Tentam irromper para a condição de Cristo num único salto poderoso. Isso é perigoso.

“Crescei gradualmente em espiritualidade”, aconselhava uma leitura. “Entrai gradualmente em esferas mais elevadas. Fazei-o com cuidado. Fazei-o com paciência. Pois, se não o fizerdes, seria o mesmo que dar uma chávena de sal a um bebé — matá-lo-ia. E, no entanto, um pouco de sal é necessário. Percebes?

“Mesmo em ocasiões em que esta entidade [Peterson] tocou o nono nível de consciência, o mais alto que alcançou, houve como resultado uma grande confusão na sua mente e, se tivesse permanecido lá demasiado tempo, teria despertado a sentir-se demente.

“Deves ser paciente no teu esforço de alcançar sempre mais alto, para que possas regressar àquilo de onde vens.”

Uma leitura advertiu uma mulher de que o seu excesso de zelo em tentar alcançar instantaneamente a condição de Cristo a estava “a levar a extremos”. Estava a desenvolver um complexo de mártir, permitindo que outros a pisassem, a explorassem e transgredissem contra ela — não apenas sem qualquer protesto, mas com a sua bênção.

Tentar demonstrar “amor-crístico” prematuramente, disse Peterson, é convidar a ruína para a nossa vida prática e os nossos assuntos. Só um Cristo consegue lidar com a dinamite que é o amor-crístico, dizia a leitura.

“Podem existir excessos perigosos ao tentar alcançar o amor-crístico. Não o podes alcançar em atos até o teres verdadeiramente alcançado em consciência. E considera o que isso significaria.

“Alguém que fosse verdadeiramente tão amoroso como Cristo deixaria até o mais hediondo dos assassinos cometer ainda mais um ato e amá-lo-ia tanto quanto amaria os que parecem graciosos e espirituais na forma e no modo. Pois não há absolutamente nenhum viés, nenhum preconceito, nenhuma distinção no amor-crístico. Pois o verdadeiro Cristo ama tudo, qualquer coisa de qualquer dimensão. Percebes?

“Só o amor-crístico pode verdadeiramente dizer na cruz: ‘Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem.’”

As leituras definem o pecado como simplesmente falhar em querer para os outros aquilo que queremos para nós próprios. Virtudes convencionais como a abstinência de álcool ou tabaco não são recomendadas, embora a moderação o seja.

“‘Oito a dez cigarros por dia nunca fizeram mal a ninguém’, foi a resposta a uma pessoa que perguntou sobre a moralidade de fumar. Outra leitura, respondendo à questão de saber se o consumo de álcool era pecaminoso, disse: ‘Não, apenas em excesso. O vinho, o vinho tinto, pode ser um alimento saudável e um tranquilizante para o corpo. Mas apenas vinho tinto. E apenas com moderação. Algumas onças por dia, às refeições ou antes de se deitar.’”

As leituras negam a existência do diabo tradicional.

“O egoísmo ao mais alto grau é o diabo. Mas o diabo como um ser encarnado ou pessoal não existe. Este conceito é simplesmente um artifício que tem sido usado para controlar as mentes dos homens através do medo.”

O que é a oração?

“A oração”, dizem as leituras, “é pensamento. Aquilo em que os teus pensamentos se detêm, isso é a tua oração. Portanto, tem cuidado. Aquilo por que oras pode, de facto, vir até ti.

“Nenhuma oração guardada no coração é alguma vez negada. O medo que guardas na mente também será atendido, pois isso também é oração, não é?”

Por outras palavras, a oração não é algo que se diz, mas um estado de mente ou de ser. Assim, “orar sem cessar”, como a Bíblia ordena, significa manter constantemente um estado mental correto.

O que acontece à alma após a morte, no intervalo entre vidas terrenas?

Esta pergunta foi feita por uma médica.

A resposta, em substância, foi que a alma ascende ao nível para o qual está preparada e destila, das memórias da vida que acabou de viver, as lições a aprender — os fracassos e os sucessos. Depois, após um período de reflexão que pode variar de alguns dias ou semanas a muitos anos, a alma decide mergulhar novamente neste mundo de tempo e espaço para continuar a peregrinação de regresso à Casa do Pai.

“À medida que passais pela outra porta de Deus, a que chamais morte, levais convosco aquilo que fostes”, dizia a leitura.

“Alguns passam alguns dias, tão poucos como oito, num estado de limbo, confusão, purgatório, como lhe chamaria um católico, quando há falta de consciência de que ocorreu a morte do corpo físico.

“Alguns, que morreram numa ignorância espiritual grosseira, podem passar até oitocentos anos, em termos de tempo terrestre, neste nível em particular. Isto porque tudo o que amam é da Terra e não têm desejo de a deixar.

“Mas, eventualmente, todos — exceto aqueles que elegeram lançar-se nas trevas — descobrirão que estão rodeados de companheiros mais do que dispostos a ajudá-los à medida que continuam a evoluir.

“A alma deixa para trás o registo do que foi na Terra. Isto fica registado no novelo do tempo e do espaço e aparece como uma concha, por assim dizer, da entidade total, pois a alma seguiu para outras esferas.

“Aqueles que escolhem reentrar nesta esfera terrestre retomam essa concha uma vez mais. Tudo o que foram volta a ser uma porção do todo, e levam isso consigo quando reassumem um corpo físico.”

A quintessência da filosofia das leituras de Ross Peterson resume-se numa passagem que considero belissimamente expressa:

“Uma vida vivida que não aprendeu a amar é uma vida desperdiçada. Não ganhou nem um ínfimo.

“Aprende a amar o teu Deus com todo o teu coração, a tua mente, o teu corpo e a tua alma. Aprende a amar-te a ti mesmo, pois és Deus e és de

Deus. Aprende a amar o teu irmão como a ti mesmo, pois ele é apenas uma extensão de ti mesmo.

“Aprende a amar onde estás, com quem estás e aquilo que estás a fazer.

“Pois o amor é o cumprimento da lei.”

Capítulo Onze

O QUE AS LEITURAS ENSINAM SOBRE CASAMENTO, DIVÓRCIO, ABORTO, E SEXO E SANTIDADE

Os casamentos — casamentos verdadeiros — são feitos no céu. Literalmente, não metaforicamente.

Um casamento morto pode ser ressuscitado, mas, se se revelar para lá de qualquer ressurreição, não há pecado no divórcio.

O aborto é, no máximo, uma infração menor e, de forma enfática, não um pecado grave.

E a abstinência sexual, mesmo para casais casados, é muitas vezes um passo importante e natural no caminho para a santidade.

Estas são algumas das observações provocatórias, muitas vezes surpreendentes, das leituras de Ross Peterson sobre a mais importante das relações humanas: o casamento. Nalguns casos — como na sua atitude bastante *laissez-faire* em relação ao aborto, vendo-o como uma transgressão venial, se é que é transgressão — as leituras de Peterson são, sem dúvida, altamente controversas.

Mas cada uma das posições enunciadas é lógica dentro da estrutura da filosofia das leituras, quando se examina o raciocínio por trás dela.

Vejamos o que as leituras dizem sobre a natureza, a essência e a dissolubilidade versus indissolubilidade do casamento.

Para começar, as leituras são pró-casamento, em contraste com os substitutos do casamento que vêm ganhando popularidade crescente na nossa sociedade permissiva.

“Será o casamento tradicional um arranjo melhor do que a simples coabitação ou um casamento de experiência?”, perguntou um jovem estudante universitário.

“O casamento sempre foi e sempre será a melhor via”, respondeu Peterson em transe, “porque sem ele não há compromisso. Não é que viver juntos seja pecado, se há amor — porque não é. Antes, é uma questão de qual é a melhor forma para o compromisso assumir. Pois sem o conceito de um compromisso legal mantido na mente, pode haver realmente compromisso? Sem os laços legais, não pode qualquer compromisso ser dissolvido mais prontamente, mais facilmente? Portanto, não é o compromisso no casamento legal mais forte, mais profundo, porque pode menos facilmente ser quebrado?

“Aquilo a que chamais casamento tradicional está mais próximo do plano de Deus, embora não sejam tanto as palavras ditas sobre vós que são vitais, mas o verdadeiro compromisso do coração de um com o outro. No entanto, a maioria das pessoas está tão impregnada da doutrina de que, a menos que exista o laço legal, não há compromisso real, que é duvidoso que sejam capazes de sentir um compromisso verdadeiro sem essa ligação legal.

“Isto é verdade para ti que colocas esta pergunta. Pergunta a ti mesmo: sentes-te verdadeiramente casado nas tuas circunstâncias atuais ou estás apenas a partilhar a cama?”

Para a maioria das pessoas, dizem as leituras de Peterson, o casamento é a melhor via. Há algumas poucas pessoas capazes de levar uma vida solteira e serem muito satisfeitas, mas são indivíduos raros. A maioria dos que permanece solteira, dizem as leituras, está a perder oportunidades de desenvolvimento adicional da alma.

O casamento oferece as maiores oportunidades de avanço espiritual. Claro que “casamento” aqui pode ser interpretado, para os que têm orientação homossexual, como uma relação duradoura entre duas pessoas baseada em amor mútuo. A essência do casamento não é física, dizem as leituras, mas uma fusão de mentes, corações, personalidades e, em casos raros, almas.

“O casamento dá ricas oportunidades de crescimento espiritual”, dizia uma leitura (talvez não sem uma ponta de ironia), “porque é a situação mais difícil que pode ser vivida na carne.

“Mas, pelo mesmo motivo, pode ser a mais recompensadora.”

A ideia de que os casamentos são feitos no céu é algo que as leituras tomam literalmente, em termos de uma espécie de bioquímica celestial.

“Um físico poderia explicar a atração que existe num casamento verdadeiro desta forma”, dizem as leituras. “Cada corpo tem um certo

elemento de poder magnético, operando quer no polo positivo quer no negativo. É como os dois polos de um íman.

“Se cada ser humano não tivesse desejos desviantes e fosse exatamente como Deus o destinou a ser, sentir-se-ia atraído apenas por quem o complementasse perfeitamente. Infelizmente, muitas vezes não é assim. A atração perfeita do magnetismo de Deus é distorcida pela teimosia humana, pela luxúria e pelo egoísmo, e assim resultam, muitas vezes, casamentos imperfeitos.

“Mas da imperfeição pode vir grande crescimento espiritual.”

O maior pecado no casamento, segundo as leituras de Peterson, é o desejo de um dos parceiros dominar o outro e, ao fazê-lo, roubar-lhe a individualidade.

“Encarai o casamento como um acordo para partilhar o resto das vossas vidas. Mas encorajai-vos mutuamente a ser tão independentes quanto possível, e ainda assim tão amorosos e compassivos que possais depender um do outro num tempo de tempestade ou crise.”

E quanto ao divórcio?

Um dos piores pecados possíveis, dizem as leituras, é permanecer num casamento onde o amor morreu. Isto é um “divórcio mental” sem a coragem ou responsabilidade de dar o passo de dissolver plenamente o casamento. E as leituras avisam que este tipo de situação destrói a alma.

“Fiquei espantado ao ouvir uma leitura dizer que matar alguém, em certas circunstâncias, pode não ser nem metade tão pecaminoso como duas pessoas concordarem em continuar a viver juntas, por uma questão de aparências, quando o amor acabou”, disse Ross Peterson.

Isto não significa que as leituras aprovem um divórcio fácil. Não aprovam, embora ensinem que, nalguns casos, o divórcio não é pecado, porque é inevitável.

Se, por exemplo, um cônjuge decide crescer espiritualmente dentro do casamento, tornar-se mais compassivo, mais amoroso, mais generoso e perdoador, menos julgador, odioso, ganancioso e lascivo, enquanto o outro se recusa a mudar — então é inevitável que, mais cedo ou mais tarde, haja divórcio. Mas antes de o divórcio ser espiritualmente a coisa certa a fazer, as leituras estabelecem uma condição bastante exigente.

“O que deve ser feito pelo parceiro que é sincero em procurar seguir o plano de Deus é fazer o que o Mestre e os outros mestres sempre fizeram — dar o exemplo.

“Pega num lápis e escreve tudo o que um marido ou uma esposa perfeitos fariam. Depois pratica essas coisas durante pelo menos três ciclos da lua.

“Após os três ciclos da lua, olha para o espelho, para que possas ver dentro dos teus próprios olhos, e pergunta a ti mesmo: ‘Fiz verdadeiramente o meu melhor?’ Procura no teu coração antes de responder a esta pergunta.

“Se sentires verdadeiramente que a resposta é sim, e a tua sorte no casamento não melhorou, então procura o divórcio. Mas se o teu casamento melhorou — e quase de certeza melhorará à medida que o outro parceiro responde ao teu exemplo — então continua a dar o exemplo por mais três ciclos da lua.

“Desta forma, um casamento morto pode ser regenerado. É a velha lei familiar — recebes apenas aquilo que dás.”

No entanto, se, depois de uma tentativa honesta de ir a segunda e a terceira milha para reativar o amor no casamento, o outro parceiro não responder, então o divórcio é justificado.

Aborto e “ensoulment”

O aborto, na perspetiva das leituras, é um pecado menor, se é que é pecado. A chave para esta visão é o que as leituras dizem sobre o processo de “ensoulment” (a “entrada” da alma) e a natureza do embrião antes de isso ocorrer.

Em resposta a uma mulher que admitiu estar a ponderar um aborto e pediu orientação, uma leitura disse: “Ajudar-te-emos a compreender o que está envolvido e depois a escolha é tua.”

“Desde a conceção, existe no embrião uma forma de consciência — aquilo a que chamaríeis o subconsciente, percebes? Isto é apenas uma pequena parte da entidade total e é como um dispositivo mecânico de registo que funciona até ao momento em que o bebé é dado à luz. Este dispositivo de registo não é a alma. E o embrião não é um ser humano, no verdadeiro sentido, até que a alma entre neste ser vegetativo no útero.

“Enquanto o veículo físico está a ser criado no útero, pode haver de uma a 201 almas a pairar em torno do corpo da mãe. O momento da ‘entrada’ da alma, quando o embrião ou feto se torna uma alma viva, um verdadeiro ser humano, varia muito…

“A alma geralmente entra no corpo no dia seguinte ao nascimento, depois de a criança ser expelida do útero. Mas, por vezes, não entra até dois ou três dias depois de a criança nascer.

“Por vezes, uma alma entra no corpo, não gosta do que encontra e outra entra, percebes?

“Se tirasses a vida ao embrião ou ao feto antes de a alma ter entrado no seu corpo, o que terias tirado? Apenas a vida física, não diferente da vida de um coelho.

“E o que terias negado? Apenas terias negado a oportunidade de uma alma entrar nesse corpo naquele ponto do tempo. Mas a alma é eterna e tem muito tempo.

“Sentir-te-ias culpado por destruir um mero dispositivo de registo? Pois é isso, fundamentalmente, que o embrião ou feto é até que a alma, com as suas memórias, as suas experiências, a sua consciência, entre nessa forma física.

“Não vemos crime em expulsar o embrião ou o feto do corpo, exceto que o corpo da mãe fica temporariamente perturbado e pode seguir-se doença. Mas o que chamais pecado? Nós não vemos nenhum.

“Não nos cabe dizer o que é certo ou errado em qualquer caso individual. Essa é a escolha dos pais envolvidos e, principalmente, da mãe. Dizemos, sim, que é errado que qualquer outra pessoa julgue outra, seja qual for a escolha que ela faça neste assunto.”

Ross Peterson admite que, no seu estado consciente, ficou surpreendido e algo desconcertado quando, pela primeira vez, ouviu uma leitura discutir o aborto e a sua relação com o processo de “entrada” da alma. Ia contra as suas ideias prévias de que o embrião ou feto seria plenamente humano.

“As leituras dizem que, por vezes, duas ou três almas ‘experimentam’ um corpo, por assim dizer, antes de ocorrer uma ‘entrada’ permanente”, disse Peterson.

“Perguntei-me acerca de casos em que a ‘entrada’ pudesse ocorrer tão cedo como no sétimo mês de gravidez e, depois, se fizesse um aborto. Isso não seria a destruição de um ser humano? Mas as leituras asseguram-nos que a alma está consciente da possibilidade de ocorrer um aborto e não habitará aquele corpo.

“Assim, o que se extingue quando um embrião é abortado é simplesmente o princípio ativador da vida no sentido mais baixo — o mesmo princípio ativador que uma vaca tem, ou um coelho, ou qualquer outro animal. Estes não têm alma. Têm instinto, mas não inteligência. E a diferença é que o instinto é algo geneticamente programado, enquanto a inteligência envolve a capacidade de recolher factos novos ou reaprender

factos antigos que foram esquecidos, e a faculdade de fazer escolhas morais.

"Ora, os animais, neste sentido, não têm inteligência, e nem o embrião. E a razão é que nenhum deles é uma alma viva. A alma é o lugar da inteligência."

E quanto ao celibato?

As leituras ensinam que isto é, em grande medida, uma questão do caso individual. Tentar viver uma vida celibatária para atingir um nível "mais elevado" de consciência é um grande erro para muitas pessoas. Por outro lado, há quem, dizem as leituras, cresça naturalmente para o celibato. De facto, parece ser um sinal invariável no caminho para a santidade ou para o desenvolvimento da consciência crística.

Considere-se alguns excertos das leituras. Um jovem estudante universitário perguntou:

"A castidade é benéfica para o eu espiritual?"

"Ocasionalmente é", respondeu a leitura. "Mas descobrirás que, se a mente carnal não tiver sido satisfeita, a castidade será mais prejudicial do que benéfica. Pois, mesmo que negues a ti próprio o ato físico com o sexo oposto, não está a tua mente cheia de pensamentos lascivos?

"A castidade é autoengano se a mente entretém pensamentos lascivos. Dizemos 'entretém', o que implica oferecer hospitalidade. Pois o pensamento lascivo é real — tão real como o ato.

"Mas, se a mente não tiver pensamentos lascivos e se praticares castidade, então há a elevação dessas forças dentro do corpo que permitem a alguém ganhar inspiração da própria Fonte, aquilo a que chamaríeis consciência universal. Percebes?

"Até que a mente esteja cheia de alegria, até que a mente esteja cheia de amor, é natural ter pensamentos e desejos carnais, e satisfazê-los não é pecado se o amor estiver presente. No entanto, há um caminho mais elevado…"

O caminho mais elevado, dizem as leituras, é um celibato ou abstinência sexual que cresce naturalmente de um desejo profundo.

"Eu comecei a ver", disse Ross Peterson, "que algumas pessoas conseguem viver num estado de abstinência sexual e ficar perfeitamente contentes com isso. E, se forem casadas, o cônjuge também ficará contente. Acho que ninguém deve impor abstinência a si próprio; deve

apenas deixar que aconteça, se tiver de acontecer, como um sentimento natural.

"Qualquer pessoa que esteja a caminhar para a santidade, quer o perceba conscientemente ou não, chegará ao estádio de celibato natural ou abstinência sexual.

"O raciocínio aqui, a partir das leituras, é que o poder sexual e o poder espiritual são exatamente o mesmo poder. E, quando uma pessoa se centra em desenvolver o Deus dentro de si, então todo o poder é usado nesse esforço e a expressão sexual é esquecida.

"Comumente, isto chama-se sublimação do sexo. E isso é literalmente verdade. Neste tipo de abstinência sexual, o impulso sexual é verdadeiramente sublimado — tornado sublime. É subjugado, mas não à força. O sexo torna-se simplesmente subordinado ao impulso maior de atingir a consciência crística.

"Assim, o psiquiatra Carl Jung tinha razão quando disse que a ânsia por Deus é mais forte do que a ânsia por sexo. Freud estava errado. O sexo é importante e, para a maioria das pessoas, necessário, mas não é a *raison d'être* da vida. A reunião com a Divindade é a maior paixão de que o homem é capaz."

Assim dizem as leituras de Peterson.

Capítulo Doze

A FORMA DAS COISAS QUE FORAM

Atlântida. Mu. Lemúria.

Serão estas alegadas civilizações perdidas facto ou ficção?

As leituras de Ross Peterson, tal como as de Edgar Cayce, declaram que estes mundos lendários existiram outrora na Terra e que evidências disso estão a ser descobertas — e continuarão a ser descobertas.

Segundo as leituras de Peterson, a Atlântida começou 78 000 anos antes do nascimento de Cristo. Isto empurra o amanhecer da civilização na Terra para muito mais longe do que a arqueologia ou a história ortodoxas permitem. No entanto, as leituras sustentam que a Atlântida não só era verdadeiramente civilizada como, eventualmente, chegou a ser tão avançada — ou mais — tecnológica e culturalmente do que a nossa própria civilização.

“Através do desenvolvimento desta porção específica do mundo ao longo de milhares e milhares de anos”, dizem as leituras, “evoluiu desde a forma mais simples de recolher frutos e vegetais para sustentar o corpo até, de facto, produzir aquilo que era conhecido como o próprio éter a partir do próprio ar, para regenerar tecidos.”

As leituras veem a evolução humana como um processo claramente oscilante, balançando entre as polaridades do crescimento e do declínio.

“A cultura atlante cresceu um dia de cada vez… uma linha de cada vez… um ponto ou um pingo de cada vez. O fogo foi redescoberto, pois a capacidade de o utilizar tinha-se perdido. Mas já se tinha perdido muitas vezes antes e redescoberto muitas vezes de novo.”

De uma sociedade predominantemente agrária e pacífica, a Atlântida transformou-se numa cultura militarista. Por volta de 62 000 a.C., dizem as leituras, os atlantes belicosos invadiram e saquearam as terras de outros povos mais primitivos do que eles, trazendo de volta uma multidão de escravos.

“A Atlântida tornou-se uma sociedade baseada na escravatura. E isto”, dizem as leituras, “foi o que, em última instância, provou ser a sua ruína.

“Estudai a história de outras nações que conheceis”, aconselham as leituras, “e vereis que, como foi feito então, assim foi feito na terra atlante.

“Houve impulsos. Houve conhecimento e depois este perdeu-se. E depois houve impulsos de novo, quando o homem procurou, através de vias de expressão — através da matemática, através da música, através da poesia, através de todos os aspetos do saber — regressar àquilo de onde veio.

“Mas seria sempre três passos em frente e dois atrás; depois três passos em frente e dois atrás.

“Pois, quando o homem começa a prosperar, como aconteceu na experiência atlante, esquece a Divindade. Lembra-se de Deus apenas quando há dificuldade e sofrimento. À medida que a vaidade e o ego do homem crescem, a porção da alma, o seu elo com Deus, é esquecida, como foi então na Atlântida.”

Segundo as leituras, a espiral cíclica da civilização atlante — subindo e descendo, apenas para subir de novo — seguiu um padrão de cerca de 1 200 anos de avanço, seguido por 3 000 anos de declínio até uma idade das trevas. Depois, de novo, renovação e crescimento.

A Atlântida acabou por ocupar uma massa de terra que se estendia desde perto da costa da atual Flórida até Espanha. Soerguimentos submarinos e sismos acabaram por dividir essa massa de terra em cinco ilhas gigantes. Mas isto não foi o fim da Atlântida. A civilização resistiu a esses cataclismos naturais e continuou a prosperar. De facto, floresceu ainda mais vigorosamente e atingiu alturas transcendentais antes de, por fim, em certo sentido, cometer suicídio. O seu colapso foi um ato de autodestruição.

"A Atlântida atingiu o seu auge cerca de 32 000 anos antes da vinda do Mestre", disse uma leitura.

"Foi então que se desvendaram segredos que hoje estão a ser redescobertos — os segredos de aproveitar a energia do sol, concentrá-la, focá-la e armazená-la.

"Estas formas de captar a energia da natureza eram usadas para rejuvenescer corpos, ativar o crescimento das plantas, transportar carga, mercadorias e corpos pelo ar, em vários veículos. Olhai para as maneiras como usais a energia agora e sabei que então eram seguidas da mesma forma. Mas ainda mais, percebes?"

Havia cidades cintilantes por toda a extensão da Atlântida. E, no mesmo período, "bestas gigantes" (como as leituras de Peterson lhes chamam) vagueavam pelas porções incivilizadas do mundo e, de tempos a tempos, faziam incursões nas fronteiras da Atlântida.

"Havia reuniões de pessoas de muitas partes das terras para descobrir as melhores formas de erradicar essas criaturas da face da Terra, como o homem costuma fazer", dizem as leituras.

Pareceria (embora as leituras não sejam totalmente claras neste ponto) que aquilo que acabou por se tornar o instrumento de autodestruição da Atlântida foi originalmente criado para facilitar a erradicação das enormes bestas. Era isto a que as leituras se referem como "certos cristais".

"Havia três desses cristais. Chamavam-se os cristais gigantes. Mas 'gigante' referia-se à sua energia, não ao seu tamanho real. Não imagineis que é preciso um tamanho enorme para criar o terrível cristal. Todos os três cristais terríveis da Atlântida poderiam ser segurados com duas mãos. Percebes?"

Como já foi sugerido, a civilização atlante foi abalada por vários cataclismos antes do cataclismo final, feito pelo homem, que afundou essa civilização glamorosa no mar. As leituras de Peterson datam esses cataclismos e descrevem a sua natureza e consequências.

“A primeira inundação, de origem natural, foi aproximadamente 32 000 anos antes da vinda do Mestre, quando houve uma fragmentação da massa de terra atlante, sólida, em cinco ilhas, por perturbações vindas das próprias entranhas da Terra.

“A segunda inundação foi aproximadamente 28 000 anos antes da vinda do Mestre. E uma inundação final ocorreu aproximadamente 12 000 anos antes da vinda do Mestre.

“Esta inundação final não foi de origem natural. Foi causada pela incapacidade dos homens de compreenderem o poder que estava a ser reunido, dominado e armazenado. E os raios de certos cristais, que os homens usavam como pontos de foco, ou fontes de energia, foram voltados para dentro, para as próprias entranhas da Terra, e ativaram forças aí existentes, o que provocou terramotos e maremotos estupendos e o colapso e afundamento finais dessas terras nos mares.”

Peterson adverte, nas leituras, que a história pode estar a preparar-se para se repetir. Todos os que ocupam posições importantes de liderança na sociedade atual, dizem as leituras, são atlantes reencarnados. Estão prestes a enfrentar o mesmo tipo de crise que os destruiu outrora. Reencenarão a sua própria destruição ou, tendo aprendido as lições necessárias da alma, serão capazes de a evitar?

“Sabei”, dizem as leituras, “que há novamente perigo a surgir, neste mesmo dia. Pois o mesmo poder do cristal da Atlântida está agora a ser desenvolvido e utilizado. E, eventualmente, aqueles a que se chama os cristais terríveis poderão de novo ser produzidos, como inevitavelmente o serão. Percebes?

“Aquilo que foi vivido na Atlântida está a ser vivido agora. A maioria dos que agora estão na carne e trazem novas descobertas científicas são as mesmas almas que fizeram essas descobertas antes. As novas descobertas não passam de descobertas antigas em que estão agora a tocar, como tocaram então.”

Para onde foram os refugiados da Atlântida antes da convulsão final?

As leituras de Peterson dizem que se espalharam em grandes migrações para muitas partes do mundo.

“Houve um grande afluxo para aquilo a que se chama o Egito. Houve grandes migrações que foram para Espanha, para as montanhas dos Pirenéus. Ainda hoje se fala ali uma língua que é quase puro atlante — a língua basca.

“Muitos migraram para aquela parte do mundo que é o istmo entre os continentes da América do Norte e da América do Sul, o que hoje é o México, a América Central.

“Houve alguns refugiados atlantes que se estabeleceram na zona do Peru e se misturaram com os descendentes de imigrantes de Mu, que tinha sido destruída muito antes.”

Mu, ou Lemúria, segundo as leituras, foi uma civilização brilhante que ocupava uma enorme massa de terra no Pacífico. Teve um destino semelhante ao da Atlântida, muitos e muitos séculos antes.

“Foi há 50 700 anos que o continente de Mu, ou Lemúria, pereceu”, disse uma leitura.

Muitos refugiados de Mu, ou Lemúria, chegaram ao que hoje é a Índia e semearam aí uma cultura de filosofia avançada e artes e letras sofisticadas.

Que evidências existem de que a Atlântida e Mu alguma vez existiram?

As leituras de Peterson declaram que a descoberta de ruínas subaquáticas ao largo da ilha de Bimini, em 1968 e 1969, é um passo importante para, eventualmente, provar a historicidade da Atlântida.

Estas ruínas, que se diz cobrirem uma área de aproximadamente oitenta milhas quadradas entre as ilhas bahamenses de Bimini e Andros, foram intensivamente investigadas pelo Dr. Manson Valentine, curador honorário do Museu de Ciências Naturais de Miami. O Dr. Valentine, cujo doutoramento é pela Universidade de Yale e que lecionou em várias universidades, é um especialista em origens americanas. Exprimiu a opinião de que as ruínas subaquáticas nas Bahamas são um vestígio tangível da civilização perdida da Atlântida.

As ruínas são constituídas por um grande edifício semelhante a um templo, por um muro manifestamente construído pelo homem que corre ao longo de cinquenta milhas no fundo do oceano, e por formas circulares gigantes em águas muito profundas, que poderão ser arenas desportivas colossais ou estruturas semelhantes. O Dr. Valentine descreveu-me o local submerso como “um enorme complexo metropolitano”.

Estas estruturas submarinas são elementos da Atlântida, dizem as leituras de Peterson.

“A estrutura quadrada, descoberta primeiro, era uma parte do templo. E também foi descoberto nas proximidades aquilo que era um recinto de jogo para certos jogos que os atlantes praticavam — o de fazer passar uma

pequena pedra por um aro de pedra montado em cada extremidade de uma longa vala.

"Há ainda mais explorações a decorrer ali neste momento."

As leituras falam também de vestígios do continente submerso de Mu no fundo do Pacífico.

"Fizeram-se descobertas", disse uma leitura, "por aqueles que estenderam debaixo de água o aparelho de observação de natureza elétrica. Viram remanescentes de colunas altas, de pé, no fundo do oceano. Isto não é uma formação natural, mas sim construída pelo homem.

"Se olhardes na zona do Peru, no topo das montanhas, encontrareis grandes tabuletas de pedra com a língua de Mu. Enterradas em arquivos escondidos na Índia, ainda por descobrir, estão as chaves para decifrar a língua dessa antiga civilização."

Tal como as leituras de Peterson o descrevem, o arco da história humana é inimaginavelmente vasto, impressionante, recuando mais do que a mente consegue abarcar.

"Se fores para além da Atlântida, para além de Mu, poderás tocar civilizações e civilizações e ainda mais civilizações… Existiram por éones de tempo na Terra, como existem agora. E as civilizações continuarão. À medida que uma cai, outra surge. Este é o modo do homem… a sua tentativa às apalpadelas de aprender a regressar àquilo de onde veio…

"Mas lembra-te: o homem não veio da Atlântida nem de Mu nem das civilizações anteriores. O homem veio da própria Divindade e à Divindade tem de regressar. E regressará, até que cada alma tenha entrado na consciência crística e a roda do renascimento pare, para nunca mais girar…"

Capítulo Treze

A FORMA DAS COISAS QUE HÃO DE VIR

O que está pela frente para a humanidade?

Em transe, Ross Peterson traçou um cenário global para o futuro, marcado por colossais mudanças geológicas, possível guerra atómica, colapso económico, culminando na metamorfose da Igreja Cristã e "na segunda vinda de Cristo".

Eis alguns pormenores, tal como as leituras os apresentaram.

Existe a possibilidade de uma guerra nuclear entre 1984 e 1987. "Não tem de acontecer", disse uma leitura, "mas, ao inspecionar as leis da probabilidade, é provável que aconteça. Pois esse é o modo do homem, percebes?"

Prevêem-se imensos abalos geológicos e topográficos nos trinta anos seguintes.

"Quando procurardes o início do caos, olhai para a Geórgia e para a Carolina, percebes? Haverá um afundamento nessa parte específica do país.

"Aquilo a que chamais Manhattan deve afundar-se no mar por volta do ano 2006. A maior parte do que chamais Los Angeles afundar-se-á debaixo de água. Os mares então entrarão por uma abertura na cadeia montanhosa e inundarão o vale de San Joaquin, onde hoje se cultivam a maior parte dos vegetais do vosso país. Isto, e parte do Nevada, tornar-se-á um enorme mar interior. A maior parte da costa sul da Califórnia terá de perecer.

"A maior parte do que hoje é o Japão afundar-se-á sob o mar. Grandes porções do que chamais Europa desaparecerão num abrir e fechar de olhos. Esperai que Espanha, Portugal, partes de Itália se afundem. Talvez não na vossa vida, mas acontecerá…

"A Irlanda e a parte ocidental de Inglaterra experimentarão inundações maciças por volta da viragem do século… antes de 2030.

"Há um anel de fogo — chamamos-lhe assim — que se estende pelo Japão, Alasca superior, Washington, Oregon, Califórnia, até às ilhas do Bornéu. Dentro deste anel de fogo ocorrerão grandes perturbações da Terra…"

As leituras de Peterson, continuando a sua visão apocalíptica, imaginam a inversão do sentido de escoamento do rio São Lourenço. Em vez de desaguar no Atlântico, este grande rio começará a despejar as suas

águas através do lago Michigan para o Mississippi, e isto inundará a região do delta nos estados do sul.

"A Luisiana, o Mississippi serão um grande mar interior", disse uma leitura.

Em 1989 ou 1990, prevêem-se grandes sismos na parte noroeste dos Estados Unidos ou na parte sudoeste do Canadá.

A acompanhar estes tremores naturais tremendos haverá colapso económico. Mas as leituras negam que estas prognoses — convulsões geológicas mundiais e caos económico — sejam necessariamente motivo para pessimismo. Pelo menos do ponto de vista da alma.

"Sabei", asseguram as leituras, "que em qualquer sofrimento, qualquer caos, qualquer perturbação, há uma bênção, se apenas a souberdes separar. Seria como encontrar um diamante precioso numa montanha de carvão, mas pode fazer-se. Pois se procurardes esse diamante de verdade no meio de todos os problemas terrenos, encontrareis a porção que é Deus.

"É apenas através da perturbação ou do caos que as massas dos homens começam a voltar-se para aquilo que está dentro. É então que suplicam ao seu Deus: 'Ó Deus, ajuda-me!' E regressam às formas simples. Regressam àquilo que é o cumprimento do propósito da própria vida."

As vastas mudanças previstas nas leituras dizem-se prenunciar um renascimento espiritual mundial.

"A próxima grande renovação do Cristianismo será na terra do Urso, na Rússia. O Cristianismo viverá ali um renascimento. Mas será um Cristianismo prático, o de aplicar a força de Deus no dia a dia. Haverá um encontro entre a mente científica e a mente religiosa ou filosófica."

"Mas será na Ásia que ocorrerá o verdadeiro grande despertar espiritual. Aquilo que é a parte mais forte do Cristianismo, o Catolicismo, florescerá de novo nos países asiáticos. No entanto, será modificado para se conformar mais de perto com os verdadeiros ensinamentos de Jesus, o Mestre. Pois vereis que o antigo conceito asiático de reencarnação será unido, como originalmente foi, aos ensinamentos tradicionais do Catolicismo e, desse casamento, surgirá uma nova fé. Conduzirá a mil anos de luz e amor demonstrados na experiência do homem."

As leituras de Peterson preveem mais dezasseis papas após Paulo VI, o atual pontífice da Igreja Católica Romana.

"Como os conheceis, mais dezasseis", disse a leitura. "Mas, quando houver modificações, continuarão e continuarão. Pois o homem tem de

procurar uma representação de Deus na carne. É por isso que tendes o Papa. E o homem precisará sempre disso. Até que todos os homens despertem…"

No meio do caos físico e da confusão económica previstos, o mundo viverá um acontecimento espiritual culminante em 1998 ou 1999, prometem as leituras de Peterson. Isto é aquilo a que tradicionalmente se chamou "a segunda vinda de Cristo".

"Mas o que é que vem? Cristo tem de ser definido como uma consciência. A segunda vinda de Cristo é quando massas e massas de homens procuram Deus primeiro, Deus primeiro. Tudo o resto em segundo lugar. E isto virá, no meio das tribulações da Terra. Os homens, no meio das trevas, verão a luz de Deus no céu."

Capítulo Catorze

COMO TE TORNARES O TEU PRÓPRIO VIDENTE

Ross Peterson é absolutamente sincero na sua afirmação de que "qualquer pessoa pode aprender a fazer o que eu faço — se estiver preparada para pagar o preço."

E o preço não é dinheiro, mas esforço, diligência, autoanálise, uma espécie de morte e renascimento psicológicos.

"Não acredito que uma pessoa tenha a motivação para cumprir o programa necessário de expansão da consciência a menos que haja primeiro um despertar espiritual", disse Peterson.

"Tem de haver uma aceitação de que tudo o que vemos é o resultado final de Deus — e nós fazemos parte disso e estamos todos interligados. O que, no fundo, se reduz a isto: o que fazemos a outro, fazemos a nós mesmos. Passamos a aceitar isto ao ponto de termos, pelo menos, um toque de empatia pelo outro, pela outra pessoa. Independentemente de ser um indígena nas regiões altas da Amazónia ou de fazer parte de um pequeno grupo étnico em Toronto, Nova Iorque ou Los Angeles.

"À medida que aceitas os aspetos espirituais da vida — que existe uma força disponível para nós (quer essa força seja Deus ou seja de Deus, é uma questão relativamente à qual sou indiferente; já não faz diferença para mim) e que essa força, a trabalhar através das nossas mentes, nos pode permitir fazer tudo o que quisermos na vida; quando começas a aceitar isso, então começas a compreender homens como Jesus.

“Chamavam-lhe o Mestre. E não era um nome errado. Ele era um Mestre. Era um mestre da mente. Compreendia plenamente a lei de Deus.

“Mas penso que qualquer pessoa que, firmemente, decida trabalhar dentro da harmonia da lei de Deus pode ser outro Jesus.”

O aditamento não dito à afirmação de Peterson é: embora possa levar muitas vidas para o conseguir. No entanto, um começo — um começo muito significativo — em tornar-se outro Jesus pode ser feito por qualquer pessoa, em qualquer lugar, a qualquer momento. E, à medida que os indivíduos avançam no seu crescimento espiritual, diz Ross Peterson, é inevitável que desenvolvam o mesmo tipo de poderes psíquicos que ele desenvolveu.

“A melhor forma de desenvolver o teu potencial espiritual e psíquico”, disse ele, “é, idealmente, trabalhar com um professor. E, como no ioga, o melhor professor é aquele que percorreu o caminho que tu queres percorrer.

“Temos o exemplo de Jesus, o maior professor alguma vez conhecido. Ora, ele não disse às pessoas para irem procurar o arbusto ardente por si mesmas e receberem a iluminação divina. Disse: ‘Eu ensinar-vos-ei.’ E ensinou mostrando, demonstrando.

“Agora, é isso que eu quero fazer. O meu objetivo na vida não é continuar a dar leituras — eu nunca conseguiria dar o suficiente numa vida para satisfazer a procura. Em vez disso, quero ensinar outros a fazer o que eu faço. A tornarem-se os seus próprios veículos psíquicos. Assim, deixam de depender de mim ou de qualquer outra pessoa e passam a depender de si próprios. Esse é o ideal.”

No entanto, Ross Peterson está perfeitamente consciente de que há muitos buscadores sinceros de crescimento espiritual e psíquico que, por uma ou outra de muitas razões válidas, não podem passar o tempo necessário com um professor (mesmo que existam professores qualificados em número suficiente). E essas pessoas não precisam de desesperar.

“É possível fazer tudo por conta própria. Afinal, eu fiz. E agora outros podem beneficiar da minha experiência. Vou expor aqui um programa detalhado de desenvolvimento psíquico *faça-você-mesmo* que permitirá a qualquer pessoa que nele persista atingir o nível de funcionamento psíquico que eu alcancei.

“O primeiro passo é adquirir todo o conhecimento possível sobre a natureza psíquica do homem. As bibliotecas têm uma oferta interminável de livros sobre todos os assuntos do campo psíquico. Vai à biblioteca e encontra todos os livros que conseguires sobre o psíquico. E, em especial,

sobre a arte da meditação. Lê-os, para poderes formar a tua própria opinião sobre o que isto significa. Depois começa a praticar meditação diariamente.

"Por favor, não sejas excessivo nisso. De facto, não mais de dez minutos, duas vezes por dia, devem ser passados em meditação nas fases iniciais.

"Agora, prepara-te para usar alguma perseverança. Ninguém pode meditar por ti. Não existe meditação por procuração, tal como não existe salvação por procuração. Tens de ser tu a fazê-lo: dez minutos por dia, duas vezes por dia, mas com diligência, com fidelidade, todos os dias, sem falhar.

"O segundo caminho para te tornares psíquico com segurança sem te tornares psicótico — e podes segui-lo em conjunto com as tuas sessões de meditação — é a interpretação de sonhos.

"Agora, se dizes que não sonhas, és digno de pena. Se isso for verdade, ou és psicótico ou estás em fases profundas de toxicodependência ou alcoolismo.

"O que a maioria das pessoas quer realmente dizer quando diz que não sonha é que não se lembra dos sonhos. Bem, começa a lembrar-te deles. Eis como.

"Mantém um diário de sonhos. Começa por repetir uma afirmação todas as noites antes de adormecer. À medida que te vais relaxando, pouco antes de adormecer, declara simplesmente a ti próprio: 'Esta noite vou lembrar-me dos meus sonhos e, assim que um sonho terminar, vou acordar brevemente, registar uma ou duas palavras-chave e, depois, recordar o sonho inteiro de manhã.' Tem um gravador junto à cama ou, se não puderes pagar um, um lápis e uma folha de papel.

"Ora, podes passar três ou quatro dias, ou até três ou quatro semanas, antes de começares realmente a lembrar-te dos sonhos por completo. No início, podes apenas obter fragmentos. Mas, novamente, com perseverança e prática, acabarás por te tornar hábil em recordar quase todos os sonhos que tens durante a noite.

"Quanto a como interpretar os teus sonhos, isso também virá com conhecimento e prática. Há muito material excelente disponível sobre interpretação de sonhos. Não te limites a uma única fonte. Lê amplamente para compreenderes o que é o simbolismo dos sonhos.

"Lê um pouco de Freud. Lê um pouco de Jung. Lê material de Edgar Cayce. Lê livros de onirologistas como Calvin Hall e outros psicólogos contemporâneos. Absorve esses livros. Se encheres a tua mente com os

pedaços de informação que recolhes deste livro e daquele livro, o teu inconsciente irá registá-los e, mais tarde, trará isso de volta como uma mensagem com significado sempre que precisares."

À medida que registas fielmente os teus dramas noturnos no teu diário de sonhos, disse Ross Peterson, descobrirás que eles fornecem pistas importantes para o teu progresso espiritual e psíquico.

"Como exemplo, aqui está um sonho bastante profundo que tive depois de ter começado a praticar abstinência de álcool e de estar profundamente interessado na natureza de Deus e no sentido da vida. Eu pedia desesperadamente ajuda, compreensão.

"Neste sonho, dei por mim no topo de uma montanha, rodeado por um muro de tijolo. O topo da montanha era muito pequeno — provavelmente não mais de cinquenta jardas de largura. Era completamente plano. E o muro tinha três ou quatro pés de altura, lindamente construído, e rodeava completamente o topo da montanha.

"Caminhei para a esquerda e, olhando para o vale, vi as ruínas de uma cidade, fumegantes e a arder em brasas, como após um incêndio.

"Caminhei para a direita e, ao caminhar para a direita, reparei numa luz branca ofuscante a surgir sobre o horizonte. Era tudo-abarcante e tão deslumbrante que eu não conseguia suportar olhar para ela, com medo de ficar cego. Por isso, caí de joelhos e escondi-me atrás do muro. Mas senti a luz a cair sobre mim, quase como um satélite brilhante a orbitar por cima, mas tão ofuscante na sua intensidade que eu sabia que não podia olhar para ela.

"Trabalhei o sonho e a interpretação a que cheguei — e tu também descobrirás que a habilidade de decifrar os teus próprios sonhos cresce com estudo e prática — foi a seguinte:

"Aprendi que, nos meus sonhos, tudo o que vejo do lado esquerdo é a minha expressão material da vida. Aquelas ruínas a fumegar eram a vida que eu tinha acabado de deixar. Agora, aquilo que vejo do lado direito nos meus sonhos diz respeito ao aspeto espiritual da minha vida. E era uma prognose do que estava para vir. A luz vinha aí, mas eu ainda tinha medo dela, por assim dizer. Para mim, a luz representa conhecimento, energia, consciência de Deus. A luz estava a chegar e eu conseguia vê-la, mas eu era um bebé espiritual e ainda me assustava com ela.

"E o muro? Era o dispositivo protetor que eu tinha colocado à minha volta — protegendo-me com a minha personalidade. O topo da montanha

mostrava o grau das minhas aspirações. Eu queria chegar a nada menos do que à própria Divindade, ou tão perto do céu quanto conseguisse.

"Depois, à medida que o meu crescimento espiritual e psíquico continuou — e é um crescimento, lembra-te, não é algo que acontece de um dia para o outro —, tive sonhos em que pescava. Em breve aprendi que pescar e a água têm, nos meus sonhos, uma conotação espiritual, e esses sonhos refletiam o meu desenvolvimento.

"Quando comecei a sonhar com água e peixes, eu pescava em água lamacenta e apanhava o que se poderia chamar formas baixas de peixe, como carpas e peixes-gato. Num sonho, apanhei uma grande baleia preta com a boca cheia de dentes maléficos. Mas os dentes caíram. Ora, tive este sonho pouco antes de reconhecer que o meu excesso de engano e a mentira patológica eram um 'não-não' que tinha de ser eliminado do meu caráter a todo o custo, independentemente de quem fosse magoado. E esse era eu, primeiro.

"Aprendi que, nos meus sonhos, a queda de dentes costuma indicar o engano como problema. Por vezes, claro, um sonho desses pode estar a avisar-te de que tens realmente dentes estragados ou uma condição como piorreia. Mas quando o sonho tem um significado espiritual — e isto é algo que se aprende a sentir com a prática — perder dentes parece dizer respeito ao engano como o problema a superar. Pelo menos, no meu simbolismo de sonhos.

"Para mim, o peixe representa alimento espiritual. Uma baleia não é um peixe, o que me indicou que eu estava a alimentar-me de alimento falso. Além disso, era preta, o que sugeria que eu estava a olhar predominantemente para o lado negro das coisas e que ainda tinha muito a aprender."

"Depois, passei por uma fase na minha vida em que era muito agressivo. Não deixava ninguém demover-me de nada. Os peixes que eu apanhava nos meus sonhos nesse período eram sempre lúcios ou *muskellunge*, que são predadores. O lúcio tem muitos dentes e consegue realmente abrir caminho a golpes através de um cardume de peixinhos.

"Ora, estes sonhos indicavam que eu tinha de controlar, de moderar, a minha agressividade. Mas a água nesses sonhos era mais clara do que tinha sido anteriormente. Portanto, isto era um sinal esperançoso. Eu estava a fazer progresso espiritual.

"Ultimamente, tenho estado a pescar em água límpida e não preciso de qualquer instrumento. A água está em poças plácidas e eu apenas estendo a mão e os peixes vêm ter comigo.

“Os peixes nestes sonhos recentes são lindos. Parecem-me corvinas brancas, ou aquilo a que se poderia chamar peixe-azul. São de um azul esbranquiçado, quase prateados, e cintilam quando a luz do sol lhes bate. E a água é cristalina e eu consigo ver os peixes a nadar a diferentes profundidades.

“No sonho mais recente que tive desta natureza, havia um grupo de pessoas atrás de mim e os peixes vinham nadando na minha direção e eu dava um peixe a cada pessoa. Ora, penso que este sonho mostra aquilo que eu gostaria de ultrapassar. Gostaria de deixar de dar peixes às pessoas. É isso que eu faço quando dou uma leitura; estou a dar-lhe um peixe. E aquilo que eu gostaria mesmo de fazer é ensinar as pessoas a pescar por si próprias.

“O que me traz de volta ao ponto: como desenvolver os teus próprios poderes psíquicos.

“Uma pergunta que alguém poderá estar a pensar neste momento é: como posso saber com precisão a que área da minha vida um determinado sonho se refere? Como sei quando um sonho reflete um problema físico — e pode — ou um problema sexual, ou tem um significado espiritual?

“Uma pista aqui é: o que é que, nessa altura, está no topo das tuas preocupações ou interesses? Se tiveste motivos para te preocupares com a tua saúde física, o sonho pode muito bem dizer respeito a isso. Se estás particularmente preocupado com dinheiro, o sonho pode lançar luz sobre isso. Se o crescimento espiritual é o que domina a tua mente, o teu sonho provavelmente será sobre isso.

“À medida que avanças, desenvolverás uma intuição quanto a que parte da tua vida um determinado sonho diz respeito. Podes estar interessado em três ou quatro coisas ao mesmo tempo. Então, os teus sonhos provavelmente refletirão isso por ordem de prioridade. O primeiro sonho que tens durante a noite referir-se-á ao problema que mais te interessa; o segundo, ao seguinte mais importante; e assim sucessivamente.

“Ora, se registares fielmente os teus sonhos e refletires sobre eles — podes pedir ajuda para compreender um sonho difícil durante o teu período de meditação, e isto muitas vezes resulta —, o facto de estares ou não a fazer avanços espirituais tornar-se-á evidente para ti através do simbolismo dos sonhos. O que emergirá, sonho após sonho, será um padrão de semelhanças. No meu caso, subir uma colina significava elevar-me espiritualmente. Outros podem sonhar que estão a voar e, gradualmente,

voam cada vez mais alto. Outros podem estar a subir degraus e, em sonhos sucessivos, aproximam-se cada vez mais do topo das escadas.

"Agora, voltemos à meditação. Se tens muita dificuldade em alcançar o nível meditativo, há um atalho que recomendo. Deixa-me dizer, primeiro, que algumas pessoas têm um verdadeiro bicho-papão com a hipnose. E eu concordaria que deves ter muito, muito cuidado com quem deixas hipnotizar-te. Mas, se houver alguém em quem confies, vai ter com essa pessoa e diz: 'Ajuda-me a atingir um estado de hipnose.'

"Há apenas uma razão para quereres ser hipnotizado por outra pessoa — aprender auto-hipnose mais depressa. A forma mais fácil de atingir um nível profundo de auto-hipnose é seres induzido a uma hipnose profunda por outra pessoa e, depois, fazer com que ela passe o controlo para ti. Isto faz-se de forma muito simples. O hipnotizador diz apenas: 'Sempre que quiseres atingir este nível profundo de consciência por tua conta, bastará dares três respirações profundas e repetires a palavra paz para ti próprio três vezes.' Ou algo do género. O ponto é que, então, podes rapidamente — em alguns casos, instantaneamente — colocar-te num estado hipnótico ou meditativo profundo sempre que quiseres.

"A auto-hipnose não é mais do que um estado alterado de consciência. Mas, com ela, podes alcançar duas coisas. Primeiro, se há algo que queres fazer ou ser — perder peso, melhorar a memória, ultrapassar sentimentos de inferioridade —, podes programar-te para isso através da auto-hipnose. Segundo, se queres aceder aos níveis profundos de consciência para ganhar inspiração e conhecimento — sabe-se lá de onde —, eu garanto-te: isso virá. Entras no estado de auto-hipnose profunda, limpas completamente a mente, e podes perguntar e receber as respostas para os teus problemas.

"Ora, não perderás necessariamente por completo a consciência no estado hipnótico profundo. Eu perco, mas isso é porque me modelei a partir de Cayce e pensei que era a única forma. Mas não é a única forma.

"Podes estar num estado em que ficas a meio caminho entre consciência e inconsciência, e impressões virão até ti. E podes dizer essas impressões à medida que vêm. Elas fluirão simplesmente para a tua mente.

"Ora, uma vantagem deste método é que não precisas de um condutor. Podes fazer tudo por ti.

"Para atingir o transe — o estado de inconsciência profunda em que eu entro — não é necessário para a pessoa comum. Podes obter toda a inspiração e 'flashes' psíquicos de que precisas no estado semi-consciente, ou aquilo a que eu chamo *devaneio*. Um devaneio é simplesmente um

sonho acordado. E, se praticares auto-hipnose tempo suficiente, garanto-te que tocarás no devaneio. E como é, exatamente, experimentar o devaneio?

"Bem, sentirás todo o teu ser cheio de um calor de amor puro tal que, se alguém te cuspisse na cara e te desse um pontapé no tornozelo, continuarias a sentir esse amor. Não odeias ninguém nem nada.

"Deixa-me descrevê-lo assim: se conseguires imaginar que estás a caminhar pelo meio de uma estrada lamacenta, a vadiar em lodo até aos joelhos, nu como veio ao mundo, com um vento gelado e neve a bater, e pessoas alinhadas de ambos os lados a atirar-te pedras afiadas, e, ainda assim, te sentes maravilhoso, amoroso, para lá de te importares com o que quer que alguém te faça — então experimentaste o devaneio.

"Continuas consciente; sabes que o teu ambiente está ali. Mas recuou; é irrelevante para ti. Um sentido de bem-aventurança e bem-estar envolve-te.

"Além disso, no estado de devaneio, surgem impressões psíquicas. Surgem impressões espirituais. Intuições sobre ti e sobre outras pessoas. O que sou eu? O que devo fazer com a minha vida? Estas perguntas são respondidas no devaneio.

"Podes testar a tua sensibilidade psíquica focando-te em situações ou indivíduos onde haja emoção forte envolvida. Penso que essa é uma razão pela qual as pessoas podem tornar-se muito precisas no diagnóstico psíquico de doenças — porque ficamos terrivelmente emocionados com as nossas próprias pedras nos rins, ou uma úlcera, ou um coração a palpitar, ou cegueira parcial.

"Portanto, escolhe algo que tenha um conteúdo emocional forte para ti, para testares os teus poderes psíquicos. Faz uma pergunta que signifique algo para ti. Porque a perceção extrassensorial, como outros investigadores confirmaram, parece ser facilitada, ou 'ligada', por emoção poderosa.

"Um bom ponto de partida seria tentares sintonizar-te com a tua tia Bessie, de quem gostas, e fazeres-lhe um 'check-up' físico. Podes ter flashes de diferentes formas. Podes ver o corpo dela com um X, uma mancha escura, significando um problema nessa área do corpo. Ou podes sentir uma dor no peito, indicando que ela tem problemas no peito. Ou podes simplesmente captar a palavra 'pâncreas' e sentir que algo está errado ali. As impressões psíquicas surgem de formas diferentes.

"Agora, não desanimes se, ao princípio, fores menos do que 100% preciso. Eu disse logo de início que o crescimento de poderes psíquicos é isso mesmo — crescimento — e leva tempo.

“Aprender a desenvolver a tua capacidade psíquica não é, na verdade, diferente de aprender a ser contabilista, camionista, um bom político, um médico competente. Requer prática. Ninguém te pediria para ensinares física se nunca tivesses aprendido física. Mas podes ir para a escola, aprender física e tornar-te suficientemente competente para a ensinar. E, ainda assim, mesmo então, não saberás tudo o que há para saber sobre física; não serás infalível no assunto. E o mesmo é verdade no desenvolvimento dos teus poderes psíquicos. Gradualmente, tornar-se-ão mais fiáveis, mais precisos, mas a exatidão de 100% é desconhecida. Mesmo Cayce tinha os seus dias maus. Eu, certamente, também. A razão é que somos humanos e as impressões psíquicas são filtradas pelas nossas mentes humanas, que muitas vezes são afetadas pelo humor do momento, pelo stress que tivemos, pelo nosso estado físico, pelo que comemos e por muitos outros fatores.

“Agora, há algo que sinto que não pode ser sublinhado o suficiente: a menos que estejas disposto a desenvolver-te espiritualmente e a eliminar os defeitos na tua personalidade à medida que desenvolves os teus poderes psíquicos, tornar-te-ás muito mais psicótico do que psíquico. Terás muito mais perturbações na tua vida. Não terás maturidade para lidar com os teus poderes psíquicos. Tornar-te-ás aquilo a que eu chamo um ‘desmiolado’.

“Tornar-te-ás um psíquico anormal, dos quais há muitos. E vivem vidas terríveis. Ajudam outros, mas a si mesmos não se conseguem ajudar. São atormentados por alcoolismo, problemas de drogas, instabilidade emocional. A razão é que o seu desenvolvimento psíquico ultrapassou o seu desenvolvimento espiritual. São gigantes psíquicos, mas pigmeus espirituais.

“Isto seria como desenvolveres as mãos em detrimento do resto do corpo até ficares com mãos grotescamente grandes. Quem quer isso? A ideia é desenvolver o todo que és. Se negligenciares o crescimento espiritual e moral, ficarás desalinhado, fora de proporção.

“Por isso, o processo de desenvolvimento psíquico não deve ser apressado. Desde o momento em que começas até começares a obter resultados psíquicos consistentes, provavelmente levará, em média, três anos e meio. É por isso que precisas de paciência e perseverança.

“Ora, terás períodos antes disso em que estarás quase 100% ‘em forma’. No entanto, estes serão intercalados com recaídas. Mas, gradualmente, as recaídas tornar-se-ão menos e os acertos tornar-se-ão firmes e consistentes.

“Agora, para a pessoa relativamente preguiçosa, ainda há esperança de aprender meditação se utilizares dois períodos que são naturais para meditar: mesmo antes de adormeceres à noite e logo depois de acordares de manhã.”

“Nestas alturas, estás no que se chama um estado hipnagógico e a mente fica muito recetiva a sugestões. Eu uso estes períodos com bastante frequência para resolver problemas. Simplesmente fico deitado na cama, ou mesmo antes de adormecer ou imediatamente depois de acordar, e coloco a mim próprio, umas seis vezes, a pergunta que me está a incomodar. Depois, a solução para o problema parece surgir. Não me interessa se é um problema físico, financeiro ou espiritual. A resposta vem. Experimenta tu mesmo.”

Ross Peterson sugere também que, no estado meditativo — ou hipnótico, ou de devaneio, como lhe queiras chamar —, a pessoa peça ajuda ou orientação aos seus “guias” ou “anjos”.

“Eu acredito definitivamente em anjos”, disse Peterson, “e penso que tenho nove que me ajudam sempre que peço. Se eu aquieto a mente e lhes peço mentalmente que me ajudem, acontece uma forma de comunicação que é quase como falar comigo próprio. Mas vêm respostas que são mais sábias do que eu provavelmente alguma vez conseguiria inventar no meu estado consciente. Se eu seguir o conselho que recebo nesses momentos, invariavelmente acaba por ser benéfico para toda a gente. Se deixo o meu ego meter-se no caminho e digo: ‘Que se lixe, não vou fazer isso’, meto-me em sarilhos. Sarilhos cada vez maiores, normalmente. É como contar uma mentira, sabes; tens de contar mais três para a encobrir. Por isso, aprendi a seguir o conselho que recebo. E, por vezes, sinto definitivamente que o conselho representa orientação dos meus anjos.

“Agora, se experimentares isto por ti próprio — pedir mentalmente aos teus guias ou anjos que te ajudem, ou que se deem a conhecer —, mais cedo ou mais tarde terás a manifestação que pedes. Podes vê-los durante a meditação. Ou podes sentir uma presença benevolente, ou um grupo dessas presenças, à tua volta. Aprende a pedir ajuda aos teus guias, porque tu tens-nos, e receberás ajuda.”

Ross Peterson disse que há uma vantagem do estado de transe profundo — o estado inconsciente que ele atinge nas suas leituras — sobre o devaneio ou o estado semi-consciente.

“Podes obter mais detalhe no estado de transe. Sem dúvida: se queres realmente entrar dentro do corpo físico de alguém e inspecioná-lo, órgão a órgão, o estado de transe parece necessário.

“Se queres ir mais fundo do que o devaneio, então, para as próprias profundezas da tua consciência, de modo a falares automaticamente, sem qualquer esforço, e as palavras saírem de ti em jorro, há medidas especiais que têm de ser seguidas.

“Idealmente, devias encontrar um professor, alguém que o faça, para te levar ‘para o lado fundo’, para o transe. Mas eu digo-te exatamente como eu entro no estado de transe profundo e, se quiseres fazer o mergulho por tua conta, força.

“No entanto, não será por tua conta. Precisas de um condutor, alguém com quem estejas em harmonia e que esteja disposto a ser muito paciente. O que procuras num condutor é alguém que seja sinceramente empático com os outros; que seja bondoso, amoroso, generoso e, idealmente, perdoador. Alguém que não seja do tipo julgador. Porque, se tiveres alguém desafinado contigo, isso vai perturbar os resultados psíquicos.

“Além disso, deves trabalhar com o mesmo condutor para obteres os melhores resultados. Se mudares de condutor, é como tentar aprender física com uma série de professores diferentes, cada um a pegar onde o outro deixou.

“Para um médium de transe trabalhar com um condutor é um esforço de equipa. Leva tempo a construir confiança e segurança mútuas.

“Bem, admitamos que praticaste meditação e entraste num estado bastante profundo de auto-hipnose em que os ‘flashes’ psíquicos começaram a surgir de forma bastante consistente. Como é que agora vais mais fundo?

“Aqui está exatamente o que eu faço.

“Eu afrouxo toda a roupa apertada. Tiro os sapatos. Afrouxo especialmente à volta do pescoço. Tenho sempre tendência para esfregar os olhos e a testa. Não sei se há alguma razão física para isso, mas sinto-me confortável a fazê-lo.

“Depois faço simplesmente um pouco de respiração profunda pelas narinas — três respirações de um lado e três respirações do outro, inspirando por cada narina e expirando pela boca. A razão por que faço isto é porque uma leitura disse para o fazer.

“Depois relaxo o corpo completamente, começando pelo topo da cabeça e indo até aos dedos dos pés. Cheguei a um ponto em que consigo fazer isto num minuto ou menos. No início leva mais tempo.

“Depois, simplesmente espero pela formação daquele padrão embrionário na minha visão interior.

“Ora, provavelmente não verás exatamente o que eu vejo. Algumas pessoas, nesta fase, veem pontos de luz, como muitas estrelas a tremeluzir. Algumas veem linhas onduladas no campo interior de visão. Algumas veem cores; outras veem apenas preto e branco.

“De qualquer modo, quando eu vejo a minha formação embrionária azulada — e tu verás o teu próprio símbolo individual, talvez uma estrela a nascer — então sei que está tudo bem para avançar. Digo a minha oração: ‘Senhor Deus, por favor, ajuda-me a ajudar estas pessoas.’

“A coisa seguinte que vejo são os rostos dos meus anjos ou guias a moverem-se na minha direção em semicírculo, ficando maiores à medida que se aproximam. Ora, tu podes ou não experimentar isto. Eu inclino-me a pensar que vais ver isto, ou algo comparável. Digo isto porque, comigo, foi bastante espontâneo. Eu não tinha preconceitos nem expectativas que me levassem a procurar este tipo de coisa. Simplesmente aconteceu. E provavelmente acontecerá contigo, embora, sem dúvida, não exatamente da mesma forma.

“Quando vejo os meus guias e sinto amor a emanar deles — é uma sensação de grande segurança — começo uma série de dez respirações abdominais muito profundas, contando para mim e começando em dez e descendo… nove… oito… sete e por aí fora.

“Ora, mesmo antes de começar a contar, eu forço o diafragma para fazer uma respiração abdominal muito profunda. E esse é o sinal para a Irva, a minha condutora. E pode ser o sinal para o teu condutor.

“Nesse ponto, a Irva começa a contar comigo, a cada respiração que faço. Quando chego a dez, ela diz as palavras: ‘Por favor, limpa a mente… e avisa-nos quando estiver limpa.’

“Normalmente, eu não ouço estas palavras. Quando começo a contar as minhas respirações profundas e digo ‘dez’, começa esta sensação de afundamento. É como desmaiar, se alguma vez desmaiaste, ou como ser apagado com um anestésico como o tiopental de sódio.

“Eu conto ‘nove’ e a sensação de desfalecimento fica mais forte. Normalmente, quando chego ao ‘sete’ ou ‘seis’, acontece… eu simplesmente caio num estado profundo de inconsciência.

“Depois, embora eu não tenha consciência disso, respondo ao condutor dizendo: ‘A mente está limpa’, e a Irva então dá-me instruções

sobre para onde, quando e para quem — ou para o quê — a minha mente deve ir.

"Quando comecei, muitas vezes lembrava-me de contar até ao fim, de dez até um. E, por vezes, eu 'ia para baixo' e obtinha alguma coisa; outras vezes, não.

"Não te desencorajes se conseguires 'ir para baixo' com sucesso num dia e depois, nas três tentativas seguintes, não conseguires nada. Continua. E, eventualmente, tornar-se-á totalmente consistente.

"Se há algum estado de espírito propício a ir completamente para baixo, eu chamaria a isso uma atitude de entrega total. Confias em Deus, nos teus guias espirituais e no teu condutor, e largas… completamente.

"A seguir, quando dás por isso, estás a acordar do transe e não consegues acreditar que estiveste inconsciente durante uma hora. E depois, quando ouves a gravação, e a tua própria voz — e, no entanto, não tua — a debitar coisas totalmente para lá do teu conhecimento consciente… bem, isso é uma experiência que rebenta a cabeça, na verdade."

Ross Peterson reiterou aquilo que considera uma parte vitalmente importante de embarcar num programa de desenvolvimento psíquico.

"Desenvolve a pessoa inteira. Para o fazer, antes de mais, tem de haver alguma forma de conseguires autoconhecimento. Conhece-te a ti mesmo é a chave.

"Pessoalmente, achei a grafanálise extremamente útil para me permitir ver-me como eu realmente era. Outros encontraram uma fonte semelhante de autoconhecimento na astrologia, ou num período de psicanálise com o analista certo. Mas eu sublinho que conheceres-te a ti mesmo e teres a coragem de eliminar os defeitos do teu carácter à medida que os vais vendo é absolutamente básico para um verdadeiro desenvolvimento psíquico."

Os passos que ele aqui delineou, concluiu Ross Peterson, fornecem orientação suficiente para que, se seguidos com diligência, qualquer pessoa possa esperar experimentar consciência expandida, maior consciência de Deus e funcionamento psíquico.

"Lembrem-se", diz ele, "disseram-me que eu era a pessoa menos psíquica que alguma vez tinham testado. Se eu consegui, então qualquer pessoa tem essa hipótese.

"De facto, acredito que ser psíquico é tão natural como respirar, e aprender essa habilidade é o direito de nascença de toda a gente."

Devido ao número de pedidos que recebeu de buscadores sérios de expansão da consciência, Ross Peterson abriu um centro de retiro onde consegue acomodar e treinar um número limitado de alunos. Chama ao seu centro *Michigan Omnistic Research and Enlightenment*, ou MORE.

"Para informações sobre os cursos oferecidos, escreva a:

Ross Peterson
Michigan Omnistic Research and Enlightenment
Laughing Gull Point
Garden, Michigan 49835"

EXEMPLOS DE SESSÕES ALEATÓRIAS

A DOENÇA E AS SUAS CAUSAS

Pergunta: Qual será a causa das doenças físicas?

Quer seja compreendido ou não, quer seja aceite ou não, toda doença que uma entidade tenha é resultado do pecado. Pecado do quê? Pecado, antes de mais, nos pensamentos, por os pensamentos serem reais, tão reais quanto qualquer cosia que possais conhecer.

O homem está perto de desenvolver invenções mecânicas que eventualmente virão a ser capazes de medir o comprimento de onda que se encontra encerrado num simples pensamento. Quando isso for consumado, descobrirão que os registos que o homem conhece como Registos Akáshicos se apresentarão ao dispor de todos pelo emprego de meios mecânicos. Então, o homem será capaz de explorar causas científicas da doença em relação a indivíduos específicos. Contudo, isso seria muito útil de momento.

Os pecados, e há muitos mal-entendidos quanto ao que seja pecaminoso e ao que não seja, é aquilo que em última análise provoca a rutura na forma física. Mas para melhor conseguirem compreender a questão, precisaríamos discutir a questão da matéria, conforme o homem a conhece; a densidade, ou a falta de densidade da mesma. Se pegarem num corpo físico qualquer, ou qualquer objeto que conheçais como matéria, descobrireis que é basicamente composto pelo que o homem conhece como átomos.

Bom, se explorarem a estrutura de um átomo e o penetrarem, descobrirão dentro do átomo muitos átomos em miniatura. Porquanto podem adentrá-lo interminavelmente. Contudo, jamais chegareis verdadeiramente a tocar aquilo que conheceis como matéria. Porque na

realidade, a densidade nada mais é do que o resultado final da ajuntamento ou conglomeração de pensamento. Isso é a força criativa de Deus expressada nos seus mais simples termos. Porquanto todas as coisas são de Deus e da força de Deus. Se o homem tivesse conhecimento dos poderes da sua própria mente, então poderia criar um mundo num instante, tal como Deus é capaz de fazer.

Contudo, para que possa mais facilmente compreender a vida nesta dimensão, será melhor olhar a mente, porquanto a mente é o construtor. A mente é o mestre. A mente é o elo direto com as forças criativas. Bom, o pensamento da mente é transmitido a todos os átomos do corpo físico, por se achar em constante estado de vibração e poder ser honestamente considerado um universo em si mesmo; contido nesse universo, porém, pode achar-se um planeta, e contido nesse planeta podem achar-se universos dentro de universos, dentro de universos. Tudo é vibração. Tudo é uma porção ou extensão do processo do pensamento. Porque aquilo que é contido na mente soba forma de pensamentos em última análise deve sempre ser produzido na forma física.

Agora, se uma entidade assim escolher, e na providência tem cabimento que qualquer um o escolha, poderá duplicar, poderá imitar, copiar por assim dizer, aquilo que o ocupante tenha definido por parte daquele que é o mestre. Jesus, que conquistou a Consciência de Cristo. Essa entidade, e muitas outras, cumpriram o propósito que trouxeram a esta dimensão; conhecendo de tal modo a lei, e compreendendo-a de tal modo que se tornaram na lei, e quando o fazem, irradiam uma saúde perfeita.

Ora, significa isto que esses mestres nunca se cansavam da carne? Nunca sentiam fadiga? Nunca se sentiam apáticos ou desanimados? Não, não é isso que aqui se indica. Pois o mestre e os outros mestres estavam, por vezes, cansados até aos ossos. Ficavam fatigados e, ocasionalmente, havia aqueles que ingeriam um pouco mais do que deviam de comida e bebida diluídas, sofrendo depois as consequências; mas, ainda assim, irradiavam aquilo que poderia ser reconhecido como saúde perfeita nesta dimensão.

Compreende, antes de mais, que o próprio corpo físico é uma expressão de egoísmo, e o pecado do eu tem de ser respondido. Se houvesse uma mente preenchida de paz e tranquilidade, alguém que não condenasse, que não odiasse, que não julgasse, então descobririas que o tempo médio de vida dessa entidade, na carne, seria aproximadamente entre 120 e 140 anos, segundo a vossa forma de contar o tempo.

Qualquer entidade que não viva até essa idade física terá simplesmente cometido um maior número de pecados. Há exceções a todas

as regras, e isso depende do propósito da própria entrada da alma. Mas podeis afirmar com segurança que, para a maioria, quanto mais precoce for o fim do corpo físico, maior é a quantidade de pensamento pecaminoso, entendeis.

Mantém a mente firmemente focada no teu ideal, na tua aspiração, que deverá ser, antes de tudo, a conquista da própria Divindade. Aprende a única lei, a lei do amor, e qualquer doença física em qualquer corpo físico poderá ser curada. Não existem doenças incuráveis, nem enfermidades incuráveis. Existem apenas atitudes mentais incuráveis. Modifica a atitude e então inicia-se o processo de cura. Pois o que é que cura? É uma loção? Uma poção? Uma massagem? Certas formas de cirurgia? Tudo isso pode ser útil, mas o estado natural do corpo físico é o da saúde. Quando assim não é, então o corpo encontra-se assolado pela doença. Atende à própria palavra, pois “dis” significa sem, e “ease” significa facilidade, tranquilidade. Quando a mente está sem tranquilidade, o corpo torna-se “doente”, vês?

Pergunta: Poderíeis dar-nos alguns exemplos de doenças que estejam ligadas a atitudes mentais específicas?

Podemos dar alguns, embora saibais que as causas seriam inúmeras. Podeis pegar num indivíduo que apresenta uma deformidade numa parte do corpo, e poderíamos enumerar entre um milhão e três milhões de causas específicas diferentes. A questão não pode ser abrangida dentro do âmbito finito da mente humana. Pois, na realidade, aquilo que foi o pecado ou a causa da disrupção existente nessa forma física pode estender-se até ao infinito. Contudo, existem certas generalidades das quais podemos falar.

Se encontrares aqueles que são rígidos e inflexíveis no seu pensamento, estreitos, dogmáticos e ultra-conservadores, aqueles que são definidos como altamente críticos e julgadores, então podes estar certo de que o seu corpo, em algum momento, se tornará tão rígido quanto o seu pensamento.

Se isto te parecer demasiado simples, podes afirmar o seguinte e saber que é verdade: se uma entidade permitir que demasiadas coisas ou ações dos outros a incomodem, então haverá uma disrupção na vesícula biliar. Se encontrares um indivíduo que não consegue expressar os seus sentimentos, pode ser comparado a uma caldeira sem válvula de segurança; e, à medida que o espírito ou a força da emoção continua a encher a caldeira, inevitavelmente ocorrerá uma explosão. Isto manifesta-se geralmente no físico como aquilo que é conhecido como um AVC ou uma hemorragia cerebral. Para outros, poderá manifestar-se como um ataque cardíaco ou uma falência do coração.

Mas compreende que cada corpo físico possui certas partes muito fortes e outras muito fracas. Existem diferenças genéticas em todos os corpos. A mesma causa pode afetar um órgão diferente em entidades diferentes.

Encontrarás aqueles que retiram o próprio fôlego aos outros. Aqueles que ocupam posições de autoridade. Aqueles que subjugam, dominam, forçam e obrigam os outros a seguir as suas ordens. Esses são os que acabarão por enfrentar uma falha algures no sistema respiratório. Pois, se retiras o fôlego a outro, o fôlego ser-te-á retirado. Será demasiado simples dizer que há certas coisas que não consegues “digerir”? Pois, se assim for, então haverá problemas no estômago.

Se uma entidade tiver a vaidade como parte do seu registo e se recusar a eliminá-la, então é provável que a disrupção ocorra no sistema inferior de eliminação ou, em alguns casos, que afete a circulação do corpo e, certamente, a consistência do sangue.

Se encontrares uma entidade em guerra consigo própria, tens novamente um exemplo do que é dado no bom livro. Pois muito se fala da Batalha do Armagedão como uma guerra nos céus, aguardada como algo celestial. Contudo, a Batalha do Armagedão, tal como é apresentada no livro, é apenas um símbolo do local onde a verdadeira batalha acontece — dentro da mente de qualquer entidade.

Aqueles que desejam profundamente ser muito, muito bons e, ao mesmo tempo, desejam profundamente ser muito, muito maus; aqueles que praticam o mais generoso e amoroso ato de união física e aqueles que se satisfazem apenas com a luxúria; aqueles que entregam os seus tesouros à humanidade e, simultaneamente, são gananciosos e acumulam os seus próprios bens — isto é o Armagedão. Esta é a batalha que ocorre em todos, no seu desejo ou busca de serem de Deus com conhecimento.

Quando esta batalha ocorre, dá-se uma deterioração excessiva no sistema nervoso central. Dois exemplos, um mais conhecido do que o outro, são aquilo que hoje o homem conhece como Esclerose Múltipla e Distrofia Muscular.

Se uma entidade permitir que o cancro da preocupação cresça, cresça e cresça na sua mente, demonstrando a sua completa separação do conhecimento da Força Divina, ou a falta de fé — pois aqueles que têm fé não têm preocupações, apenas cuidado — então essa entidade estará a criar um terreno fértil para o crescimento rápido de células ou para certas formas de malignidade.

Podes observar certas doenças do sangue e dos órgãos responsáveis pela sua purificação. As doenças do sangue podem ser facilmente compreendidas quanto à sua causa se explorares o simbolismo presente, em certas religiões, no ato de beber o sangue de Cristo. Nesse ato simbólico, tenta-se assumir a Consciência Crística. Aqueles que recusam, por escolha própria — que é um direito concedido por Deus — assumir essa Consciência Crística, sofrerão geralmente algum desequilíbrio no sangue. Como factor contributivo, existem muitas doenças dos rins, que fazem parte do sistema de eliminação. Mas qual é a função do rim? Remover toxinas do sangue para o purificar. Aqueles que são impuros no pensamento, que odeiam ou invejam, sofrerão disrupções nos rins, pois recusam eliminar esses pensamentos.

Toma este exemplo: houve tempos de purgas na Igreja, há cinco ou seis séculos, segundo a vossa contagem. Muitos foram colocados no instrumento de tortura conhecido como o cavalete, onde o corpo era esticado até ao limite da dor excruciante. Suponhamos que eras o torturador. Suponhamos que eras quem rodava a roda e deformava os corpos. Seria isso um pecado? Num caso poderia ser, noutro não. Seria pecado se aquele que rodava a roda se deleitasse com os gritos dos torturados. Nesse caso, podes ter a certeza de que essa entidade permaneceria atormentada e provavelmente regressaria com um corpo deformado — talvez escoliose ou algo semelhante. Mas se fosses aquele que rodava a roda por ordem, sentindo compaixão e tristeza pelos torturados, regressarias deformado? Não. Muito provavelmente regressarias numa posição elevada, como alguém amoroso e gentil, talvez um excelente enfermeiro ou um médico invulgar, alguém que curaria os gritos e as dores do corpo físico.

Aquele que viveu vidas de gula conservará uma forte paixão sensual pelos sabores dos alimentos e terá tendência para a obesidade. Ao não agir com moderação na alimentação, prejudica a circulação, a eliminação e muitos outros factores que deveriam estar em harmonia no corpo físico.

Aqueles que nascem com deformidades físicas são, geralmente, o resultado final de pensamento distorcido. Pois o pensamento distorcido induz um sistema esquelético distorcido. Aqueles que estão desfigurados são aqueles que não demonstraram vergonha.

Podes considerar as doenças classificadas pelo homem como cármicas — embora, na realidade, todas as doenças o sejam. As que provêm de outras vidas e produzem as disrupções mais severas no corpo físico centram-se no sistema endócrino. Aquele que se envolveu seriamente em práticas de feitiçaria, desejando apenas dominar os outros, será

dominado e terá problemas no sistema endócrino. Aqueles que sentem vergonha, culpa ou humilhação em relação ao corpo físico ou ao ato natural da união física terão problemas nos órgãos reprodutores. Aqueles que veneram excessivamente o poder do corpo regressarão a um corpo fraco e doente.

Observa as doenças da mente. As doenças mentais são exemplos clássicos de expressão de egoísmo. Pois todas as doenças mentais, mesmo as consideradas orgânicas, têm origem no pensamento exclusivo em si próprio: eu, eu, eu; primeiro, primeiro, primeiro. Quando o eu pensa apenas em si mesmo, volta-se para dentro e começa a destruir-se, até que a mente se torna confusa e desorientada, e a composição química do sangue e a estrutura orgânica do cérebro se alteram temporariamente. A chave para a cura de todas as doenças é pôr o eu de lado.

Poderíamos continuar indefinidamente, pois o homem pensa nas doenças como algo que o atinge de forma injusta. Mas deveis compreender que nunca houve uma doença física no registo de qualquer entidade que não tivesse sido justa e perfeitamente merecida.

Pergunta: Porque sofre o homem de doenças físicas?

O homem escolhe sofrer doenças físicas, porque, consciente ou inconscientemente, separa-se do amor de Deus. Sabei que o vosso Deus é puro amor. É um Deus que dá. É um Deus alegre. É um Deus caloroso e amigável. Ouvis aqueles que falam da ira de Deus e do medo de Deus — e a esses dai a vossa compaixão, pois o vosso Deus não conhece a ira. E se temêsseis o vosso Deus, produziríeis uma doença física no vosso corpo que provavelmente começaria como diabetes. Reverenciar Deus, sim; temê-Lo, não. É a escolha do homem quanto ao seu pensamento que lhe causa doença.

Comentário: Obrigado, não temos mais perguntas.

Então, por favor, despertai este corpo físico, pois terminámos.

SOBRE A CRIAÇÃO E O PROPÓSITO DA VIDA

Pergunta: Qual é o propósito da vida?

A vida, tal como a conheceis, pode ser considerada uma oportunidade, uma escola, para aprender, para regressar àquilo de onde viestes, à Divindade, entendeis?

Pergunta: Poderíeis desenvolver um pouco mais essa ideia?

Já te demos o propósito da vida.

Pergunta: Como pode esse propósito ser melhor alcançado?

Nesta dimensão, e apenas nesta dimensão, existe aquilo a que chamais emoção. Pois não há outro aspeto da consciência divina onde as emoções se manifestem. Se considerardes o vosso Deus como uma força simultaneamente benevolente e passiva, isso ajudar-vos-á a obter uma compreensão mais clara, pois, vede, Deus e a força de Deus são puros. Não há lugar para inveja, malícia, ciúme, ódio, luxúria, ganância ou indiferença, porque Deus é amor puro.

No cumprimento do propósito da vida, cada entidade deve aprender que a conquista da Consciência Crística, a conquista do amor, é o único caminho a seguir para regressar à Divindade. Qualquer excesso de emoção — sem exceções, exceto a Consciência Crística — é pecaminoso e prejudicial ao bem-estar da entidade.

Quando uma entidade consegue aprender a amar com iguais medidas de compreensão, aceitação e compaixão, de tal modo que aquele que aparenta ser o autor dos crimes mais hediondos, o assassino, é colocado no mesmo nível que Jesus e outros que alcançaram a Consciência Crística, então o propósito da vida terá sido cumprido para essa entidade, e haverá um regresso direto àquilo de onde ela veio. Pois a entidade será autorizada a entrar noutras dimensões para aprendizagem adicional, entendeis?

Pergunta: Então, esta dimensão — a aprendizagem da capacidade de amar — pode ser considerada uma parte fundamental do propósito da vida. Está correto?

É o único propósito da vida. Não existe outro. Pois aqueles que vivem uma vida e não aprendem o verdadeiro significado e sentimento do amor nada ganharam. É uma vida desperdiçada, entendeis?

Pergunta: Como pode este verdadeiro sentimento de amor ser experienciado por aqueles que se encontram nesta dimensão?

Já respondestes à vossa própria pergunta ao aprenderdes a entrar no Santo dos Santos, aquilo que é conhecido como meditação, ou a linguagem do inconsciente através dos sonhos, para tocar o vosso eu interior, o Eu Superior, e aqueles que vos ajudariam se apenas pedísseis. É importante que a mente da entidade esteja centrada no amor, pois muitas vezes uma entidade partilhou uma refeição com um anjo sem o saber. E, no entanto, esse anjo estava lá para responder à necessidade da entidade, para que esta adquirisse a sabedoria do amor, entendeis?

Pergunta: Para além do propósito básico da vida, os indivíduos têm tarefas específicas a desempenhar?

Existem entidades que desenvolveram certos talentos, entidades que desenvolveram certos impulsos e influências, e estes podem ser tão diversos quanto o número de entidades existentes. Mas, na verdade, isso é de pouca importância, pois pouco importa o que a entidade faça nesta vida física se o propósito primeiro não for alcançado. E esse primeiro propósito só é cumprido se o teu primeiro ideal, a tua primeira aspiração, for a conquista da Divindade. Aqueles que se contentam com menos do que isso viveram uma vida incompleta, entendeis?

Pergunta: Dissestes que apenas nesta dimensão é possível experienciar emoções, se compreendi corretamente. Poderíeis explicar melhor como um indivíduo pode reconhecer a emoção do amor?

Isso é experienciado quando a entidade passa a olhar para outra entidade e a amar todas de forma igual, independentemente das suas ações ou reações. Então saberá que está no caminho para encontrar o amor, entendeis?

Pergunta: Parece-me então que a atitude que uma pessoa tem em relação aos outros é o mais importante, e que essa atitude pode conduzir ao sentimento. Está correto?

A atitude é apenas um indicador das emoções que existem no registo interior. Basicamente, está correto.

Pergunta: Nas relações com outras entidades, nas relações que temos uns com os outros, como podem os indivíduos alcançar este sentimento de amor?

Existe apenas uma forma de receber: dar, entendeis?

Pergunta: Podeis dar-nos exemplos concretos do que são atos de amor, para que possamos usar essa informação para atingir esse objetivo?

Eliminai os pecados de que falámos; eliminai a preocupação, o ódio, a inveja, a malícia, a luxúria, a ganância, o ciúme, a vingança. Eliminai simplesmente esses pecados do vosso pensamento. Enchei o vosso ser com o aspeto do amor e procurai constantemente formas e meios de servir o vosso irmão, pois, ao fazê-lo, cometeis um ato de amor, e aquilo que dais regressa-vos na mesma medida. As perguntas tornam-se redundantes, entendeis?

Pergunta: Descobri que, por vezes, é muito difícil eliminar algo e preencher-me com um sentimento de amor. Gostaria de saber mais sobre atos específicos que possa praticar, atos de serviço. Que atos de serviço pode um indivíduo realizar? O que é um ato de serviço?

Partilhar com os outros. Existe dignidade em todo o serviço. Pouco importa o que a entidade faça, pois a lei é justa — infinitamente justa, perfeitamente justa — aquilo que fizerdes a outro, fazeis a vós mesmos.

Se deixardes que a vossa consciência, o vosso subconsciente, a vossa alma sejam o vosso guia, perguntai simplesmente a vós mesmos: “Gostaria que isto me fosse feito?” Se não, então não o façais, pois isso é apenas o Eu Superior a comunicar com o eu inferior, manifestando-se nesta dimensão como consciência, entendeis?

Pergunta: Parte do propósito da vida inclui a responsabilidade de ajudar ou auxiliar outros a alcançar o seu próprio propósito de vida.

O propósito nunca é alcançado senão de braços dados, e ninguém entra no céu que o homem conhece senão nos braços dos outros, entendeis?

Pergunta: Então, as nossas relações com os outros indivíduos são muito importantes, segundo o que estais a dizer.

Cada indivíduo é único e deve ser considerado como um indivíduo que faz parte do todo. E todos são um, pois aquilo que fazes a outro, fazes a ti mesmo. Faze aos outros atos de amor e bondade, e isso será feito a ti, e assim subirás gradualmente a escada do amor para regressares àquilo de onde te separaste conscientemente, entendeis?

Pergunta: Porque é que o propósito da vida é regressar à Divindade?

Para responder a isso, teríamos de regressar ao início. No princípio era o Verbo, e o Verbo era Deus, e a força de Deus vibrava em perfeita harmonia. Deus desejou comunhão e amizade, e os desejos de Deus são satisfeitos sem questionamento. Quando o desejo de companhia foi consumado, surgiram imediatamente as almas, tal como as conheceis. Pois

todas estavam lá no início, nenhuma se perdeu e nenhuma foi acrescentada ao longo do tempo.

Essas almas eram individuais, mas estavam plenamente conscientes da harmonia e da relação com Deus, pois poderiam ser consideradas uma força mental, de uma só mente e de um só pensamento. Contudo, algumas almas pairaram sobre dimensões onde havia manifestação de matéria. Ora, a matéria é Deus, se compreenderdes que a matéria é composta de átomos, os átomos de energia, e que energia e espírito são um, e o espírito é de Deus; logo, a matéria é Deus, mas numa vibração diferente.

Muitas almas pairaram sobre a esfera que hoje habitamos — a Terra — e testemunharam a evolução de muitas espécies e formas de vida. Desejaram experimentar a sensação, pois observaram o inseto, o animal que mais tarde se tornaria o veículo da alma, observaram o mundo vegetal a crescer, observaram as criaturas a voar, e desejaram sentir, pois testemunharam a criação e a cocriação num nível que o homem consideraria inferior, manifestado em formas físicas.

As almas, consciente e voluntariamente, expressaram um desejo cada vez mais forte de entrar na matéria, e, ao fazê-lo, separaram-se conscientemente da força divina, criando a sua própria armadilha, por assim dizer. Algumas almas que não entraram ficaram aprisionadas nas próprias rochas; outras habitaram o reino vegetal; muitas habitaram aquilo que viria a ser conhecido como homem. Muitas almas, como cocriadoras com Deus, produziram formas que hoje poderiam ser consideradas monstruosas em aparência, através da utilização do que poderia ser chamado forma-pensamento. Muitos corpos iniciais tinham cauda, escamas, penas, garras e bicos; muitos tinham uma pele mais espessa do que qualquer animal que hoje conheçais. E, ainda assim, essas almas ansiavam regressar àquilo de onde vieram.

Mas perderam de vista o caminho que haviam percorrido e ficaram aprisionadas. Muitas das almas que poderiam ser consideradas almas originais nunca entraram na carne; a maioria entrou. Algumas escolheram, no início, não experienciar sensação. Contudo, sentiram compaixão pelos seus irmãos e, conscientes da angústia daqueles que haviam cometido o ato de separação, regressaram voluntariamente a esta dimensão, habitando um corpo, com o único propósito de ensinar o caminho a seguir para regressar à origem. Essa primeira entidade, e outras que entraram mais tarde, e aquelas que entram ainda hoje por escolha, seriam conhecidas como Adão ou os seus descendentes. Alguns chamam-lhes almas originais, mas pouco importa o nome, pois esta é a razão pela qual o propósito da vida é aprender a plenitude do amor — não existe outro caminho.

No início, o corpo do homem, tal como hoje o conheceis, poderia ser considerado semelhante a um primata, vivendo sobretudo por instinto. Mas, quando a alma passou a habitar esse veículo, surgiram a memória, o raciocínio e a lógica. O homem, tal como hoje o conheceis, criou certos sistemas de aprendizagem para facilitar o regresso àquilo de onde se separou.

Aquilo que mais ajuda, e que verdadeiramente é a linguagem de Deus, é a música. Contudo, a matemática e todas as outras ciências, bem como os talentos considerados especiais, foram concebidos por diferentes almas como meios para regressar à Divindade. Isto está ao alcance de qualquer um que o escolha, pois ao homem, e apenas ao homem, foi concedida a maior das dádivas: a escolha. Outras formas de vida não possuem escolha como o homem a conhece. O homem é cocriador com Deus, pois não existe força mais poderosa nesta existência do que a vontade humana — se o homem assim o soubesse.

Aqueles que escolhem aprender a lei do amor compreendem-na de tal modo que se tornam a própria lei, e todas as coisas lhes respondem. Isto foi estabelecido por aquele que era conhecido como o Príncipe da Paz, o Messias, o Jesus que alcançara a Consciência Crística; aquele que nasceu de conceção imaculada, cuja mãe também teria nascido de Conceição Imaculada, pois tanto Ana como Maria conceberam imaculadamente — e isto é simplesmente evidência do Espírito de Deus a mover-se dentro de uma forma física para que a conceção tivesse lugar. Esta alma demonstrou a renúncia à vida física e realizou aquilo em que deveria ser posto a ênfase: a aprendizagem, e não o sofrimento; o mártir na cruz, levando a lição que tantos ignoram ou desvalorizam com facilidade, que é a ressurreição — a ressurreição — pois este é o caminho para todos os que se tornam a lei terem todas as coisas a responder-lhes e serem cocriadores com Deus, mas com consciência do conflito. Isto só pode ser alcançado através do amor, superando o pecado original. O pecado original foi o eu e o desejo do eu de experienciar a separação. É este o pecado que tem de ser superado, vês?

Pergunta: Poderíeis enunciar a lei do amor?

A lei do amor é Deus; pois Deus é amor, o amor é lei e a lei é Deus, vês?

Pergunta: Há outra forma de o dizer?

Falais de o experienciar. É simples de dizer, difícil de viver, mas simples de dizer: amar é dar; tudo o resto é tirar, vês?

Pergunta: Há mais alguma coisa que sintais que deva ser dita, neste momento, sobre o propósito da vida?

Tocaríamos no aspeto do amor e no cumprimento desse propósito, pois no princípio e no fim é o mesmo, e tudo o que está no meio é a Escola da Vida. Isto deve ser encarado como a oportunidade para superar aquilo que tem de ser superado por cada um, à sua maneira e no seu tempo. O teu primeiro dever perante Deus é pôr o eu de lado e atingir a consciência da abnegação; é aprender a amar Deus com todo o teu coração, a tua mente, o teu corpo e a tua alma. Aprende a amar-te, pois és de Deus e és Deus. Aprende a amar o teu irmão como a ti mesmo, pois ele também é de Deus e é Deus. Aprende a amar onde estás, o que estás a fazer e com quem estás. E, por fim, aprende a amar Deus com todo o teu coração, a tua mente, o teu corpo e a tua alma. Por favor, despertai este corpo físico, pois terminou.

SOBRE A MORTE E APÓS A MORTE

Pergunta: O que é a morte, tal como a conhecemos?

A morte é nascimento, tal como o entendeis. Contudo, há aqui aspetos que convém abordar e que seriam úteis a todos, pois a morte numa dimensão é nascimento noutra, e o processo é, em geral, interminável, a menos que a entidade escolha alcançar o aspeto do nascimento crístico e quebrar a corrente. Pois, vede, a alma que paira sobre a forma feminina à espera do surgimento do bebé para o habitar perde a consciência da dimensão que deixou. Nesse sentido, essa perda temporária de consciência poderia ser decretada como morte. E, no entanto, é um nascimento, não é?

Ora, quando essa entidade — essa alma — habita esse veículo, esse templo, esse corpo, durante o número de anos a que tem direito, então ocorre a morte. Morte de quê? Do corpo físico. Sim, naturalmente, e tem de ser experienciada por todos de uma forma ou de outra. Mas a consciência continua a mover-se e a entrar noutras dimensões, pois a alma pode facilmente largar esta casa de brincadeira, tal como já largou incontáveis outras casas de brincadeira no físico, vês?

A maioria teme a morte, e isso é tolo e desprovido de entendimento; ou então imagina a morte como uma figura cinzenta em esqueleto, coberta por um capuz, cercada de humidade, bolor, nevoeiro e coisas em decomposição. Na realidade, isso está muito longe da verdade, pois a morte deve ser vista mais como a face rosada de uma criança — e isto, claro, depende de como a morte é experienciada, porque a morte do corpo físico é algo individual, muito pessoal, diferente para cada entidade.

Há alguns aspetos universais que podemos tocar, mas, ainda assim, a morte é vivida como o resultado final de milhares de experiências que conduzem ao momento da morte física. Seria melhor compreender algumas funções da consciência — ou da mente — em relação à alma e à harmonia ou desarmonia que pode ser criada entre alma, mente e corpo físico.

Se a entidade no físico procurar todas as formas de expressão do amor; se praticar diligentemente a entrada no Santo dos Santos através da meditação; se fizer um estudo sério da linguagem da alma por meio do sonho; então a entidade reconhecerá que, em certos aspetos do sonho, da meditação e do sono natural, existe aquilo a que se chama a sombra da morte. Pois a consciência é posta de lado, o corpo físico funciona quase automaticamente, e, no entanto, a consciência vai a outras dimensões no sono natural, ou quando isso é induzido como forma de aumentar a consciência de Deus. Para aqueles que prepararam o seu caminho, a transição de deixar este corpo físico não é demasiado disruptiva, e a entidade tem plena consciência da continuidade da consciência.

E, para essa pessoa, o intervalo de tempo — no que diz respeito à consciência ou ao despertar — é geralmente curto. Normalmente, se houver aqueles que ajudem essas almas a atravessar, por assim dizer, e que rezem pela sua aprendizagem e envolvimento futuros, em vez de chorarem lágrimas de autocomiseração e luto, então a alma pode atravessar dentro do que chamais o oitavo dia. Há alguns tão iluminados que a alma pode passar de uma dimensão para outra com pouca dificuldade, e a transição é quase instantânea. Olhai para aqueles conhecidos como Mestres, e sobretudo para aquele que melhor conheceis como Jesus, pois essa foi uma entidade que compreendia todas as dimensões de Deus, e a transição foi tão completa que levou consigo o corpo físico, não deixando registo na Terra que pudesse ser conspurcado por aqueles que operam na forma-pensamento. É isto que se mostra na ressurreição, vês?

Todos podem aprender a fazer isto se imitarem aquilo que foi feito por aquele que foi o mestre dos mestres. Contudo, a maioria não o faz. Muitos duvidam na mente da continuidade da consciência e, por isso, passam o que o homem chamaria muito tempo naquilo que chamais a noite cinzenta da alma. Outros chamariam a isto alma perdida; outros diriam limbo.

Os que são da fé católica falariam de purgatório, pois não são lugares, mas estados da mente. O que isto significa é simplesmente que a entidade largou o corpo físico e há confusão. Há uma perda de orientação, e a entidade encontra-se envolta em névoas, não sabendo onde está; procura aqui e ali, vai para cá e para lá, mas, sobretudo, continua a querer regressar à dimensão que deixou — a vida física. Muitas almas pairam em torno da

área geográfica e física onde ocorreu o falecimento. É a isto que alguns chamariam fantasmas, vês?

Alguns estão tão enamorados da Terra que nunca olham, por assim dizer, para cima. Mas há sempre aqueles que te ajudariam: os anjos, se assim lhes quiseres chamar; aqueles que partiram antes; e há muitos com deveres específicos para ajudar estas almas perdidas, estas almas errantes, a atravessar — a procurar o feixe de luz que certamente verão se erguerem o olhar. E, ao verem esse feixe de luz, são atraídas para ele.

Com isso vem conhecimento, iluminação e a consciência de entrar noutras dimensões. Assim se experiencia o nascimento. Nascimento como bebé? Não. O nascimento nessa dimensão geralmente permite à alma assumir a forma que manteve na mente durante mais tempo.

Encontrareis muitos que falam de céu e muitos que falam de inferno, mas sabei isto: aquilo que viveis no físico — se for céu — é o mesmo que continuareis a viver quando o corpo físico for deixado. E aqueles que, cegos a si próprios, fizeram da vida um inferno, escolheram-no; ao largar o corpo físico, isso não muda, pois a vida continuará a ser inferno.

A forma como isto se dá é simples, e é melhor compreender diferentes funções, níveis e aspetos da mente. Tendes a mente consciente, a mente subconsciente e a mente super-subconsciente. Em essência, podem ser descritas assim: a mente consciente é o pequeno “Eu Sou”; a subconsciente é a mente da alma, com muitas funções. Antes de mais, a mente da alma contém o registo de tudo o que foi para aquela alma em particular. A alma contém todas as memórias; é a sede da emoção, ou a lembrança dela. Mas a alma é também responsável, nos níveis mais baixos, pelo funcionamento da forma física, pois mantém todas as funções do corpo em perfeição durante o período em que o habita. Já a super-subconsciente é o grande “Eu Sou”: a essência do próprio espírito.

Imaginemos que, na dimensão física, há alguém que é odioso, que lida com ciúme, inveja, ganância, luxúria; que é hipócrita; que julga; que condena; ou que vive qualquer outra das muitas espécies de pecado que o homem fomenta em si mesmo. Então vereis que essa entidade, ao largar o corpo físico, terá preenchido a mente da alma — a mente subconsciente — com todo o registo desses pensamentos e experiências.

E é isto que significa “não olheis para os atos dos homens, mas antes para os pensamentos dos homens”, pois há atos que parecem amorosos, bondosos e generosos, mas são apenas expressões de egoísmo extremo e excessivo. Aquilo que é mantido na mente consciente e alimentado à mente subconsciente, à mente da alma, torna-se o registo permanente da

entidade. E esta é a escolha que Deus te dá, porque Deus não olha para aquilo que sai da boca, mas para aquilo que está no pensamento da entidade.

O que acontece na morte física é que a mente consciente — o pequeno “Eu Sou”, a personalidade, que é uma sombra da alma — é posta de lado. Ela forma quase uma concha no éter. Então, a mente subconsciente, a mente da alma, torna-se a mente consciente. E a super-subconsciente torna-se a subconsciente. Assim, podes ver: se, nestas vidas físicas, alimentaste a alma com aspetos pecaminosos do pensar, não é lógico que, uma vez largado o corpo físico e posta de lado a mente consciente, passes a ter uma mente consciente preenchida com quê? Com a continuação daquilo que viveste — pensamento pecaminoso.

O que é necessário para essa entidade? Essa entidade encontra-se num estado de inferno ou de purgatório. Condenada por Deus? Não. Condenada por si mesma, se houver condenação. É simplesmente o caso claro de cada entidade colher exatamente aquilo que semeou. São abandonadas? Não. Ninguém é abandonado a não ser pela sua própria escolha.

Quanto tempo permanecerá cada entidade nesse estado de purgatório? Depende do que pensou. Algumas poderiam permanecer nesse estado o que o homem chamaria mil anos, e outras apenas instantes. Mas existem outras dimensões e outras aprendizagens, pois a vida é um envolvimento contínuo. O que tens de aprender? A mesma coisa de que te separaste no início: tens de aprender o amor. Não há outra lei; todas as outras são formas de pensamento desejoso do homem para evitar a verdade de que existe apenas uma lei — a lei do amor.

Se essa pessoa encheu a vida de amor e tocou aquilo que é divino, então a travessia será relativamente fácil, relativamente simples. O que acontecerá é que a entidade verá muitas mãos estendidas para a ajudar. E quem são essas mãos? Na maior parte das vezes, são aqueles que a precederam na morte física. Muitas vezes, são aqueles que não entraram no físico neste tempo. E deveis compreender que, quando entrais nesses níveis de consciência que conquistastes para aprendizagem ulterior, lá também constroem casas, jogam jogos, falam uns com os outros — são como vós aqui, apenas numa vibração mais elevada.

Mas, se fosses ainda mais iluminado, então o que farias? Encontrarias que existe um sentimento supremo de amor ao qual pertences. Pois um fundir-se-ia com o outro, e isto é ainda outra dimensão. Então aquilo que, na Terra, é conhecido como os aspetos sexuais do masculino e do feminino é posto de lado, e resta apenas um estado de ser. Ser o quê? Ser amoroso,

ser bondoso, reconhecendo, ainda assim, a individualidade de cada entidade. Mas a fusão é quase como flutuar através, como uma película de gaze a flutuar através de outra película de gaze. E o que é sentido? Sente-se muito literalmente, porque o que ali existe é amor.

Se essas entidades viajassem ainda mais longe, poderiam ir talvez para aquilo a que o homem chamaria Septimus, ou Arcturus, ou outras dimensões onde haveria mais aprendizagem, mais oportunidades.

A morte é algo individual. A morte é uma experiência pessoal para todos e, para aqueles que tiram a própria vida, seguir-se-ia uma vida de inferno, pois haveria extrema confusão, se escolhessem procurar o termo de faces rosadas, porque foram cobardes e recusaram enfrentar e acolher as oportunidades na carne. E sabei isto: aquilo que se faz na carne, as recompensas que se ganham na carne, têm de ser enfrentadas na carne, porque não podem ser enfrentadas de outra forma. Esta dimensão a que chamais Terra oferece mais oportunidades de envolvimento da alma do que qualquer outra dimensão, vês?

Pergunta: Uma entidade, em algum sentido, chega alguma vez a morrer?

A menos que o escolha por si mesma, nunca. Mas uma entidade pode escolher não existir, e essa entidade perde toda a consciência da sua existência — não porque Deus a tenha rejeitado, mas porque a própria entidade escolheu pôr-se de lado, vês?

Pergunta: É isso aquilo que é conhecido como uma espécie de banimento imposto a si mesmo?

O eu bane o eu. Deus nunca o faria, pois Deus nunca baniria ninguém. Deus veria até o assassino mais vil como nada mais do que uma extensão do amor que se desviou, vês?

Pergunta: Porque é que a morte existe?

Porque, no princípio, quando as almas entraram no corpo físico para experienciar sensação, perderam a consciência daquilo de onde tinham vindo. Agora, compreende: ao entrar a alma nesses corpos de carne, a vida continuava a evoluir; na verdade, várias formas de vida evoluíam — certas criaturas, certas aves, certos insetos, certos peixes e certas criaturas semelhantes ao homem. Então as almas entraram e criaram aquilo que viria a ser conhecido como as cinco raças em cinco partes diferentes do mundo. Fizeram-no com consciência, mas gradualmente perderam essa consciência.

Ora, o nascimento é, na realidade, uma morte, pois para a alma entrar na forma física, o processo tem de ser invertido. Portanto, o corpo físico tem de perecer, tem de morrer.

Quanto ao corpo físico e ao momento em que tem de perecer, isso está em proporção direta com o registo da alma, pois — seja isso compreendido ou não, aceite ou não — toda a doença física é o resultado final do pecado. Aquele que peca mais adoecerá mais. Aquele que adoece mais morrerá fisicamente mais depressa.

Mas deves compreender que, se uma alma iluminada — verdadeiramente iluminada — entrasse numa forma física, poderia sustentar a vida nessa forma física para sempre. Não por algum tempo, mas para sempre, pois essa entidade não necessitaria de alimento como o conheceis, nem sequer de uma gota de água como a conheceis, e esse corpo estaria, de facto, em perfeita saúde para sempre. Contudo, são poucas as almas iluminadas. Há as que se desenvolvem e as que procuram, e quem procura encontra; quem pede recebe; e devem sempre aspirar para cima.

Pois sabei: quando a mente se enche de pecado, produz tensões físicas. A duração média da vida do homem deveria ser, aproximadamente, entre 120 e 140 anos, segundo a vossa contagem do tempo.

Há quem clame: Matusalém, Matusalém, do Bom Livro, pois ele teria vivido 900 anos; mas sabei que, no tempo de Matusalém, o tempo não era contado como agora, pois então dez anos seriam contados como hoje se conta um ano. Matusalém viveu, na verdade, menos de 90 anos. A sério? Nada mau para o homem, pois não são muitos os que lá chegam. E os que lá chegam — quer isso se acredite, quer se aceite, quer não — são aqueles que estão mais em harmonia com o aspeto espiritual do amor de Deus.

São aqueles que usam os seus poderes criativos, as forças da mente que ligam à própria Divindade, de forma construtiva e não destrutiva. Não gastam tempo a falar de condenação de si mesmos ou de outros. Não gastam tempo a pecar, pois procuram constantemente criar de modo construtivo. Procuram, assim, emular Deus. Consequentemente, o seu corpo está sujeito a menos pensamento pecaminoso. Consequentemente, esse corpo físico tende a viver mais tempo.

Isto não significa que não existam diferenças genéticas numa forma física, pois não há um corpo exatamente igual a outro. Mas sabei: aquele que mais o merece escolherá, geralmente, uma forma física mais perfeita e em harmonia com aquilo que lhe é devido. Há exceções: há muitos corpos deformados habitados por uma alma amorosa e bondosa. Essa alma

amorosa e bondosa simplesmente aceita esse handicap, por assim dizer, para aprender as lições da alma de forma mais fácil e rápida.

Pois é mais fácil ser humilde se o corpo estiver torcido ou deformado. É mais fácil quando se está constantemente a olhar para cima, para outro. Já aqueles que são belos e graciosos de corpo, são-no porque o ganharam; mas, se mantiverem a atitude de se considerarem perfeitos em si mesmos e fizerem o que fazem por vaidade e auto-glorificação, em vez de o fazerem para a glorificação do seu Deus, então podes ter a certeza de que aqueles que desperdiçaram a sua beleza acabarão por se tornar feios. Terão algo que não é agradável de contemplar.

A lei de Deus é exata, mas cada um faz a si mesmo aquilo que faz, pois ninguém o faz a outro. Pois não é assim que funciona a lei de Deus. Isto é apenas uma regra geral, e sabei que há exceções. Os que vivem mais tempo são, geralmente, os que cometeram menos pecados, vês?

Pergunta: Há mais alguma coisa que considerais necessária — e também útil — dizer sobre o tema da morte e da vida após a morte?

Diríamos simplesmente a todos: sabei que aquilo com que encheis a vossa mente é aquilo que sois. É aquilo em que vos tornais. E pouco importa se estais no corpo físico ou noutras dimensões. Por isso, sede cuidadosos com aquilo que pensais, antes de mais, porque os pensamentos são reais, tão reais como qualquer coisa que conheçais. Aquilo que pensais é aquilo que sois.

Pensai pensamentos de dar e de perdoar. Pensai pensamentos de amor, pois quem vive uma vida e não aprende a amar vive uma vida desperdiçada. Não temais a morte, pois haverá sempre aqueles que vos ajudarão, se apenas pedirdes. Isto experiencia-se na dimensão física e noutras dimensões. Esta é a promessa de Deus: não temer a morte, pois a morte é nascimento, vês?

CARMA, LEI E GRAÇA

A sessão seguinte é uma leitura psíquica conduzida pela Sra. Irva Peterson, com o sensitivo Ross Peterson, em Laughing Gull Point, Garden, Michigan. Por favor, limpai a mente e informai-nos quando a mente estiver limpa. A mente está limpa.

Querido Senhor, por favor protegei esta entidade de todas as influências negativas, qualquer que seja a sua origem, e dai-nos as respostas que procuramos para esta mente inquisitiva, através da manifestação da verdade, da inteligência e do amor. Ámen.

Poderíeis permitir que a vossa mente vá para quem, para onde, para o quê e para quando for dirigida?

As perguntas que temos dizem todas respeito ao carma e à lei da graça, e destinam-se a estar disponíveis ao público em geral, ajudando o maior número de pessoas a promover o desenvolvimento das suas almas.

Por favor, adaptai as vossas respostas ao cumprimento desse objetivo e formulai-as ao nível de compreensão do leigo, e não do especialista.

Pergunta: Qual é a definição de carma?

A expressão mais simples do carma é esta: é a evidência da força de Deus em ação. Aquilo a que se chamaria causa e efeito; aquilo a que se chamaria retribuição; aquilo a que se chamaria compensação; aquilo que é semear exatamente aquilo que se colhe. Na sua forma mais simples, é apenas a afirmação — a definição — de que aquilo que cada entidade emite lhe é devolvido em medida exata e perfeita.

No entanto, existem muitas conceções erradas sobre o carma, e a primeira delas é a seguinte: o carma é totalmente do eu. O carma é totalmente do eu. Não é que devais algo a este ou àquele.

Não é que alguma entidade te deva isto ou aquilo. Há quem, de forma tola, tenha abandonado o seu tesouro físico esperando “legá-lo” a si mesmo, e a esses deve dar-se piedade pela sua ignorância. Pois, vede, o carma de uma experiência pode não ser o mesmo carma de outra.

Encontrareis que a personalidade, que é apenas uma sombra da alma, e uma parte do carma numa dada experiência, pode não cumprir o carma total — aquilo que é necessário para a alma regressar àquilo de onde veio. A personalidade pode ser, desta vez, a de alguém expansivo, sorridente, gregário, cheio de espírito e humor. Contudo, a alma pode escolher outro momento para regressar e responder a outras necessidades do carma, e

então, ao nível da personalidade, parecer um obtuso, alguém sem brilho, com pouca compaixão ou compreensão.

Mas compreende: é a mesma alma a expressar-se de maneira diferente, para que possa enfrentar todas as injustiças do eu que semeou em existências anteriores, desde a primeira entrada.

E deveis compreender também que uma alma paira sobre a mãe, sobre o pai, antes de entrar. A mãe tem o seu próprio carma ou registo — o que significa simplesmente que, naquele ponto no tempo, ela é a soma de tudo aquilo que foi, viu ou fez.

Isto é igualmente verdade em relação ao pai físico. E esta alma que habitará o veículo que é trazido à vida — o bebé — terá necessariamente de assumir parte do que poderia ser considerado o carma da mãe e o carma do pai. Isso diz respeito ao ambiente, ao período ou momento no tempo, à vida doméstica e, em certa medida, à própria fisionomia do bebé, vês.

Nada se perde, nem um iota nem um til. E o carma regista-se ao nível do pensamento, não tanto ao nível dos atos, pois muitos motivos por detrás dos atos são exemplos clássicos de expressão de egoísmo. Aquilo que é mantido na mente é aquilo em que a entidade se torna, e aquilo que temes ou aquilo que odeias é aquilo em que te tornas. É simplesmente a balança da justiça a oscilar de um extremo ao outro em perfeito equilíbrio.

A outra conceção errada — ou, por assim dizer, a natureza da criatura, ou do homem — é que o carma é um fardo a carregar, um peso sobre os ombros, uma carga a suportar. E, em certa medida, aqueles que habitam a forma física têm qualidades pecaminosas que ainda têm de ser enfrentadas. Contudo, esta expressão, a vida física, oferece mais oportunidades para o eu encontrar o eu do que qualquer outra dimensão que seja de Deus. E há também recompensas: aquele que sofre longamente, aquele que perdoa, é aquele que não sofrerá e será perdoado, pois o carma é o perfeito equilíbrio da força de Deus em ação.

Ora, o vosso Deus é puro na essência e define-se simplesmente como amor. Contudo, para a expressão do carma, é melhor considerar a força de Deus como simultaneamente benevolente e passiva: um Deus tão amoroso que vos daria a maior das dádivas e vos deixaria comandar os mais fortes poderes.

A maior das dádivas seria a tua escolha, pois cada entidade, acima de tudo, tem escolha; e aquilo que hoje produz o velho trémulo é ainda o filho de amanhã. E o mais forte dos poderes é o poder da vontade, pois, em essência, literalmente, não há poder mais forte em toda a existência. Cada

entidade, em proporção direta com a quantidade de fé que tem como parte do seu registo, pode pôr o carma de lado através da ação da vontade, querendo, acima de tudo, estar com a Divindade em plena harmonia.

Aquilo que aplicas ao outro é aquilo que aplicas a ti mesmo. Uma explicação mais simples da forma como o carma funciona é, de novo, compreender que os pensamentos são reais — tão reais como qualquer coisa que possas conhecer.

Tão reais como qualquer coisa que possas conhecer. E aquilo que pensas do outro é pensado de ti. Em essência, em diferentes níveis, todas as mentes estão ligadas entre si, e a mente é sempre a construtora, sempre a mestra.

O carma expresso na vida física pode ser facilmente observado ao reconhecer a afirmação verdadeira de que a vida atrai vida — e isto ao nível mental. Pois, se o carma de uma entidade é regressar com conhecimento à Divindade, então essa entidade só pode ser atraída para aqueles que são de mente semelhante, e esse é o seu carma. E então isso torna-se o carma do grupo.

Há carma de cidades, de povos e de nações. Sabei que o carma de uma nação é este: qualquer nação que conquiste outra, terá, por si mesma, de ser conquistada. Aquilo que semeias é aquilo que colhes.

Isto aplica-se ao indivíduo do eu, aos povos do eu, às nações do eu. E, quanto àquilo a que chamais a lei da graça, há muitos insensatos que se enganam a si mesmos, desejando viver sob a lei da graça por uma razão simples: sob a lei da graça, tudo é contentamento, tudo é paz de espírito.

Isto é verdade, mas é apenas a atitude e a forma como a lei da graça é encarada que determina se existe verdade ou auto-engano. Pois, se olhares para aquele que conhece a lei e a compreende de tal modo que se torna a própria lei — a lei do amor — então esse vive sob a lei da graça. Agora, os insensatos desejam isto porque querem não ter problemas; mas, se observares aqueles que vivem sob esta lei, verás que têm problemas em abundância e de uma grandeza que poucos poderiam suportar — e só os suportam por viverem sob a lei da graça.

Aqueles que vivem sob a lei da graça conquistaram, com justiça, esse direito, pois perdoariam tudo. Perdoariam setenta vezes sete, se necessário. Não guardam ódio, nem inveja, nem desejo de vingança.

A luxúria foi silenciada. A avareza não faz parte do seu ser, pois olham para todos e sabem que o seu irmão é, na verdade, apenas uma extensão de si mesmos. Compreendem plenamente que a Consciência Crística e o

exercício e ato de amor, mesmo perante a paixão mais vil, são uma e a mesma força; e não condenam aquele que pratica as paixões mais vis — não condenam a criatura do Espírito de Deus — antes o amam.

Há apenas um que condenariam, os que vivem sob a lei da graça, e esse é o hipócrita, pois o hipócrita conheceria a sua indignação, mas de forma amorosa. Esta é a lei da graça, a lei do amor. Problemas — inúmeros problemas — mas a atitude é tal que a entidade não se deixa dominar por problema algum; antes se aquieta, entra no Santo dos Santos, na meditação, e escuta aqueles que orientam, guiam, aconselham e inspiram aqueles com quem fez o pacto — em alguns casos, talvez, até com a própria Divindade. E, quando essa orientação é recebida, a entidade age de acordo com ela, sabendo perfeitamente que, na maior parte das vezes, a adversidade será colocada no seu caminho.

Aqueles que vivem sob a lei da graça acolhem a adversidade tão bem como acolhem a “versidade”. Entendes?

Pergunta: Por favor, dizei-nos por que existem o carma e a lei da graça.

Para isto, devemos regressar ao início, quando havia almas que pairavam em torno desta dimensão e procuravam separar-se da Divindade, dividir-se da companhia para a qual foram criadas pelo próprio Deus, vês?

Houve aquelas que ficaram presas nas rochas, nas árvores e em certas formas de animais e, ao fazê-lo, separaram-se da força divina. Assim, em essência, teve de ser criado um caminho pelo qual essas almas pudessem regressar àquilo de onde vieram. Esse caminho de perfeita justiça, perfeita compensação, ou perfeita retribuição, é o princípio ativo da força de Deus nesta e em todas as outras dimensões.

Porquê? Porque, ao separarem-se, criaram o eu — não como companheiro, nem como cocriador, nem como parte do corpo, como um corpúsculo no corpo de Deus — mas como eu. E o eu é, naturalmente, o único pecado, porque o eu foi criado pela escolha e pela ação da alma ao querer entrar nesta dimensão. O eu tem de regressar a si mesmo pondo o eu de lado, mas enfrentando todos os aspetos do eu.

Deus não julgaria ninguém, Deus não daria a ninguém vantagem ou desvantagem; Deus daria a todos a oportunidade de produzirem as suas próprias vantagens ou desvantagens. E, assim, quer uma entidade o saiba ou não, esteja consciente disso ou não, todas estão a tentar regressar à Divindade. Algumas fazem-no manifestando aspetos destrutivos da força de Deus, outras aspetos construtivos.

Este foi um caminho criado por Deus para que a escolha e a vontade pudessem ser usadas no regresso à origem.

Pergunta: Poderíeis dar-nos alguns exemplos de figuras históricas que escolheram tanto o caminho destrutivo como o caminho construtivo?

Há nobres que conhecemos neste tempo e noutros tempos, registados pela história. Um exemplo bem conhecido é o romano que tocava enquanto Roma ardia: Nero. Esse era alguém que olhava para todos os homens com desprezo e os usava.

Fez com que muitos ficassem paralisados e imobilizados pelo medo e pelo ódio. Nero não está na carne neste tempo, mas num tempo recente a entidade nasceu num corpo certamente imperfeito no seu funcionamento, pois estava assolado pela imobilidade, paralisia e paralisia parcial.

Só pelo discernimento do olhar se podia perceber que, por baixo disso, havia um apelo implorante por amor.

Se olhardes para o vosso tempo, há aqueles conhecidos como porta-vozes dos anjos, os evangelistas. Mesmo agora, o médium que transporta as mensagens, no vosso tempo, do loiro de cabelos claros — Graham é o nome — está a responder perante si mesmo a uma vida de extremos.

Nesta vida, a entidade é tida como elevadíssima pela sua piedade, honestidade e forte desejo de conhecer e colocar Deus em primeiro lugar. E, no entanto, em eras passadas a entidade também foi considerada elevadíssima. Mas, no tempo de Cristo, a entidade era legionário e responsável por cruzes, crucificando milhares e milhares de cristãos.

São a mesma entidade. Deveis compreender que aquilo que se vive numa vida tem de ser medido a si mesmo noutra vida, e um extremo produz simplesmente o extremo oposto, até que, por fim, haja moderação em todas as coisas, exceto no desejo de alcançar a Consciência Crística.

Se encontrares aqueles que odiariam o leproso, então essa entidade regressará desfigurada.

Encontrarás muitos racistas que foram espancados até à morte ou subjugados a uma posição baixa por alguém de outra raça. Encontrarás muitas mães que não cuidaram dos seus filhos e que agora seriam elas próprias o filho. Deveis compreender que, na forma física, a doença ou a saúde é criada por aquilo que faz parte do registo da entidade.

Se observares um epilético, observas, na maior parte das vezes, alguém que alimentou gratificações sexuais excessivas. Se vires alguém

confuso quanto à identidade sexual do que é nesta existência, é geralmente porque condenou tais entidades noutras vidas.

E, se olhardes para todos os líderes proeminentes das nações do mundo neste tempo, sabei que, sem exceção, cada um foi atlante e líder, e muitos se perderam nessa experiência, e agora apenas criam outra oportunidade, porque se desenvolvem condições para que possam enfrentar aquilo que têm de enfrentar.

Assim, a balança da justiça tem de oscilar. Olhai para o pequeno que falava com voz alta e perseguiu o hebreu até ao ponto da morte física: o hitita encarnado que se chamou Hitler.

Pensais que ele semeou sementes para menos de mil vidas como judeu? Não; pensamos que não, vês?

Explicaríamos ainda mais o carma e a lei da graça mostrando-os demonstrados no que conheceis como doenças físicas. Isto tem de ser enfrentado, pois o corpo é apenas uma extensão da mente, e a mente é parte do registo. Mas sabei: qualquer um que, totalmente e sem reservas, aceite o amor de Deus, põe todo o carma de lado, vive sob a lei da graça e irradiará saúde perfeita instantaneamente.

Olhai para aquilo que vos foi dado no mestre Jesus, que alcançou a Consciência Crística. Aquele que conheceu a lei e a compreendeu de tal modo que se tornou a própria expressão da lei. E aqueles que o aceitaram como Filho de Deus puseram o seu carma de lado e foram curados: os cegos viram, os coxos caminharam, e os possuídos por demónios recuperaram a própria sanidade. Isto é aquilo que pode ser feito por aqueles que aceitarem o amor de Deus.

Entendes? Terminámos o assunto. Obrigado. Por favor, removei agora todas as influências negativas desta entidade.

Permiti que o corpo fique completamente relaxado. Está.

Permiti que qualquer cura adicional que possa ocorrer aconteça agora.

Aquilo que podia ser aceite foi aceite. Por favor, despertai agora sentindo-vos completamente refrescados e relaxados.

SONHOS E VISÕES

A sessão seguinte é uma leitura psíquica conduzida pela Sra. Irva Peterson, com o sensitivo Ross Peterson, em Laughing Gull Point, Garden, Michigan. Por favor, limpai a mente e informai-nos quando a mente estiver limpa. A mente está limpa.

Querido Senhor, por favor protegei esta entidade de todas as influências negativas, seja qual for a sua origem, e dai-nos as respostas que procuramos para esta mente inquisitiva, através da manifestação da verdade, da inteligência e do amor. Ámen. Por favor, permiti que a vossa mente vá para quem, para onde, para o quê e para quando for dirigida.

As perguntas que temos dizem, no essencial, respeito a sonhos e visões e destinam-se a estar disponíveis ao público em geral, ajudando o maior número de pessoas a promover o desenvolvimento das suas almas. Por favor, adaptai as vossas respostas ao cumprimento deste objetivo e formulai-as a um nível de compreensão do leigo, e não do especialista.

Pergunta: O que é sonhar?

Sonhar é a linguagem da alma — a linguagem da alma que conhece todas as dimensões, conversa, comunica, faz a transferência, tal como a conheceis, de imagens mentais ou quadros.

Agora, é melhor compreender que a verbalização, ou os sentidos auditivos, são conhecidos nesta dimensão e apenas nesta dimensão. Um exemplo de como o homem usa tanto a linguagem do homem — que é a voz — como a linguagem da alma, pode ser demonstrado na arte da persuasão humana, por exemplo:

Suponhamos que existe alguém que é representante de bens, quer materiais quer da imaginação, quer intangíveis quer tangíveis; e esses bens não estão presentes com esse representante — um vendedor, diríeis.

Contudo, esse vendedor tenta transmitir a ideia do seu serviço, dos seus bens ou das suas acomodações a outro, a quem chamaria o destinatário, o cliente. Esse vendedor usa a linguagem do homem, a voz e a linguagem tal como conheceis a linguagem, a língua falada. Mas, em essência, o que é que esta entidade tenta fazer? Essa entidade tem na sua mente uma imagem do seu produto ou serviço e tenta transmitir exatamente essa mesma imagem para a mente de outro, na esperança de que o cliente venha a usufruir dos bens ou serviços oferecidos.

É através da voz — descrevendo a imagem mental na mente de um — que se espera que a imagem mental se forme exatamente do mesmo modo na mente do outro. Ora, nesta dimensão, na dimensão terrena, há muita

confusão, porque aquilo que se supõe estar na mente de um e aquilo que se supõe ter sido recebido pela mente do outro é, muitas vezes, mal-entendido. Porém, na linguagem da alma — que são estas imagens mentais e a transferência de um registo para outro, de uma mente para outra — é aí que a linguagem da alma se “fala”.

Não em palavras pronunciadas, mas na transferência de imagens mentais. Isto é o que se conhece como sonhar. O homem pensa no sonho apenas quando entra no estado de sono natural, e é aí que ele é mais profundo.

No entanto, se o homem apenas se questionasse e abrandasse os aspetos de satisfazer-se a si mesmo, descobriria que está num estado constante de sonho. É simplesmente quando a mente consciente é posta de lado, ao entrar no sono natural, que existe maior consciência do estado de sonho, ou da linguagem da alma. Ainda assim, ela é constante.

Entendes?

Pergunta: Porque sonhamos?

É assim que tocas o espírito. É assim que ocorre a comunicação entre o grande “Eu Sou” e o pequeno “Eu Sou”, e com outros, e contigo mesmo. Contudo, a função natural do sonho, quando a entidade entra no sono natural, é esta: como a mente consciente é posta de lado, os primeiros sonhos da noite são, em geral, uma revisão daquilo que foi vivido durante o dia, ou uma revisão daquilo que, naturalmente, mais preocupa a entidade naquele momento.

O sonho conterá sempre aquilo que preocupa a entidade, porque nele — muitas vezes velada em simbolismo ou em forma emblemática — está a solução para o problema que mais inquieta a entidade. E, assim, se alguém estudar a linguagem da sua alma e agir de acordo com essas soluções, encontrará que as horas de vigília se tornam muito mais agradáveis e cheias de oportunidade e contentamento, se apenas agir e reagir conforme o padrão indicado e traçado no sonho. O sonho tem, naturalmente, muitas funções.

O sonho é também o dispositivo regulador que permite ao corpo — ao corpo físico — continuar a funcionar de forma normal. O sonho é o momento em que se concede à entidade a possibilidade de deixar o corpo físico e entrar noutras dimensões, noutros reinos, para mais comunicação, mais inspiração, mais informação. O sonho é também um anunciador daquilo que há de vir, pois nada de importante aconteceu a qualquer entidade sem que ela não o tivesse sonhado antes — por vezes centenas de vezes, por vezes anos de antecedência — mas, para aqueles que

escutam, para aqueles que veem com a mente através da linguagem da alma, o sonho contém todas as respostas.

Se apenas entrares no Santo dos Santos, naquilo a que chamas meditação, sabei que, todas as noites, quando sonhais, estais também a entrar num estado de meditação. Não há mistério na arte da meditação, exceto para aqueles que se confundem com complexidades daquilo que é o direito natural de qualquer entidade — o sonho natural. O sonho dir-vos-á tudo aquilo que procurais na vida naquele tempo.

O sonho mostrar-vos-á o caminho para a Divindade. O sonho indicar-vos-á como podeis trilhar o caminho para regressar àquilo de onde viestes — a Divindade. Todas essas promessas são respondidas no sonho.

Entendes?

Pergunta: Qual é a diferença entre um sonho e uma visão?

Em geral, é a hora do dia. Em geral, as visões são vistas durante o que o homem considera horas de vigília, e os sonhos são vistos durante o que o homem considera as horas de dormir, do sono natural. Ainda assim, em essência, ambos são uma e a mesma coisa. Ambos são uma imagem da mente.

Da mente, entendes?

Pergunta: Qual é o melhor método para aprender a linguagem dos nossos sonhos e visões?

Antes de mais, o passo lógico é registar aquilo que ocorre. Depois, compreende que, à medida que começas a registar os teus sonhos, surgirá um padrão.

Esse padrão contém as chaves — as soluções — para os problemas que procuras resolver. E, novamente: sobre o que sonharás? Aquilo que te interessa. Pois compreende que aquilo que te interessa é sempre dado sob a forma de sonho, mas isso será apenas o teu primeiro interesse. Porque, em última análise, o teu propósito, o teu interesse principal, é avançar e elevar o progresso da alma, aproximando-a da Divindade.

Por isso, eventualmente, em todos os sonhos — ou em partes dos sonhos — haverá orientação espiritual. Isto, naturalmente, lida com aquilo que é sombra da alma, ou a personalidade, mas é assim que o sonho é dado a cada um. E a melhor forma de começar a aprendê-lo é entender que existem aspetos que se revelam em padrões, e pouco importa se a tua instrução é grande ou limitada. Pouco importa a tua origem cultural.

Pouco importa a cor da tua pele, ou a qual das cinco raças pertences. Pois há aspetos no estudo do sonho que serão mais ou menos universais para todos. Claro que, se estiveres profundamente preocupado com a falta ou escassez de alimento, então o teu sonho traz-te promessas de alimento.

Se estás preocupado com a falta de dinheiro, os teus sonhos trazem-te promessas de dinheiro. Se estás preocupado com a falta de companhia, os teus sonhos trazem-te promessas de companhia. Qualquer que seja a tua preocupação, aquilo que escolhes ser a tua preocupação, é aquilo a que os teus primeiros sonhos da noite indicarão uma resposta.

À medida que avanças cada vez mais para as horas crepusculares e te aproximas do despertar, esta é a parte do dia em que é mais provável teres um sonho espiritual. No centro estão os sonhos que lidam com a personalidade. O sonho espiritual pode ser aquele que seria chamado o sonho psíquico puro.

Quando há comunicação entre todos os outros níveis, a entidade desperta com um sentimento de enlevo.

Agora, se lidarmos com o segundo grande aspeto dos sonhos — a personalidade — então a universalidade manifesta-se, em parte, desta forma: ao longo da vida, o teu sonho indicará modos de atravessar a vida.

Isso, geralmente, diz respeito ao transporte. Pode ser uma carroça com um iaque, pode ser um camelo, pode ser um navio que voa pelos ares; mas tudo isto indica um caminho ao longo da vida, uma estrada a seguir — quer seja um trilho já pisado, quer seja um comboio aerodinâmico. Estas coisas indicam a forma como atravessas a vida, e o padrão mostrará como estás a vivê-la.

Podes sonhar que escavas pela terra como uma toupeira; e, se assim for, podes razoavelmente supor que estás cego a tudo o que está acima de ti. Isto é apenas um pequeno exemplo, mas existirá este conceito universal entre todos os povos, independentemente da origem, da religião, da raça, da cor, do credo, entendes?

Há muitos que pensam no corpo físico e no facto de ele estar doente ou são; e, se existe doença no corpo físico, deveis compreender que, nos bons livros, se fala do corpo como templo.

A maioria pensaria nisto como uma catedral, uma igreja ou uma sinagoga, mas esse não é o templo a que se referem os bons livros, pois o templo é o teu corpo de carne, a casa da tua alma, o lugar onde a tua alma habita. Na maior parte dos casos, se não estás excessivamente preocupado em comprar ou vender uma casa, então, se tiveres um sonho que mostre

habitações, isso dirá, na maioria das vezes, respeito a algum aspeto do corpo físico. Agora, se no teu sonho a tua principal preocupação for um aspeto de má saúde, então, quando sonhares com uma casa, certifica-te de que a inspecionas cuidadosamente no sonho, pois nela estará a resposta para a solução que elimina o desconforto sentido no corpo físico.

Também, em aspetos da consciência, se estiveres consciente de que a mente é a construtora, a mestra, e o elo com as forças criativas, muitas vezes, se a tua preocupação for o desenvolvimento da mente, essas habitações poderão referir-se, em grande medida, a níveis de consciência, níveis de perceção, níveis de desenvolvimento, vês?

Há muitos outros aspetos a considerar. Descobrirás quase sempre que, quer se trate de um nómada que vive no meio do deserto, quer de um pescador em mares tempestuosos, haverá sonhos com água; e a água é vida, é espírito em si mesma. Pois os corpos de carne que existem neste globo, neste ponto das dimensões de Deus, evoluíram todos, em tempos, a partir da água.

Isto não quer dizer que a alma tenha evoluído da água, mas todas as formas de vida, tal como as conheceis, evoluíram da água. A água é a própria essência da vida, e o teu sonho dirá respeito à vida ou ao espírito, vês?

Muitos sonharão, em certas regiões do mundo, com peixes, e isso será alimento espiritual — a menos que sejas muito obeso e precises de comer peixe para perder peso corporal.

Usa um pouco de bom senso na interpretação destas coisas. Primeiro, de novo: qual é a tua preocupação? Compreende que alguém que nunca tenha visto um peixe não sonhará com peixes; poderá sonhar com pão levedado ou ázimo, ou com um bolo inteiro, pois, para essa pessoa, isso representaria alimento espiritual. Em muitos casos, a comida nos sonhos refere-se a alimento para a alma.

Alimento para a alma. Agora, se o sonho for o de um glutão, pensas que dirá respeito à alma ou ao ato da gula? Provavelmente, ao ato da gula.

Há outros aspetos quase universais a considerar.

Qual é o teu adorno? Como te vestes? Pois descobrirás que a forma como te vestes é, geralmente, a forma como desejas ser visto pelos outros. Vestir-te-ias como um pavão ou como um mendigo? Pois é assim que desejas parecer aos outros. Há muitos sonhos em que a entidade se encontra nua.

Definição simples: medo de exposição.

Sonhas frequentemente com animais? Se assim for, a forma como, enquanto indivíduo, encaras esse animal é simplesmente uma indicação de um aspeto da tua personalidade, a sombra da tua alma. Sonhas com uma vaca a ruminar calmamente? Então, talvez o teu problema seja a indolência.

Mas vês um cão enfurecido, pronto a atacar e morder todos? Então, talvez tenhas tendência a estar demasiado irritado, a ser brusco e cáustico com a língua, a "morder" os outros, vês? És o leão preguiçoso?

Mas, ao definir estas coisas, não perguntes como outro se sentiria em relação a esses animais; pergunta-te a ti mesmo: como me sinto eu? Pois alguns podem ver os animais como caça, e outros como criaturas covardes e fugidias, vês? Isto é algo pessoal.

Há outros aspetos a considerar. E as pessoas com quem sonhas? Sabe que, na maioria dos casos, aqueles com quem sonhas são extensões de ti próprio, e a forma como sentes, pensas ou ages em relação a essas pessoas é, na realidade, a forma como vives a tua vida. E o homem é exímio em enganar-se a si mesmo, acreditando que é mais do que é, ou menos do que é.

Sonhas com coisas pequenas? Talvez então sonhes com insetos. Nem sempre, mas em muitos casos, os aspetos das aves — especialmente as de cor escura — são um prenúncio de algo que pode ser a morte física ou o fim de outro, ou de ti próprio. Sonhar com rãs a cair do céu, ou com coisas impuras.

Se te forem mostrados os teus dons, e se procurares os dons que são teus da parte de Deus, isso ser-te-á mostrado, geralmente sob a forma de nascimento. Pode ser dois ovos escondidos debaixo de uma folha, ou a imagem de uma fila de animais ou fêmeas grávidas, ou uma gravidez em ti próprio. Há aspetos de morte nos sonhos.

Alguns são literais e anunciam aquilo que está para vir. Outros são o que poderias chamar um elogio suave a ti mesmo: algo em ti morreu, algo foi eliminado, e há um novo nascimento a aproximar-se. Estes são aspetos a considerar.

Há sonhos que são puramente físicos, pois o relógio biológico de cada entidade — e da carne — bate, e, de tempos a tempos, o alarme soa; quando isso acontece, a entidade procura a companhia de alguém do sexo oposto, geralmente para a satisfação do desejo de partilha através da união física. Há também os aspetos da "égua que cavalga durante a noite", pois os pesadelos são geralmente causados — embora não sempre — pelo ato da gula. O corpo tem de trabalhar arduamente, sabei, para digerir os alimentos que nele são introduzidos.

Se as pessoas se apercebessem de quão duro trabalham para comer aquilo que experimentam como momentos de prazer através do paladar, provavelmente não comeriam tanto. Mas, geralmente, a “égua que cavalga durante a noite” é simplesmente causada por uma entidade que tem o cotovelo demasiado solto e enche o estômago até transbordar, vês?

Pergunta: Ter um período adequado de sono, como sete ou oito horas por noite, tem alguma importância na nossa capacidade de recordar os sonhos?

Compreende que, como já dissemos, todos estão num estado constante de sonho.

Agora, se a entidade for privada de sono físico — e uma certa quantidade de descanso e sono é necessária para todos — então essa entidade começará a experienciar aquilo a que o homem chama alucinação, outra palavra para visão. Aqueles que se privam do sono natural experimentam muitas alucinações. Isto também é verdade para aqueles que intoxicam fortemente o corpo com álcool ou outras drogas, pois, quando estas estão no corpo, fazem com que a visão se separe de si mesma e a entidade entra num estado de sonho enquanto parece estar em estado consciente.

Ao entrar no sono natural, podemos entrar nos níveis mais profundos do sono e não ter consciência do sonho, mas o sonho será experienciado de uma forma ou de outra. E, se encontrares aqueles que se privam do descanso natural, sabei que todos precisam de repousar, pois até o mestre Jesus se cansava da carne e procurava o conforto do tronco, a sombra do vale ou o murmúrio do ribeiro para descansar os ossos cansados. Assim, todos devem compreender que, se ele, o mestre, necessitava de descanso, então devem conceder-se o mesmo privilégio; pois, se não o fizerem, serão considerados estranhos, bizarros, loucos, dementes — e é exatamente nisso que se tornarão.

Há muitos aspetos da sanidade e da insanidade, mas muitos, através do uso de substâncias estranhas introduzidas no corpo, acabam por se levar a um estado de demência constante, vês?

Pergunta: Poderíeis explicar as sensações experienciadas por algumas pessoas, ocasionalmente, durante a meditação — como vibração e/ou uma luz ofuscante?

A luz é a luz. Muitas vezes se diz: “Viste a luz?” Compreende que o teu corpo físico, em essência, se o observares corretamente, é luz.

Compreende também que, se observares uma rocha, isso é luz. Esta luz é vista com maior clareza quando o corpo espiritual se separa do corpo físico. Isto ocorre naturalmente todas as noites, para todas as pessoas que entram no sono natural e começam a sonhar.

Há a separação do corpo espiritual do corpo físico, e o corpo espiritual percorre muitas esferas, mas desloca-se sempre, sem erro, para aqueles lugares, para aqueles aspetos da mente onde se encontra a solução para o seu problema. Essa informação é recebida e, depois, a entidade regressa ao corpo físico.

Na meditação — que é semelhante ou próxima do sono natural, mas não exatamente esse estado — quando o corpo espiritual começa a afastar-se do corpo físico, surgem, para alguns, sensações de vibração; para outros, pulsação; para outros ainda, flutuação, deriva, rotação, ou combinações destas sensações. Isto é simplesmente o início da entrada no estado de sonho.

O que está a entrar? A consciência está a separar-se. A mente procura outros níveis, pois é isto que acontece no estado de sonho, vês?

Pergunta: Existem preparações físicas particularmente benéficas que possamos praticar para melhor nos sintonizarmos com a meditação ou antes de nos deitarmos para dormir?

Antes de mais, sabei que existem exercícios de natureza oriental — como o ioga — que são muito benéficos.

Um alongamento suave, uma flexão leve do corpo, permite que o corpo seja mais facilmente posto de lado, entrando confortavelmente num estado de relaxamento. Para alguns, bastará, antes de se deitarem, tomar um pouco de água e humedecer a testa. Para outros, será melhor banhar todo o corpo em água — mas isto é uma escolha pessoal.

Para alguns, um pano húmido sobre a testa é suficiente. A limpeza física dessa parte do corpo ajuda alguns a sonhar com mais facilidade e a recordar os sonhos. Além disso, a entidade deve simplesmente repetir a afirmação antes de entrar no estado natural de sono: *“Esta noite recordarei os meus sonhos e, ao despertar, registá-los-ei.”*

Agora, mais uma vez, deves compreender que a mente da alma pode ser considerada, de certo modo, um gigante preguiçoso. Poderás ter de lhe dar umas pancadas com um pau ou de a cutucar com o pé uma ou duas vezes antes que desperte verdadeiramente e perceba que falas a sério. Então descobrirás que a tua capacidade de recordar se tornará cada vez

mais apurada a cada noite que passa e que, ao entrar e sair do estado crepuscular, muito poderá ser recordado.

Pergunta: Se formos despertados abruptamente, existe um método melhor para recuperar a lembrança dos sonhos?

Se fores despertado abruptamente, é provável que o corpo físico sinta uma ligeira dor na cabeça, uma dor de cabeça. Isto é causado por um desalinhamento entre os dois corpos. A melhor forma é simplesmente deitares-te novamente na posição horizontal, repousar a cabeça na almofada, relaxar o corpo e deixar a mente divagar; a mente centrar-se-á geralmente naquilo que foi abruptamente arrancado da memória.

Entendes?

Pergunta: Porque é que os medos parecem materializar-se nos sonhos e não no estado consciente?

Porque os medos são reprimidos no estado consciente e, no estado natural de sono, aquilo que é verdadeiro vem à superfície. O homem é, na maior parte das vezes, falso no estado de vigília, mas não no sono natural, pois os teus sonhos serão claramente verdadeiros para ti.

Entendes?

Pergunta: Porque é que algumas pessoas nunca, ou quase nunca, se recordam dos seus sonhos?

Porque escolhem não o fazer.

Entendes?

Pergunta: Há algo mais, relativamente ao tema dos sonhos e das visões, que considerais benéfico para muitos saberem?

Compreende que existe um sonho que pode ser continuado e que, na maioria das vezes, é continuado, haja ou não consciência disso, como comunicação entre dimensões. Sonha os teus sonhos e vê as tuas visões, pois esta é a forma mais segura de cada um avançar no desenvolvimento da sua alma. Os teus sonhos serão uma bênção para ti, se os permitires.

Entendes?

Terminámos. Por favor, despertai na forma física. Obrigado.

Por favor, removei agora todas as influências negativas desta entidade.
Feito.
Permiti que o corpo fique completamente relaxado.
Está.

Permiti que qualquer cura adicional que possa ocorrer aconteça agora. Agradecemos-Te, agradecemos-Te a todos.

Por favor, despertai agora sentindo-vos completamente renovados e relaxados.

LAR

A sessão que se segue é uma leitura psíquica conduzida pela Sra. Irva Peterson com o sensível Ross Peterson, em Laughing Gull Point, Garden, Michigan. Por favor, limpem a mente e informem-nos quando a mente estiver limpa. A mente está limpa.

Querido Senhor, por favor protege esta entidade de todas as influências negativas, independentemente da sua origem, e concede-nos as respostas que procuramos desta mente inquisitiva através da manifestação da verdade, da inteligência e do amor. Ámen. Permitirias que a tua mente fosse para quem, para onde, para o quê e para quando for orientada.

As perguntas que temos dizem basicamente respeito ao lar, ao casamento e aos filhos, e foram concebidas para estarem acessíveis ao público em geral, ajudando o maior número possível de pessoas no progresso do desenvolvimento das suas almas. Por favor, adapta as tuas respostas ao cumprimento deste objetivo e formula-as de modo a serem compreendidas pelo leigo, e não pelo especialista. O que constitui um lar? Sabei que uma tenda, um wigwam, uma casa, um castelo ou um *pastelus* não são um lar.

Um lar não é um local de habitação. Um lar é muito mais do que um lugar para comer, dormir ou descansar. Mais do que tudo, um lar deve ser definido como uma atitude mental.

Um lar deve ser uma atitude em que as portas, em todos os lados, estão abertas a quem quiser entrar. Um lar é uma atitude tal que aqueles que nele entram experimentam uma sensação de conforto, um sentimento de pertença, um sentimento de amor. Aqueles que não abrem as portas da sua casa não têm senão uma casa, pois, na essência, não têm verdadeiramente um lar.

Um lar, mais do que qualquer outra coisa, é o resultado final da tendência e do desejo de uma ou mais pessoas de serem semelhantes a Deus, de serem muito generosas e muito perdoadoras. Há muitos lares que acolheram aquilo que se poderia chamar uma alma perdida. Mesmo quando aqueles que estavam fisicamente presentes no lar não se aperceberam desse acolhimento; mas sabei que, tal como os vossos pensamentos são

reais, se os que habitam a casa têm a atitude de criar um lar amoroso, esses pensamentos, enquanto vibrações, permeiam as próprias paredes.

Poderíeis comprovar isto por vós próprios, se assim o quisésseis. Entrai num local onde se presta culto a Deus, qualquer igreja, e na maioria dos casos existe um silêncio reverente, uma sensação de bem-estar. Isto independe da denominação da igreja ou da religião em que entrais.

Para alguns, a igreja poderá ser uma clareira tranquila, mas, ainda assim, se houver verdadeiro culto a Deus nesse local, senti-lo-eis. Mesmo que fôsseis cegos, os vossos sentidos permitir-vos-iam sentir conforto e consolo. Do mesmo modo, poderíeis deixar o corpo físico entrar num asilo onde estão os dementes, ou num local onde muitos se encontram confinados, numa masmorra, por assim dizer.

E mesmo que as vossas narinas estivessem tapadas e não pudésseis cheirar, os vossos ouvidos tapados e não pudésseis ouvir, os vossos olhos cobertos e não pudésseis ver, e não tocásseis em nada nem provásseis qualquer sabor, ainda assim sentiríeis a atmosfera devido aos pensamentos que impregnaram as próprias paredes desse local. Acima de tudo, fazei do vosso lar um ponto de encontro onde cada um possa partilhar amor, onde cada um possa praticar a arte do amor fraterno, onde cada um faça ao outro aquilo que gostaria que lhe fosse feito. Há lares que chegaram mesmo a ser visitados por anjos, e os que lá viviam não se aperceberam disso, porque estavam confortáveis consigo mesmos, uns com os outros e com todos os demais.

Um lar é uma atitude de amor.
P. Qual é o propósito de um lar?
R. Criar uma atitude de amor.
P. A vida comunitária tem algum valor benéfico?
R. Isto deveria ser uma questão de indiferença.

Depende de como aqueles que vivem na comunidade se comportam nas suas relações e associações. A poligamia, tal como por vezes é praticada nesses grupos, é geralmente o resultado do desejo humano de satisfazer a luxúria e a vaidade. Observai o ganso, se quiserdes ver um exemplo extremo.

O ganso acasala para toda a vida e, se um dos dois morrer, o outro recusa-se a acasalar novamente durante o resto da sua vida física, a menos que o homem intervenha e o force a fazê-lo. E aqueles que intervêm e forçam o ganso a acasalar de novo apenas o obrigam a fazer aquilo que eles próprios fariam para satisfazer as suas necessidades egoístas. Viver numa comunidade pode oferecer-vos mais oportunidades para

compreender que nem todas as dívidas cármicas são entre pessoas, mas que as associações também constituem oportunidades desse tipo.

Mas, em grande medida, será uma questão de indiferença, exceto se cada membro da comunidade for totalmente altruísta; então veríeis o padrão de Deus vivido no lar. Contudo, a maioria ilude-se pensando que é semelhante a Deus e nega os aspetos dos sentimentos e das emoções, acreditando assim numa perfeição que poderia existir no ideal do comunismo, mas que normalmente não funciona na dimensão terrena. Porquê? Simplesmente por causa do egoísmo humano e do pecado do eu. Vejamos: o que é o casamento?

O casamento é a maior oportunidade que cada um tem, enquanto está na carne, de se encontrar a si próprio.

O casamento tem um potencial ilimitado para criar situações em que cada um pode encontrar-se consigo mesmo, superar as desigualdades do eu e, assim, alcançar a unificação. O casamento ideal cumpre o seu propósito se cada um se mantiver como um pilar autónomo, construído em direção ao ideal ou à aspiração da própria divindade. Pois, se ambos tiverem a mesma ideia, o mesmo ideal e a mesma aspiração, cada um considerará a sua permanência na dimensão terrena como uma oportunidade de viver consigo mesmo e com os outros.

Cada um deve ser como esse pilar, erguido, permanecendo sem vergonha perante o seu Deus, olhando sempre para cima, mas também servindo de apoio ao outro, se necessário, em tempos de dúvida ou desânimo. Cada um deve encorajar e inspirar o outro a ser aquilo que pode ser. Cada um deve ser amorosamente indiferente aos talentos, forças ou fraquezas do outro.

Cada um deve ser um suporte para o outro. Diz-se que todos os casamentos são feitos no céu. Isto é literalmente verdade, se se compreender o significado pleno.

Pois o céu deve ser definido como um estado de espírito, um estado de consciência. Não há casamentos imperfeitos, apenas aqueles que parecem sê-lo momentaneamente. Diz-se que o semelhante atrai o semelhante, e também que os opostos se atraem.

Embora estas afirmações pareçam contraditórias, ambas são verdadeiras. O semelhante atrai o semelhante no sentido correto: estes casamentos perfeitos ou imperfeitos, conforme a perspetiva, significam simplesmente que ninguém consegue permanecer casado por muito tempo com alguém que seja espiritualmente melhor ou pior do que si, no que diz respeito ao crescimento espiritual e ao desejo de alcançar a divindade do

amor. Na realidade, em qualquer nível, os cônjuges serão opostos, considerados como a sombra da alma ou da personalidade.

Se um for perdoador, o outro será menos perdoador. Se um for paciente, o outro será impaciente. Assim, equilibram-se.

Formam uma união perfeita. As imperfeições que são facilmente visíveis a todos manifestam-se no casamento mais rapidamente do que em qualquer outra situação. Aquilo que vedes nos olhos do vosso cônjuge como forças são as vossas forças; aquilo que vedes como fraquezas no vosso cônjuge são as vossas próprias fraquezas. O casamento oferece as maiores oportunidades para reconhecer o aspeto do espírito ou da emoção, como lhe queirais chamar, e criar oportunidades nessa associação para que cada um alcance a unificação.

O casamento oferece as maiores oportunidades para o progresso da alma. Pouco importa se é o marido ou a esposa. Pois, se há um encontro, uma fusão da alma — a alma gémea — isso pertence inteiramente ao eu, exceto em casos extremos que não são relevantes para esta exposição.

Se for o homem, e houver um equilíbrio igual entre os atributos tradicionalmente considerados femininos e masculinos, então essa entidade encontrou a sua alma e uniu-se a ela. Se for a mulher, e houver quantidades iguais de atributos masculinos e femininos, então essa entidade também encontrou a sua alma e está unida a ela. As almas gémeas só podem casar com almas gémeas.

Não podem casar com alguém melhor nem pior, pois as almas gémeas representam o máximo de contentamento no que diz respeito ao casamento. Muitos sentem que são melhores do que os seus cônjuges. Contudo, na maioria dos casos, se escolhem permanecer com eles, não são melhores; são apenas opostos e iludem-se a si próprios, recusando-se a encontrar-se consigo mesmos.

O eu é o único pecado. Se alguém considerar a dissolução de uma união, deve pelo menos tentar, durante um ciclo de três luas, ser o par perfeito, o marido perfeito, a esposa perfeita, trabalhando nisso. E se, no fim dessa jornada de três luas, não houver melhoria na vossa vida, se a união não tiver progredido em direção à divindade, então, com amorosa e genuína indiferença, dissolvei a união.

Mas qualquer união dissolvida com raiva, mágoa ou tristeza é apenas uma estratégia de evasão para que cada um se recuse a enfrentar as suas próprias desigualdades do eu. Porém, se alguém provocar a dissolução dessa união e partir com pensamentos amorosos e bondosos, mas indiferente às desigualdades do eu do outro que este se recusa a enfrentar,

então essa é a forma correta de um divórcio ocorrer. No entanto, no lar onde há mais perturbações, pode dizer-se que é aí que existem as maiores oportunidades para cada um se encontrar a si próprio.

Se há aqueles que são ideais uns para os outros, o que criam? Criam um lar. Criam amor. São muito generosos.

São muito perdoados. Não condenam a si mesmos nem aos outros. São verdadeiramente guardiões dos seus irmãos, pois fazem ao próximo aquilo que gostariam que lhes fosse feito.

Eles acolhem até anjos. Vês? Qual é a melhor forma de um indivíduo atrair um par ideal? **Sendo ideal.**
Alguns indivíduos conformam-se ao parceiro no casamento apenas para manter a paz.

Qual é um método melhor para que nenhum dos parceiros assuma um papel submisso? Muitas vezes há aqueles que são considerados tolerantes quando, na realidade, são cobardes e se autocondenam. Mais uma vez, se cada um expressasse aquilo que sente, isso poderia ser útil, mas a melhor forma é que aquele que é submisso — que naturalmente se sente atraído por um tirano — compreenda que o tirano precisa do submisso e o submisso precisa do tirano. Contudo, se ambos fossem honestos consigo próprios e um com o outro, simplesmente perguntariam: o que procuras na vida? O que queres? O que desejas fazer? E, uma vez dada ao outro a consideração de perguntar pelas suas necessidades, desejos e vontades mais profundas, então cada um deveria fazer pelo outro aquilo que ajudasse a concretizar esses desejos.

Cada um deve ser um companheiro de auxílio para o outro. Isto é válido para esta situação ou para qualquer outra. Vês?
Os problemas de compatibilidade sexual são muito comuns entre casais casados.

Há algum conselho que possa ajudar os casais a ultrapassar problemas deste tipo? Ele disse compatibilidade sexual, e presumimos que se referia a incompatibilidade sexual. Na maioria dos casos, nesta parte do mundo, deparamo-nos com aquilo que é o pecado cristão: controlar as pessoas ensinando-as a temer o seu corpo, ensinando-as a sentir vergonha, culpa e humilhação em relação à sua forma física.

Ensinar vergonha, culpa e humilhação em relação ao corpo físico. O ser humano, e só o ser humano, é a única criatura que tem escolha no que respeita ao ato sexual. E o relógio biológico bate dentro de cada corpo.

E, no momento do despertar, o alarme despertará suavemente a entidade. Se a entidade tiver alguém com quem possa partilhar o corpo físico num ato de amor doador, então esse alarme deve ser atendido. Pois o poder sexual e o poder espiritual são um e o mesmo poder.

Agora, se não houver alguém com quem exista um verdadeiro laço de afeição ou amor sentido, então trata-se simplesmente de um ato de luxúria e deve ser evitado. Compreendei que, quando este impulso sexual é posto de lado por meio de uma castidade autoimposta, mesmo que temporária, essa força pode ser canalizada para atividades criativas que ajudem a promover o envolvimento da alma dessa entidade, permitindo-lhe concretizar uma das suas ideias, ideais ou aspirações. Este poder pode ser utilizado de forma extremamente construtiva.

A melhor forma que conhecemos para qualquer entidade ultrapassar a incompatibilidade é, em primeiro lugar, superar a vergonha que lhe foi ensinada em relação ao milagre que é o seu corpo. Embora isto possa ser alcançado e compreendido, será difícil para muitos. Mas se houver também aqueles que desejem conhecer-se melhor a si mesmos e um ao outro, procurem simplesmente alguma privacidade, fechem as cortinas, se necessário, fechem a porta e atirem as roupas para um canto; despojem-se dos adornos, contemplem-se a si próprios e contemplem o corpo um do outro, e os mistérios que criaram como fantasias na mente desaparecerão, pois a maioria dos corpos não é tão bela de contemplar aos olhos humanos, embora sejam perfeitos e belos na sua função divina.

Quando isto for feito, cada um deve também envolver-se honestamente num estudo sério dos costumes de natureza cultural baseados em práticas sexuais de diferentes povos em muitas regiões da dimensão terrena. A maioria ficará maravilhada, surpreendida e intrigada com a variedade de crenças, a maior parte das quais são humanas, pois acreditam apenas que são de Deus. Ou seja: se há amor, não há pecado, e isto aplica-se a qualquer combinação de sexos ou idades. Se há amor, não há pecado.

Se cada um estudasse isto e depois perguntasse a si próprio, num momento de reflexão: estarão todos estes outros condenados à perdição porque não acreditam como eu acredito? E se ouvirdes a pequena voz silenciosa que fala dentro de vós, ela dir-vos-á que, no que diz respeito à alma, isto deve ser considerado uma questão de indiferença.

P. Poderia comentar a situação em que um dos parceiros mantém relações sexuais contínuas com outra pessoa fora do casamento, afirmando conscientemente o desejo de manter ambas as relações?

R. Trata-se simplesmente de satisfação luxuriosa. A poligamia é sempre

derrotista, é sempre destrutiva no fim, quer seja a mulher a tomar vários homens, quer seja o homem a tomar várias mulheres.

É apenas auto-engano, pois é quase espiritualmente impossível amar-se a si próprio e amar muitos outros ao mesmo tempo num sentido físico. Aqueles que verdadeiramente amam todos os outros tornam-se naturalmente celibatários, não porque se imponham isso a si próprios, mas porque todo o seu propósito, todo o seu ser, o seu desejo mais forte é alcançar a divindade. E quando isso é o mais importante na mente de alguém, os desejos físicos são silenciosamente deixados de lado.

P. Se um dos parceiros deseja abster-se do ato sexual e o outro ainda o deseja, como pode este problema ser melhor resolvido pelo casal?

R. Na maioria dos casos, a cunha é introduzida devido à diferença de desejos. Este é um aspeto da oposição que é em grande parte fundado no auto-engano de um ou de ambos. No caso que ela descreveu, na maioria das situações, isto surge porque alguém utiliza o seu corpo como uma arma.

Retém-no ao outro para o controlar, para controlar a situação. E ai daqueles que controlam os outros, pois inevitavelmente terão de ser controlados. Aqueles que se recusam a responder aos impulsos físicos e a entrar na união física simplesmente como um ato físico são dignos de pena, pois não percebem que pode existir a verdadeira experiência do amor de Deus no ato sexual.

P. Os problemas financeiros são uma dificuldade muito comum, especialmente em novos casamentos, onde existem aqueles ingénuos que não compreendem que tudo o que têm de fazer é manter na mente uma oração firme quanto às quantias de dinheiro que desejam ter e aprender a ser pacientes. Nesta parte específica do mundo, onde se observa um grau excessivo de afluência, vê-se um maior grau de felicidade e contentamento?
R. Não, não se vê, pois entre as tribos das regiões mais remotas das florestas e selvas há mais contentamento e paz de espírito do que na sociedade dita afluente e cheia de dinheiro. Se a maioria deixasse de lado o desejo excessivo por dinheiro, dependendo do propósito desse dinheiro, haveria naturalmente mais tempo para permitir a entrada do amor de Deus.

P. Pode uma entidade alcançar o mesmo propósito sem um vínculo matrimonial? Não foi isso que Jesus fez.

R. Mas sabei que ele não o alcançou numa só vida. Houve trinta ou mais experiências que conduziram a essa vida em que Jesus atingiu a consciência crística. Pode ser alcançado por um só, mas, na maioria dos

casos, a entidade está simplesmente a negar a si própria oportunidades de se encontrar.

Jesus, enquanto entidade, antes dessa experiência nessa vida, encontrou-se consigo mesmo em uniões, sabeis.

Qual será o propósito da unidade familiar? Viver o padrão de Deus na dimensão terrena.

P. E qual é o propósito de ter filhos?

R. Simplesmente criar mais oportunidades para o eu se encontrar consigo mesmo.

Ter ou não ter filhos deve ser considerado uma questão de escolha. Mas aqueles que decidiram gerar, aceitando o dom de Deus e o ato da conceção, devem encarar a criança simplesmente como uma oportunidade para o progresso dessa criança, desse pai ou dessa mãe e de outros pais. A maioria dos pais comete um erro, pois falam de uma forma e vivem de outra.

E sabei que os pais que dizem algo na presença de uma criança, mas não vivem aquilo que dizem, são pais tolos e ignorantes. Pois as crianças aprendem pelo exemplo. Não aprendem por palavras ocas ou ameaças, mas pelo que é feito por aqueles que lideram e orientam.

Compreendei que aqueles que impõem ou forçam outros são tiranos, sejam eles pais ou não. Sabei que qualquer pai que seja tão ignorante — e a maioria é — ao exigir e forçar em vez de sugerir ou orientar, apenas cria tentação.

Pois aquilo que negais ao vosso filho será aquilo que ele sentirá um impulso interior para procurar. Se não deixardes o vosso filho brincar com o fogo, é provável que venha a morrer queimado. Mas se deixardes que queime os dedos de vez em quando, apenas sugerindo, guiando e orientando, mas não exigindo, então essa criança herdará também este modo de agir e transmiti-lo-á aos seus próprios filhos.

As crianças aprendem apenas pelo exemplo. Portanto, aqueles que escolhem ter uma criança no seu lar estão simplesmente a dar a si próprios a oportunidade de se tornarem melhores professores. De quem? De si próprios.

Vês? Há algum benefício para as crianças se os pais permanecerem juntos e casados quando já não existe amor na relação? A primeira coisa a fazer é os pais compreenderem que a maioria das perturbações em lares com crianças pode ser atribuída, em parte, à ignorância humana de fazer o

lar girar em torno da criança. Em vez disso, o lar deve ser criado de modo a permitir que a criança entre nele.

Em vez de, quando a criança entra, o lar passar a girar em torno dela. Isto é egoísmo. Isto é possessividade no seu grau máximo.

E, como tal, geralmente revela-se prejudicial. Aqueles que permanecem ligados pelo casamento sem amor, sendo demasiado egoístas ou ignorantes para aprender a trabalhar no sentido de aprender a amar — pois aprender a amar exige um esforço extra que a maioria não está disposta a fazer —, então esse casamento, pelo bem da criança e de todos, deveria provavelmente ser dissolvido de forma tranquila. Esta é uma ideia errada amplamente difundida.

Isto não significa que exista alguma injustiça real nesta situação. Pois não há criança que entre num corpo físico sem que, enquanto alma, pairasse sobre os corpos da mãe e do pai antes de decidir entrar, conhecendo com alguma antecedência o ambiente que seria criado. Se há dois pais com uma atitude amorosa, generosa, bondosa e fraterna, então esses dois são como um só.

A unificação pode ser alcançada no casamento. Se a unificação for atingida por ambos um para o outro no vínculo matrimonial, então as almas que entram assumem parte do carma — se assim quiserdes chamar — dos próprios pais e são mais facilmente influenciadas a demonstrar e a dar o amor de Deus aos outros. Mas aqueles que se iludem e mantêm um casamento odiado são aqueles que se enganam a si próprios.

Se esse casamento for dissolvido com raiva, hostilidade ou tristeza, então todos perdem. Se alguém decidir dissolvê-lo com amorosa indiferença, então pelo menos um ganha, e espera-se que as crianças fiquem com aquele que possui essa amorosa indiferença. Vês?
É prejudicial para o bem-estar das crianças se a mãe trabalhar fora de casa? Não importa tanto o tempo que se passa com a criança.

Neste caso, a ênfase deve ser colocada na qualidade do tempo, não na quantidade. Pois todas as mentes estão ligadas, estejam ou não os corpos físicos presentes. E se uma mãe trabalha naquilo que escolheu como vocação e ama a criança, a criança sabe que é amada, muitas vezes melhor do que o adulto.

Entendes?

Quais são as alternativas a ter filhos se um casal desejar permanecer sem filhos? Outras alternativas, se assim o desejarem, são: podem acolher

um animal no vosso lar e dar-lhe amor; podem acolher uma flor e dar-lhe amor; ou podem acolher o filho físico de outra pessoa e dar-lhe amor.

Alguns dos lares mais felizes são aqueles que decidem, enquanto casal, criar o seu próprio pequeno orfanato. Pode haver felicidade nos números. Tudo depende apenas da felicidade que existe na mente dele e dela.

Aqueles que têm infelicidade no lar e desejam ter um filho sob a ilusão de que isso trará felicidade estão profundamente enganados. Na maioria dos casos, isso cria ainda mais perturbações. Porquê? Porque os pais centram o lar na criança em vez de o centrarem nos próprios pais e permitirem que a criança entre nele.

Entendes?

Disseste que a melhor forma de um indivíduo atrair um par ideal é ser ideal. Não se pode atrair ninguém melhor nem pior. Poderias dar alguns exemplos de como uma pessoa pode fazer isso? **Melhora-te a ti próprio.**

Há algo mais que consideres útil acrescentar sobre o tema do lar, do casamento e dos filhos? Apenas reafirmamos que não existem casamentos imperfeitos, que todos os casamentos são feitos no céu. Cada um é atraído pelo outro, antes de mais, espiritualmente, embora o ser humano diga que a atração é física.

Primeiro há atração a nível espiritual, depois a nível mental e só depois a nível físico. Assim, cada um deve encarar o casamento como a maior oportunidade na dimensão terrena para aprender a amar. O que é o amor?

O amor é dar. O amor é Deus. Deus é lei. A lei é amor.

P. Por favor, desperta o corpo físico. Obrigado. Remove agora todas as influências negativas desta entidade.

R. Feito. Permite que o corpo fique completamente relaxado.
Está.

Permite que qualquer cura adicional que possa ocorrer aconteça agora. Agradecemos-te.

Por favor, desperta agora sentindo-te completamente revigorado e relaxado.

MEDITAÇÃO

A sessão que se segue é uma leitura psíquica conduzida pela Sra. Irma Peterson com o sensível Ross Peterson, em Laughing Gull Point, Garden, Michigan. Por favor, limpem a mente e informem-nos quando a mente estiver limpa. A mente está limpa.

Querido Senhor, por favor protege esta entidade de todas as influências negativas, independentemente da sua origem, e concede-nos as respostas que procuramos desta mente inquisitiva através da manifestação da verdade, da inteligência e do amor. Ámen. Permitirias que a tua mente fosse para quem, para onde, para o quê e para quando for orientada.

As perguntas que temos dizem respeito à PES (Perceção Extrassensorial) e foram concebidas para estarem acessíveis ao público em geral, ajudando o maior número possível de pessoas a prosseguir no desenvolvimento das suas almas. Por favor, adapta as tuas respostas ao cumprimento deste objetivo e formula-as de modo a serem compreendidas pelo leigo, e não apenas pelo especialista. Por favor define PES, capacidades psíquicas ou capacidades de sexto sentido.

Isto abrange um espectro bastante amplo. Pois, para Klote, sob o manto daquilo a que ela chamaria PES existem muitos sentidos — ao sexto, ao sétimo, ao oitavo e ao nono, e outros ainda. Se olhardes para isso, pode ser definido pelo ser humano como a clariaudiência, a clarividência, a imposição de mãos, ou aqueles que demonstram uma capacidade profética.

Tudo isto são manifestações de PES, ou de sexto sentido e até de sentidos adicionais. No entanto, estes pertencem à maior parte do ser da entidade, apenas não se encontram ao nível consciente. Pois, como sabeis, trata-se simplesmente de aumentar a consciência do vosso próprio papel e da relação, ou interdependência, com e em relação aos outros.

Vês? Então é verdade que todos possuímos capacidades de PES em graus variados, e que esses talentos não são verdadeiramente “extra” e permanecem de algum modo adormecidos em todos nós, à espera de redespertar? É verdade que todos os possuem e que não são “extra”. Devem ser considerados naturais, pois são simplesmente um direito de nascença de todos, e estão adormecidos. Contudo, estão adormecidos na mente daquele que pergunta.

Mas considerai a criança — falamos da criança no corpo físico que ainda não atingiu o quinto ou o sexto ano — e ela demonstrará facilmente a sua capacidade. O que acontece é que este sentido, tão natural, é em grande parte subjugado, enterrado, dominado pelo conselho de dois pais e de outros pares, como vedes. Aquilo que os pais concebem como

imaginação relativamente à ação da criança é, na realidade, uma demonstração do que chamais perceção extrassensorial, embora aqui se apresente no seu estado mais natural.

Ora, se alguém estiver disposto a desaprender aquilo que aprendeu e a confiar neste sentido — pois, embora esteja velado pelos sentidos primitivos e acompanhe o ser humano desde o princípio — pode ser desenvolvido com muita facilidade e nele se pode confiar. De facto, se não tentardes desenvolver a consciência ou os sentidos psíquicos — e entendemos que psíquico e alma são uma e a mesma coisa, pois estes sentidos psíquicos devem ser definidos como sentidos da alma — haverá pouca hipótese de alguém experimentar verdadeiro contentamento no que respeita à conquista da consciência crística.

P. É verdade que todos, em tempos, possuíamos conscientemente poderes ou capacidades, mas perdemos a consciência e/ou o uso deles? Se sim, o que causou essa perda?

R. Todos nasceram com isso.

Todos o utilizaram. De facto, primeiro teríeis de explorar o conceito de evolução, pois a evolução é um facto. O ser humano, na forma corporal semelhante à que existe agora, mas sem alma, esteve nesta dimensão durante milhões e milhões de anos antes de a alma entrar e habitar esta forma física particular.

Se olhardes para o livro que fala de Adão e Eva e afastardes os equívocos que aí existem, sabei que a história diz que Eva tomou para si a serpente e, por isso, foi expulsa do Jardim do Éden; isto explicaria o início da perda dessa capacidade. Pois, antes disso, todos os homens a utilizavam, mas utilizavam-na para satisfazer necessidades e impulsos do dia-a-dia: comunicar uns com os outros à distância, encontrar caça, água ou alimento. Essas capacidades eram usadas para satisfazer as necessidades da vida; a comunicação do amor e o esforço cooperativo de um grupo para capturar animais selvagens como alimento eram demonstrações do uso da comunicação mental.

Aqui, tudo estava como devia estar. Todos os animais possuem este sentido ainda hoje, embora o animal não tenha a capacidade de raciocinar; por isso, apoia-se naquilo a que o ser humano chama instinto. Contudo, com aquela que foi conhecida como Eva — que estava de facto no corpo físico — e naquele Jardim do Éden que se situava na antiga Pérsia, ou no que chamaríeis antiga Pérsia, Eva tocou numa força que alguns descrevem como uma serpente localizada na base da coluna, na zona do cóccix; outros chamar-lhe-iam Kundalini. Eva, enquanto entidade, fixou longamente o olhar

nessa serpente, fazendo-a elevar-se e subir pela haste no corpo físico, abrindo todos os centros.

A haste no corpo físico é o sistema endócrino. Todos esses centros foram abertos simplesmente por um comando ou direção da vontade, e Eva, enquanto entidade, usou isso para obter poder, controlo ou domínio sobre os outros — e nisso pecou. A partir desse ponto, tornou-se um assunto temido, em vez de ser aquilo que deveria ser, e assim foi transmitido através dos tempos, geração após geração, de pai para filho e de mãe para filha: que não se deve confiar nisso.

Contudo, sendo natural, tem de emergir em certas pessoas e em certos momentos para ser utilizado, pois é tão natural como respirar, e é o método pelo qual a comunicação funciona com aqueles a quem ela chamaria em tempo de stress. Pois, sem perceção extrassensorial, que hipótese haveria de comunicar com o nosso anjo? Nenhuma. E, no entanto, pode ser direcionada para outros caminhos, para outras entidades, no corpo ou fora do corpo — faz pouca diferença — pois a mente não conhece limites; e se pensardes na estrela mais distante, o vosso pensamento está lá imediatamente.

P. Muito provavelmente, voltaremos a chegar ao ponto em que todos usamos comunicação de mente para mente?

R. Há muita experimentação a decorrer nas principais sociedades do mundo que demonstram um certo grau de afluência material. Nesse estudo, naturalmente, terá de haver uma consciência cada vez maior deste conjunto básico de sentidos existentes; e assim será primeiro o cientista que tentará captar, analisar, dirigir e desenvolver estes sentidos. Mas, por esta via de aprendizagem e procura, surgirá uma maior consciência da relação do ser humano com Deus — e assim deve ser.

Quando isto acontecer, as dificuldades e confrontos que existem agora entre o cientista, o psicólogo e o ministro derreter-se-ão como neve sob o zénite do sol; e todos deixarão de lado as suas pequenas diferenças, demonstradas na satisfação própria através da expressão do ego, e descobrirão, em silêncio, que todos têm dito exatamente a mesma coisa, apenas usando a sua própria terminologia. A semântica deixará de separar estas entidades, à medida que se desenvolve cada vez mais exploração.

P. Qual é o melhor método, ou métodos, para desenvolver ou despertar a nossa PES?

R. A prática diária de meditação e a aprendizagem da linguagem da alma através dos sonhos.

Lede todo o livro do Apocalipse na Bíblia e sabei que a base do que aí é dado foi vivida num sonho ou numa visão. As visões serão acolhidas e materializadas na meditação. O sonho acontece quando entrais no estado natural de sono.

Uma ou ambas estas vias seriam extremamente úteis e a forma mais segura de desenvolver aquilo a que chamais perceção extrassensorial.

P. Existem técnicas ou jogos de PES que seja melhor evitar e, em caso afirmativo, que tipos e porquê?

R. Aqueles que permitam que outra entidade tome conta do templo, do corpo físico. Há o uso do pêndulo, a escrita automática, o tabuleiro Ouija e outros jogos semelhantes, que permitem que a mente consciente se aquiete, mas apenas até um ponto em que ocorram movimentos involuntários desses objetos, trazendo mensagens.

São perigosos se usados em excesso. Se usados com moderação como forma de jogo, de aprendizagem e de leve contacto com os registos mais íntimos do subconsciente e do super-subconsciente, então não há crime nisso. Mas aqueles que são excessivos no uso destes objetos aprendem a deixar-se abertos, por vezes à obsessão, por vezes à possessão.

P. A comunicação com o tabuleiro Ouija é com o nosso eu superior ou com outras entidades?

R. Normalmente com outras entidades.

P. Qual é o tempo ideal para meditar diariamente?

R. Isto é pessoal. Para alguns, dois a três minutos de manhã e à noite é suficiente.

Para outros, oito a dez minutos. Há quem consiga entrar nas meditações mais profundas enquanto conversa com outros, embora estes sejam mais evoluídos ou tenham maior perfeição e controlo da arte da meditação. E há quem deva entrar nela por longos períodos e procurar privacidade total e absoluto silêncio.

Para a maioria, esta é a maior nutrição para a alma que o ser humano poderá conhecer; e a música pode ser incorporada de forma leve e suave: tons ondulantes e ritmos fluidos ajudam a estabelecer a vibração pela qual qualquer um pode entrar — ou entrar mais facilmente — em níveis mais profundos de meditação. É algo pessoal, mas oito a dez minutos, uma ou duas vezes por dia, é suficiente. O perigo na meditação é entrar em excessos; se o fizer, poderá surgir psicose.

E a entidade não ganhará força, mas maior fraqueza.

P. Como se determina, em termos individuais, quanto tempo é suficiente — apenas pela sensação do processo?

R. Absolutamente. Se uma entidade está a viver contentamento nesta vida, então deve ficar satisfeita com aquilo que pratica.

Se está a viver descontentamento, não cometa o erro que a maioria comete: meditar por períodos mais longos. Pelo contrário. Medite por períodos mais curtos e então o céu clareará para ti.

P. Como se sabe se a informação recebida através do sexto sentido é exata, ou se é apenas imaginação?

R. Existe um processo simples que pode ser usado: no momento em que fazes a pergunta, tens a resposta. Ao mesmo tempo, esta é uma técnica simples que pode ser utilizada.

Quanto ao aprofundamento disto, aprende-se por tentativa e erro. Pois cada erro deve ser visto apenas como uma oportunidade para aprender e crescer, deixar de lado os aspetos negativos do eu e desenvolver o altruísmo.

P. Em relação à oração, as nossas orações são sempre úteis para os outros?

R. Desde que compreendas o que é uma oração e quem tem o direito de dizer o que é ou não útil para os outros.

A oração é pensamento. O pensamento é real. Qualquer entidade está constantemente a pensar, mesmo em níveis remotos, quando entra no estado natural de sono.

E o teu pensamento é a tua oração. E aquilo em que pensas durante a maior parte do dia é sempre dado a ti. Muitas pessoas pensam que deve haver um tempo especial dedicado à oração.

Deve haver. A vida inteira. Pois cada entidade está num estado constante de oração, esteja consciente disso ou não.

O que faz a diferença entre uma vida frutífera e uma vida infrutífera é aquilo por que se ora, aquilo em que se pensa. Pois o ser humano não é nem um pouco mais nem um pouco menos do que aquilo em que pensa durante a maior parte do dia. Todas as orações, nesse sentido, são atendidas.

P. Pode ser mais específico sobre que tipo de oração pelos outros seria apenas útil e não prejudicial? Existe aqui uma linha muito ténue?

R. A linha ténue é: que direito tens tu de orar por outro, a menos que essa entidade te peça? Se não és solicitado, estás a colocar-te no papel de juiz, não é? Mas se não te pediram e, mesmo assim, queres fazer uma oração frutífera, então ora sinceramente para que a essa entidade seja permitido viver qualquer oportunidade que surja diante dela. Essa oportunidade pode implicar ridicularização, abuso, morte física, ferimento — ou pode ir ao extremo oposto.

Mas cabe ao indivíduo determinar, por outro, a que oportunidades deve ser exposto? Uma oração construtiva? Não, isto é algo individual: cada entidade tem de colher exatamente aquilo que semeou. Então, não sejas parcial, mas sê amoroso. Ora para que cada um receba a oportunidade de aprender as bênçãos do amor e depois larga a oração. Não ores mais.

P. Na mesma linha, ao tentar ajudar outros a usar a nossa PES ou sexto sentido, quando é que ajudar deixa de o ser e passa a ser interferência?

R. A ajuda existe sempre quando é pedida; e é sempre interferência quando não é pedida.

P. A condição física do corpo afeta significativamente a sensibilidade do sexto sentido?

Quanto à irradiação da saúde, até certo ponto. Contudo, é necessário compreender que há muitos que experienciam graves perturbações físicas no corpo. Golpes na coluna, lesões no coração, pancadas na cabeça, certas doenças que provocam desequilíbrios e a abertura de centros.

Tudo isto poderia permitir a qualquer entidade desenvolver as suas capacidades extrassensoriais (ESP). Mas ajudá-la-ia isso a desenvolver-se enquanto alma? Isso dependeria do propósito dessa mesma entidade. O propósito é a chave.

O propósito é a chave. Qual é o propósito de aprender a desenvolver isto? Pois, se for por qualquer outra razão que não seja o progresso da alma, isso será prejudicial para essa entidade. Se alguma entidade se dedicar a esta busca por auto-glorificação, engrandecimento pessoal ou satisfação pessoal, então, inevitavelmente, isso acabará por provocar uma grave perturbação nessa entidade, e o descontentamento será o seu destino.

Vês? Muitas pessoas associam a capacidade psíquica a um maior envolvimento da alma. Será isto verdade? Dirias que alguém que exerce a profissão de advogado estaria necessariamente a desenvolver a sua alma? Ou o presidente de uma empresa, ou um professor, ou alguém que recolhe

lixo? Não, não é assim. Pois é fácil desenvolver os seis sentidos, os sentidos psíquicos, sem qualquer preocupação com a alma.

Vês? Como pode alguém proteger-se ou evitar ficar física e/ou mentalmente esgotado nas interações com os outros? Existe sempre uma troca, como sabes. Isto acontece constantemente entre pessoas de afinidade semelhante, quer haja consciência disso ou não. Ora, se cada entidade colocasse o seu ideal primeiro, a sua aspiração primeira, na conquista da própria Divindade, e não aceitasse nada menos do que isso, aprendendo acima de tudo que o propósito da vida é aprender a amar Deus com todo o coração, mente, corpo e alma, então isso seria proteção suficiente.

Tudo o resto seria de natureza secundária. Existem técnicas simples que a entidade pode praticar, como simplesmente afirmar, de forma amorosa, que recusa aceitar as injustiças dos outros. Existem técnicas mentais.

Imagina-te rodeado pelo amor de Deus e protegido dentro da tua concha, de modo que nada possa entrar no perímetro da tua aura, exceto aquilo que seja uma bênção para ti. E, assim, aquilo por que oras ser-te-á concedido. Vês? Compreende-se que existem algumas pessoas que têm a capacidade de retirar grande parte do seu sustento dos éteres e, consequentemente, não necessitam de muita comida.

Como é isto possível e será desejável do ponto de vista do desenvolvimento da alma? Não alimentou o mestre dos mestres as multidões com poucos peixes e alguns pães? E não foram eles multiplicados vezes sem conta? De onde produziu ele, Jesus que alcançou a consciência crística, esta abundância, de tal forma que as sobras foram maiores do que a oferta original? Esta entidade conhecia tão bem a lei, compreendia tão profundamente a lei, que se tornou a própria lei, e tudo lhe foi acrescentado. Até os ventos obedeciam ao seu chamamento. Ele, e outros antes e depois dele, foram capazes de utilizar isto, e assim o pode fazer qualquer outro que deseje seguir o exemplo deixado por esta entidade e por outros.

Ora, isto não será compreendido pela maioria, mas o ser humano, enquanto ser físico, enquanto corpo físico, não necessita que um único bocado de alimento lhe passe pelos lábios, e poderia irradiar saúde perfeita. Um gole ocasional de água é tudo o que realmente é necessário para essas almas altamente evoluídas que conseguem compreender que o próprio maná dos céus pode ser uma fonte de energia para sustentar a força vital do corpo. Isto não precisa de ser ingerido sob a forma de ar, alimentos ou água, podendo ser absorvido diretamente através de cada célula, cada

átomo do corpo, por aqueles que veneram e amam Deus e que se tornaram cocriadores conscientes com Ele.

Vês? Se estas pessoas são assim tão evoluídas, porque permanecem então no plano terrestre de existência? Porque escolheram vir para aqui para ajudar aqueles que ainda atravessam a noite escura da alma. Vês? Quais são as preparações específicas para ajudar os indivíduos a alcançar experiências fora do corpo ou de projeção astral? Dormir. Conscientemente? Para atingir este estado de forma consciente.

No início, isso não pode ser feito conscientemente. No entanto, se as entidades aperfeiçoarem um certo grau de saúde — necessário, aconselhável ou útil, diríamos — e praticarem alguns exercícios de natureza oriental, como o ioga, para alcançar maior flexibilidade, maior liberdade e menos tensão no corpo físico, aprendendo a relaxar completamente o corpo, isso ajudará.

A música, que é alimento para a alma, o mais fino alimento para a alma, também será de grande ajuda. Então descobrirás que a entidade poderá entrar mais facilmente no santo dos santos e que a mente poderá viajar para onde quiser, ou para aquilo que desejar, com consciência.

Quais são as preparações específicas para ajudar os indivíduos a ver auras? Evoluir a alma, ser mais amoroso.

À medida que isso acontece, tornar-se-á mais natural para ti, vês. Isto é uma questão de condicionamento individual e difere para cada um, embora, no essencial, seja igual para todos. Mas isso dependerá do nível de realização, do nível de sintonia, do grau de refinamento que a entidade tenha experienciado.

Isto pode ser aprendido até certo ponto, mas só pode ser experienciado quando as entidades tenham sofrido um golpe forte no centro da testa, quando a tiroide tenha sido parcialmente removida ou afetada por doença, ou quando a entidade faça um esforço consciente para procurar isso, tornando-se mais semelhante a Deus na sua vida. Ora, estamos certos de que não desejas que a hipófise ou a tiroide sejam fisicamente perturbadas, pelo que o terceiro método será, muitas vezes, o mais preferível, vês.

Que aplicações práticas podem ser dadas para ajudar os indivíduos a desenvolver a telepatia mental ou a comunicação mente-a-mente? Não se trata de desenvolvê-la, trata-se de desenvolver a capacidade de a reconhecer, pois ela acontece o tempo todo, haja consciência disso ou não.

Aquilo que foi aqui transmitido é a forma mais segura de aprender. Diremos mais uma vez, e depois não o diremos mais: na meditação diária e na interpretação do significado dos teus sonhos, estes são os caminhos mais seguros, vês.

A mesma técnica aplica-se então ao desenvolvimento da profecia e… Todos os sentidos que não pertencem aos sentidos conhecidos podem ser desenvolvidos mais facilmente através da exploração e da disciplina destes dois temas.

Falaste de meditação; podes então dizer-nos para que fins deve a meditação ser utilizada? A meditação pode ser usada simplesmente para acalmar o corpo e a mente. No início, este é o maior benefício: aprender a controlar o corpo, aprender a compreender mais perfeitamente a correlação que existe entre mente e corpo.

No segundo passo da aprendizagem da arte da meditação, utiliza-a simplesmente para aquilo que te foi concedido. É o teu direito de nascimento comunicar, trabalhar com aqueles com quem fizeste um pacto antes de entrares novamente no plano físico. Poderás chamá-los de guias pessoais, anjos.

Ora, os teus anjos despejam sabedoria, orientação e direção sobre ti? Não, nunca, a menos que tu o peças. Mas se escutasses o teu anjo apenas uma vez em cada mil, isso seria o começo do fim das tuas dificuldades.

O segundo propósito da meditação é colocar de lado, silenciosamente, o ego. Antes de entrar, declara o teu problema. Declara aquilo para o qual procuras orientação e direção. E, ao entrares no santo dos santos, a resposta ser-te-á dada.

Isto será experienciado sob a forma de um pensamento, um sentimento, talvez uma imagem, talvez uma visão. E, uma vez recebida essa direção ou orientação, o melhor é agir de acordo com ela. Pois, se não o fizeres, é provável que voltes a cometer os mesmos erros.

E nada tem mais vidas do que erros não enfrentados. No terceiro anseio, depois de teres subido a escada do sucesso na aprendizagem destas diferentes utilizações da arte da meditação, chegará o dia em que experimentarás o êxtase, em que serás um com tudo, em que simplesmente brilharás com o amor que é de Deus e é Deus, e do qual fazes parte. Pois o reconhecimento será teu.

Vês. Também falaste dos sonhos como um método eficaz. Podes dar-nos algumas orientações sobre como melhor interpretar os nossos sonhos?

Isso é mais facilmente feito se estiveres disposto a envolver-te num processo de tentativa e erro.

Aquele que não quer cometer erros e deseja saber as respostas imediatamente é aquele que se ilude a si próprio, pois raramente aprenderá esta linguagem do inconsciente. O primeiro passo é simplesmente compreender que, ao entrares no estado de sono natural, quando entras no ciclo do sonho, começas por fazer uma espécie de revisão, um repassar das experiências do dia. Aquilo com que sonhas, em diferentes graus, é aquilo que mais te preocupa na tua vida nesse momento.

Se estás preocupado em encontrar um companheiro, a maioria dos teus sonhos irá conduzir-te a isso. Se estás preocupado com dinheiro, os teus sonhos serão sobre dinheiro. Se estás preocupado com o desenvolvimento da tua alma, os teus sonhos serão sobre a tua alma.

Tudo isto será, em certa medida, vivido no estado de sonho, mesmo por aqueles que não o compreendem, mas a maior parte dos teus sonhos será simplesmente a resposta às questões que te afligiram durante o dia consciente. À medida que começas a desvendar os mistérios, compreenderás o significado dos sonhos. E, para a maioria, as coisas, pessoas, animais, insetos, roupas ou qualquer outra coisa que vejas num sonho são apenas reflexos de ti próprio.

É desta forma que deves começar a exploração: com o que estou mais preocupado neste momento? Depois, começa a compreender que a maioria dos sonhos está envolta em simbolismo, embora nada de verdadeiramente importante tenha acontecido a alguém sem que tenha sido sonhado antes, por vezes muitas vezes antes da ocorrência, pois todos poderiam ser profetas se compreendessem os seus sonhos.

Então, pergunta no sonho. Envoltos neste simbolismo podem surgir edifícios ou habitações, que se referem ao corpo físico, ao templo, ou à consciência, à mente. Poderás sonhar com outras pessoas e, na maioria dos casos, essas pessoas e a forma como te sentes em relação a elas são simplesmente uma demonstração de um reflexo daquilo que tu és. Poderás sonhar com animais; pergunta-te como te sentes em relação a esse animal, pois aquilo que ele significa para ti é também um reflexo teu.

Se sonhares com insetos, isso poderá referir-se às pequenas coisas da vida. Se sonhares com vinhas e árvores, poderá referir-se à árvore da vida, ou poderá simplesmente estar a dizer-te para cortares uma árvore porque precisarás de lenha no próximo inverno, ou morrerás de frio. Mas estas coisas têm de ser aprendidas por tentativa e erro, pois não existem sonhos sem significado.

Os sonhos constituem uma linguagem perfeita; contudo, compreende que esta linguagem é única para cada indivíduo. Não existem duas pessoas que sonhem exatamente da mesma forma, porque não existem duas pessoas que tenham exatamente o mesmo conjunto de experiências nesta vida e em vidas anteriores.

Poderias desenvolver um pouco mais este tema e talvez dar algumas generalizações sobre o simbolismo de habitações, veículos ou qualquer outra coisa que possa ser enquadrada numa categoria geral?

A habitação, novamente, o templo ou a consciência; os veículos, o modo de atravessar a vida. Vês? No que diz respeito à energia que flui das pessoas versus a energia que flui através das pessoas, qual é uma boa técnica para permitir que a energia flua através de alguém, de modo que o corpo e a mente não fiquem esgotados? Quando a energia flui a partir de alguém, isso é apenas um aspeto de satisfação pessoal. Trata-se de uma entidade a fazer de Deus, dizendo: “eu dou-te, eu dou-te”.

Ora, isto é uma satisfação do ego, do eu. Aqueles, porém, que colocam o ego de lado e procuram sempre uma fonte mais elevada têm quantidades inesgotáveis de energia disponíveis. Age como um canal, age como um funil.

Visualiza na tua mente algo que te agrade, essa força a passar através de ti, e depois dá o crédito a quem o merece. Pois não existem curadores senão pela graça amorosa de Deus. Nenhum médico conseguiria curar sequer um presunto ou um pedaço de bacon, quanto mais um indivíduo, se não fosse pela força ou pelo poder de Deus.

Vês? É basicamente isto que acontece com os curadores psíquicos, por exemplo, nas Filipinas e noutros locais semelhantes? Eles próprios te dirão que é a força de Deus a atuar através deles, e que por si mesmos nada conseguem fazer. Isto é verdade para todos, haja ou não consciência disso. Vês?

Então, para uma pessoa que consiga utilizar o conceito de que a energia flui de Deus através dela, não necessitaria da quantidade dita normal de sono, certo? O melhor é que durmas a quantidade normal de sono.

Pois qualquer um que tente funcionar com excesso na sua vida está apenas a enganar-se a si próprio. Está a iludir-se. Deve existir um certo tempo destinado ao descanso, e aqueles que sentem que não têm tempo para descansar apenas demonstram impaciência, apenas demonstram a infantilidade de se separarem do amor de Deus e de não compreenderem

que a paciência é energia pura, e que qualquer um que seja impaciente dissipa essa energia pura.

Há quem necessite, inevitavelmente, de pelo menos sete a oito horas por dia, e isso deve ser considerado o mínimo. Alguns precisarão ainda de mais, dependendo da condição física do corpo, mas qualquer um que se esgote fisicamente está apenas a negar a si próprio a oportunidade de equilíbrio e harmonia na sua vida. Até o mestre dos mestres se cansava na carne e ansiava pelo sono natural para restaurar o corpo. Mas se a entidade atuar como um canal de energia, então naturalmente não existe esgotamento do corpo para além daquele que ocorre no esforço normal do dia-a-dia.

O ato de comer exige uma grande quantidade de energia. Tenta digerir algo sem energia e aquilo que entra sairá da mesma forma. Vês? Obrigado.

Por favor, remove agora todas as influências negativas desta entidade. Não. Permite que o corpo fique completamente relaxado.

Está. Permite que qualquer cura adicional que tenha de ocorrer ocorra agora. Aquilo que podia ser aceite foi aceite.

Por favor, desperta agora sentindo-te completamente renovado e relaxado.

COMPORTAMENTO SEXUAL

A sessão seguinte é uma leitura psíquica conduzida pela Sra. Irva Peterson com o sensitivo Ross Peterson, em Laughing Gull Point, Garden, Michigan.
Por favor, limpa a mente e informa-nos quando a mente estiver clara.
A mente está clara.

Querido Senhor, por favor protege esta entidade de todas as influências negativas, independentemente da sua origem, e concede-nos as respostas que procuramos para esta mente inquisitiva através da manifestação da verdade, da inteligência e do amor. Ámen.
Permite agora que a tua mente vá para quem, para onde, para o quê e para quando for dirigida.

As questões que temos dizem essencialmente respeito ao aborto e foram concebidas para serem acessíveis ao público em geral, ajudando o maior número possível de pessoas no desenvolvimento da sua alma. Por favor adapta as tuas respostas a este objetivo e formula-as de modo a serem compreendidas pelo leigo e não apenas pelo especialista.

Grupos anti-aborto acreditam que fazer um aborto é equivalente ao homicídio de outra pessoa em qualquer fase da vida dessa pessoa. Será este o pecado que proclamam, ou trata-se apenas de uma forma de prevenção do nascimento, não mais pecaminosa do que tomar a pílula contracetiva ou usar um diafragma?

Isto deve ser considerado inteiramente como uma questão individual e pessoal. Existem circunstâncias em que alguns considerariam correto o ato de matar, embora estas sejam minoritárias.

Mais uma vez, o propósito da realização do aborto é a primeira coisa a considerar, assim como se o indivíduo está disposto a aceitá-lo como pecado ou não. Na maioria dos casos, o pior pecado que pode ser cometido são os sentimentos de culpa mantidos pela entidade que aborta o feto do útero. Geralmente, esses sentimentos de culpa são simplesmente o resultado final daquilo que foi aceite como verdade através da repetição verbal contínua de um pensamento.

Não condenamos ninguém, mas no mundo dos homens, em muitas vias de expressão e desejo pessoal, existem aqueles que procuram o poder. Antigamente, e ainda hoje, há quem ocupe lugares de poder como supostos porta-vozes de Deus, homens reverenciados como profundamente piedosos, líderes religiosos. Para muitos isso é verdadeiro, pois praticam o espírito da lei e não apenas a letra da lei.

Contudo, houve aqueles que, ao procurarem o poder, necessitaram de pessoas, e assim decretaram que era pecado abortar, pecado impedir a conceção. Ao aplicar este decreto a uma parte da população mundial, a população aumentou naturalmente segundo certas diretrizes, o que foi especialmente evidente entre aqueles que praticam o catolicismo, embora não exclusivamente.

Quando esta crença é aceite — de que abortar é pecado e prevenir a conceção é pecado —, quando o indivíduo pratica tais atos entra em conflito com a programação que recebeu e sente culpa. E esse sentimento de culpa é, de facto, um grande pecado.

Se analisares o propósito pelo qual uma mãe deseja abortar, considera-o assim: se a mãe deseja eliminar o feto apenas porque não quer ser incomodada com a criação de uma criança, isso constitui o pecado da indiferença — e ai daquele que é indiferente.

Mas se a mãe deseja abortar porque sente que a criança seria sujeita a pressões e privações, e se o seu amor pela criança a leva a eliminar essa possibilidade, então o aborto, nesse caso, não é pecado.

Deves compreender que existe uma força vital em todas as coisas, e aquilo que existe nas plantas não é diferente do que existe nos corpos animais no que diz respeito ao princípio ou força ativadora da vida. Um inhame selvagem, por exemplo, contém hormonas em maior abundância do que um corpo humano, mas a planta pensa ou raciocina? Não. Tem alma? Não, não como a conheces. Ainda assim, a força vital é a mesma.

O que deve ser considerado é a vida retirada depois de a alma ter habitado o feto. É aí que pode existir pecado.

Pergunta a ti mesmo: se cultivares um pequeno jardim para teu sustento, seria pecado colher os frutos antes de as plantas darem semente? Seria pecado desperdiçar uma semente sequer? Não pensamos que sim. Deus concedeu abundâncias que o homem ainda nem começou a utilizar. Tudo isto foi colocado à disposição do homem, mas apenas depois de a alma habitar o corpo físico.

Não há mais pecado em eliminar um feto do útero do que haveria numa tulipa que se recusasse a abrir as pétalas à luz do sol. Mais uma vez, o propósito é a chave.

Para quem precisa de tomar esta decisão, seria útil compreender que abortar não é mais pecaminoso do que tirar a vida a um coelho para preparar uma refeição. A exceção ocorre se a alma já tiver habitado o corpo em desenvolvimento, o que é raro antes do terceiro mês de gestação.

Normalmente, a alma entra no corpo da criança pouco depois do nascimento, geralmente dentro de um dia, por vezes mais tarde. Ocasionalmente, várias almas entram no recém-nascido para verificar se as vibrações são adequadas — noutras palavras, se “o sapato serve”. Se não servir, a alma parte.

A alma não demonstra impaciência; a impaciência pertence apenas ao homem. O pior que alguém pode fazer é eliminar a possibilidade de criar um veículo para uma alma habitar. As crenças relativas ao aborto são de natureza cultural, não divina.

O aborto não é um pecado aos olhos de Deus, mas uma construção cultural do homem.

Quando o aborto é consumado, se a alma tiver habitado esse feto, que repercussões tem isso sobre a alma que se propunha entrar? Sem nos alongarmos num discurso longo e extenso — e sendo sempre da esfera do ser humano exercer a escolha —, seria necessária a mais depravada das almas, das mães, para eliminar conscientemente o feto depois de a alma ter entrado. Ou seja, o que acontece é que, quando a alma entra na criança

enquanto ela ainda permanece no útero, absorve alguma da consciência, algum do padrão, alguma da vibração da mãe, e estas estão em harmonia; caso contrário, a alma não poderia emergir, não haveria entrada. E, uma vez que essa entrada ocorre, tornam-se de mente semelhante, e embora não haja nada que não possa ser, é quase um exemplo perfeito de algo que, na prática, seria impossível acontecer depois de a alma ter entrado, vês?

Qual é a perspetiva correta que se deve ter em relação ao corpo físico, em particular no que toca ao corpo ser referido como o templo? O corpo é o templo — ouvimo-lo muitas vezes nos bons livros, no templo, na igreja, na sinagoga —, mas sabe que não há edifício de pedra… que não há edifício de pedra, seja catedral, igreja ou sinagoga, que seja o templo de que falaram os profetas de outrora, aqueles considerados os mais sábios dos homens, os sábios. Estes seriam Hazag, e Denmark, e Moisés, e Abraão, e Jesus, e Buda, e Confúcio, e Maomé, para citar apenas alguns. Pois o templo referido em todas essas obras é o corpo físico.

E aquilo que pensas, comes e fazes é aquilo que produzes no corpo físico, no templo. Ora, se o corpo irradia saúde e vigor, sabe que isso é um exemplo daquele que tem menor quantidade de pecado. Pois, seja isso entendido ou não, reconhecido ou não, pouco importa.

Toda a doença física em qualquer corpo físico é o resultado final do pecado. Isto é o que se encontra ao profanar o templo. Vês?

Ouvimos-te muitas vezes falar do pecado do cristão em relação ao corpo físico. Podes explicar isto, por favor? E, novamente, os de antigamente tentaram procurar obter controlo e poder sobre os povos. E aqueles que assim fizeram praticaram a letra da lei e esqueceram o espírito da lei, ensinando vergonha, rebaixamento e profanação do corpo físico.

Sabe que, hoje como nos dias antigos, há aqueles que conseguem viver uma vida celibatária. E, nisso, podem utilizar mais das energias criativas para alcançar expiação. Pois a energia criativa é uma só força. A energia sexual e a energia criativa são da mesma força, apenas expressas por escolhas diferentes que o homem pode ativar.

Em primeiro lugar, seria melhor evoluir até ao ponto em que te tornes tão amoroso para com tudo que os desejos físicos tenham sido todos canalizados para a conquista da própria Divindade. Este é o grau mais elevado de amor que pode ser manifestado.

Mas houve, no passado, aqueles que se forçaram a subjugar os desejos físicos. E, ao fazê-lo, tentavam encurtar o caminho para alcançar a força de Deus. E não há atalhos para aprender a amar. Esses homens e

mulheres, respeitados como líderes, por assim dizer, impuseram e forçaram sobre os outros os seus conceitos equivocados de por que razão o celibato seria desejável.

E, com isso, só puderam ensinar vergonha, rebaixamento, profanação, ou sentimentos de culpa em relação ao corpo físico. E isto é o que se conhece como o pecado do cristão. Pois foi sobretudo o cristão que ensinou isto.

Sabe que podes ter tendência a olhar com desdém para certos que chamas “pagãos”, que não adornam o corpo com roupa e aparecem nus. Mas esse nativo que está nu, que não odeia o seu vizinho e ama, está mais alto na escala de desenvolvimento da alma do que aquela alma tida como mais piedosa que cobre o corpo com roupa e sente vergonha se até um ombro nu ficar exposto. E isto é o resultado do pecado do homem contra o homem.

Isto é o que seria considerado o pecado cristão. Vês? Aparentemente, isto é bastante comum. Podes dar-nos um método prático para superar o embaraço e/ou a culpa em relação ao nosso corpo? Primeiro, pratica na tua privacidade; depois, no teu próprio espaço; e depois com aqueles que são de mente semelhante.

Para começar, individualmente, despe-te simplesmente dos adornos e contempla o teu reflexo. Observa o corpo como um mural físico e reconhece-o pelo que ele é. Pois é, de facto, um milagre, e toda a inteligência ou conhecimento que o homem possui ainda nem começou sequer a suspeitar.

A coordenação que tem de existir para a sustentação e o poder sustentador da força da vida dentro do próprio corpo. Depois, quando tiveres observado durante o tempo que te for satisfatório, pergunta a ti mesmo: o que é a beleza, para aqueles que são reverenciados como belos de rosto e de forma? Muitas vezes, cometem um pecado maior do que o de uma velha feia, pois existe aquilo a que se chamou o pecado do grego: o amor pela beleza do corpo — não interiormente, não num sentido funcional, mas apenas como expressão exterior, o seio cheio ou a anca curva no corpo feminino, ou o homem que seria considerado robusto e muito forte. Podem existir grandes pecados neste aspeto.

Assim, mais uma vez, olha para o funcionamento interior do corpo quando contemplas o teu reflexo. Depois medita um pouco. Escolhe apenas uma parte do teu corpo — o dorso de um polegar seria bom — e fixa-o longamente, sem esforço, perguntando-te: o que está contido nesta pequena e simples parte do corpo? E tornar-se-á claro, para aqueles que

perseveram nesta prática, que a essência da própria vida está contida em cada átomo, em cada célula do corpo, e que é única e, de facto, bela.

Agora, a um nível comum, em que não ofendas os outros, deixa-te estar sem adornos; não tenhas vergonha até te habituares. Depois, se fores alguém que tem companheiro(a), encoraja o(a) companheiro(a) a seguir o teu exemplo.

Para aqueles que têm dificuldade em superar sentimentos de vergonha e culpa em relação ao corpo físico, e havendo um casamento consumado, reúne-vos numa habitação que seja vossa, em privado. Entra pela porta, atira a roupa ao chão, e faz isso até ao terceiro dia; e, no fim do terceiro dia, começarás a perguntar-te, perplexo, por que razão sentiste vergonha. É um pequeno começo, mas é onde é mais útil começar.

Depois, se assim escolheres — e isto é pessoal — procura aqueles que são de mente semelhante, pois há muitos que, por razões de saúde e para superar barreiras psicológicas de embaraço, o fazem.

Há aqueles que aprendem a corar — e deves saber que o homem é a única criatura que o faz, e, na maioria dos casos, é também o único que tem razões para isso. Isto pode ser ultrapassado. Sede exemplos para vós próprios e para os outros.

Se por isto concluís que defendemos a nudez completa em todo o tempo, em qualquer parte do mundo, então estais a enganar-vos, pois ninguém gosta de andar nu na neve. Mas nos momentos e nos lugares onde há pessoas de mente semelhante, sim: sem vergonha de ti mesmo ou vergonha do outro, reconhece simplesmente que o corpo é o templo, o milagre, o veículo da alma.

Pois, se olhares para o corpo como algo espiritual e físico, em vez de apenas físico, elevarás a tua consciência e promoverás o progresso e o desenvolvimento da alma.

Diferencia, por favor, amor e luxúria. O amor é dar, a luxúria é tirar. Quais são as possibilidades envolvidas em atrair uma alma através de um ato de conceção luxurioso versus amoroso? Será criado aquilo que é exatamente correto para essa alma, no que toca à entrada.

Se houver dois que amam, e amar é procurar satisfazer o outro e não a satisfação própria, então a alma que entra absorve um certo grau da vibração — o karma, como lhe poderias chamar — do pai e da mãe, e será uma alma muito amorosa. Se for criada num momento de luxúria, com sentimentos de culpa, isso criará sentimentos de luxúria e culpa, e essa

será exatamente a vibração certa para a alma que habitar esse corpo físico. Isto é lei natural, e não há espaço para imperfeições.

É, de facto, raro que um corpo físico seja criado de forma absolutamente perfeita para uma alma o habitar, mas cada alma que entra no recém-nascido fá-lo porque satisfaz a maior parte daquilo de que a alma necessita para reentrar.

A conceção artificial é um pecado? Não há pecado na conceção. A conceção é uma dádiva de Deus, independentemente da forma como é induzida.

Muitas pessoas, aparentemente por ignorância, propagaram-se e criaram veículos terrivelmente deficientes para as almas habitarem. Cada veículo é perfeito para a alma que o habitará. Não há erros. Não há deficiências. Apenas assim parece aos que são insensatos e ignorantes.

Quanto aos países sobrepovoados com este aparente problema, para além da abstinência, qual é o melhor e mais seguro método de controlo de natalidade? Negarias a essas entidades oportunidades de aprender aquilo que foi a sua queda? Pois encontrarás que aqueles que entram nessa forma de sociedade, nessa forma de cultura, têm exatamente o ambiente certo para si. Quem és tu para julgar o que é certo ou errado?

Que efeitos adversos podem ser causados pela pílula? Ora, mais uma vez, se fosse obtida em estado natural, seria mais útil como controlo. Em certas partes do México, da América Central, do norte da América do Sul e da zona central do Continente Negro, e em algumas regiões mais remotas da Mongólia, existem certos tubérculos selvagens conhecidos como inhames ou batatas-doces. Estes contêm uma substância que agora conheces como progesterona em grandes quantidades.

Esses inhames não são particularmente agradáveis à mesa, mas se fossem mastigados devagar e com facilidade, seria uma forma muito natural de impedir que a conceção ocorresse. Pois muito do que vês na fabricação do que hoje conheces como a pílula é feito a partir de um extrato — e um sintético — destas substâncias naturais.

Quanto ao aspeto sintético introduzido no corpo físico, se for usado tempo suficiente por muitos — e isto provavelmente não ocorreria até ao sexto ou sétimo ano —, acabará por tornar qualquer corpo suscetível à formação de certos pólipos que podem desenvolver-se em condições nodulares.

Não seriam consideradas malignas no início, mas poderiam vir a sê-lo. Mas, novamente, isto é individual. Não há dois corpos exatamente iguais.

Cabe simplesmente ao indivíduo experimentá-las. E os efeitos secundários — e existem efeitos secundários, pois provoca desequilíbrios hormonais no corpo — devem ser ponderados pelo próprio. Se a mulher decidir que o pêlo a crescer no peito não lhe agrada, então deverá procurar outra forma de prevenção.

C. Que efeitos adversos podem ser causados pelos DIU ou dispositivos intrauterinos?

Isso pode atuar como um irritante para muitos. Esses dispositivos podem provocar hemorragias excessivas, a formação de pólipos e, depois, pus como resultado da irritação, especialmente na boca do útero, esfregando-a em carne viva, por assim dizer. E nisto existe perigo.

E se causar dor, não o utilizes. Mas a maior parte disto é em vão, sabes. Pois, se o homem e a mulher, de forma séria, verdadeiramente séria, não desejarem a possibilidade de uma criança futura, então essa oração será atendida.

Isto é demasiado simples para a maioria, mas é a forma mais eficaz e a forma que sempre funcionou ao longo das eras. Nenhuma criança nasce acidentalmente. Todas são o resultado final do desejo de um ou de ambos os pais, entendes.

Pois, se nenhum dos dois desejasse a criança futura, haveria formas pelas quais o subconsciente os protegeria, de modo que não poderiam sequer envolver-se em relação física num momento em que a conceção pudesse ocorrer. Pois o período fértil, sabes, é bastante curto no corpo feminino. Entendes?

Que pensamento deveria o casal manter na mente para evitar a conceção?
A ausência de desejo pela conceção. Certo. Se as entidades não desejarem a criança, isso é uma oração.

Todas as orações são atendidas, sabes. A ausência de desejo pela conceção. Certo.

Se as entidades não desejarem a criança, isso é uma oração. Todas as orações são atendidas, sabes. Vês?

A vasectomia é geralmente aconselhável como método de controlo de natalidade? Em que condições específicas deveriam ser evitada?
É um método excelente do que se pode chamar controlo de natalidade. O que deve ser evitado é o homem que, subitamente, se considera um touro desenfreado, desejoso de tentar engravidar o maior número possível de mulheres que se lhe aproximem, sabendo perfeitamente que existe

proteção. Se for consumada para satisfazer o ato da luxúria, então é, de facto, um aspeto pecaminoso, e isso será enfrentado nesta vida ou noutras.

Contudo, se for simplesmente para satisfazer o desejo de ambos, então não há pecado nisso. Vês?

Haverá algo que possas oferecer àqueles homens que, de repente, sofrem fortes repercussões psicológicas após uma vasectomia?
Isto é o despedaçar do pequeno "eu", do ego.

Pois, sabes, é natural ser um criador ou cocriador com Deus. E quando o ego constitui a maior parte da estrutura da entidade, esta sente que a sua maior parte foi destruída — o ego. E isso é verdade.

Mas a parte maior, a verdadeira, evidentemente, não foi tocada. Aqueles que sofrem neste estado mental fazem-no porque sentem que falharam na sua capacidade de criar em todos os níveis. E, mais uma vez, isto é em grande parte um pecado transmitido sob a forma de dogmas religiosos.

Pois o relógio biológico tem de bater para todos no corpo físico. E existem impulsos naturais que surgem em todos e que simplesmente devem ser satisfeitos. É sobretudo nesta parte do mundo que foi ensinado às pessoas que há pecado na partilha do ato físico.

Mas esse relógio continuará a bater. E quando o alarme toca, seria benéfico que todos pudessem procurar, num ato de amor, a satisfação e a libertação desses impulsos criativos. Se isso não for possível, então entra-se nos caminhos sagrados da meditação e permite-se que a kundalini se eleve.

Isto abrirá certos centros no corpo físico que permitirão à entidade adquirir uma maior consciência da sua relação com Deus. O efeito psicológico é o despedaçar do ego. E, se o ego está a ser despedaçado, melhor que assim seja.

Pois o ego é aquilo que separa o homem de Deus. O ego é do eu, e o eu é o único pecado. Vês?

Presumo então que isto seja igualmente válido para mulheres que têm repercussões psicológicas após uma histerectomia.
Da mesma forma, vês.

Falaste de o amor ser dar e a luxúria ser tirar. A luxúria é então considerada um pecado?
Da mesma forma. Certamente sempre foi e sempre será. O amor procura satisfazer o outro.

A luxúria procura satisfazer o eu, e o eu é o único pecado. Vês?

Relativamente ao aborto, podes dar-nos um discurso aprofundado que consideres oportuno e benéfico para o maior número de pessoas, tendo em conta o tempo disponível antes de o corpo deste canal ficar esgotado?
Isso já foi dado. Vês?

Obrigado.

Não temos mais perguntas neste momento. Então, por favor, desperta o corpo físico, pois está a ficar esgotado.

Por favor, remove agora todas as influências negativas desta entidade.

Então. Permite que o corpo fique completamente relaxado. Está.

Permite que qualquer cura adicional que tenha de ocorrer ocorra agora. Aquilo que podia ser aceite foi agora aceite.

Por favor, desperta agora sentindo-te completamente renovado e relaxado.